

ENSINO RELIGIOSO x CIÊNCIA DA RELIGIÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A DIVERSIDADE
RELIGIOSA NO CONTEXTO LOCAL

Rosângela da Silva Siqueira
Marcos Vinicius de Freitas Reis
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
(ORGANIZADORES)



NEPAN

Coleção
Estudos de Religião 04

ENSINO RELIGIOSO x CIÊNCIA DA RELIGIÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A DIVERSIDADE
RELIGIOSA NO CONTEXTO LOCAL

Nepan Editora
Rio Branco – Acre
2020

O *Fórum de Pesquisadores de Ensino Religioso da Região Norte* é formado por um grupo de professores e pesquisadores que assumiram o desafio de discutir o Ensino Religioso como um componente curricular a partir da leitura da região amazônica. Este processo ocorre por meio de publicações e eventos.

Conselho Científico

Antônio Carlos Sardinha (UNIFAP)
David Júnior de Souza Silva (UNIFAP)
Edile Maria Fracaro Rodrigues (IPFER/PUCPR)
Elaine Costa Honorato (UFAC)
Fábio Py (UENF)
Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos (UNIFAP)
Maria Conceição Cordeiro da Silva (UNIFAP)
Manoel Ribeiro de Moraes Junior (UEPA)
Marcos Vinicius de Freitas Reis (UNIFAP)
Rodrigo Oliveira dos Santos (IPFER/PUCSP)
Rosângela da Silva Siqueira (UEA)
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira (IPFER/UEPA)

Esta coleção *Estudos de Religião* é um diálogo entre pesquisadores da Região Norte e de outras regiões do país e do exterior. As publicações são o resultado da parceria com o Grupo de Pesquisa Centro de Estudos de Religião, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES/AP) da Universidade Federal do Amapá, Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER) e o Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX); Associação de professores e pesquisadores de Ensino Religioso do Amapá (APPERAP); Observatório da Democracia, Direitos Humanos e Políticas Públicas da Universidade Federal do Amapá; Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas da Universidade Federal do Amapá; Curso de Graduação em Relações Internacionais – UNIFAP; Associação Nacional de História / Seção Amapá; Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGH – UNIFAP); Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fontes (PPGEF); Programa de Pós-Graduação Profissional de História.

ENSINO RELIGIOSO x CIÊNCIA DA RELIGIÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A DIVERSIDADE
RELIGIOSA NO CONTEXTO LOCAL

Rosângela Siqueira da Silva
Marcos Vinicius de Freitas Reis
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
(ORGANIZADORES)

Livro 4

Conselho Editorial

Agenor Sarraf Pacheco - UFPA
Ana Pizarro - Universidade Santiago/Chile
Carlos André Alexandre de Melo - UFAC
Elder Andrade de Paula - UFAC
Francemilda Lopes do Nascimento - UFAC
Francielle Maria Modesto Mendes - UFAC
Francisco Bento da Silva - UFAC
Francisco de Moura Pinheiro - UFAC
Gerson Rodrigues de Albuquerque - UFAC
Hélio Rodrigues da Rocha - UNIR
Hideraldo Lima da Costa - UFAM
João Carlos de Souza Ribeiro - UFAC
Jones Dari Goettert - UFGD
Leopoldo Bernucci - Universidade da Califórnia

Livia Reis - UFF
Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro - UFAM
Marcela Orellana - Universidade Santiago/Chile
Marcello Messina - UFAC
Marcia Paraquett - UFBA
Maria Antonieta Antonacci - PUC/SP
Maria Chavarria - Universidad San Marcos
Maria Cristina Lobregat - IFAC
Maria Nazaré Cavalcante de Souza - UFAC
Miguel Nenevé - UNIR
Raquel Alves Ishii - UFAC
Sérgio Roberto Gomes Souza - UFAC
Sidney da Silva Lobato - UNIFAP
Tânia Mara Rezende Machado - UFAC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E59e

Ensino religioso x ciência da religião: Práticas pedagógicas e a diversidade religiosa no contexto local, livro 4 / Marcos Vinicius de Freitas Reis, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, Rosângela Siqueira da Silva (organizadores). – Rio Branco: Nepan, 2020.

286 p.: il. – (Coleção Ensino Religioso na Região Norte).

Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-65-990272-4-6

1. Religião. 2. Religião – Estudo e ensino. Ensino religioso. I. Reis, Marcos Vinicius de Freitas. II. Junqueira, Rogério Azevedo. III. Cristina, Fernanda da Encenação. IV. Título.

CDD 22. ed. 370

Editoração: Marcos Paulo Torres Pereira

Tratamento dos originais e revisão: Willian Gonçalves da Costa

Capa: Fernanda C. da Encarnação dos Santos

VII Prefácio

11 **Capítulo 1**
Religião: uma Instituição para a Organização e o Controle Social?

Ana Verônica Rodrigues Bindá

45 **Capítulo 2**
Espiritualidade nas Aulas de Ensino Religioso em uma Escola Municipal Localizada na Periferia de Manaus: uma Proposta para o Despertamento Existencial do Educando

Ana Cristina Baraúna Guedes

71 **Capítulo 3**
Ensino Religioso e a Metodologia do Ensino: Críticas, Caminhos e Possibilidades

Antônio Delfino Lima

95 **Capítulo 4**
Ensino Religioso: diversas Linguagens da Experiência Religiosa e a Tecnologia como Recurso Didático

Carlos José Sales de Oliveira

113 **Capítulo 5**
Ensino Religioso em Escolas Públicas de Manaus: o Ensino Religioso como Disciplina Regular na Escola Pública para Formação de Cidadãos

Erbene Rodrigues Martins da Silva

127 **Capítulo 6**
Proposta Pedagógica do Estado do Amazonas e Ensino Religioso: perspectivas e Contradições Debate da Laicidade e Intolerância

Religiosa Gessiana Paova

151 **Capítulo 7**
Reflexões sobre o Comportamento dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos em Relação aos Adeptos das Religiões de Matriz Africana

Gláucio da Gama Fernandes

- 173 **Capítulo 8**
O Novenário de São Sebastião no Terreiro de Tambor de Mina: História e Concepção
Izís de Castro Rodrigues
- 195 **Capítulo 9**
Lugar Sagrado: Morada do Transcendente – Intra e Extra Humano: no Cristianismo, no Islamismo e na Matriz Africana na Cidade de Manaus
Maria do Perpétuo Socorro Moreira Lopes
- 221 **Capítulo 10**
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: Um espaço sagrado a ser compreendido na cidade de Manaus
Nancy Pereira da Silva
- 247 **Capítulo 11**
A Inclusão da Música nas Aulas de Ensino Religioso nos Anos Finais do Ensino Fundamental
Reinaldo do Nascimento Jean
- 269 **Capítulo 12**
Ensino Religioso e a Ciência da Religião na Educação Básica: a Importância dos Estudos Regionais
Rosângela da Silva Siqueira
- 285 **Sobre os autores**



Prefácio

A publicação que ora apresentamos reúne o conteúdo socioeducativo de imensas discussões na área de Ciências da Religião aplicada ao Ensino Religioso na Educação Básica, é o resultado de quatro anos de trabalho de professores-pesquisadores e acadêmicos da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, professores que discutem temas relevantes para o Ensino Religioso e, assumem uma posição bem definida diante dos problemas de seu tempo relacionados a área educacional.

Por meio do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, foi ofertado a primeira turma de Licenciatura em Ciências da Religião para professores que já atuavam nas escolas da rede pública na Cidade de Manaus como professores de Ensino Religioso, todavia, não tinham uma formação específica na área. Na busca de aporte teórico-metodológico para as inúmeras inquietações, dúvidas, preconceitos e até mal entendimentos sobre a importância ou não da disciplina no currículo escolar, como é notoriamente uma área de diversas discussões e propostas educativas nos sistemas de ensino de todo Brasil.

Esta coletânea que chega às mãos do leitor é o resultado de quatro anos de trabalho de professores-pesquisadores e acadêmicos-professores que reúne estudos articulados em dois núcleos, especificamente, sobre o Ensino Religioso como um componente curricular da Educação Básica e atividades educacionais organizadas, os temas apresentados: 1- Religião: Uma instituição para a organização e o controle social; 2 - Espiritualidade nas aulas de ensino religioso em uma escola municipal localizada na periferia de Manaus: uma proposta para o despertamento existencial do educando; 3 - Ensino Religioso e a metodologia do ensino: críticas caminhos e possibilidades; 4 - Ensino Religioso em escolas públicas de Manaus: o ensino

religioso como disciplina regular na escola pública para formação de cidadãos; 5 - Ensino Religioso: diversas linguagens da experiência religiosa e a tecnologia como recurso didático; 6 - Proposta pedagógica do estado do Amazonas e ensino religioso: perspectivas e contradições diante da laicidade e intolerância religiosa; 7 - Reflexões sobre o comportamento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em relação aos adeptos das religiões de matriz africana; 8 - O novenário de São Sebastião no terreiro de tambor de mina: história e concepção; 9 - Lugar sagrado: morada do transcendente – intra e extra humano: no cristianismo, no islamismo e na matriz africana na cidade de Manaus; 10 - A igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias: um espaço sagrado a ser compreendido na cidade de Manaus; 11 - A inclusão da música nas aulas de ensino religioso nos anos finais do ensino fundamental; 12 - Ensino Religioso e a Ciência da Religião na educação básica: a importância dos estudos regionais.

As vivências e experiências de cada acadêmico-professor mostrou uma infinidade de desafios para a área e a necessidade de se debruçar sobre a base epistemológica a fim de (des) construir alguns impasses cristalizados em torno do Ensino Religioso. Desse modo, uma questão assumida por esse curso de formação de professores foi o abandono dos modelos catequético e teológico para o Ensino Religioso e a escolha do modelo das Ciências da Religião como o único respaldado a sustentar uma autonomia epistemológica e pedagógica do Ensino Religioso.

Na trilha dessas questões, com a formação desses professores, o Ensino Religioso na rede pública do Amazonas, avançará de uma educação da religiosidade/espiritualidade para uma educação do cidadão, já que a dimensão religiosa faz parte da constituição do indivíduo. O discernimento e aprofundamento da religiosidade nos estudantes até poderá ser atendido, entretanto se vislumbra como algo secundário.

Para empreender a aventura de uma análise diacrônica e sincrônica do fenômeno religioso, este curso de formação de professores propôs um refinamento das questões de fundo da

experiência e/ou expressões religiosas e um aprofundamento da exposição das tradições religiosas e suas correlações socioculturais. Nesta obra-, compreendemos que os trabalhos estão articulados especificamente sobre o olhar que se lança sobre o fenômeno religioso não é confessional nem pertence a “esta” ou “aquela” teologia. Há muito trabalho a ser feito. A começar pela própria concepção de um ensino adjetivado de *religioso* e que parecer a intenção de (con) fundir uma proposta didático-pedagógico de caráter estreitamente cidadão, civil e ético com interesses catequético-doutriniais dispersos na sociedade.

O fio condutor do livro, em torno do qual se insinua sua novidade, são as discussões teórico-metodológicas das Ciências da Religião, que não buscam ser modelos a serem seguidos fielmente por esses ou por outros professores. O desejo é que se tornem pautas de discussões nos modos de ver e dizer uma suposta identidade do Ensino Religioso nas escolas públicas. Um Ensino Religioso desvinculado da confessionalidade, bases teóricas e metodológicas, conteúdos e posturas político-didáticas no ensino são os temas que perpassam todas as discussões deste livro. Portanto, talvez seja possível vislumbrar uma discussão em torno do Ensino Religioso como uma disciplina autônoma que defende um projeto de formação de uma cidadania plena pautada em pressupostos educacionais.

*Mônica de Oliveira Costa
& Victor Leandro da Silva*

“Quero o que antes da vida foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado. Semente. Muito mais que raízes.”

Adélia Prado, 2003



Religião: uma Instituição para a Organização e o Controle Social?

Ana Verônica Rodrigues Bindá

Introdução

Para bem entender a dinâmica da Religião na sociedade, o pesquisador necessita ter a compreensão de que esta caminha lado a lado com o ser humano ao longo da História. Na antiguidade o homem explicava o mundo a partir de sua relação com a natureza¹. A questão da morte, das doenças, do assombro e de todos os mistérios sem resposta ou explicação, fora aos poucos magnificadas através da criação do mito², o qual tornou-se o alento do ser na idade antiga porque trazia consigo a cosmogonia³. Muitos mitos deram lugar aos deuses familiares, os quais surgiram a partir da morte, tanto é que alguns autores da História Antiga acreditam que a primeira religião pode ter sido a religião da morte, uma vez que “tanto os chefes de família quanto os soberanos estavam, submetidos aos princípios da tradição e do culto aos

1 A questão da Religião natural está bem apresentada por David Hume em seu texto: *A história natural da religião*. Original: *Obras sobre a Religião Natural* (Lisboa: Gulbenkian, 2005).

2 De acordo com Campebell (1997), o mito explica as origens e a continuidade de um povo, irmana o homem aos outros seres da natureza, dá sentido a tudo o que existe.

3 No livro *o Herói de Mil faces* (1997), Joseph Campebell faz uma excelente explanação sobre os mitos cosmogônicos, ou seja, os mitos de origem. O autor deixa claro que a mitologia serviu a humanidade no passado e, pode continuar servindo na atualidade uma vez que o mito sempre estará relacionado com a criação (mito cosmogônico) e com o fim dos tempos (escatologia).

antepassados⁴. Com o avançar das épocas, os deuses foram surgindo e, aos poucos foram substituídos pela teologia, a qual, com o correr da História, dividiu seu espaço com a filosofia.

Foi somente a partir do iluminismo⁵ que a religião perdeu seu amplo poder estatal. Mas na atualidade se verifica a sua força e sua influência na vida dos cidadãos. Tendo em vista que, na formação de sua doutrina, a Religião ainda estipula valores e princípios a serem observados pelo homem durante toda sua vida; valores estes que induzem seus fiéis a determinadas condutas sociais que, se alcançados, o intitulam como bom e justo, atingindo, com isso, o objetivo final, que é o bem individual e, por conseguinte, o bem e a paz social.

Diante do exposto, o presente artigo, mediante um breve estudo histórico e pesquisas bibliográficas, visa analisar a importância da Religião na dinâmica da Organização Social e, tem como escopo, investigar se a Religião é realmente um parâmetro de controle social e, se o homem verdadeiramente necessita de tais controles para viver bem em sociedade. Procurar-se-á responder à questão se sem a Religião o homem perde o sentido da própria existência e vive no caos e, ao mesmo tempo entender a importância dessa Instituição para a vida do homem, sabendo que muitos indivíduos necessitam de freios positivados (religiosamente) para melhor se ajustar à sociedade da qual fazem parte. Para tanto, teve-se como fonte propulsora a célebre frase de Thomas Hobbes⁶ quando diz que: “o homem é lobo do próprio homem e, por isso, necessidade de uma superestrutura (no caso o

4 COULANGES, Fustel de. A cidade antiga. Tradução de Fernando Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Apud, RAMOS, Marcelo Maciel. Direito e religião: reflexões acerca do conteúdo cultural das normas jurídicas, p. 55.

5 Segundo Bobbio (1998, p.605 a 611), O Iluminismo é uma filosofia militante de crítica da tradição cultural e institucional; seu programa é a difusão do uso da razão para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos.

6 HOBBS, T., Leviatã ou matéria forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. Tradução João Paulo Monteiro e Maria Nizza da Silva, Martins Fontes, São Paulo, 2003.

Leviatã) ‘para conduzir os seus caminhos’ ”, bem, o pensamento de Karl Marx⁷ ao qual é atribuída a frase que afirma ser a “A religião o ópio do povo”⁸.

Outro ponto importante desta investigação, consta no fato de que, segundo Bernardo (2013), Marx proferiu tal frase porque, já no século XIX a religião deixou de ser vista como um canal de comunhão e de relacionamento com o sagrado, passando a mostrar-se como um dos vários meios de domínio e de pacificação e, se apresentando como um obstáculo ao progresso científico, cultural, educacional, econômico e popular.

Ao longo desses últimos anos dentro da UEA (Universidade do Estado do Amazonas) venho entendendo que a superestrutura antes apregoada por Hobbes, em seu Leviatã, não está somente no Estado (União), mas também, no Direito, na Religião e na Escola. No curso de Ciências Jurídicas investiguei sobre o Direito como parâmetro de controle social. Já no Curso de Ciências da Religião, ao estudar sobre as origens e história das religiões, de modo particular, da religião cristã (Igrejas Católica, Protestantes e Evangélicas), a qual predomina em nosso Brasil, surgiu a necessidade de investigar se a Religião é realmente necessária à boa qualidade de vida do ser humano, ao seu pleno desenvolvimento e liberdade ou se esta instituição é mais uma organização a serviço da manutenção e do controle social, nesta injusta relação de poder, na qual o povo (leigos, fiéis, crentes, irmãos, filhos de santo) geralmente é manipulado através de teorias e verdades absolutas atribuídas à Deus, porém criadas pelo próprio homem, com o intuito de subjugar e escravizar a gente do povo, em busca de autopromoção e ascensão social, política e, principalmente, financeira.

7 BERNARDO, Johnny. A religião é o ópio do povo: uma análise sociológica. NAPEC, 2013.

8 Bernardo (2013), salienta que “para Marx a religião tira do homem a capacidade de compreensão, de análise da materialidade, do chão da fábrica, da periferia”.

A origem da religião e o sentido da vida humana

Segundo Hume⁹ o politeísmo foi a primeira religião dos homens. Ele acredita que “quanto mais recuamos no passado, mais encontramos a humanidade imersa no politeísmo”. Para ele a religião surge do medo do desconhecimento da natureza onde o homem primitivo acredita que suas alegrias e tristezas dependem de forças ocultas à sua compreensão.

A crença no poder invisível e inteligente esteve sempre amplamente difundida por toda a raça humana, em todos os lugares e em todas as épocas, mas talvez nunca tenha sido universal ao ponto de não admitir exceções e de modo algum foi uniforme nas ideias que inspirou. (2005, p. 01)

Ao defender que a religião surge com o desenvolvimento da interação do homem com a natureza e que o politeísmo e a idolatria foram, e não poderiam ter deixado de ser, a primeira e mais antiga religião da humanidade, Hume explica que

se os homens tivessem sido conduzidos em primeiro lugar à crença no Ser Supremo, nunca poderiam ter abandonado essa crença de modo a abraçar o politeísmo, pois os princípios da razão que produziram e difundiram pela humanidade uma opinião tão magnificente têm de ser capazes de a preservar com maior facilidade. Inventar e provar uma doutrina é muito mais difícil do que apoiá-la e preservá-la. (2005, p. 03)

Ao longo da história e das conquistas da humanidade, a Religião foi adquirindo importância na vida do ser humano. Desta forma, o Ocidente despediu-se do Politeísmo e dos deuses do Panteão e arraigou-se na ideia do Deus único professado pelo Judaísmo, Islamismo e Cristianismo.

Embora a ideia teísta de um Deus único traga a criação da ideia do bem e do mal, do pecado e do castigo, de anjos e demônios,

⁹ HUME, David. História Natural da Religião. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

há doutrinadores que acreditam que foi com o monoteísmo, mais precisamente com o Cristianismo que, surgiram os primeiros resquícios que deram origem aos Direitos Fundamentais, a partir do ideal de justiça¹⁰. Bittar (2005, p.154) reconhece que “De fato as tradições, os hábitos, os costumes, as crenças populares, a moral, as instituições, a ética, as leis... estão profundamente marcadas pelas lições cristãs”. Para tanto, Reale (2002, p. 98), ressalta que “coube a São Tomás de Aquino inserir nos domínios da cultura cristã, o que Aristóteles havia concebido sobre o valor da Justiça”. Aquino define quatro formas de leis: lei eterna, lei divina, lei natural e lei humana. Para ele a lei divina é a participação dos homens na lei eterna.

O desencantamento do mundo e a secularização da sociedade ocidental

Iniciado por Weber (1917), o tema do desencantamento¹¹ é amplamente debatido por diversos autores. Tal desencantamento se dá a partir dos avanços da Ciência e da racionalização enquanto os meios mágicos de salvação vão sendo eliminados da visão humana. Weber acredita que

O destino da nossa época, com a sua racionalização, intelectualização e, sobretudo, desencantamento do mundo, consiste justamente em que os valores últimos e mais sublimes desapareceram da vida pública e

¹⁰ A questão da justiça será abordada mais adiante no tópico que trata sobre “a religião e a questão da justiça”.

¹¹ No texto A Ciência como vocação, de 17 de novembro de 1917, Max Weber fala não somente sobre a vocação científica do ser humano, como também sobre o desencantamento do mundo, tendo em vista de que, já nesta época entende-se que a Ciência não responde a todos os questionamentos básicos do homem, como se propunha ao buscar sobrepor-se à Religião. Em A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, Weber faz entender que o protestantismo, diferentemente do catolicismo, também contribuiu para que o homem deixasse de acreditar na salvação por meios mágicos e divinos.

imersam ou no reino transmundano da vida mística, ou na fraternidade das relações imediatas dos indivíduos entre si. (1917, p. 32)

Antônio Pierucci¹² tem a preocupação em estudar todos os passos do conceito de desencantamento para Weber e nos faz entender que primeiramente aconteceu o desencantamento da religião no qual a magia foi substituída pela fé em um transcendente e, posteriormente, houve o desencantamento pela Ciência, a qual desqualificou a fé religiosa. Da mesma forma Bourdieu¹³ afirma, em seu texto: reprodução simples e Tempo Cíclico, que “o desencantamento do mundo é o desaparecimento dos encantos e dos prestígios que propendiam para uma atitude de submissão, e de homenagem para com a natureza” (1979, p. 46).

No texto secularização ou ressacralização? Zepeda¹⁴ promove “o debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização” O autor começa destacando que a religião sempre foi um fenômeno sociocultural inevitável quando se tenta analisar e compreender qualquer sociedade. Ele afirma que alguns autores como: Comte, Durkheim, Marx, Weber e Parsons chegaram a pensar que com a secularização, ou melhor, com a modernização da sociedade a religião poderia decrescer ou até desaparecer.

Mas o que vem a ser a secularização? O autor classifica como o conjunto de mudanças pelo qual a religião perde sua relevância social, ideológica e institucional e, por isso, segundo alguns autores, ela desaparece. Contudo, em vez de desaparecer, como haviam sugerido diversas vozes desde o século XIX, a religião não somente resistiu nas suas diversas formas, como também,

¹²PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido, 1998.

¹³ BOURDIEU, Pierre. O Desencantamento do Mundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais, 1979.

¹⁴ ZEPEDA, José de Jesus Legorreta. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2010, vol.25, n.73, pp.129-141.

alavancou um intenso e extenso surgimento de novos movimentos religiosos.

É por conta deste fator que o autor põe a teoria da secularização em debate, observando que esta tem estreita relação com a modernidade e, para melhor entendimento, ele nos dá as características da modernidade, as quais constam do processo sócio histórico complexo e multidimensional; da visão de mundo descentralizada, profana e pluralista; da reflexão que ao incorporar-se de forma sistemática e permanente na vida social desestabiliza a experiência, as instituições e os conhecimentos; de gerar uma realidade dinâmica, contraditória, ambígua e precária e da primazia da razão, individualismo e história como progresso.

Segundo o autor a modernidade implica uma alteração do papel central desempenhado pela religião em sociedades tradicionais, daí o “Processo de secularização”, o qual consta de uma dinâmica de emancipação cujo fim levaria a uma sociedade “sem religião”. Porém, “O desaparecimento inevitável da religião” torna-se problemático. Durkheim acredita que “há algo eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares”, e junto com Weber, afirma que,

mesmo que a religião fosse perdendo sua influência social, ficava claro que não estava necessariamente condenada a desaparecer, mas sim a transformar-se, desfazendo-se de algumas mágicas e adotando outras novas.

Ao longo da explanação Zepeda apresenta as teses sobre a secularização, que vão desde “Teses duras ou fortes”, que perpassam por um processo lento e inexorável a caminho do fim da religião; até “teses suaves”, as quais acreditam que há um processo pelo qual a religião sofre severas alterações na modernidade, mas persiste nas formas: Econômicas, através do “espírito do capitalismo”, Política, pela “religião civil” e formas socioculturais pouco relevantes.

O autor também ressalta que, segundo Berger, na modernidade o processo de racionalização desloca a religião do centro da sociedade para o âmbito privado, desmonopolizando as tradições religiosas hegemônicas, mas não eliminando-as, e que Thomas Luckmann destaca a religião como uma constante antropológica por sua capacidade de mudança. Enfim, acredita-se que em vez de se destruir, a religião transformava-se influenciada pela estrutura simbólica e social na qual tinha lugar.

Zepeda relata que as “Teses duras ou fortes” sofreram várias críticas, uma vez que, embora o caso norte-americano seja o protótipo da sociedade moderna, podemos observar neste, uma religiosidade permanente e exuberante, o que mostra que modernidade e religião não são incompatíveis.

Segundo o autor, Wilson (1998, apud, ZEPEDA, p. 46), afirma em diversos trabalhos que as abordagens que procuram reduzir ou eliminar a religião da vida social moderna fazem referência mais a uma ideologia, denominada o secularismo, do que a uma teoria social. Tais ideologias esquecem que a ideia de secularização é um processo cuja variável dependente de cada universo sociocultural, dos interesses de grupos e indivíduos e do próprio caminho traçado pelas vicissitudes dos processos de modernização.

O conceito de secularização unilinear e progressivo padece de uma visão similar a respeito de mudança e diversidade social que ignora haver na dinâmica de um e outro processo hibridações, fragmentações e verdadeiras torções, de modo que a modernidade em sua fase atual, não é só, o resultado do suposto “progresso” perseguido pelo projeto esboçado no iluminismo, mas também a consequência da mistura de ações desejadas e não desejadas, de seus efeitos colaterais, advertidos, imprevistos e até desconhecidos, dando lugar a uma nova etapa da modernidade.

O autor acredita que algumas questões têm ocupado os sociólogos da religião nas três últimas décadas, dentre elas, pergunta-se se mudanças e os fenômenos sociais a que se referiam

os sociólogos da religião nunca existiram? E caso tenham existido, hoje não perduram mais? Nunca realmente foi composta uma teoria sistemática a esse respeito?

Entre os sociólogos da religião pode-se identificar um grupo que, descartam a ideia de rejeitar a secularização. Um dos mais importantes estudiosos que segue esta linha é o sociólogo Karel Dobbelaere que constata por meio de seus estudos que a teoria da secularização é primeiramente um “conceito de sensibilização”.

Para fazer uso científico deste conceito é preciso diferenciar três dimensões: laicização, mudança religiosa e participação em igrejas. A primeira mediria as inter-relações entre as instituições religiosas e as instituições sociais, incluindo aí três processos complementares: profanação, diferenciação e transposição. Na segunda caberiam as mudanças que ocorrem nas crenças, moral e ritos, assim como o rebaixamento e o surgimento de comunidades religiosas. A terceira dimensão refere-se ao grau de integração normativa dos indivíduos com respeito às corporações religiosas. O autor imprime nas teorias sociológicas sobre a secularização um *status* de verdadeiras “teorias sociais” e não simples recursos ideológicos. Aprofundando-se nesta questão, Dobbelaere apresenta alguns anos depois em um breve trabalho sobre a necessidade de levar em conta os paradigmas sociais que subjazem às teorias sobre a secularização.

Oliver Tschannen afirma que a soma dos diversos elementos do *corpus conceptual* sobre a secularização não dá lugar a uma teoria sistemática e coerente, mas não concorda que tal teoria seja mais uma miscelânea de ideias desarticuladas do que uma teoria sistemática. Sustenta que o *corpus conceptual* sobre a secularização constitui um autêntico “paradigma” compartilhado em torno de três elementos centrais: diferenciação, racionalização e mundanização. A proposta de Tschannen, parece a postura mais aceitável, pois, como Dobbelaere, supera abordagens reducionistas e teleológicas.

Em um contexto pós-moderno, procuram-se entender e compreender a secularização, a pós-modernidade e a globalização, bem como, as causas e as tendências do “ressurgimento religioso”, “ressacralização” ou no sentido weberiano do “reencantamento” e a nova configuração sobre religião.

No último terço do século XX, procura-se sinalizar sobre o mal-estar que experimenta o homem quanto à desorientação e incertezas perante os valores em relação ao sistema econômico e ao espaço político. Tornando-se incapaz de solucionar as enormes diferenças entre o chamado primeiro mundo e o restante das nações, entre a grande massa dos excluídos e as pequenas elites que monopolizam o poder político e econômico. A chamada crise da modernidade seria a expressão de outra fase da modernidade, gerada por uma teia de consequências, assim como pelos seus triunfos e fracassos iluminista ou industrial. Vários analistas sociais, têm cunhado expressões sem justapor a continuidade ou a descontinuidade entre essas duas etapas da modernidade como, por exemplo, “modernidade radicalizada” (Giddens), “modernidade reflexiva” (Luhmann), “desmodernização” (Touraine) e “modernidade liberal ampliada” (Wagner).

Este novo contexto tem modificado o campo de estudos da religião pela persistência das tradições institucionais religiosas e, também o surgimento de novos movimentos religiosos. Lilian Voyé sustenta que as tradições religiosas são requeridas com frequência por conta de sua capacidade de outorgar sentido, identidade e um horizonte de valores para os indivíduos apesar de que se encontram limitadas e relativizadas por um contexto pluralista e sujeitas à contestação.

A proliferação de novos movimentos religiosos tem chamado bastante atenção de muitos estudiosos do tema que concluíram precipitadamente que a teoria da secularização se revelou falsa e, desde então, têm decretado seu fim, porém será que não estamos assistindo a um ressurgimento religioso? Um “reencantamento” do mundo?

A maioria dos estudos a respeito do ressurgimento religioso tem mostrado que, no caso ocidental, não são as principais instituições religiosas que têm ou se “revitalizado”; pelo contrário, salvo algumas exceções, Ao mesmo tempo observa-se um crescimento explosivo na diversidade religiosa, desde “fundamentalismos”, passando por religiões de matriz oriental, até o sincretismo religioso esotérico-holista da New Age, que compartilham de uma ou outra forma o “espírito” da “modernidade radicalizada”. Esse inesperado *revival* religioso no interior do processo de secularização reafirma uma rejeição ao controle institucional de crenças e práticas institucionais.

A vitalidade dessas formas emocionais de religião não nega a teoria da secularização, pois a proliferação de grupos religiosos, a competição entre eles e a precariedade de suas adesões e crenças debilitam qualquer pretensão de tornar a instituição religiosa um fator de coesão evolutivo linear. O autor conclui, então, que a dessecularização é o retorno não tradicional à tradição ético-religiosa, com efeitos ambivalentes e de distorções”, o que torna obsoletas tanto uma teoria linear da secularização, como sua contrapartida, a simples ressacralização. Mantém-se a emancipação de diversas instituições da tutela religiosa, ao mesmo tempo em que as crenças e as práticas herdadas coexistem e interpenetram-se com novas crenças e movimentos religiosos, criando uma situação inédita, pois nem se trata de um simples retorno religioso do passado, tampouco de uma dissolução da secularização.

No tópico sobre a religião na globalização, o autor traz a visão geral sobre a situação da religião nas sociedades contemporâneas e afirma que esta estaria incompleta se não se pautasse pelas dinâmicas da globalização. Ele enfatiza que a religião comporta-se tanto como uma força negativa da globalização, fortalecendo, a cultura local; como com uma força proativa, que assume um caráter eminentemente expansivo e homogeneizador, como ocorre com o catolicismo romano que por vezes se vê como “Religião

Universal” – A “oração do Pai-nosso” e o “Amém!” De acordo com o autor a Religião adquire uma dinâmica funcional em relação à globalização, desta forma, há novas formas de religião com expressões nos níveis individual, grupal e social.

Embora José Casanova identifique grandes mudanças no campo da religião, isso não significa uma ressacralização da sociedade, posto que vivemos em uma “arena” pluralista que supõe, por princípio, um Estado laico-secular e que, como tal, possibilita a participação de diferentes atores na esfera pública, entre eles, os religiosos. Assim, vive-se numa franca “cruzada” em face de uma agressiva realidade plural e globalizada que ameaça diluir e banalizar suas crenças.

Na sociedade global coexistem diversas formas sociais de religião, contudo, nem todas possuem as mesmas condições de plausibilidade. A religião institucionalmente organizada encontra-se em um contexto desfavorável devido ao pluralismo e seus efeitos relativistas e sincréticos, as outras, sobretudo a religião “individual-emocional”, têm ali um ambiente mais conveniente. Desta forma, o debate sociológico a respeito das teorias da secularização tenta explicar a perda da relevância social e subjetiva da religião nas sociedades modernas, com base no viés iluminista. A crença na visão da desvalorização religiosa fez com que muitos acreditassem que a questão da modernidade e da globalização desenvolveria um passo para a dessacralização, o que não aconteceu.

A religião deu outro significado para sua estrutura, se apresentando com uma ressacralização, ou seja, ressacralizar no sentido de tornar algo sagrado de novo. Assim, numa primeira análise poderíamos ser tentados a ver esta ressacralização atual como uma resposta direta à secularização. A lógica seria então esta: se a secularização destrói, a ressacralização reconstrói. E com o surgimento de diversas denominações religiosas, podemos perceber também o crescimento do sincretismo religioso. A persistência da religião e, em muitos casos, o crescente papel de

protagonista adquirido na dinâmica social de nossas sociedades hipermodernas e globalizadas têm levado muitos a pensar na obsolescência das teorias sociológicas sobre a secularização.

A religião na dinâmica da organização social

A Religião como controle social

No politeísmo da Grécia antiga a religião já exercia um controle social. Os deuses do panteão determinavam a vida dos homens e, mesmo os senhores deviam submeter-se à vontade divina, tendo que visitar os oráculos sempre que tivessem em suas mãos questões relacionadas à polis, à guerra e, até mesmo questões sociais. Se uma cidade perdia a guerra ou se aconteciam tragédias naturais dizia-se ser ‘a vontade dos deuses’, ou até mesmo chegava-se a acreditar que um deus de determinada cidade era mais poderoso que o deus da cidade sucumbente, daí a hierarquias dos deuses que ocupavam o panteão. Também no monoteísmo, primeiramente representado pelo Judaísmo, a religião, ainda na atualidade, exerce controle social. A partir da lei Mosaica, surge a imagem de um Deus vingativo e Todo Poderoso¹⁵, cabendo ao povo a observação da Lei Mosaica ou a punição divina.

Embora o Cristianismo traga a imagem de um Deus complacente, misericordioso, benevolente e que perdoa, também aí, a Religião encontra parâmetros para justificar o controle e a coerção social. Um bom exemplo está na ‘Santa Inquisição’ da Idade Média, na influência da Religião Católica na elaboração das Constituições brasileiras, na catequização e dizimação das populações indígenas, na ‘teologia da prosperidade’ que atualmente arrasta multidões às Igrejas Neopentecostais, na

¹⁵ Este tema está bem estruturado no cap. 7 – Justiça Cristã, do Curso de Filosofia do Direito. Bittar, 2005, p. 156-161.

Concordata Brasil - Santa Sé (assinada em 13 de novembro de 2018) e, na defesa do Ensino Religioso confessional.

Outro exemplo de controle social, exercido pela religião na atualidade, é o Caos no qual se tornou o Oriente Médio, não somente por conta do Islamismo (que por si, é uma religião muito questionada no que tange aos direitos humanos, de modo muito particular, os direitos das mulheres), mas também pelas lutas travadas pelas três religiões monoteístas que buscam a posse única da “Terra Santa”. Assim, na atualidade vemos a influência da Religião na gênese, concepção e aplicação das normas sociais.

Por fim, para atender à “Vontade Divina”, muitos crimes e guerras foram e, ainda hoje são praticados em nome da Religião.

A influência da Religião na formação e na organização social

Pedro Scuro¹⁶ explica que desde sempre todas as sociedades são governadas por normas. Desde sempre, Direito e Religião são normas para organizar e controlar o homem dentro da sociedade. Nas sociedades primitivas o Direito era aplicado como se fosse a vontade do grupo e a Religião era vivida de acordo com a vontade dos deuses. O autor afirma que “a conduta humana era coagida por normas às quais todos estavam acostumados a obedecer, sem se sentirem coagidos”.

Já em sociedades como a nossa, o Direito passou a ser codificado para dar ênfase à liberdade individual, integridade física, igualdade jurídica e garantia patrimonial. Enquanto que a Religião Ocidental, no caso do Brasil, primordialmente cristã, regulou suas normas no Livro Sagrado (Bíblia), as quais todo bom cristão deve seguir fielmente e, interfere significativamente na elaboração e implantação das leis jurídicas e sociais, bem como, no processo político do Estado, conseguindo, várias vezes, que temas

¹⁶ SCURO NETO, Pedro. Sociologia Geral e Jurídica: manual dos cursos de Direito, 2004, p.245.

importantes de Direitos Humanos, tais como: União homoafetiva, aborto, transfusão de sangue, dentre outros, sejam arquivados ou deixados para segundo plano.

Até que ponto a Religião pode/deve interferir na vida de uma pessoa? Se pode, então como ficam o direito à vida, à individualidade, ao livre pensamento religioso e à liberdade de consciência e de crença.

Os Mecanismos de Socialização entre a Igreja e seus fiéis

Os mecanismos de socialização são processos de formas padronizadas de interação social pelos quais se aprende a tomar conhecimento da ordem social. A socialização¹⁷ efetua-se no aprendizado, desde a mais tenra infância, inculcando no indivíduo orientações e expectativas gerais, continuando ao longo da vida, exigindo sempre mais aprendizado e ajustamento.

Diante dos mecanismos de socialização, Scuro (2004, p.240) entende que o homem pode responder à sociedade de diferentes formas, tais como: com o conformismo, ou seja, o ajuste aos ditames sociais; com a rebeldia, rejeitando o sistema enquanto este não favorece seus objetivos pessoais; com o ritualismo, ‘obedecendo’ as normas sem assumir obrigações; com a evasão, rejeitando o sistema, mas se esquivando dos compromissos; ou com a inovação, assumindo os riscos e rejeitando aos padrões consagrados.

Algumas Igrejas Evangélicas usam a Disciplina para corrigir e ensinar seus fiéis quando estes incorrem naquilo que a igreja considera como erro (pecado). Já a Igreja Católica convida seu fiel “pecador” a não participar da mesa da Comunhão (hora em que o padre oferece a hóstia consagrada aos que são “dignos” de recebê-

17 Ver: Mecanismos de Socialização, In: Sociologia geral e Jurídica. Scuro, 2004, p. 239-241.

la). Em muitas Paróquias tradicionais, o leigo não casado na Igreja fica suspenso de participar dos Sacramentos.

A Religião e a questão da justiça.

Segundo estudos, a Justiça¹⁸, com sua existência firmada nos valores, se refere a um estado ideal de interação social no qual há um equilíbrio, que deve ser razoável e imparcial entre os interesses, riquezas e oportunidades entre as pessoas envolvidas em determinado grupo social. Desta forma, trata-se de um conceito presente nos estudos de filosofia, ética, moral e religião. Deste modo, suas concepções e aplicações práticas variam de acordo com o contexto social e sua perspectiva interpretativa, torna-se comumente alvo de controvérsias entre pensadores, filósofos e estudiosos.

Para Bittar, Tomás de Aquino desenvolveu uma filosofia não somente comprometida com as Escrituras Sagradas, visto que era padre da igreja, como também, com ênfase na visão aristotélica. O pensador acreditava que a justiça é uma prática, posto que está ligada à ação humana e, na busca desta, consegue, em sua doutrina teológica (*Summa Theologica*), aliar fé e razão enquanto estuda minuciosamente tudo o que está a seu alcance, sobre o tema.

O autor explica que para Tomás de Aquino,

O homem é composto de corpo (*corpus*) e alma (*anima*), sendo o primeiro a matéria perecível que colabora para o aperfeiçoamento da alma, esta criada por Deus. Do mesmo modo como a potência está para o ato, a alma está para o corpo; a alma é incorruptível, imaterial e imortal, enquanto o corpo é corruptível, material e mortal. (BITTAR, 2005, p. 198)

Embora outros seres sejam dotados de alma, é a faculdade intelectual do homem que o diferencia dos demais, e que o torna

¹⁸ Tema bem abordado em BITTAR, 2005, *passim*.

capaz de conhecer os fins de suas ações, porém tal faculdade, segundo a filosofia tomista só se constrói a partir da experiência sensível com os objetos do conhecimento. Portanto, “nada está no intelecto que primeiro não tenha passado pelos sentidos”.¹⁹

Para Aquino, Deus deu liberdade ao homem para que faça suas escolhas e siga pelo caminho do bem. É no livre arbítrio (*liberum arbitrium*) que o homem se encontra com a verdade real e as verdades aparentes, podendo a partir daí, desenvolver a capacidade de julgar o que é justo e o que é injusto. Assim, “a atividade ética consiste exatamente em, por meio da razão prática, discernir o mal do bem e executar o escolhido mediante a vontade, destinando-se atos e comportamentos para determinado fim”. (BITTAR, 2005, p. 200).

Tomás de Aquino acreditava que a partir da ação prática, ou da *Sindéreses*, como ele costumava chamar, o ser humano desenvolve os hábitos, seja para o bem, seja para o mal. Como os hábitos não são inatos, mas sim, adquiridos, conquistados a partir da experiência, espera-se que o homem desenvolva bons hábitos. Portanto, a teoria tomista da justiça consiste em fazer o bem e evitar o mal.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa a autora se utilizou do Método de abordagem científica dialético, tendo em vista de que este, é o método que investiga a realidade pelo estudo da sua ação recíproca, da contradição dos fenômenos e das mudanças que ocorrem na natureza e na sociedade. É o método que nos permite entender as contradições da Igreja no que tange ao discurso da libertação e alienação, da renovação, da conquista e da manutenção. Vale ressaltar que esse método se opõe a todo conhecimento rígido e absoluto, uma vez que tudo é visto em

¹⁹ Ibid., p.199.

constante mudança, reconhecendo que há algo que sempre se transforma. Portanto, nos permite questionar a Verdade Absoluta apreendida pela Igreja e pela Fé.

O método de procedimento científico empregado na pesquisa foi o método histórico, pelo qual foi possível realizar a investigação de acontecimentos no processo e instituição da religião, suas origens e raízes, verificando, a partir de então, se há influências da Religião na organização da sociedade atual e de que modo esta pode atuar como parâmetro de organização e controle social. Por todo o exposto, a técnica da coleta de dados foi, basicamente, a pesquisa bibliográfica, a qual nos permitiu um estudo histórico e uma análise social, na área da Religião, sobre autores, sociólogos e filósofos que tratam do tema proposto.

Para a análise das origens da Religião, a reflexão partiu dos textos de David Hume²⁰, Eduardo Bittar²¹, Miguel Reale²², André Oliviera²³, Weber²⁴ e Antônio Pierucci²⁵. E para o entendimento do que seja o controle social e a regulação foi utilizado o texto de Scuro²⁶. Já para os estudos sobre a Psicologia da Religião, a autora lançou mão dos estudos da Cartilha Virtual Psicologia & Religião, organizada por Zangari e Machado²⁷, enquanto que para os estudos sobre o Cristianismo da Libertação na América foram realizados

20 HUME, David. História Natural da Religião. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

21 BITTAR, Eduardo. Curso de filosofia do direito, 2005.

22 REALE, Miguel. Filosofia do direito, 2002.

23 OLIVEIRA, André Gualtieri de. Filosofia do direito, 2012.

24 WEBER, Max. A Ciência como Vocação. Tradutor: Artur Mourão. Acesso em: 12. Mar. 2018.

25 PIERUCCI, Antônio Flávio. O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo, 2003.

26 SCURO NETO, Pedro. Sociologia Geral e Jurídica: manual dos cursos de Direito, 2004.

27 Cartilha Virtual Psicologia & Religião, organiza por Zangari e Machado, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP, 2018.

a partir do livro: A guerra dos deuses: religião e política na América Latina, de Michel Lowy.

Análise dos resultados da pesquisa

Ao analisar a influência da Religião na vida do fiel, verificou-se, que algumas vezes ela desrespeita o princípio da dignidade da pessoa humana, posto que, ao induzi-lo a viver de determinada maneira, ela o tira do livre arbítrio, restringindo sua liberdade, individualidade e personalidade.

Talvez por conta de tais arbitrariedades religiosas, na atualidade muitos homens e mulheres se autodeterminem sem religião. Outro ponto que justifica e embasa o ateísmo é o fato de que os estudos de psicologia da religião mostram que é possível haver espiritualidade sem religiosidade²⁸ e que, o sentido da vida pode muito bem ser encontrado fora do Transcendente. Também foi verificado, ao longo dos estudos, que são os homens que ‘criam’ a religião vigente e, dependendo de seus interesses, a Religião também está para a libertação e promoção dos povos. Um exemplo bem prático de religião e libertação ocorreu aqui na América Latina, a partir do Cristianismo da Libertação²⁹

O princípio da dignidade da pessoa humana

O princípio da Dignidade da Pessoa Humana configura um dos fundamentos do Estado Democrático de Direito, inerente à República Federativa do Brasil, onde sua finalidade é a de assegurar ao homem um mínimo de direitos que devem ser respeitados pela sociedade e pelo poder público, e por conseguinte,

28 Este tema está melhor debatido na Cartilha virtual de Psicologia e Religião, desenvolvida pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP, 2018.

29 Michael Lowy explana e defende o tema no capítulo II do seu livro: A guerra dos deuses, 2000.

pelas instituições religiosas de forma a preservar a valorização do ser humano, a liberdade individual e a personalidade. Portanto, um princípio fundamental, alicerce de todo o ordenamento jurídico pátrio, não há como ser mitigado ou relativizado, sob pena de gerar a instabilidade do regime democrático, o que confere ao dito fundamento caráter absoluto.

A dignidade da pessoa humana é um princípio fundamental previsto no art. 1º, III, da Constituição Federal Brasileira, sobre o qual, Morais (2013), acredita que, “é um valor espiritual e moral inerente à pessoa, que se manifesta na autodeterminação consciente e responsável da própria vida e que traz consigo a pretensão ao respeito por parte das demais pessoas” [...]. Da mesma forma, Piovesan (2010), afirma que:

A dignidade da pessoa humana, (...) está erigida como princípio matriz da Constituição, imprimindo-lhe unidade de sentido, condicionando a interpretação das suas normas e revelando-se, ao lado dos Direitos e Garantias Fundamentais, como cânone constitucional que incorpora as exigências de justiça e dos valores éticos, conferindo suporte axiológico a todo o sistema jurídico brasileiro.

A autora ainda menciona que a condição humana é requisito único e exclusivo, reiterar-se, para a titularidade de direitos. Isto porque todo o ser humano tem uma dignidade que lhe é inerente, sendo incondicionada, não dependendo de qualquer outro critério, senão ser humano.

A dignidade da pessoa humana é um valor supremo e fundamental, e como tal deve ser transformada em princípio de direito a integrar os sistemas constitucionais. O princípio da dignidade é uma garantia do homem ao excesso estatal e, também serve para protegê-lo do excesso religioso. Existe para o homem, assegurar condições políticas, sociais, econômicas, religiosas e jurídicas que permitam que ele atinja os seus fins, como sujeito de dignidade, de razão digna e supremamente posta acima de todos

os bens e coisas, inclusive do próprio Estado e da Religião a qual pertence.

Com a influência do Cristianismo e com o preceito de igualdade, há a consagração dos Direitos Fundamentais, enquanto necessário à dignidade da pessoa humana. Segundo muitos doutrinadores, a Constituição, ao dispor que este princípio representa um dos fundamentos da República Federativa do Brasil, pôs em destaque a pessoa humana e que deste direito da personalidade irradiam todos os demais direitos previstos no ordenamento jurídico, uma vez que, este postulado é de importância ímpar, é a força motriz de todo o nosso ordenamento. A dignidade humana possui íntima ligação com os direitos humanos que foram introduzidos com o advento da Declaração Universal de 1948 e reiterados pela Declaração de Direitos Humanos de Viena de 1993. Ou seja, este princípio é decorrente de uma conquista histórica que surgiu após a 2ª Guerra Mundial. Diante desta conquista, houve a necessidade de proteção e efetivação dos direitos humanos que possibilitou, em nível internacional, o surgimento da disciplina de Direito Internacional dos Direitos Humanos, cuja finalidade consiste na concretização da plena eficácia dos direitos fundamentais, por meio de normas gerais e previsões de instrumentos políticos e jurídicos de implementação do direito.

Os direitos humanos fundamentais, tem por finalidade o respeito à dignidade, por meio de sua proteção contra o arbítrio do poder estatal, e por que não, do poder religioso? Que estas instituições permitam e promovam o estabelecimento de condições mínimas de vida e desenvolvimento da personalidade humana, assim estão diretamente relacionados com a não intervenção do Estado na esfera individual. Portanto, tal princípio deve ser pensado, não apenas para proteger o homem, nem tampouco para garantir que este permaneça vivo, mas que seja respeitado e garantido a todos, o direito de viver com dignidade.

A Psicologia da Religião

A Psicologia da Religião³⁰ estuda o comportamento religioso, as crenças e os símbolos religiosos, os processos de conversão e de desconversão a uma religião, ao ateísmo, às experiências místico-religiosas, bem como, uma série de processos psicológicos e sociais relacionados à religiosidade e à espiritualidade.

De acordo com a Psicologia da Religião a experiência de pertencimento a grupos, sejam esses grupos de que tipo forem, influencia a saúde mental de uma pessoa. Não é possível falar em saúde ou doença como algo desvinculado de um contexto social especialmente porque o que é considerado saúde ou doença muda em função do momento histórico, do local e da cultura. o Código Internacional de Doenças (CID-10, item F.44.3) reconhece a importância do contexto cultural ao diferenciar um estado de transe religioso de uma doença mental, definindo que quando o transe se dá de modo voluntário e desejado dentro de um ambiente religioso, não cabe dizer que a pessoa em transe seria doente mental.

Segundo esta perspectiva, as pessoas mais convictas de suas crenças e que confiam fortemente na lógica interna do pensamento que partilham com sua religião ou filosofia de vida teriam a vantagem de se sentirem menos confusas e angustiadas. A pessoa consegue ordenar a realidade conferindo a ela um único sentido a partir do seu quadro de referência preferido. Assim, enquanto alguém pode interpretar a morte de um filho como uma consequência “cármica” de um aborto realizado em tempos passados, outra pessoa pode se inquietar e sofrer consideravelmente mais do que a primeira ao permanecer mais tempo buscando outras causas e ficando em dúvida com relação a como significar tal experiência. Imaginemos uma pessoa atea na

30 O tema está muito bem trabalhado na Cartilha Virtual Psicologia & Religião, organizada por Zangari e Machado, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP, 2018.

mesma situação. Ela poderia compreender a morte de um filho como um acontecimento natural e, portanto, esperado diante dos acontecimentos possíveis e prováveis da vida. Dessa forma, ela consegue integrar um acontecimento da vida com suas crenças de como a vida deve ser compreendida, sem qualquer conflito. Quanto menor for o conflito psicológico diante desses acontecimentos, menor será o sofrimento. A partir de tais experiências, a Psicologia define o coping religioso.

O coping (enfrentamento) é concebido como o conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas pelos indivíduos com o objetivo de manejar, enfrentar situações estressantes. Quando alguém se volta para a religião para lidar com o estresse, ocorre o coping (enfrentamento) religioso, que é definido como o uso de crenças e comportamentos religiosos para facilitar a resolução de problemas e prevenir ou aliviar consequências emocionais negativas de situações de vida estressantes. O coping (enfrentamento) religioso pode funcionar como uma estratégia de enfrentamento em momentos de maiores dificuldades, como conseguir se recompor, tocar a vida e se reerguer depois de passar por esses momentos difíceis. Assim, o coping (enfrentamento) religioso atuaria como um fator promotor de resiliência, ajudando a pessoa a lidar com as situações de dificuldade da vida.

A avaliação de qualidade de vida é feita considerando-se os domínios físico, psicológico, social e ambiental. O aspecto psicológico da qualidade de vida leva em conta, portanto, a espiritualidade, a religiosidade e as crenças pessoais. Se a religiosidade contribuir para que de alguma forma a pessoa se sinta melhor em relação a algum destes aspectos, contribuirá para uma melhor qualidade de vida. Por exemplo, com relação aos aspectos sociais, o pertencimento a um grupo religioso pode contribuir para uma melhor qualidade de vida. Além disso, o sentido para a vida que a experiência religiosa pode trazer contribui para uma melhor qualidade de vida no aspecto psicológico. a intensidade ou força

com que se acredita (ou descrê). Por exemplo, se uma pessoa for uma atea convicta, isso afetará positivamente sua qualidade de vida.

Religião e Espiritualidade

Ao estudar mais profundamente a Cartilha Virtual de Psicologia & Religião pode-se entender que a religiosidade é a forma como cada pessoa vivencia a religião, enquanto que a espiritualidade está relacionada ao sentido que o ser humano dá à própria vida, portanto, é imprescindível o entendimento de que a espiritualidade pode ou não, estar relacionada com religiosidade.

A espiritualidade é ampla e pessoal, está voltada para um conjunto de valores íntimos, como completude interior, harmonia, relações interpessoais, estímulos aos interesses mútuos que dão sentido à vida. É evidente que a espiritualidade é uma construção dual, formada por fé e sentido, onde o elemento fé está associado à religião e às crenças religiosas. Em contrapartida, o componente sentido é um conceito mais universal que pode ser encontrado tanto em pessoas que seguem uma determinada religião, como naquelas que não têm nenhuma referência religiosa. (Breitbart, 2003 apud, Silva, 2014)

Desta maneira, a espiritualidade religiosa é vivenciada pela pessoa que dá um sentido transcendental à sua vida, entendendo que tudo está ligado a uma realidade não material, é o entendimento de que “Tudo ocorre conforme a vontade de Deus!”. Já a espiritualidade não religiosa é vivenciada pela pessoa que dá sentido à sua vida a partir de uma visão de mundo distinta do transcendente.

Assim, a experiência religiosa é um componente da experiência humana e da constituição de subjetividades, culturas e sociedades. De acordo com os autores, uma pessoa espiritual é aquela que assume que há algo transcendente, algo sobrenatural e/o algo sagrado, mas que não encontra essa sacralidade em nenhuma crença religiosa.

Religião e a Não Crença

O fato de uma pessoa não professar uma crença religiosa, não a exclui do encontro de um sentido para a própria vida. Viktor Frankl³¹ afirma que a busca do sentido pessoal da vida é uma característica constitutiva do ser humano, independente de religiões, Instituições, conceitos e atribuições a um transcendente, por esse motivo, o ser humano pode encontrar algo que lhe dê um sentido não religioso para a própria existência. É importante ressaltar, que segundo o autor, cada um descobre o sentido para a vida em sua singularidade e individualidade. Portanto, o fato de uma pessoa não crer em um transcendente, não a torna intolerante ou inacessível, nem tampouco pecadora ou perdida.

De acordo com os autores da Cartilha virtual³² estudada, enfrentam melhor as dificuldades e as perdas da vida, bem como o processo de envelhecimento, as pessoas fortes em suas crenças e/ou não crenças. Ou seja: mais importante que ser religioso, é ser “forte” naquilo que se crê, seja num Transcendente, em outras crenças ou não crenças. O importante e fundamental é: Ser Convicto de si mesmo!

O Cristianismo da Libertação na América Latina

Em seu livro a guerra dos deuses, Michael Lowy estuda, no capítulo II, sobre a Teologia e o Cristianismo da Libertação. Uma das perguntas que o texto apresenta, consiste justamente no entendimento do que seja a teologia da libertação.

31 Para melhor entendimento do tema, sugere-se a leitura da obra: Em busca de sentido, de Viktor Frankl, 2008; bem como o texto: RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DA VIDA, publicado na revista LOGOS & EXISTÊNCIA, p. 2013 - 2015, 2014.

32 Cartilha Virtual Psicologia & Religião, organiza por Zangari e Machado, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP, 2018.

O autor nos ensina que a Teologia da libertação é o reflexo de umas práxis anteriores e uma reflexão sobre essas práxis, que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos. Ele acredita que sem a existência desse movimento não poderíamos entender os fenômenos sociais e históricos como o novo movimento trabalhista e a revolução na América Central. Afirma que o movimento inclui tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática.

Segundo Lowy, a Teologia da Libertação é uma ramificação do Cristianismo da libertação liderado pela ala progressista da Igreja Católica, a qual acredita que a Igreja deveria fazer sua opção preferencial pelos pobres, porém, ao invés de apoiar o movimento, a ala tradicional da Igreja o combate fortemente e, tal combate se deixa materializar a partir do CELAM, que busca a permanência de uma Igreja Conservadora.

Mas por que a Igreja o combate se ele busca a libertação do pobre? Porque o Cristianismo da libertação ao dedicar-se à causa dos explorados, tem como motivo as razões espirituais e morais inspiradas pela cultura religiosa, pela fé cristã e pela tradição católica e, ao defender que os pobres sejam protagonistas da própria história, e não objetos da atenção caridosa os retira do lugar onde foram postos pela Doutrina tradicional da igreja.

Para a Igreja Tradicional o pobre deve ser aquele que depende da caridade dos abastados. Ao fazer doações aos pobres (na maioria das vezes daquilo que já não lhe serve mais), a Igreja e seus fiéis cumprem com o seu 'ser cristão' tirando o peso de suas consciências e acreditando que já estão colaborando para um mundo melhor, sem nem mesmo buscar modificar a sociedade que aí está posta, pois pregam que 'Deus nos fez assim: ricos e pobres' e que 'é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus'. Veja que embora pareçam justificativas sem sentido, o fato é que tanto a Igreja Conservadora quanto os ricos que a compõem buscam a manutenção da sociedade que está posta para continuarem no poder.

A Teologia da libertação não é bem vista porque deseja que o pobre seja agente de sua própria libertação e sujeito de sua própria história e, com isto e, a partir disto, é impossível a manutenção social, porque ao tomar consciência de sua capacidade de transformação de vida, o pobre não se deixa alienar pelas falácias dos que aparentemente lhes são ‘superiores’, ou seja, o pobre descobre o seu potencial e passar a lutar dignamente por melhores condições de vida, não mais se sujeitando aos mandos e desmandos de uma Igreja que ao invés de os representar, os oprime e aliena. Mas como a práxis liberta? E onde está a preocupação com o povo? Michael Lowy nos ensina que para entendermos essa luta ‘dos deuses’, se faz necessário que conheçamos não somente a História da humanidade, com também, a História da América Latina. Onde até os anos 70 a missa era realizada em latim e, para fixar a espiritualidade, por não entenderem o que era dito, as senhoras desenvolveram o hábito de rezar o terço enquanto o padre rezava a missa. Que igreja é essa que não se importa se seus fiéis entendem a sua fala?

No desenvolver do texto o autor escreve sobre a modernidade e a crítica da modernidade na teologia da libertação. Se tal teologia nos parece tão favorável, então por que criticá-la? E como a teologia da libertação se relaciona com a modernidade?

Lowy destaca que a teologia da libertação e o cristianismo da libertação são o ponto mais avançado da corrente modernista da Igreja Católica e herdeiros da desconfiança Católica tradicional. Segundo o autor, é importante reafirmar que a Igreja Tradicional é contra a reforma, contra a revolução, contra valores e contra liberdades – A teologia da libertação NÃO! Ou melhor, a Igreja Tradicional sabe que se apoiar tais pensamentos e movimentos perderá o poderio que a sustenta.

Já a teologia da libertação adota plenamente os valores da Revolução Francesa, quais sejam: Igualdade, liberdade, fraternidade, democracia e separação entre a Igreja e o Estado. Desta maneira, ela critica o autoritarismo e as limitações à

liberdade de expressão no interior da própria Igreja. Isso resultou no convite de separar-se da igreja, sofrido por muitos dos pensadores de tal teologia, dentre eles: Leonardo Boff³³.

Considerações finais

Com o objetivo de investigar se a Religião é uma instituição para a organização e o controle social, este artigo buscou conhecer a origem da religião na história da humanidade e foi, aos poucos, entendendo que esta instituição serve hora para aliviar o fardo dos questionamentos humanos e hora para dominar os povos através da criação dos demônios, do pecado e da condenação final.

Como pôde ser verificado ao longo da pesquisa, a Religião, de modo bem particular, a Religião Cristã, se apoia em Tomás de Aquino para intitular-se a portadora da Justiça. Porém, vale ressaltar que as concepções e as aplicações práticas da Justiça variam de acordo com o contexto social e sua perspectiva interpretativa, sendo comumente alvo de controvérsias entre pensadores, filósofos e estudiosos.

A análise histórica realizada por este trabalho científico deixa evidente que Religião e Estado sempre foram questões difíceis de dissociar. Durante muitos séculos foi praticamente impossível conseguir separar as duas matérias e a Organização do Estado e da Sociedade foi extremamente influenciado pelos dogmas da Igreja, de modo muito particular, pela Igreja Católica Apostólica Romana. Talvez por isso, alguns autores considerem ser a laicidade do Estado, uma das mais importantes conquistas culturais da civilização, tendo em vista que mesmo quando a vontade do homem passou a ser admitida, ainda havia de ser requisitado o consentimento da religião, posto que, a priori as leis

33 Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, sugere-se a leitura do livro: Teologia Do Cativo e Da Libertação, escrito em 1975 por Boff. O livro está disponível para leitura on line em: <https://pt.scribd.com/document/354702851/Boff-Leonardo-Teologia-Do-Cativeiro-e-Da-Libertacao>.

eram passadas de pais para filhos através das crenças, e, o povo antigo respeitava tanto as leis, que para eles elas não eram humanas, mas sagradas, divinas, desobedecer-lhes era cometer sacrilégio.

Ao longo da pesquisa foi se verificando que, embora estejamos na modernidade, algumas Igreja desejam viver no tradicionalismo, onde o povo diz ‘amém!’ Aos seus mandos e desmandos, atrevendo-se até mesmo a condenar como ‘pecadores’ os que não se subordinam a elas, cada uma declara-se como única e verdadeira religião, como única porta de salvação. Como a única representante de Deus aqui na Terra!

Mas quem determina o que é religião e o que é seita? O que é realmente esse aceitar Jesus? Você já aceitou Jesus? Os representantes da Igreja verdadeiramente aceitaram Jesus e são sua porta vós? Jesus os deu riqueza e poder?

Ao longo da História, muitos são os movimentos contra a Religião, fatos que sinalizam que ela pode sim estar a serviço da Organização e do Controle Social. Vemos vários Cismas da Igreja; a secularização da sociedade; o surgimento de novas Religiões; a decretação da morte de Deus, e a afirmação e defesa do ateísmo. Também aqui na América Latina e no Brasil, nos anos 60 surge a Teologia da Libertação com o escopo de lutar contra o controle social, pela emancipação dos povos e o empoderamento da própria vida do homem latino americano. Por outro lado, é fundamental o questionamento sobre: o que está por trás da teologia da libertação? Esse movimento tem interesse político partidário? Busca a libertação ou uma nova forma de controle social? É importante termos a consciência crítica porque, como bem mostra a História, quase todos os fundamentos são alcalinos (limpos e sem máculas) e, seus desdobramentos sempre acabam por tornar-se ácido, contaminado e sujeito aos interesses de poucos. Podemos citar vários exemplos, tais como: Os ideais de Jesus Cristo, a Reforma Protestante, a Revolução Francesa, o pensamento de Paulo Freire, dentre muitos outros...

Ao longo da leitura de Lowy, entende-se que a Teologia da Libertação critica o mundo moderno burguês/industrial porque questiona se o que está havendo é realmente progresso. Se for, o é para quê? Para quem? Mas porque questionar, se vivemos em um mundo ‘melhor’? Será? Lutamos por uma libertação igual à da Lei Aurea? Já nos questionamos o porquê da importância dos Cursos Tecnológicos? Dos cursos profissionalizantes? A crítica que o movimento faz está nas consequências perniciosas e malignas que o progresso econômico e a civilização moderna trazem para os pobres, de modo particular, os da América Latina. Será que no passado nossos avós realmente tinham uma vida infeliz por não terem o desenvolvimento no qual vivemos hoje? Será que eles passavam fome e o povo de sua época precisava mendigar como o povo de hoje? Ou será que os que mendigam são aqueles que não querem nada de responsabilidade para com a própria vida? Mendigam porque Deus quer?

É por conta dessas tristes e horrendas consequências que o movimento afirma que o capitalismo é um sistema injusto, excludente e cruel. Mas, quem são os capitalistas? Como eles chegaram ao poder? Quem são esses homens? Antes do capitalismo a vida do povo e do pobre era “um mar de rosas”? Por fim, podemos acreditar que todas as coisas perpassam pela questão do poder, o individualismo, o egoísmo e o controle social. Portanto, fica a dica de Michael Lowy: O Capitalismo como religião, a fim de entendermos os usos e desusos do poder que nos oprime e aliena às sombras.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; Poética / Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores; v. 2). Disponível em:http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/aristoteles_etica_a_nicomaco_poetica.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.

BERNARDO, Johnny. *A religião é o ópio do povo: uma análise sociológica*. Postado em: 3 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.napec.org/reflexoes-teologicas/a-religiao-e-o-opio-do-povo-uma-analise-sociologica/>. Acesso em: 16 ago de 2018.

BITTAR, Eduardo C.B. & ASSIS DE ALMEIDA, Guilherme. *Curso de filosofia do direito*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai; coord. Trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Desencantamento do tfundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais*. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1979.

BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CAMPBELL, Joseph. *Epílogo: tfito e Sociedade*. In: O herói de mil faces. Cultrix/Pensamentos. São Paulo, 1997. P.192-195.

FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido*. 34 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBBS, Thomas. *Resumo da biografia de Thomas Hobbes*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/thomas_hobbes/. Acesso em: 20 ago de 2018.

HUME, David. *História Natural da Religião*. São Paulo: Editora Unesp, 2005. Original Obras sobre a Religião Natural (Lisboa: Gulbenkian, 2005)

KELSEN, Hans. *Teoria pura do direito*. Tradução de João Baptista Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÖWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. 217 p.

MARX, Karl. *Resumo da biografia de Karl tfarx*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/karl_marx/. Acesso em: 20 ago de 2018.

OLIVEIRA, André Gualtieri de. *Filosofia do direito*. São Paulo: Saraiva, 2012. – (Coleção saberes do direito; 50) I. Direito – Filosofia I. Título. II. Série.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Secularização em tfax Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, nº 37, São Paulo, junho, 1998.

_____. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo, 2003.

PIOVESAN, Flávia. *Direitos humanos e o direito constitucional internacional*. 11 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

RAMOS, Marcelo Maciel. *Direito e religião: reflexões acerca do conteúdo cultural das normas jurídicas*. Meritum – Belo Horizonte – v. 5 – n. 1 – p. 49-76 – jan./jun. 2010.

REALE, Miguel. *Filosofia do direito*. 19. ed. - São Paulo Saraiva, 2002.

SCURO NETO, Pedro. *Sociologia Geral e Jurídica: manual dos cursos de Direito*. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

SILVA, João Bernardino da. SILVA, Lorena Bandeira da. *Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida*. In: Logos & Existência Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial 3 (2), p. 203-215, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Nazo%20e%20Ana/Documents/Ana/Uea/Nov%20pasta/psicologia_religião/apostila/relição%20e%20sentin do%20da%20vida_debate.pdf. Acesso em: 25 ago.2018.

STRECK, Lênio Luiz / MORAIS, José Luis Bolzan. *Ciência Política e Teoria do Estado*. 8ª ed. Livraria Do Advogado, 2013.

WEBER, Max. *A Ciência como Vocação*. Tradutor: Artur Mourão. Lusofilosofia.net. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/weber](http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf)

[_a_ciencia_como_vocacao.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf). Acesso em: 12. Mar. 2018.

ZANGARI, Wellington, MACHADO, Fátima Regina. *Cartilha Virtual Psicologia & Religião: Histórico, subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos*. Inter Psi

- Laboratório de Psicologia Anomalística e processos Psicossociais
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Instituto de
Psicologia - Universidade de São Paulo: (www.usp.br/interpsi),
2008.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. *Secularização ou ressacralização?*
O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da
secularização. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2010, vol.25, n.73, pp.129-
141. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092010000200008>. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ZEPEDA,+JOSE+DE+JESUS+LEGORRETA>. Acesso: 20 ago. 2018.



Espiritualidade nas Aulas de Ensino Religioso em uma Escola Municipal Localizada na Periferia de Manaus: uma Proposta para o Despertamento Existencial do Educando

Ana Cristina Baraúna Guedes

Introdução

Quando a situação for boa, desfrute-a.
Quando a situação for ruim, transforme-a.
Quando a situação não puder ser transformada, transforme-se.
(Viktor Frankl)

Compreendemos que o cenário de desesperança diante da vida, bem como da falta de perspectiva de futuro que faz parte da vivência de muitos estudantes, principalmente os de escolas de periferias, está relacionado ao quadro de infortúnios presentes nesses bairros onde os impasses sociais são frequentes, com altos índices de violência, tráfico de drogas, famílias desestruturadas, dentre outras adversidades. Assim, faz-se necessário criar métodos didáticos que contribuam para o despertar existencial do estudante, de forma que ele se perceba como um ser integral, elevando sua autoestima e a sua responsabilidade diante da sociedade na qual está inserido.

Dessa forma, buscou-se contribuir por meio de propostas com a inclusão da espiritualidade nas aulas de Ensino Religioso, uma vez que ela faz parte da condição humana, contribuindo para a

formação ontológica do ser. Em sua tese de doutoramento, Araújo sugere uma aproximação do que ele chama de teoria da complexidade com a espiritualidade humana e com a educação em geral. Um de seus objetivos na obra é:

(...) verificar as possibilidades de obter uma resposta plausível sobre a identificação do espírito humano, as possibilidades de educar a sua espiritualidade (as expressões do espírito) e, caso isso seja possível, indicar alguns saberes necessários para serem implementados por esta educação. (2005, p. 16)

Paralele, as questões do espírito e da espiritualidade humanos são temas que devem ser discutidos e refletidos em todos os campos do conhecimento, pois as expressões do espírito são parte do ser humano e integram a sua existência.

Considerando o fato de que o papel da escola vai além da formação intelectual do estudante, assim, é fundamental que se considere, também, a condição humana de cada indivíduo que participa da comunidade escolar. Essa visão integral do indivíduo é imprescindível para que a escola crie métodos que auxiliem no desenvolvimento do estudante enquanto um ser espiritual e social, que reconhece sua natureza humana e é capaz de transformar sua realidade.

Segundo Araújo (2005, p. 194),

Não é preciso fazer um exame aprofundado da educação oferecida em nossa sociedade para encontrar uma educação que preteriu a dimensão da espiritualidade. Em razão disso, perdeu a capacidade de trabalhar o ser humano na sua integralidade. Hoje, o máximo que a educação vigente tem conseguido é uma educação instrumental, voltada mais para uma vida na sociedade de consumo.

As propostas apresentadas terão como fundamentos a espiritualidade, como sendo um componente fundamental para o entendimento e construção do ser como um todo. Vale ressaltar que a espiritualidade da qual trataremos não está estritamente

vinculada a uma religião. A concepção de espiritualidade que será abordada diz respeito ao autoconhecimento, à capacidade de perceber-se enquanto “ser-no-mundo” e com a busca por um sentido da vida.

No presente trabalho, apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa; um pouco da trajetória da pesquisadora; a opção pela escolha do objeto de pesquisa; os conceitos de espiritualidade e sentido da vida para autores como Edgar Morin, Viktor Frankl e outros estudiosos do tema; a relevância de se trabalhar a espiritualidade na escola, conforme os autores; os resultados alcançados e as considerações finais.

Metodologia

Conforme Pimenta (2018, p. 14), “a metodologia é um item de extrema importância, pois sintetiza o percurso realizado, descrevendo o método, as abordagens e suas técnicas, além das estratégias de pesquisa”. (grifo da autora)

Portanto, a metodologia é o percurso realizado pelo pesquisador e a descrição das etapas de toda a ação desenvolvida no seu trabalho.

A presente pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois pretende relatar os caminhos percorridos no trabalho de campo, ou seja, na sala de aula; narrar minuciosamente as ações aplicadas no decorrer da pesquisa, como desenvolvimento das práticas empregadas; analisar os dados coletados - questionários, produções textuais, trabalhos artísticos, rodas de conversas; bem como apresentar a concepção de alguns autores sobre espiritualidade, que é o objeto de estudo deste trabalho.

A maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva. O foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, a

desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas dos adolescentes etc. (TRIVIÑOS, 1987, p. 110)

Nosso foco foi identificar, através dos dados levantados, possíveis causas da desesperança e vazio existencial presentes nos alunos e, a partir daí, descrever os fatos que contribuem para essa realidade.

Nesse sentido, optamos por trabalhar com o método fenomenológico. De acordo com Triviños (1987, p. 49), dentre as ideias básicas deste método, diz que:

A fenomenologia ressalta a ideia de “ser o mundo criado pela consciência”. A realidade é construída socialmente. A educação era vista principalmente como agente de socialização; na fenomenologia a própria socialização é considerada como uma relação recíproca.

Esta opção se justifica porque o método escolhido permite compreender, através da observação das atividades pedagógicas aplicadas nas aulas de Ensino Religioso, as possíveis causas do comportamento pessimista dos estudantes e da ausência de um sentido da vida, levando em consideração os dilemas apresentados por eles e a realidade social na qual estão inseridos.

O *contexto* cultural onde se apresentam os fenômenos, permitem através da interpretação deles, estabelecer questionamentos, discussões dos pressupostos e uma busca dos significados da intencionalidade do sujeito frente à realidade. Dessa maneira, o conhecer depende do mundo cultural do sujeito. (TRIVIÑOS, 1987, p. 49)

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois considera a relação entre o aluno e sua realidade social. De acordo com Minayo (2010),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um

espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Dessa forma, nossa pesquisa leva em conta a realidade social dos estudantes, com base nos dados levantados através das práticas trabalhadas em sala de aula. As práticas se deram nas aulas de Ensino Religioso, com alunos do 6º e 7º ano em uma escola localizada em um bairro da periferia de Manaus.

Na observação que se deu a partir de debates, nos quais foram abordados temas como “Sentido da Vida” e “Autoestima”, alguns alunos revelaram-se desesperançados, apresentando baixa autoestima e vazio existencial. Segundo Viktor Frankl (2018, p. 108), “[...] a vida humana tem sentido sempre e em todas as circunstâncias, e que esse infinito significado da existência também abrange sofrimento, morte e aflição”.

Diante desses dados, foram desenvolvidas algumas atividades com o objetivo de identificar possíveis causas desse comportamento. O levantamento desses dados se deu por meio da aplicação de questionários nos quais os estudantes responderam perguntas de cunho pessoal, familiar e social; e através de produção textual com o título “Minha declaração de autoestima”. O objetivo da atividade foi propiciar ao educando uma prática do autoconhecimento onde pudessem refletir e expressar a sua história, sentimentos e olhar para dentro de si mesmos.

Durante a aplicação das práticas foi possível perceber a desesperança e o pessimismo de alguns alunos. No decorrer dos debates, foi perguntado a eles se acreditavam que o mundo poderia melhorar e o que poderiam fazer para contribuir com a construção de um mundo melhor. Sobre esses questionamentos, alguns estudantes disseram não acreditar na melhoria do mundo e que não poderiam fazer nada para contribuir na construção de uma sociedade melhor. A justificativa desse pensamento, segundo eles é que as pessoas são más e não são capazes de mudar, a sociedade é injusta e eles não podem fazer nada para mudar isso, ou seja, o mundo não tinha mais jeito.

Na análise dos questionários (Figura 1), observou-se que a baixa autoestima de certos alunos está relacionada principalmente a questões familiares. Uma das questões foi “meu maior sonho é ...”. Nela muitos alunos responderam que seu maior sonho é que o pai volte para casa. Com essa resposta, ficou claro que uma grande parte dos estudantes têm pais separados.

Complete as frases abaixo:

QUEM SOU EU?

1. Meu nome é ... Minha idade é ...
2. O que mais gosto de fazer é ...
3. A pessoa que mais admiro é ...
4. Em casa, fico triste quando ...
5. Meus maiores defeitos são ...
6. Minhas maiores virtudes são ...
7. Para mim, o mais importante na vida é ...
8. Meu maior sonho é ...
9. Minha lembrança mais feliz foi ...
10. Minha lembrança mais triste foi ...
11. Meu herói favorito é ...
12. Meu maior vilão é ...
13. Meu melhor passeio até hoje foi ...
14. O que mais gosto em mim é ...
15. O que menos gosta em mim é ...
16. O que me deixa você feliz é ...
17. Para mim, ser gente significa ...
18. Se eu tivesse o poder de tornar o mundo melhor, eu faria...

Figura 1: Questionário

Fonte: o autor (2017)

O resultado dos dados aponta a relevância de se trabalhar possíveis atividades nas aulas de Ensino Religioso com turmas do 6º e 7º anos, de forma que possam contribuir para o despertar existencial dos estudantes, a elevação da autoestima e o autoconhecimento, tornando-os aptos a perceberem-se como seres integrais capazes de participar da construção de sua realidade

enquanto seres espirituais inseridos em uma sociedade. Segundo Zangari e Machado (2018, p. 36),

Independentemente da abordagem psicoterapêutica utilizada, o importante é que isso que estamos chamando de espiritualidade se desenvolverá de modo sólido na vida da pessoa atendida, levando-a a *sentir parte de uma rede de significações que propicia uma identidade pessoal, um lugar no mundo e a elevação de sua autoestima.* (grifo dos autores)

Desse modo, pensou-se na inclusão da espiritualidade nas aulas de Ensino Religioso, como um possível meio de promover o despertar existencial do educando, de forma que ele se reconheça como um ser espiritual dotado de potencialidades, que lhes possibilite transformar sua realidade enquanto um ser social.

As atividades trabalhadas em sala de aula se desenvolveram das seguintes formas:

- a) Rodas de conversa com os temas: Felicidade - nos quais foram feitas reflexões acerca do que é a verdadeira felicidade -, Valores Humanos e Ética. Foram trabalhados ainda, a responsabilidade dos jovens diante do mundo e da sociedade na qual estão inseridos; a importância do autoconhecimento e a busca por um sentido da vida. Os debates se deram de forma aberta, com um roteiro de temas onde os alunos puderam expor suas opiniões acerca dos assuntos abordados.
- b) Momentos de introspecção através de exercícios de visualizações e meditações, nos quais foi solicitado que os alunos, sentados em suas carteiras de forma confortável, fechassem os olhos e buscassem se desligar dos colegas ou de qualquer interferência externa e se concentrassem somente na minha voz. Ao fundo, foi colocado um CD com sons da natureza para que os estudantes pudessem se concatenar melhor com o que estava sendo falado. Eles foram instruídos a criarem em suas mentes imagens com paisagens de lugares da natureza e se imaginassem nesses ambientes. A intenção era fazer com que eles relaxassem e

percebessem mais seu lado interior, se desligando naquele momento do ambiente externo e ficando mais tranquilos e concentrados.

- c) Leitura e análise de textos com temáticas que despertam a reflexão quanto aos valores morais, o sentido da vida e a autoestima (Figura 2). Para essas atividades, foram selecionados alguns textos que abordam essas temáticas, com linguagens acessíveis à idade e série de cada turma, e que pudessem despertar a atenção e o interesse pelo conteúdo. Assim, após a leitura dos textos, foram realizados debates incitando a participação dos alunos.



Figura 2: Leitura de textos reflexivos
Fonte: o autor (2017)

- d) Produção de textos com o tema “Minha declaração de autoestima”, onde os alunos puderam relatar seus dilemas e sentimentos. Nessa atividade, depois de ter abordado o tema “autoestima”, foi solicitado que os alunos escrevessem uma carta na qual falassem quem eram, do que

gostavam e do que não gostavam, o que mais os deixavam tristes e o que os deixavam felizes, quais as pessoas que mais admiravam e por quê, quais suas lembranças boas e ruins, quais eram suas virtudes, quais seus maiores sonhos e etc. Posteriormente, aqueles que quiseram, leram para a classe a sua carta enquanto que os demais ouviram com atenção e respeito.

- e) Momentos de reflexão a partir de textos que promovam o senso crítico do aluno de forma que ele perceba a influência social e cultural, que muitas vezes limitam o seu olhar sobre suas potencialidades, necessidades e propósitos. A intenção foi estimular momentos de reflexões e da busca do autoconhecimento, fazendo com que o aluno reconheça sua natureza espiritual, percebendo-se como um ser integral, elevando assim sua autoestima e tendo consciência de sua natureza humana e de sua responsabilidade diante da sociedade na qual está inserido.

Vale ressaltar que a espiritualidade da qual foi trabalhada não está estritamente vinculada a uma religião. A concepção de espiritualidade abordada diz respeito ao autoconhecimento, à capacidade de perceber-se enquanto “ser-no-mundo” e com a busca por um sentido da vida. Como diz Pinto (2009, p. 71)

a espiritualidade está especialmente presente na possibilidade da hierarquização dos valores, nas decisões, na reflexão profunda sobre a existência e, fundamentalmente, na possibilidade – eu diria até na *necessidade* – que tem o ser humano de tecer um sentido para a sua vida, de ter um bom motivo para continuar vivendo. Por isso é que eu afirmei, [...] que a espiritualidade tem lugar na estrutura da personalidade humana.

Além dos procedimentos empregados, buscou-se a bibliografia de leituras que tratam da temática trabalhada, por meio de obras publicadas em livros, artigos, monografias, teses e revistas da Internet.

A análise dos resultados se deu através da identificação das possíveis causas da desesperança em relação ao futuro e do vazio existencial presentes nos estudantes, e das potencialidades e limites das práticas envolvendo a espiritualidade como possíveis métodos didáticos que promovam o despertar existencial desses educandos.

A preocupação com as questões existenciais e com a busca por um sentido da vida, frequentemente esteve presente na trajetória de vida desta pesquisadora, o que impulsionou a escolha do objeto de pesquisa e o andamento da mesma.

Caminhos que trilhei

Minha inserção na educação inicia com minhas prematuras “angústias existenciais”. Fui uma adolescente curiosa e desconfiada, talvez um pouco cética, pois tinha dificuldade em assimilar e aceitar certas “verdades” que para mim pareciam incoerentes e sem sentido. Os enigmas religiosos sempre me intrigaram. Questões como “quem sou eu”, “de onde vim” e “para onde vou” passaram a fazer parte dos meus questionamentos. Segundo Viktor Frankl (2018), em seu livro *Em busca de sentido*, a angústia existencial em si mesma não é patológica nem patogênica. Ele diz que essa tensão interior, causada pela busca de sentido, é inerente ao ser humano e por isso indispensável ao bem-estar mental.

Diante das minhas incontáveis dúvidas e buscas existenciais, resolvi fazer faculdade de Filosofia, primeiro porque me sentia atraída por essa área e - talvez inconscientemente - acreditava que iria encontrar as respostas para as minhas indagações. O curso não me trouxe as respostas esperadas, ao contrário, alimentou ainda mais minhas inquietudes. Os quatro anos que passei na UFAM foram significativos para minha formação profissional. Lá tive a oportunidade de experimentar “vários óculos”, ou seja, conhecer as teorias de diversos pensadores, com suas variadas formas de

compreensão do mundo e do ser. E dentre as correntes de pensamentos que me foram apresentadas, o existencialismo foi o que mais me fascinou.

Assim que terminei a faculdade, fui aprovada no concurso da SEMED-Secretaria Municipal de Educação para a disciplina de Ensino Religioso. Minha falta de conhecimentos específicos na área me fez buscar, através de pesquisas e diversas leituras, os saberes e competências necessários para que eu pudesse desempenhar minha profissão com excelência. No decorrer dos treze anos atuando como professora de Ensino Religioso, convivi com a responsabilidade de ter que recorrer às pesquisas e produções de materiais com o compromisso de cumprir com as exigências das diretrizes e objetivos da disciplina que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, diz que

[...] o Ensino Religioso é um conhecimento humano e, enquanto tal, deve estar disponível à sociabilização, os conteúdos do Ensino Religioso não servem de proselitismo, mas proporcionam o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso. Com estes pressupostos, o tratamento didático dos conteúdos realiza-se em nível de análise e conhecimento, na pluralidade cultural da sala de aula, salvaguardando-se assim a liberdade de expressão religiosa do educando. (BRASIL, 2012, p. 57)

Apesar de encontrar em minhas pesquisas, materiais e saberes que me proporcionaram trabalhar na sala de aula práticas desprovidas de proselitismo, que valorizasse todas as formas de crer e que também despertasse no aluno a busca da sua essência de ser humano, senti necessidade de adquirir conhecimentos mais específicos. Dessa forma, não perdi tempo quando surgiu a oportunidade de participar da primeira turma de Ciências da Religião oferecida pelo PARFOR – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, que é:

uma ação da Capes que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para profissionais do magistério que estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula. (BRASIL, 2018, s/p)

As aulas no curso de Ciências da Religião foram fundamentais para as minhas práticas na escola, pois tive a satisfação de desfrutar da sabedoria de professores de excelência que me proporcionaram um novo olhar sobre o fenômeno religioso e me mostraram os caminhos para que me tornasse uma profissional melhor e mais consciente da importância e do valor do meu ofício.

Vale ressaltar que o curso, por ser na modalidade PARFOR, funciona nos períodos de recesso escolar, com duração de quatro anos. Dessa forma, foram quatro incansáveis anos sem férias e sem finais de semana, de madrugadas lendo e produzindo trabalhos que, quase sempre tínhamos que apresentar em tempo recorde, mas que valeram muito a pena.

Durante esse tempo, tive muitos momentos marcantes, mas as experiências mais significativas em minha trajetória acadêmica foram as pesquisas de campo. Nesses trabalhos, tive a oportunidade de experimentar o fenômeno religioso em diferentes contextos, o que muito me enriqueceu não só como acadêmica e professora de Ensino Religioso, mas principalmente como pessoa.

Essa “bagagem” que carrego, influenciou minhas práticas educativas, me fez olhar meus alunos sob uma ótica mais holística percebendo suas angústias, desesperanças e vazios existenciais, e sobretudo, me fez buscar conhecer a mim mesma. Foi esse olhar mais sensível que me proporcionou trilhar o caminho que levou a refletir sobre a inclusão de alguns métodos didáticos nas minhas aulas de Ensino Religioso e que culminou na produção deste artigo.

Na observação em sala de aula, através de debates com turmas dos 6º aos 9º anos, percebi em alguns alunos a presença de

desesperança diante da vida e de vazio existencial. Com base nisso, procurei identificar as possíveis causas que levam esses estudantes a terem esse tipo de comportamento. Para isso, utilizei alguns métodos didáticos, dentre eles: rodas de conversa, produções textuais e questionários.

Dentre as atividades aplicadas, perguntei sobre seus sonhos, ideais, o que consideravam mais importantes em suas vidas, seus momentos mais felizes e os mais tristes, o que almejavam para o futuro, e outras questões peculiares e de cunho social.

Quando perguntados sobre seus sonhos e ideais alguns alunos mostraram não ter perspectivas de futuro. Descobri que muitos possuem pais separados ou moram com tios, avós ou outros parentes; alguns têm familiares presos ou alguém da família envolvido com tráfico de drogas. Vale destacar que a escola em que trabalho e que utilizei como meu campo de pesquisa, está localizada em um bairro da periferia de Manaus (AM) e, assim como muitos bairros de periferia, grande parte dos alunos pertence às famílias desestruturadas e possuem uma situação econômica precária, o que pode favorecer o envolvimento com tráfico de drogas e de outras adversidades frequentes nessas comunidades.

Acredito que o contexto social em que vivem esses estudantes, pode contribuir para o quadro de desesperança, baixa autoestima e vazio existencial presentes em alguns deles. Diante disso, me fiz o seguinte questionamento: Qual a contribuição da espiritualidade desenvolvida nas aulas de Ensino Religioso para o despertar existencial dos estudantes?

Para chegarmos a um entendimento sobre como se daria essa contribuição e de que espiritualidade estamos tratando, faz-se necessário a apresentação de alguns conceitos relevantes.

Espiritualidade e religiosidade

Antes de falar sobre a espiritualidade, é fundamental apresentar o sentido de religiosidade em razão das confusões que

envolvem esses dois termos. Luciana Marques, em seu artigo *O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva*, diz que

a espiritualidade e a religiosidade possuem uma sobreposição inevitável, pois ambas se referem a experiências, sentimentos e inclinações muito próximo. Ambas envolvem a busca pela transcendência, o interesse pelo sagrado, a fé, etc. E podem ser cultivadas tanto de forma individual quanto coletiva, nas instituições religiosas ou fora delas. (2011, p. 139)

Segundo Zangari e Machado (2018), a religiosidade é a forma como cada pessoa vivencia a sua religião, e essa vivência é diferente para cada sujeito. A espiritualidade, entretanto, é algo que está relacionado ao sentido que percebemos ou que damos à vida, e que pode ou não estar relacionada à nossa religiosidade. Se a pessoa confere à vida um sentido que está ligado às práticas e rituais de uma religião em vivência religiosa, temos aí a religiosidade. Dessa forma, compreendemos que existem espiritualidades não religiosas e espiritualidades religiosas.

De acordo com Pinto (2009), a espiritualidade não necessariamente tem relação com a religião e, diferente da religiosidade, não requer nenhuma ligação com o transcendente. Para ele, a espiritualidade tem a ver com a possibilidade de mergulharmos em nós mesmos. Ela é ainda “(...) a construção, ou descoberta de significado no meio de relacionamentos, ou interações entre a pessoa, o outro e o mundo.” (FARRIS, 2005 apud PINTO, 2009, p. 73).

Para Silva, J e Silva, L (2014), há um grau hierárquico que diferencia espiritualidade e religião. A espiritualidade seria uma vivência nata do homem, enquanto que a religião seria uma instituição humana. A espiritualidade é o dom maior do homem e sempre esteve presente nele, enquanto que a religião é bem mais jovem. Dessa forma a espiritualidade seria a porta de entrada das religiões.

Na *Cartilha Virtual Psicologia & Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos*, os autores apresentam a ação da religiosidade e da espiritualidade na saúde mental. Eles colocam que

A Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a conceber a religiosidade (entendida como o modo pessoal de realização de práticas relacionadas a sistemas religiosos) e a espiritualidade (compreendida como “aquilo que dá sentido à vida”) *como fatores importantes para a saúde mental* a partir da avaliação de qualidade de vida por meio de um instrumento que incluiu as dimensões da espiritualidade e da religiosidade, o WHOQOL-100 (Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida). (ZANGARI; MACHADO, 2018, p. 21, grifo dos autores)

Entretanto, é importante ressaltar que a religiosidade nem sempre é benéfica, ou seja, dependendo de como a pessoa vive sua religiosidade, ela pode ser positiva ou não. Pinto (2009) diz que ela pode diminuir a percepção pessoal de liberdade, gerar uma crença de desvalorize o cuidado pessoal, pode evitar a ansiedade impedindo o enfrentamento autêntico das possibilidades humanas e pode ser ainda fonte de alienação, de fuga espiritual e de superficialidade existencial. De acordo com a forma como ela é vivenciada, a religiosidade pode sufocar a espiritualidade, criando idólatras e fanáticos religiosos. Sendo assim, a relação entre a espiritualidade e a religiosidade, nem sempre se dá de forma harmoniosa.

Silva, J e Silva, L (2001 apud SAAD; MASIERO; BATTISTELA, 2014) diferenciam o significado de religião e espiritualidade, definindo a espiritualidade como sendo

um sistema de crenças que engloba elementos subjetivos, que transmitem vitalidade e significado a eventos da vida; está inserida na humanidade desde antes da sua criação e, pode mobilizar energias e iniciativas extremamente positivas e potenciais na busca de um sentido, influenciando na qualidade de vida. Uma das formas de prática da espiritualidade está na religião, embora não seja a única. (p. 208)

Estes autores apresentam a espiritualidade como sendo “ampla e pessoal, (...) voltada para um conjunto de valores íntimos, como completude interior, harmonia, relações interpessoais, estímulos aos interesses mútuos que dão sentido à vida” (p.209).

Marques (2014) retrata em seu artigo *O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva*, diversos conceitos de espiritualidade e religiosidade, e ressalta a importância de se considerar, quando se estuda a espiritualidade e a religiosidade, o risco de aplicar conceitos de forma indiscriminada em diferentes culturas, faixas etárias e situações de vida.

Diante das concepções levantadas, entendo que a espiritualidade é individual, pode estar ou não ligada a algo transcendente ou sagrado e está relacionada à valores e significados; é o que dá sentido à vida, aquilo que define a existência humana e que nos faz perceber que fazemos parte de algo maior. Ela pode se desenvolver em comunidade, por meio de uma religião ou individualmente.

A busca por um sentido da vida

O sentido da vida está presente nas indagações filosóficas e religiosas no que se refere à existência do homem, seus propósitos, significados e sua relação com o mundo. No decorrer da história, vários filósofos e religiosos apresentaram respostas sobre questões relacionadas ao sentido existencial. No entanto, essas diferentes respostas muitas vezes não bastaram para preencher as lacunas provocadas pelo vazio existencial. O vazio existencial e o sofrimento que muitos experimentam é causado pela falta de sentido.

Segundo o psiquiatra Viktor Frankl, a busca de um sentido pessoal é uma característica constitutiva do ser humano e independe de religiões, instituições ou algo ligado a um

transcendente. O ser humano pode encontrar sentido em algo não religioso. É uma busca pessoal e individual.

A busca pelo sentido da vida, na concepção de Frankl, também tem uma relação importante com os valores do sujeito, sendo a partir deles que o sujeito direciona sua vontade de sentido numa busca por momentos de significação. Frankl categoriza tais valores em criativos, vivenciais e atitudinais. Para a Logoterapia a vivência dos valores é importante para a plena expressão da dimensão noética, evidenciando, assim, a relação entre valores e a espiritualidade. (SILVA, 2014, p. 211)

O psiquiatra Viktor Frankl, sobrevivente dos campos de concentração, testemunhou cenas terríveis e percebeu que os prisioneiros que encontravam um sentido em suas vidas tinham mais chances de sobreviver devido a sua capacidade de superar neuroses. A partir dessa experiência ele criou um método terapêutico que denominou de Logoterapia, que é a terapia que se dá através da busca por um sentido da vida. Cuidar do sentido seria a maior força motivadora no homem. Ele diz que

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma "racionalização secundária" de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. (FRANKL, 2018, p. 124-125)

De acordo com Silva, J e Silva, L (2013, apud AQUINO, 2014), a Logoterapia surge a partir de uma proposta fenomenológica existencial de psicoterapia e tem como principal foco a busca por um sentido da vida, a liberdade, responsabilidade e valores, por serem fenômenos autênticos e específicos do ser humano, resultados da sede do indivíduo por uma vida de significados.

A terapia de Frankl procura auxiliar o indivíduo a buscar um sentido para sua vida. Ele diz que "(...) nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores

condições, como saber que a vida da gente tem um sentido” (2018, p. 129).

Diferente da terapia utilizada por Freud, Jung e outros psicoterapeutas, a Logoterapia busca criar no paciente uma consciência plena da própria responsabilidade, sem impor julgamentos de valores, pois jamais permitirá que o paciente transfira ao médico a responsabilidade de ajudar. Dessa forma, o próprio paciente é quem decide se deve interpretar a tarefa de sua vida como alguém responsável ante a sociedade ou ante sua própria consciência.

Para Viktor, o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou na sua psique. Ele chama esta característica de “a auto transcendência da existência humana”. Na auto transcendência o ser humano sempre se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo. Assim, “quanto mais a pessoa esquecer-se de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa -, mais humana será e mais se realizará” (2018, p. 135).

De acordo com a Logoterapia, o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir e esse sentido pode ser descoberto de três formas diferentes: a) criando um trabalho ou praticando um ato; b) experimentando algo ou encontrando alguém; e pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.

Sendo assim, para encarar a vida de maneira positiva é preciso que tenhamos consciência de que o ser humano é um ser espiritual - com ou sem religião - que busca um sentido para sua vida, sendo capaz de encontrá-lo por ele mesmo, através de sua vontade de sentido.

A espiritualidade como um caminho de transformação do ser

Martins et al. (2008), no artigo *A espiritualidade presente na complexidade da condição humana: estudo teórico sobre o lugar da*

espiritualidade na relação pedagógica, cita Morin que defende a espiritualidade como sendo um caminho para a transformação do ser. Em outro momento de seu artigo, a autora coloca que,

O pensamento de Morin, embora sobre outro aspecto, confirma a importância da espiritualidade no processo de formação do indivíduo e a complexidade que envolve esse processo que exige uma mudança de paradigmas em todos os âmbitos, principalmente no paradigma educacional. (2008, p. 43)

Em seu trabalho, Martins se dispõe a responder à questão: qual a importância de se considerar a espiritualidade na relação pedagógica em sala de aula? Dessa forma, utiliza a noção de complexidade da condição humana distinguindo religiosidade e espiritualidade, considerando a prática da educação como um meio de constituição do ser humano.

Segundo ele, o pensamento de Morin confirma a importância da espiritualidade no processo de formação do indivíduo e a complexidade que envolve esse processo exige mudança de paradigmas, principalmente na educação.

O professor deve entender o educando em sua totalidade, refletindo sobre quais conteúdos serão necessários para contribuir com a formação e transformação dos alunos.

A educação mundial está em crise, clama por transformações e, conseqüentemente, por mudanças de paradigmas. E, nesse sentido, a busca de novos caminhos para uma outra compreensão de mundo envolve a educação em todos os níveis e em todas as idades. O desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro." Tal processo apresenta-se como um grande desafio para o educador, porém necessário e possível. (MORIN, 2003 apud Martins et al. 2008, p. 45)

Segundo Pinto (2009), o campo do estudo da personalidade trata, fundamentalmente da pessoa como um todo e das diferenças individuais. Dessa forma, procura compreender o comportamento

humano nas mais diversas formas de interação e em seus diversos aspectos.

entre os aspectos que fazem parte da estrutura da personalidade humana estão a sexualidade, as disposições genéticas, a possibilidade da emoção, do sentimento e do senso de identidade, a possibilidade da reflexão profunda sobre si, sobre a existência e sobre o mundo, a possibilidade da hierarquização dos valores. [...] a espiritualidade está presente na possibilidade da hierarquização dos valores, nas decisões, na reflexão profunda sobre a existência e na possibilidade que tem o ser humano de tecer um sentido para sua vida, de ter um bom motivo para continuar vivendo. Assim sendo, a espiritualidade tem lugar na estrutura da personalidade humana. (PINTO, 2009, p. 70 - 71)

Edgar Morin (2011), em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, coloca o homem como um ser complexo e multidimensional, sendo ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. Do qual, a sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa. Dessa forma, “O conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras” (p. 38).

Para Morin, a educação do futuro deve ser centrada na condição humana. O ser humano deve ser situado no universo e não separado dele. Assim, “todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. ‘Quem somos?’ é inseparável de ‘Onde estamos?’, ‘De onde viemos?’, ‘Para onde vamos?’ interrogar a condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo” (p. 47).

Diante do que foi colocado, e considerando que o ser humano é um ser complexo e conseqüentemente a educação deve abranger o seu caráter multidimensional, é fundamental que o professor busque métodos para o desenvolvimento do educando, levando em consideração sua condição de ser integral. Dessa forma, a espiritualidade pode contribuir para o despertar existencial

do aluno, uma vez que as expressões do espírito são parte do ser humano e integram a sua existência.

Resultados

Com base nos dados levantados através das práticas metodológicas realizadas nas aulas de Ensino Religioso com alunos do 6º e 7º anos, de uma escola municipal localizada em um bairro da periferia de Manaus (AM), chegamos aos seguintes resultados:

I. Possíveis causas da desesperança em relação ao futuro e do vazio existencial presentes nos estudantes:

Nas rodas de conversas, os alunos foram estimulados a participar e a se expressar expondo um pouco de sua história e seus conflitos. Alguns deles se sentiram confortáveis em se expor, enquanto outros não quiseram falar, tendo sua vontade respeitada.

Em uma das rodas de conversas cujo tema era “o sentido da vida”, foram colocados os seguintes questionamentos: a) Você acha que existe algum propósito na vida? b) Viver faz realmente algum sentido? c) O sentido de nossa vida é diferente do de outros seres vivos? Por quê? d) Você acha que todas as pessoas se preocupam com o sentido de sua vida? Você se preocupa? Sobre essas questões, alguns alunos não souberam o que responder, outros afirmaram nunca terem pensado sobre tais questões.

Em outra roda de conversa com o tema “Felicidade”, vimos que muitos estudantes associam a felicidade ao bem estar físico e à aquisição de bens materiais.

Quanto aos questionários, com o título “Quem sou eu”, foram apresentadas algumas frases nas quais os alunos tinham que completá-las. Enfatizamos que as respostas ficariam em sigilo, assim eles poderiam ficar à vontade para respondê-las. Na análise

das respostas, percebemos que uma grande parte dos alunos possui pais separados ou moram com outros familiares.

Através dos questionários descobrimos que muitos alunos pertencem à famílias desestruturadas; moram com avós, tios ou outros parentes; possuem pai ou algum parente preso ou envolvidos com o tráfico de drogas; vivem em situação econômica precária, o que pode favorecer o envolvimento com o tráfico de drogas onde alguns estudantes são aliciados a se tornarem “aviões”.

Assim, compreendemos que o ambiente familiar, a realidade social e as adversidades que fazem parte da vivência de muitos estudantes dessa escola, contribuem para o quadro de desesperança, baixa autoestima e vazio existencial no qual muitos são acometidos.

II. Potencialidades e limites das práticas envolvendo a espiritualidade como possíveis métodos didáticos que promovam o despertar existencial do educando:

Sobre a inclusão da espiritualidade na escola, Rocha (2004) coloca que, ela deve permear todo o currículo escolar e a sua implementação irá depender da capacidade do professor de vivê-la em seu trabalho.

De acordo como os Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso, um dos objetivos da disciplina é “subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informado” (BRASIL, 2009).

Assim, compreendemos que as práticas envolvendo a espiritualidade nas aulas de Ensino Religioso, contribuem para promover o despertar existencial do estudante, de forma que ele reconheça sua natureza humana e desenvolva o seu potencial transformador. De acordo com Pinto (2009, p. 72) “a espiritualidade significa a possibilidade de uma pessoa mergulhar

em si mesma”; e “o termo ‘espiritualidade’ designa toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com outros homens” (GIOVANETTI, 2005 apud PINTO, 2009, p. 73).

Dessa forma, para que as práticas envolvendo a espiritualidade sejam trabalhadas de forma proveitosa e satisfatória, é imprescindível que o professor tenha sensibilidade de perceber o aluno como um ser espiritual, percebendo-se como um ser integral, capaz de construir sua realidade.

A relevância deste trabalho se dá, uma vez que o componente “espiritualidade” está presente na Proposta Curricular de Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Município (MANAUS, 2015) e tem, dentre seus objetivos: Tomar consciência da responsabilidade de cada um como sujeito transformador com papel de ação estratégica na construção do seu ser pessoa humana e do mundo em que vive; Analisar o papel do homem enquanto ser espiritual.

Considerações finais

Considerando que dentre os objetivos do Ensino Religioso, de acordo com o PCNER-FONAPER (2009), é possibilitar ao educando tomar consciência de sua responsabilidade como sujeito transformador, na construção do seu ser pessoa humana e do mundo em que vive; analisar o papel do homem enquanto ser espiritual; e perceber a importância da educação religiosa enquanto ponte de crescimento do ser humano, faz-se necessário criar métodos que atinjam esses fins.

Assim, as atividades didáticas desenvolvidas proporcionaram entendimento pedagógico sobre a inclusão da Espiritualidade nas aulas de Ensino Religioso, visaram promover o despertar existencial do estudante, desenvolvendo seu autoconhecimento e demonstrando o censo de respeito na sua relação com o outro e com meio em que vive.

Compreendemos que, para modificar aprendizagens e velhas formas de ensinar que possibilitam mudança de comportamento na sala de aula, é necessária mudança de atitudes, inovação e ousadia em qualquer campo do conhecimento, saindo do tradicionalismo para a modernidade de saberes. Deste modo, a aprendizagem é necessária ao coletivo e ao individual, assim há uma preocupação maior com o que foi aprendido para que não seja apenas gravado, mas, incorporado ao seu “eu”, ao seu “ser” e ao seu “agir”.

Neste sentido, entendemos que a inclusão da Espiritualidade nas aulas de Ensino Religioso, da forma como foram trabalhadas no decorrer nesta pesquisa, podem contribuir para o despertar existencial do aluno, principalmente os de escolas de periferias onde os impasses sociais são mais presentes. Outrossim, proporciona ao estudante a descoberta sobre suas potencialidades como parte integrante do aprendizado, bem como permite reflexões de sua capacidade de participar da construção de sua realidade enquanto ser-no-mundo. Acreditamos que os métodos didáticos aplicados nos trabalhos de campo (sala de aula) e apresentados neste artigo, podem ser utilizados pelos docentes que pretendem resgatar aquilo que seus alunos têm de melhor, de fazer com que ele se perceba como ser integral e descubra o seu potencial transformador.

Referências

- BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Ensino Religioso. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.
- FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 43.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.
- MANAUS, PROPOSTA CURRICULAR DE ENSINO RELIGIOSO 6º ao 9º ano. SEMED, 2015.

MARQUES, Luciana Fernandes. O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. *Psicodebate*. Up Universidad de Palermo. Psicologia, Cultura y Sociedad. V. 10. Diciembre 2010 - Noviembre 2011.

MARTINS, M. A. S et al. *A espiritualidade presente na complexidade da condição humana: estudo teórico sobre o lugar da espiritualidade na relação pedagógica*. *Janus*, v. 3, n. 4, out. 2008. Disponível em: <http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/view/Article/35>. Acesso em: 20mar. 2018.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PIMENTA, Neylanne A de A. *Pesquisa e a prática pedagógica: manual didático*. Manaus: UEA, 2018.

PINTO, Ênio Brito. *Espiritualidade e religiosidade: articulações*. *Revista de estudos da religião*. São Paulo, pp. 68-83, dez. 2009.

ROCHA, Lange de Souza. *O resgate da espiritualidade na educação: reflexões a partir de uma perspectiva holística*. Universidade Tuiuti do Paraná, 2004.

SILVA, J. B et al. *Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida*. *Logos & existência*. *Revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial* 3 (2), 203-215, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silvam. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANGARI, Wellington, MACHADO, Fatima Regina. *Cartilha Virtual Psicologia & Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Tfanajo, Ética Profissional e Direitos Humanos*. Inter Psi - Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais Departamento de Psicologia Social e do Trabalho Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo: www.usp.br/interpsi, 2018.



Ensino Religioso e a Metodologia do Ensino: Críticas, Caminhos e Possibilidades

Antônio Delfino Lima

Introdução

O presente artigo se propôs analisar as metodologias adotadas na disciplina Ensino Religioso, seus processos, contradições e possibilidades em uma das escolas da rede pública municipal de Manaus, verificou-se os métodos didáticos adotados pelos professores ao ministrarem os conteúdos, discutiu-se as particularidades e especificidades dessa área de conhecimento, além de sugerir mecanismos pedagógicos possíveis para realização de uma aula mais atrativa.

Durante as observações realizadas nas salas de aula, ainda no período de estágio supervisionado, observamos que as didáticas de ensino aplicado nessa disciplina, desconsidera sinais transcendentais e as dimensões “físico-anímico-espiritual” do aluno; e não há por parte de quem ministra os conteúdos preocupações no aspecto de observar que há particularidades e especificidades próprias para abordar o fenômeno religioso em sala de aula.

Diante disso, algumas questões nos inquietaram e nortearam nosso trabalho, a saber: Quais metodologias são adotadas no processo de ensino-aprendizagem do Ensino Religioso? A inexistência de uma metodologia que valorize sinais transcendentais do educando é determinante no processo ensino-

¹ Segundo Ruldof Stainer é a unidade harmônica que constitui o homem.

aprendizagem do Ensino Religioso? Que outra metodologia pode ser adotada para o Ensino Religioso? E o que é método? Exaustivamente buscamos entender e responder a cada uma delas. Nossa pesquisa indicou que seguramente nas escolas das redes públicas de ensino, os professores trabalham os conteúdos do Ensino Religioso, com metodologias semelhantes as demais disciplinas do currículo. Porém, essa disciplina, necessita, ou melhor, exige, algo a mais que as outras. Com os dados coletados foi possível constatar que não há êxitos no componente curricular aplicado caso não ocorra a valorização e compreensão do fenômeno religioso, isto é, entender criticamente a dimensão de transcendência² que permeia as culturas em todos os tempos. Esse fenômeno é o objeto de estudo dessa disciplina e ele está no ambiente da sala de aula trazido por cada um ali presente. Tanto o educador como o educando possuem habilidades e elementos transcendentais que ultrapassam os limites cognitivos e precisam ser trabalhados e compreendidos.

Para isso, se fez necessário tomar consciência de que Numinoso³ é um canal dimensional por onde o sagrado pode se manifestar tanto no campo racional como no irracional. Diante desse aspecto a pedagogia como ciência que trata da educação, entre elas a dos jovens e adultos estudando os problemas relacionados com o seu desenvolvimento como um todo, com vistas a formação integral do ser humano, se mostra necessário na prática pedagógica, também torna-se imprescindível a clareza conceitual de que o Ensino Religioso é a disciplina que tem como objeto de estudo o transcendente presente em todas as culturas. Dessa forma obtivemos elementos teóricos sólidos que apresentaram pontos e contrapontos relacionados entre o

² Filosofia platônica - a transcendência está ligada à realidade imaterial, de uma natureza metafísica.

³ Qualidade do que é transcendente, divino – segundo o Teólogo Rudolf Otto na obra “O SAGRADO”.

Numinoso, Pedagogia e Ensino Religioso que formam diretrizes que podem orientar a organização da metodológica diferenciada.

Como pesquisa qualitativa com base em uma investigação participante, o campo de atuação e observação foi uma escola municipal de ensino fundamental do Distrito Educacional Norte, turma de educação de jovens adultos (EJA), pelo fato dos alunos serem adultos precisávamos entender os motivos das evasões e baixos rendimentos dos educandos. Entre os envolvidos na pesquisa tivemos doze alunos e um professor da quarta e quinta fase do EJA no turno noturno, durante um período de seis meses.

Metodologicamente pautamos os trabalhos por uma abordagem dialética, pois conforme afirma (MONTEIRO, 2003) ela é empregada em pesquisa qualitativa e considera que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social. Para ele, dialética é a arte de dialogar, de argumentar e contra argumentar em relação a assuntos que não podem ser demonstrados; portanto ela restringe-se a emissão de opiniões e nesse aspecto atende às necessidades dessa pesquisa. Utilizamos instrumentos tais como questionários que incluiu perguntas de cunho pessoal objetiva e de cunho cognitivo subjetivo; entrevistas individualizadas com educador e com o educando, visto que ela é importante como técnica de coleta de dados.

Cabe ressaltar que a pesquisa foi de cunho qualitativa, os entrevistados estavam livres para apontar os seus pontos de vista sobre assuntos relacionados com o nosso objeto de estudo. Realizou-se também Pesquisas bibliográficas pois elas nos deram importantes suportes teóricos, são obras de experientes pesquisadores que já desenvolveram trabalho nessa e em outras áreas de conhecimentos, analisamos os dados colhidos por esses instrumentos e logo em seguida interpretamos buscando a compreensão deles com os fatos observados em sala de aula. Para compreensão do trabalho foi necessário organizar em tópicos e subtópicos, obedecendo a seguinte sequência: 1. Identificando as metodologias adotadas no Ensino Religioso; 2. Discutindo as

particularidades e especificidades da disciplina Ensino Religioso; 3 Um olhar sobre a pedagogia Waldorf e as metodologias possíveis para o Ensino Religioso; 3.1 As escolas da Pedagogia Waldorf; 3.2 Práticas metodológicas bem-sucedidas no Ensino Religioso da rede municipal de Manaus e Considerações finais.

Os resultados apontam prováveis causas do desinteresse dos alunos pela disciplina, além de identificar a falta de formação específica dos educadores para essa área de conhecimento. Sugere uma didática própria para trabalhar a disciplina Ensino Religiosa, propondo o “Método da Numinosidade” em acordo com a Pedagogia Waldorf de Rudolf Steiner.

Identificando as metodologias adotadas no ensino religioso

Nossas observações em sala de aula, no primeiro momento nos fez refletir a respeito das práticas docentes do professor de Ensino Religioso. Consequentemente refletimos sobre as metodologias de ensino adotadas por esse educador. Marinilson Silva (2010), em sua obra “Busca do Significado do Ser Professor do Ensino Religioso” nos confronta com a dura realidade vivenciada por nós enquanto pesquisador e espectador de algumas aulas durante a pesquisa. Ele Presume que seja necessário que o professor “tenha plena consciência de sua individualização é um encontrar-se consigo mesmo na direção da alteridade”. Com efeito, é uma forma de dar um novo significado a sua própria práxis em relação ao Ensino Religioso (SILVA, 2010, p.65).

Não por acaso as metodologias para aplicação de conteúdo dessa área de conhecimento se assemelha as práticas das demais disciplinas: textos lidos, poucas reflexões a respeito, escritas copiadas no quadro, exercícios de perguntas e respostas no caderno para serem respondido em casa e corrigido em outra oportunidade quando houver aula, visto que a disciplina Ensino Religioso contempla apenas uma aula por semana. Isso significa que os métodos aplicados desconsideram sinais transcendentais e as

dimensões “físico-anímico-espiritual” do aluno. A didática exige do educador que ministra essa área de conhecimento extrema maestria para conduzir suas aulas com êxitos que se espera. Todavia nossas observações nos revelaram um quadro preocupante ao inverso do desejado.

Cabe ressaltar que o compromisso e identificação com a área de conhecimento é determinante, assevera Lima (2008), para que o professor consiga aderir a essa identidade pedagógica é preciso haver uma assimilação de seu saber e seu fazer e que a sua prática seja “aquela que consegue ir além das necessidades imediatas do dia-a-dia para alcançar às práxis – prática pensada e refletida” (p.136).

A partir da realidade observada, paira uma preocupação sobre as escolas da rede pública de ensino. É possível que os professores de uma maneira geral estejam trabalhando os conteúdos do Ensino Religioso, sem se aterem as particularidades dela, sem adotarem as técnicas metodologias adequadas. Porém, essa disciplina, necessita, ou melhor, exige, algo a mais que as outras. Não é possível alcançar êxitos desejáveis nesse componente curricular se não houver um esforço para evidenciar, valorizar e entender o fenômeno religioso, isto é, entender a dimensão de transcendência que permeia as culturas em todos os tempos.

Esse fenômeno é o objeto de estudo dessa disciplina e ele está no ambiente da sala de aula trazido por cada um ali presente. Tanto o educador como o educando possuem habilidades e elementos transcendentais que ultrapassam os limites cognitivos e precisam ser trabalhados e compreendidos. Rudolf Steiner (2003), afirma que “Existe uma premissa no ensino que é formar seres humanos. Antes de querer formar alunos que tiram notas altas. É isso que está por trás do conceito educação para a liberdade”. No entanto, pela realidade que temos a disciplina em estudo certamente caminha no sentido inverso ao de formar homens e mulheres livres. Outro problema chega recentemente nesse ano 2018, advindo das decisões do Supremo Tribunal

Federal, legaliza o que era bastante recorrente nas escolas, o Ensino Religioso na perspectiva confessional. É oportuno observar que muitas vezes, esse ensino era administrado pelas igrejas, e até hoje entregue quase a totalidade aos professores de outras disciplinas, sem a formação específica para ministrarem aulas nessa área de conhecimento e este fato não permite se aprofundar na complexidade do fenômeno religioso.

Discutindo as especificidades da disciplina ensino religioso Não

por acaso as instituições que citaremos a seguir amparam suas argumentações teóricas em muitos pesquisadores renomados dessa área de conhecimento. São mestres doutores e pós-doutores que inclusive foram criteriosamente pesquisadores desses. Eles oferecem clareza as especificidades do Ensino Religioso, conceitos e caracterizações sobre a disciplina que faz com que percebamos que essa área de conhecimento é autêntica e tem elementos peculiares que o torna de certo modo um tanto diferenciada das demais.

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), caracteriza o Ensino Religioso como um espaço pedagógico que visa a garantir o direito do educando em conhecer e valorizar a diversidade do fenômeno religioso enquanto substrato cultural e patrimônio da humanidade. Ele justifica essa unidade de ensino como um lugar para reflexões e propostas de encaminhamentos que possa tornar a mesma um espaço cultural-religioso plural onde todos sejam respeitados em suas diferenças

As diferentes crenças, grupos e tradições religiosas, bem como a ausência delas, são aspectos da realidade que devem ser socializados e abordados como dados antropológicos e socioculturais, que podem contribuir na interpretação e na fundamentação das ações humanas. (FONAPER, PCNER, 1997, p. 38)

Não diferente do que estamos propondo o FONAPER (1997), já recomendava nos Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Religioso (PCNER), que assim como as outras áreas de conhecimento têm, ela pelas suas peculiaridades deve ter uma metodologia didático-pedagógica própria.

O Ensino Religioso igualmente as demais áreas do conhecimento, necessita de um tratamento didático-pedagógico adequado, a fim de organizar os conteúdos e trabalhá-los na perspectiva de construção de conhecimentos. Trata-se do fazer pedagógico "em nível de análise e conhecimento na pluralidade cultural da sala de aula, salvaguardando, assim, a liberdade de expressão religiosa do educando. (p. 38)

A revista eletrônica (significado.com) classifica o ensino religioso como sendo uma disciplina da educação básica brasileira, onde seu objetivo principal é propor reflexões sobre fundamentos, costumes e valores das várias religiões existentes na sociedade e, portanto caracteriza essa disciplina pela busca da compreensão das diferentes formas de religião, explorando temas de seu interesse de maneira interdisciplinar, através de atividades que estimulem, sobretudo, o diálogo e o respeito entre as instituições envolvida. Podendo o ensino religioso ser ministrado de duas maneiras: Confessional, quando se ministra informações exclusivamente de uma determinada religião ou a plurirreligiosa ou interconfessional, quando se ministra informações sobre os principais grupos religiosos. Do ponto de vista da escola como uma instituição pluralista, o foco do ensino religioso visa o despertar da religiosidade nos alunos, desde a infância à adolescência.

É oportuno ressaltar que, no dia 27 de setembro de 2017, uma determinação do Supremo Tribunal Federal decidiu estabelecer que o ensino religioso nas escolas públicas pode ter o caráter confessional, ou seja, as aulas podem ser ministradas de acordo com os ensinamentos de uma religião específica, porém, continua a ter o caráter facultativo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no ano de 2017 inclui o Ensino Religioso como Área de Conhecimento e observa

que a disciplina está em franca construção de bases científicas e metodológicas para serem trabalhadas no espaço escolar.

O Ensino Religioso deve buscar construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz. (p. 435)

Também é oportuno enfatizar que o BNCC deixa evidente que as finalidades dessa área de ensino “se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade” (p. 435).

Entre muitas especificidades dessa disciplina existe uma diferenciada, que é justamente os sinais numinoso que naturalmente se revelam no educando. Rudolf Otto um erudito e grande pesquisador das religiões comparadas, autor de diversas obras entre elas “O Sagrado”(1992), faz uso do termo *numinoso*, ou numinoso, ele quer dizer que os sinais de numinosidade são os sinais por onde o sagrado se revela ao mundo, que podem ser em pessoas, lugares, objetos, etc. Logo se o estudante deixa esses sinais se evidenciarem em seus gestos e atitudes, significa que ele também tem um pouco dessa sacralidade em si. Isso significa ainda, que o professor dessa disciplina carrega consigo grande responsabilidade, o de ser sensível aos sinais transcendentais que estão sendo transmitidos na sala. A partir daí planeja e executa suas aulas.

Mircea Eliade (2001), também contribui com esse trabalho, visto que o objeto de estudo da disciplina Ensino Religioso, é justamente o objeto de pesquisa desse pensador. Eliade foi um professor, cientista das religiões, mitólogo, filósofo e no centro da experiência religiosa do Homem, ele não muito diferente de

Otto situa a noção do Sagrado. Nos seus escritos, é, frequentemente, destacado o conceito de hierofania, através do qual esse estudioso definiu a manifestação do transcendente em um objeto ou um fenômeno do cosmo. “*O sagrado e o profano*” (2001), sua principal obra, contribui com a educação fazendo um estudo do imaginário religioso, que pode ajudar na compreensão de temas ministrados nas escolas.

Estamos trazendo uma discussão sobre uma disciplina que faz parte do currículo regular de Ensino, está mais que evidente que estamos em uma discussão de cunho pedagógico, e conseqüentemente queremos entender as particularidades desse componente curricular afim de propor uma metodologia didático-pedagógico adequado para ela ser trabalhada nas escolas. Portanto trazemos à baila dessa discussão Paulo Freire, o mais célebre educador brasileiro respeitado mundo a fora. Para ele a educação deve ter uma visão global do aluno, com sentimentos e emoções, tornando relevante o estudo das dimensões ética e estética. Percebe-se em suas afirmações que beleza, sentimentos e ética são sinais transcendentais que as pessoas transmitem.

Afirma Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia*. Que a prática e a teoria se fundamentam em uma ética inspirada na relação *homem-no-mundo*, ou seja, estar no mundo, e na construção de seu *ser-no-mundo-com-os-outros*, isto é, ser capaz de se relacionar com as pessoas e com o transcendente. O pensamento pedagógico de Freire nos remete também a perceber a beleza na educação, como um dos elementos revelados pela força numinosa no ser. (FREIRE, 1996, p.36).

Cale ressaltar que a força numinosa é uma especificidade do Ensino Religioso, na abordagem propriamente dita pedagógica, trazemos, Jose Carlos Libâneo um dos intelectuais fundadores da tendência pedagógica Progressista “*Critica – Social dos conteúdos*”. Por intermédio dos seus trabalhos evidenciamos as particularidades dos conteúdos da disciplina em questão que devem ser trabalhados. Para Libâneo (1994), os conteúdos

estudados devem está intimamente vinculado a vivência do aluno. Para ele é através do domínio de conteúdos científicos, métodos adequados de estudos, habilidades e hábitos de raciocínio científico que os mesmos poderão formar consciência crítica face as realidades sociais e, desta maneira terão capacidade de tornar-se agentes ativos das transformações sociais e de si próprios (p. 71). Quando o docente de Ensino Religioso assimila as especificidades da disciplina, seguramente ele ajuda os alunos a escolherem um caminho na vida, a terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real, entende e assume sua transcendência de forma natural.

Um olhar sobre a Pedagogia Waldorf e as metodologias possíveis para o ensino religioso

De posse da realidade didática das escolas na disciplina em debate, mergulhamos nas fontes secundarias de pesquisas e as bibliografias consultadas nos remeteu a uma experiência pedagógica exitosa, iniciada ainda em meados do século XIX por Rudolf Stainer. Filósofo, educador, artista e esoterista. Ele foi o fundador da Antroposofia e o criador da chamada Pedagogia Waldorf.

Essa pedagogia se propõe oferecer um caminho educacional que entende o homem como espírito e, portanto, vinculado a uma dimensão cósmica inseparável de seu agir. Segundo CASSIRER (2004), Stainer concebe o homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual e sobre esse princípio fundamenta toda a prática educativa. Essa concepção leva em conta as diferentes características das crianças e adolescentes segundo sua idade aproximada. O ensino é dado de acordo com essas características: um mesmo assunto nunca é dado da mesma maneira em idades diferentes.

Para Stainer (1919) nesse momento da vida (ensino fundamental), criança e adolescente desenvolvem sua vida

emocional e sua ligação com o mundo e com as pessoas. Em seu dia-a-dia, ele necessita fundamentalmente de ritmo, também precisa aprender os conteúdos através de uma ligação com seus sentimentos. Aquilo que uma criança não vivencia, aquilo com que ela não se envolve ou não pode estabelecer uma ligação afetiva, será algo meramente decorado ou mecânico e tenderá a ser esquecido com o tempo. Por este motivo, o currículo desenvolve suas matérias de forma que os alunos possam integrar em seu aprendizado. Se assim não for ocorrerá o risco de saturação e não de formação.

Se houvermos saturado a criança, principalmente entre os treze e os quinze anos, de idealismo sentimental, mais tarde o idealismo lhe causará repugnância e ela se tornará uma pessoa materialista. Se nesses anos nós já a introduzirmos na prática da vida, ela manterá uma relação sadia com as necessidades idealistas da alma, que só podem ser apagadas quando as cultivamos de maneira insensata na tenra juventude. (STAINER,1919 p. III)

O foco principal dessa pedagogia visa desenvolver seres humanos capazes de, por eles próprios, dar sentido e direção às suas vidas. Para isso é importante o trabalho de valorização de habilidades de cada ser. Nesse sentido tanto o aprimoramento cognitivo como o amadurecimento emocional e a capacidade volitiva recebem igual atenção no dia a dia da escola.

As escolas da Pedagogia Waldorf

As escolas Waldorf espalhadas pelo mundo adotam um currículo comum conforme exigências legais. É um método de ensino baseado em uma Pedagogia que busca estimular o entusiasmo pelo aprendizado e um desenvolvimento saudável, além de incentivar as faculdades críticas e de julgamento que surgem com a adolescência. Apesar de compartilharem, todas elas, a mesma prática educacional, cada escola Waldorf está inserida

em sua cultura local, como ocorre com as escolas Waldorf no Brasil e as escolas na Europa, onde cada uma atua em conformidade com as determinações da Lei de Educação de seu país e sua cultura.

O ensino teórico é sempre acompanhado pelo prático, com grande enfoque nas atividades corpóreas (ação e movimento), artísticas e artesanais, de acordo com a idade dos estudantes. Nessa concepção predomina o exercício e o desenvolvimento de habilidades, e não o mero acúmulo de informações, cultivando a ciência, a arte e os valores morais e espirituais necessárias ao ser humano.

Nela o ser humano é apreendido em seus aspectos físico, anímico (psicoemocional) e espiritual, de acordo com as características de cada um e de sua faixa etária, buscando-se uma perfeita integração entre o pensar, o sentir e o querer (agir). Um mesmo assunto é abordado várias vezes durante o ciclo escolar, mas nunca da mesma maneira, e sempre respeitando-se a capacidade de compreensão de cada criança e jovem.

Para atingir a formação do ser humano, a pedagogia atua incentivando o querer (agir) por meio da atividade corpórea das crianças em quase todas as aulas. O sentir é estimulado na constante abordagem artística e nas atividades artesanais e artísticas específicas para cada idade. O pensar é cultivado paulatinamente, desde a imaginação incentivada por meio de contos, lendas e mitos – no início da escolaridade –, até o pensar abstrato rigorosamente científico do Ensino Médio (colegial).

Uma das características marcantes da Pedagogia Waldorf em relação a outros métodos de ensino é o fato de não se exigir ou cultivar precocemente, no aluno, o pensar abstrato (intelectual). Nas escolas Waldorf, almeja-se que todas as aulas sejam um preparo para a vida real. Procura-se desenvolver nos jovens as qualidades necessárias para que eles saibam lidar e, principalmente, florescer neste mundo de constantes e velozes mudanças, com criatividade, flexibilidade, responsabilidade e

capacidade de questionamento. O jovem, cada vez mais, precisa ser articulado e capaz de comunicar-se, tanto se abrindo para o que os outros têm a dizer como encontrando o caminho certo para colocar seus pensamentos no mundo. Por isso, a Pedagogia Waldorf permanece revolucionária até os dias de hoje. (grifos meus a partir do texto).

Práticas metodológicas bem-sucedidas no ensino religioso da rede municipal de Manaus.

Não muito diferente dos métodos aplicados pelas escolas Waldorf, abordaremos alguns procedimentos metodológicos bem-sucedidos que vêm sendo praticadas nas escolas da rede de ensino público Municipal de Manaus. Todavia, nesses métodos fica claro o respeito pelas especificidades que essa disciplina possui e que são inerentes a ela.

Exemplos de aulas ministradas por professores na rede pública de escolas municipais da cidade de Manaus, professores com formação específica na área de Ciências das Religiões, planejam suas aulas com didáticas pedagógicas adequadas ao cotidiano escolar e avaliam os resultados procurando evitar equívocos na sala de aula:

- Eixo Temático: O SER HUMANO - considerando as corporeidades, as alteridades, as identidades, imanência-transcendência, os valores e os limites éticos, os direitos humanos e a dignidade. Plano de aulas:

I. Professor: Antônio Delfino - Data: 14 /04 /2015 - Componente Curricular: Ensino Religioso. EJA 5ª fase - Turmas: A, B e C.

Conteúdo: Ethos (Caráter Moral)

Capacidade(s): Reconhecer o valor da vida e do corpo, problematizando a mercantilização das corporeidades e a banalização da dignidade humana.

Procedimento Metodológico: Aula dialógica; Vídeo de uma banda musical com sucesso atual; Debate e Produção de texto.

Recursos Didáticos: pincel, quadro branco, tv, dvd e cd.

Espaço (s) diversificado(s): Sala de aula e tele centro.

Avaliação/Instrumentos de Avaliação: avaliação contínua – participação no debate, produção individual oral e textual.

A atividade proporcionou observar o interesse dos alunos (as) pelas atuais bandas de forró e brega, todavia, com as letras das músicas banalizando o corpo e vulgarizando a mulher no aspecto físico e moral; foram realizados os debates com escrita do tema no quadro, problematização inicial motivando os alunos a interagirem expondo seus gêneros musicais, cantores e bandas de suas preferências. Logo em seguida foi apresentado o vídeo de uma banda cantando e dançando. Pausa para considerações dos estudantes sobre a letra da música. Finalizando a aula com a reflexão crítica das letras da música.

Considerando as argumentações dos alunos no início da aula, quando foi realizado a problematização do tema e do vídeo, notoriamente, foi observado a euforia dos alunos no inicial e o silêncio no final do vídeo; lentamente eles iam participando, nas suas falas reflexiva notaram as formas de variação das letras que ouvirem na música. Ficou claro que eles inconscientemente repetiam a letra da música sem se darem conta da mensagem negativa que ela transmitia. Portanto o resultado esperado da aula planejada e executada foi alcançado.

Outro procedimento metodológico do trabalho pedagógico dos conteúdos de Ensino Religioso - Trabalhando a Competências o6 (seis), segundo a BNCC do Ensino Religioso: “Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.” (BNCC, 2017).

2. Professor Erivelton Nick Montenegro Data: Abril/Maio/2018 - Componente Curricular: Ensino Religioso. Ensino Fundamental do 6 ao 9 ano - Turmas: 6 A, B e C; 7 A, B e C; 8 A, B, C; 9 A, B e C

Tema: INTOLERANCIA (nos seus vários aspectos)

Procedimento metodológico: aula expositiva, exposições diferenciadas: dramatizações, peças teatrais, painéis, duplas de rap, cartazes, redações e paródias.

Nas aulas expositivas, discutir com alunos e apresentar os temas depois de discutir e apresentar os temas em cada uma das doze salas, dar um tempo para eles escolherem entre os temas o que melhor eles se identificam: Racismo, homofobia, bullying, intolerância religiosa, discriminação racial, misoginia, preconceito; Marcar o dia da culminância dos trabalhos, motivar os demais professores para se tornarem jurados e atribuírem notas Para a defesa de cada turma. Observação envolver toda comunidade escolar nesse projeto de aula diferenciada.

Recursos Didáticos: pincel, quadro branco, tv, dvd e cd, outros materiais que a escola puder dispor segundo a necessidade das apresentações das turmas.

Espaço (s) diversificado(s): Sala de aula, tele centro e auditório

Avaliação/Instrumentos de Avaliação: participação nos preparativos e ensaios, participação no dia da culminância dos trabalhos e notas atribuídas pelos professores jurados.

Ao final das aulas planejadas executadas o professor considerou que o resultado final da aplicação do Plano de ação foi um sucesso, no início demonstraram algumas dificuldades, para eles era um desafio, todavia tinham confiança que seria possível de ser trabalhado, de vez enquanto eu lembrava a eles que estavam fazendo o que gostavam, eles apresentariam na culminância dos trabalhos descontraidamente temas sérios, polêmicos e bastante discutidos na sociedade. Muitos pais foram na escola para saber

como estava o andamento das apresentações dos seus filhos e ajudaram no desenvolvimento dos trabalhos. O Gestor e o pedagogo (corpo técnico da escola) avaliaram positivamente o desempenho dos estudantes e a nossa iniciativa.

Aulas planejadas em outra escola municipal com professor da Educação de Jovens e Adultos turno noturno, as atividades executadas nas aulas de Ensino Religioso, incidem em metodologias planejadas. Conforme relata o professor:

Unidade Temática: Manifestações religiosas. “Pretende proporcionar o conhecimento, a valorização e o respeito às distintas experiências e manifestações religiosas, e a compreensão das relações estabelecidas entre as lideranças e denominações religiosas e as distintas esferas sociais” (BNCC, 2017).

3. Professor: Gláucio da Gama - Data: 10/09 /2016 -
Componente Curricular: Ensino Religioso. EJA 4^o e 5^a fase -
Turmas: A, B.

Conteúdo: Tolerância e respeito às diferenças: Religiões de Matriz Africana.

Capacidade (s): Conhecer as diferentes manifestações religiosas, reconhecendo as contribuições éticas e morais na cultura brasileira.

Procedimento Metodológico: Aula dialogada, Vídeo sobre Intolerância Religiosa, Oficina de Turbante, produção de resumo, cartazes, máscaras africanas para enfeitar o painel da escola.

1^o Ao propor esta atividade, se faz necessário saber o que os alunos conhecem sobre o assunto. Podemos começar com duas perguntas básicas: O que é intolerância? Você já foi intolerante alguma vez na sua vida? Que religiões mais sofrem com a intolerância? As perguntas conduzirão todo o processo ensino aprendizagem. Em seguida, os alunos deverão assistir o vídeo: Eu tenho! Para poder discutir com mais propriedade.

2º A proposta da oficina de turbante é para entender a importância e o significado do turbante na cultura africana, pois, o mesmo simboliza realeza. Contudo, no momento que é ensinado como fazer, vamos conversando sobre a cultura africana e suas riquezas.

3º Produção de cartazes e máscaras africanas que enriquecerão o dia da exposição, ou porque não dizer, dia da culminância. A atividade proposta aconteceu em torno de 3 a 4 aulas consecutivas.

Considerações do professor:

No início é comum observar a indiferença dos alunos sobre o assunto, por conta do preconceito que carregam, porém, com a habilidade do professor e todo o seu conhecimento sobre o assunto é possível conduzir os alunos a reflexão e ao processo da aprendizagem. Ponto negativo: por conta de alguns alunos serem evangélicos, suas crenças têm muita resistência ou medo do desconhecido; piadinhas surgiram e frases agressivas. Ponto positivo: depois de esclarecido o universo religioso do outro, os alunos participaram das oficinas, produziram belíssimos cartazes e se dedicaram na produção da máscara africana. Observou o professor que o trabalho foi apresentado na semana da consciência negra para toda as turmas de 1º e 2º Segmento da EJA

Não diferente dos demais exemplos, o tema “Diálogo: um privilégio humano”, trabalhado por outra professora na sua aula semanal, também atingiu os resultados positivos conforme ela planejou adotando uma metodologia que motiva a participação do aluno nas aulas.

Unidade Temática: Identidades e alteridades. “A percepção das diferenças (alteridades) possibilita a distinção entre o “eu” e o “outro”, “nós” e “eles”, cujas relações dialógicas são mediadas por referenciais simbólicos (representações, saberes, crenças, convicções, valores) necessários à construção das identidades.”(BNNC, 2017).

4. Professora: Socorro Lopes - Data: 07 /10 /2017 -
Componente Curricular: Ensino Religioso. 8º ano Ens.
Fundamental II - Turmas: A, B, C

Conteúdo: Diálogo: privilégio humano. A palavra faz a diferença.

Capacidade(s): Compreender o diálogo e a capacidade de escutar e entender o outro como atitude indispensável de convivência na diversidade cultural e religiosa.

Procedimento Metodológico: Aula expositiva, explicativa, atividade em grupos, texto digitado para cada aluno.

Partimos do pressuposto que todo ser humano é comunicativo, por excelência. Isso o diferencia dos outros animais porque além de se expressar, ele raciocina, reflete, fala com todo o seu ser (corpo, rosto, postura...). E, mesmo que ele não verbalize, ele usa outros meios, os outros sentidos para se comunicar com os outros seres. Destacamos que a palavra faz uma grande diferença no diálogo. O papagaio só repete o que lhe foi ensinado, o macaco se comunica através de gestos, mímicas com o ser humano, mas tudo isso treinado por ele. Dessa forma, constatamos que o ser humano é o grande mentor do diálogo. E é através dessa grande arma, que as guerras podem cessar, as pessoas se entenderem, as religiões caminharem pacificamente.

Questões para o debate:

1 Por que as pessoas têm dificuldade de dialogar sobre religião, futebol, política e família? Justifique.

2 Quando podemos afirmar que as pessoas conseguem dialogar pacificamente? Exemplifique.

Recursos Didáticos: pincel de lousa, quadro branco, datashow, notebook, pendrive, textos xerocados, papel 40kg, cola, tesoura, pincel atômico, cx amplificada.

Espaço (s) diversificado(s) : Sala de aula e refeitório (painel)

Avaliação/Instrumentos de Avaliação: avaliação contínua – participação no debate, produção no painel. Com relação a aula ministrada, a professora considerou que um dos pontos positivos foi a organização de todo o material. Seguindo um ritual administrativo agendou com o responsável dos equipamentos tecnológico da escola todos os equipamentos descritos nos recursos didáticos uma semana antes da aula. Fluiu a leitura silenciosa em grupo, as respostas escritas das duas questões e se deram conta durante o debate, que é preciso ouvir o outro para poder dar uma resposta coerente gostaram da música, cantaram e concluíram que os grandes embates, a violência ocorre por falta de diálogo. Observou a professora como negativo que, apenas que um tempo de aula por semana é pouco para se trabalhar temas tão relevantes, Por isso continuou na semana seguinte.

Por fim, entre os exemplos de aulas e projetos bem sucedidos na disciplina Ensino Religioso nas Escolas Públicas de Manaus apresentamos planejamento de aulas sobre a Temática: Cultura de Paz. “A construção da paz começa a partir de uma atitude pessoal que pode se refletir depois em diversos campos da vida, no meio ambiente, na sociedade, na saúde coletiva entre outros” (BNCC, 2017).

O projeto teve como finalidade o conhecimento da história do bairro, para que os alunos desenvolvessem a cultura da paz e do respeito ao diferente.

5. Professora: Ana Verônica Bindá - Data: 14 /11 /2017 - Componentes Curriculares: Informática- Artes-Ensino Religioso. 4ª fases A e B e da 5ª fase da EJA, segundo segmento. Conteúdo: Cultura de Paz: Meu bairro, minha história.

Capacidade(s): Promover a cultura de paz; Perceber as diferenças dos textos sagrados e sua relevância para cada religião; Reconhecer símbolos e práticas religiosas utilizadas nas diferentes culturas e tradições religiosas.

Procedimento Metodológico: Aula expositiva e explicativa sobre o tema; Pesquisa, na internet, sobre a origem e a história do bairro. Debates Organização e realização da caminhada sobre o bairro. Questões para o debate: 1. A religiosidade influencia os valores e o modo de agir de uma pessoa? 2. As crenças religiosas têm alto valor na consciência pessoal do sujeito que é fiel à determinada doutrina?

Recursos Didáticos: Textos xerocopiados; Slides – data show – notebook; Celular ou máquina fotográfica; Quadro – pincel – apagador. Espaço (s) diversificado(s) : Sala de aula, sala do tele centro e as ruas do bairro Alvorada I para a realização da pesquisa e das observações.

Avaliação/Instrumentos de Avaliação: avaliação contínua – participação nos debates e na caminhada pelo bairro; confecção do Power point para apresentação.

Nas considerações da professora ela relata que:

o projeto desenvolvido junto aos alunos da EJA 8º e 9º anos foi muito proveitoso para todos, posto que ficou esclarecido que o nosso bairro é sim um bairro religioso e que toda essa diversidade religiosa deve ser respeitada e valorizada, pois é somente com a valorização do outro que poderemos construir a cultura da paz

Citados os exemplos de procedimentos metodológicos que lograram êxito para a disciplina Ensino Religioso, ficou claro que os professores nos seus cotidianos escolares trabalharam com elementos que contribuíram para que as faculdades, anímicas, físicas e transcendentais dos educandos fossem cultivadas e valorizadas. Se o trabalho pedagógico for realizado com metodologias apropriadas, isto é, se elas levarem em consideração saberes e especificidades dessa área de conhecimento, os resultados serão indubitavelmente exitosos. Steiner (2000) assevera que os sinais numinosos são perceptíveis nos educandos que estuda e no educador que ensina, portanto, é de bom tom tomar como referência para essa disciplina os métodos testados

com sucesso há quase dois séculos na Escola Waldorf (*grifos meus*).

A metodologia da “Numinosidade”⁴ (termo sugerido), se propõe ser um método que busca cultivar no educando sentimento de pertencimento cosmogônico universal, sentimento de ser parte de um todo sagrado. Esse método com suas peculiaridades soma para manter vivo o interesse de crianças, jovens e adultos em aprender tomando gosto pela disciplina.

Considerações finais

No decorrer desse trabalho, procuramos identificar pontos e contrapontos da disciplina Ensino Religioso ministrado nas escolas públicas do município de Manaus. Percebemos durante a pesquisa de campo na escola escolhida, que havia um problema a ser enfrentado, muitos alunos demonstravam desinteresse pela disciplina. Buscamos entender o que estava de fato corroborando para esse evento negativo acontecer. A partir de então procuramos juntamente com o professor buscar possíveis soluções. Esse foi o nosso ponto de partida e agora podemos concluir trazendo quem sabe sugestões que podem ser trabalhadas na expectativa de colhermos bons frutos.

Entre os resultados dessa pesquisa, evidenciamos que de fato a falta de formação específica para educadores dessa área de conhecimento, existe, e, é um tanto preocupante. Visto que sem essa habilitação e aliada a ausência de uma metodologia adequada para trabalhar a esse componente curricular, acarreta-se problemas e causa-se muitas vezes aversão pela disciplina.

Contudo, estamos propondo uma nova forma de abordagem didático pedagógica para essa área de conhecimento, onde valoriza as habilidades e os sinais transcendentais dos educandos. Método esse, organizado em acordo com a pedagogia de Waldorf, criada

⁴ Termo sugerido para a metodologia específica para trabalhar os conteúdos da disciplina Ensino Religioso.

por Rudolf Steiner ainda no século XIX, hoje muito bem aceita e avaliada mundo a fora. O método que estamos sugerindo, a “metodologia da numinosidade”, como assim denominamos, por trabalhar respeitando gestos e atitudes visíveis nos educandos e educadores onde naturalmente o sagrado pelo conhecimento ali construído vai se revelando. Essa didática já foi colocada em prática com sucesso em algumas escolas da cidade de Manaus conforme registrou os exemplos desse artigo.

Por fim, os resultados foram animadores com uma boa possibilidade desse método se tornar a alternativa viável, visto que os educadores precisam ver que se faz necessário atingir o ser humano como um todo no seu aspecto físico-anímico-espiritual.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2.v. 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em 30 de fev. 2017.
- CAMPBELL, Joseph com Bill Moyers. *O poder do mito*. Org. por Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas: o pensamento mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Tópicos).
- DIDÁTICA I*. 3. Ed. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas/PROFORMAR, 2006.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LANZ, R. *A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. 6 ed. São Paulo: Antroposófica, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado. Sobre o Irracional na Ideia do Divino e sua Relação com o Irracional*. Lisboa: Edições 70, 1992.

STEINER, R. *A Filosofia da Liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna*. 3 eds. Trad. M. Veiga. São Paulo: Antroposófica, 2000.

STEINMANN, L. De que consiste o mundo? – Tarefas da educação em imagens. *Periódico da Federação das Escolas Waldorf no Brasil*, n. 25, p. 3-14, fev. 2006.

PERES, Sílvia Lopes. Relação aluno-professor: uma proposta junguiana. *Revista científica eletrônica de psicologia - Periódicos Semestral - Ano VII - Número 13 - Novembro de 2009 -*

SILVA, Marinilson. *Em Busca do Significado do Ser Professor do Ensino Religioso*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

<https://www.significados.com.br/ensino-religioso>

http://www.fonaper.com.br/documentos_parametros.php



Ensino Religioso: diversas Linguagens da Experiência Religiosa e a Tecnologia como Recurso Didático

Carlos José Sales de Oliveira

Introdução

Este estudo objetiva identificar como se dá a compreensão do Sagrado nos diversos espaços a partir da linguagem da experiência religiosa e do entendimento do fenômeno religioso, enquanto objeto de estudo do componente curricular de Ensino Religioso, com auxílio da tecnologia como recurso didático. Neste sentido, esta pesquisa propõe uma breve reflexão acerca de quem é o profissional que está sendo habilitado para ministrar tal área do conhecimento e qual formação deve ter para atuar em sala de aula. Além disso, busca-se compreender a importância da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Ensino Religioso, para alunos do 5º ano de uma escola pública na zona sul de Manaus. A pesquisa de cunho qualitativo, de caráter exploratório e com orientação analítico-descritiva realizou-se mediante entrevistas semiestruturadas com questões abertas. Os sujeitos foram os alunos, professor da turma, coordenação pedagógica e direção da escola, nos turnos matutino e vespertino.

A interpretação do material coletado seguiu os ensinamentos da análise de conteúdo pesquisado. Os resultados apontaram que os sujeitos entrevistados, que antes consideravam desinteressantes as aulas expositivas da disciplina Ensino Religioso, mudaram sua

postura mediante a novidade apresentada pela tecnologia. A proposta sugerida ao professor da turma mostrou que é possível ministrar uma aula diferente, prazerosa e atraente em relação aos conteúdos da disciplina de Ensino Religioso, utilizando as tecnologias que tem no Telecentro da escola como um recurso didático.

Nesses últimos anos, o Ensino Religioso tem sido bastante discutido no cenário da educação brasileira. Ainda que, de um lado, tenhamos um conservadorismo religioso que defende suas ideologias, de outro, há grandes especialistas nesta área defendendo firmemente uma concepção no viés didático-científico-pedagógico, de forma que responda a atual realidade da pluralidade religiosa presente em nosso país.

O Ensino Religioso, por ser uma disciplina da Base Nacional Comum Curricular, é considerado uma área do conhecimento que precisa ser compreendida, no contexto da escola, como parte da formação básica do cidadão, direito este inegável. Neste sentido, ao acompanhar as discussões a esse respeito, em nível nacional, percebe-se a grande contribuição do FONAPER¹ na construção de um currículo comum em que todos possam entender o significado desta formação no âmbito escolar. Para tanto, é preciso retomar prerrogativas legais referentes ao Ensino Religioso, por meio da Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997.

A disciplina em questão está, portanto, respaldada por legislação educacional, visando a dar suporte a todo professor quanto à sua aplicabilidade em sala de aula. Contudo, faz-se necessário decodificar o significado preciso de seu objeto de estudo, que é o Fenômeno Religioso. Além disso, a nova perspectiva da disciplina exige considerar e compreender a importância do uso de tecnologias como recurso didático no processo de desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem.

¹ Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, criado em 1995 por professores, pesquisadores e especialistas de várias denominações religiosas no Brasil

A partir de 1997, o Ensino Religioso teve um novo enfoque, pois sua base deixou de ser teológica e passou a ser fenomenológica, isto é, incentivando uma releitura do fenômeno religioso que se manifesta nas diversas culturas com linguagens diferentes. Diante do exposto, precisamos compreender que este fenômeno acompanha as mudanças do tempo, no sentido de apresentar outras formas de expressões da religiosidade que, portanto, seria toda expressão religiosa, seja coletiva ou individual. Isso inclui crenças, rituais, objetos, imagens, palavras símbolos e tudo o que possa ser entendido como expressão cultural de um povo, revelando o sentido profundo e os valores cultivados na vida a partir da experiência do sagrado.

No âmbito educacional, cabe à escola refletir criticamente sobre a introdução de tecnologias e suas possibilidades na construção dos processos pedagógicos. É preciso, então, questionar se a escola está preparada para o desafio de inserir as inovações tecnológicas como recurso de conhecimento científico.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo compreender a importância da tecnologia como recurso didático no processo de desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem da disciplina Ensino Religioso, no 5º ano de uma escola pública na zona sul de Manaus, além de investigar se as tecnologias da escola e as que os alunos trazem para a sala de aula podem despertar um aprendizado mais prazeroso.

É fato que aula tradicional, em relação ao conteúdo ministrado em sala, tem dispersado os alunos, levando a conversas paralelas, brincadeiras e até à utilização de aparelhos celulares e *tablets*. Temos também as experiências religiosas de cada aluno e como isso se dá dentro e fora do espaço escolar. Diante disso, compete ao professor refletir sobre sua prática e repensar sua didática em sala, apropriando-se das tecnologias da escola e das experiências dos alunos para tornar a aula mais dinâmica, levando-os a perceber que existem, na sala de aula e na escola, momentos agradáveis além da hora da merenda, despertando, assim, o desejo

de um reencontro do ensino-aprendizagem.

A fundamentação teórica para a compreensão dessa discussão contou com diálogos de Croatto (2001), Oro (2013), Fontanive (2007), Santos e Seibt (2014), Silva e Dagama (2014),

Souza (2004), Cortella (2004), Junqueira (2013), Caron (2007) e Moran (2013), compondo argumentos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, no sentido de traçar um panorama de como andam as discussões de implementações de cursos da área no âmbito das universidades públicas.

A pesquisa realizou-se numa abordagem qualitativa, com caráter exploratório e orientação analítico-descritiva, mediante entrevistas semiestruturadas com questões abertas e anotações das conversas com os técnicos da escola, uma vez por semana. Os sujeitos foram os alunos, o professor da turma e a pedagoga da escola, dos turnos matutino e vespertino. A interpretação do material coletado seguiu os ensinamentos da análise de conteúdo pesquisado. Os entrevistados consideraram que a tecnologia proporcionou uma aula diferente e ao mesmo tempo prazerosa e atraente, em relação aos conteúdos de Ensino Religioso, revistos posteriormente pelo professor da turma, repensando e readequando sua própria prática, apesar de não ter uma formação acadêmica em Ensino Religioso ou em Ciências da Religião.

Após o levantamento do material teórico, o estudo seguirá distribuído em quatro fases distintas, as quais serão avaliadas separadamente. A primeira buscará o conhecimento teórico referente à contextualização do objeto estudado. A seguir, temos um tópico que estudará as tecnologias utilizadas na sala de aula. A terceira fase terá por objetivo abordar a contribuição dessa nova ferramenta nas aulas de Ensino Religioso. Por fim, na quarta etapa, discutiremos a responsabilidade de oferecer a distinção entre as tecnologias e o ensino religioso, de forma a identificar as diferenças e as contribuições que cada uma tem oferecido aos alunos.

A linguagem da experiência religiosa

Iniciamos parafraseando um pensamento do grande mestre Rubem Alves (In memoriam), que diz: “Nem toda experiência religiosa é experiência de Deus, pois, a experiência de Deus não está na experiência religiosa”. Sem dúvida, esta frase nos faz um convite para revermos nossas experiências com o sagrado. Será que de fato estamos manifestando a imanência do sagrado em nossas vidas?

A experiência do sagrado pode ser altamente mobilizadora para o ser humano, como pode ser também uma experiência socialmente perigosa, ou seja, pode revolucionar ou transformar tudo, dependendo de como é trabalhada e para que é canalizada. Cabe ressaltar que essa reflexão sobre a manifestação ou não do sagrado no cotidiano das pessoas, deve ser levada em conta no contexto da sala de aula, mesmo porque encontraremos alunos que nunca vivenciaram tais práticas religiosas. E o professor, por sua vez, deve estar atento a estas questões e ser mediador de conflitos que possam surgir na sala de aula.

Não podemos conceber que na escola apenas um credo religioso seja mais evidenciado do que outros, uma vez que isso pode ser caracterizado como proselitismo, que, segundo a legislação brasileira, é um ato passivo de prisão.

Neste sentido, Croatto (2001, p. 09), exemplifica tal compreensão:

Em todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa. Dizer “expressão” é falar de manifestações de ordem religiosa que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, em modelos de vida.

Considerando esta reflexão, professores e alunos precisam entender que no mundo em que vivemos existem várias formas de expressão da religiosidade e que cada uma delas precisa ser respeitada e valorizada, no sentido de se criar um ambiente de paz,

diálogo e fraternidade, pois, ninguém é melhor que ninguém. É dentro da sala de aula, portanto, que vamos encontrar um universo bastante diverso para trabalhar esses aspectos.

Acreditamos que o professor tem o compromisso de apresentar aos seus alunos o respeito às diferenças, principalmente se forem religiosas, uma vez previsto em lei que todas as pessoas têm o direito de ter direito, como assim diz o art. XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença, e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pelo culto, pela prática e pela observância, isolada ou coletiva, em público ou em particular.

Assim, podemos perceber que para entender a linguagem religiosa é necessário partir da experiência do sagrado, como já vimos anteriormente. Mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente, trata-se de uma experiência humana e condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural.

A liberdade de opção e expressão religiosa é um direito de toda pessoa, porque por meio da religião as pessoas conseguem respostas na compreensão de si mesmas e do mundo. Fontanive ² (2007) foi muito feliz em nos apresentar um belo exemplo de tentar compreender o sagrado e suas expressões:

Não encontramos apenas uma religião, mas várias religiões, pois cada uma delas nasceu em lugares, épocas e culturas diferentes. A diversidade de caminhos é como os rios, que nascem dos interiores e que têm como objetivo chegar ao mar. São muitos os rios, são muitas as religiões. O mar é o mesmo. O Transcendente é o mesmo. Pode até ter outros nomes, como o Atlântico, Pacífico, Índico; ou Deus, Nhanderú, Javé, Alá, Olorum, mas não deixa de ser o mar, meta dos rios.

² Revista Mundo Jovem, fevereiro de 2007.

Não há povo, por mais primitivo que seja, que não tenha uma religião, pois, todos têm sua expressão do sagrado conforme a sua cultura. E tudo está relacionado à experiência religiosa, pois é uma experiência de construção do mundo. Os seres humanos, ao passo que se relacionam com o outro mundo, estão elaborando formas ricas e significativas de se relacionar neste mundo e encontrar um sentido para a vida.

Por isso, Souza (apud Cortella, 2004) define com clareza como as expressões estão classificadas e isso, sem dúvidas, ajuda-nos na compreensão dessa linguagem religiosa:

- As religiões heteronomistas – são aquelas nas quais uma divindade interveio e intervém diretamente para prescrever a origem e os caminhos para as rupturas dos limites humanos. As três religiões mais importantes nesse bloco são o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Para essas, o ser humano é resultado de uma criação da única e exclusiva divindade;
- As religiões autonomistas – são aquelas que retiram suas convicções da própria experiência humana, sem que tenha ocorrido uma manifestação explícita de uma divindade. Destacam-se, entre essas, o Xintoísmo, o Budismo e o Hinduísmo, conhecidos também como religiões sapienciais.

Não podemos esquecer as expressões das Religiões de Matriz Africana ou Culto Afro-brasileiro, que também trazem um universo riquíssimo através de suas divindades africanas. Oro (2014, p. 108) assim referenda essa cosmovisão africana:

As religiões de origem africana, aqui praticadas, podem ser distinguidas em três grupos ou tendências. Uma primeira que privilegia a África é o Candomblé, com o povo nagô; a segunda é o Tambor de Mina, com o povo jeje; e a terceira é a Umbanda, que foi trazendo uma síntese, juntando elementos de diversas procedências. Alguns de tradições africanas, como dos bantos e nagôs; outros do Catolicismo popular,

elementos da pajelança indígena e algo do Espiritismo, tipicamente brasileira. A religião africana é a primeira religião que ensina o sagrado da natureza. Por isso seus seguidores não destroem as plantas, as águas, a natureza, pois tudo é criação de Olorum. Daí o uso expressivo de chás, de banhos de cheiro, alimentos com coisas que vêm da natureza etc.

Já em relação às religiões indígenas, não há muita diferença, uma vez que eles também cuidam da natureza com muito respeito, em reverência à sua força e aos recursos que nos proporciona, haja vista que ela é bem diversa em cada território brasileiro, com etnias e ritos diferentes.

Quem está habilitado para essa disciplina?

A indagação é bastante propícia, pois segundo a Lei nº 13.005/2014, precisamente o Plano Nacional de Educação (PNE), meta 15, afirma que:

[...] garantir, em regime de colaboração entre União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de um ano de vigência desse PNE, política nacional de formação dos profissionais de educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 6º da Lei nº 9.396, de 20 de dezembro de 1996, assegurando que todos professores e professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

A lei é bastante clara, e evidencia que os Estados e Municípios devem garantir o acesso dos professores e professoras da educação básica ao nível superior. Isso significa que o professor de Ensino Religioso deve ter formação específica na área em que atua, evitando que docentes de outras áreas do conhecimento trabalhem na condição de desvio de função. Aqui, percebemos o quanto a formação específica deve ser um fator de grande relevância na admissão dos professores nas secretarias de educação.

Silva e Dagama (2014, apud OLIVEIRA, 2008, p.38) destacam a importância do perfil do professor dessa área do conhecimento:

O professor de Ensino Religioso, assim como os demais professores na unidade escolar, é uma pessoa que, em relação com os estudantes e com os conhecimentos próprios dessa área do conhecimento, contribui-nos em muitos processos de aprendizagem realizados. Importa que saiba desencadear e ativar processos dialógicos cujos confrontos abertos e construtivos entre estudantes, conhecimentos e professores promovam o rigoroso respeito à liberdade e à consciência de cada um.

Ainda com relação ao papel do docente de Ensino Religioso e aos requisitos de sua formação, Oliveira (2009, p. 255) nos afirma:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNER) são requisitos essenciais ao profissional de Ensino Religioso: a constante busca do conhecimento das manifestações religiosas; clareza quanto sua própria convicção de fé, e sensibilidade à pluralidade e consciência da complexidade sociocultural da questão religiosa. A disponibilidade para o diálogo, a capacidade de articulá-lo a partir de questões suscitadas no interlocutor. Escola e Comunidade, mediar conflitos e considerar a família e a comunidade religioso espaço privilegiado para a vivência religiosa e opção de fé, colocando seu conhecimento e experiência pessoal a serviço da liberdade do educando, configuram o perfil desejado para este profissional.

Diante do exposto, consideramos de suma importância que as IES promovam formação nessa linha de atuação, pois, entendemos que esse perfil ajudará esses docentes a serem excelentes profissionais. No Brasil, alguns estados oferecem graduações no campo do Ensino Religioso, mas com nomenclaturas diferentes: Ciências das Religiões, Ciências da Religião, Ciência da Religião, Ensino Religioso e Teologia acadêmica.

Sobre este aspecto, de acordo com Junqueira (2008, p. 45), “o modelo das Ciências da Religião, como já anunciamos, tem sido o modelo defendido pelo FONAPER e por vários pesquisadores da área como o único capaz de assegurar o caráter científico e pedagógico do Ensino Religioso”.

Nesta mesma direção, Santos e Seibt (2014) nos apresentam

dados interessantes das instituições que possuem uma formação nessa linha de discussão:

Hoje, no país, temos dez programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR), recomendados e reconhecidos pela Capes, com três nomenclaturas possíveis: “Ciência da Religião”, apenas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com mestrado e doutorado; “Ciências da Religião”, com o maior número de programas: a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), todas com mestrado e doutorado, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), a Universidade do Estado Pará (UEPA), a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e a Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo (UPM) com mestrado; e “Ciências das Religiões”, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Faculdade Unidade de Vitória (FUV).

Vale ressaltar a contribuição de alguns programas de Pós-Graduação em Teologia (PPGT), nos quais muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas, embora adotem comportamento teórico-metodológico diferenciado das Ciências da Religião. Assim, destacamos o PPGT das Faculdades da Escola Superior de Teologia (EST) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), trazendo avanços para a área em nível nacional.

No norte do país, apenas a Universidade do Estado do Pará (UEPA), desde o ano 2000, vem trabalhando essa habilitação de professores de Ensino Religioso. Segundo o Projeto Pedagógico do referido curso (PPCR/UEPA, 2003), a Licenciatura plena em Ciências da Religião foi criada pela Resolução n. 361/99 – CONSUN/UEPA, e seu funcionamento autorizado pelo Parecer nº 372/01 e pela Resolução nº 403/01 – CEE/PA, tendo iniciado suas atividades em 2000, promovendo a formação docente na região há mais de uma década, e já conta com quase 200 profissionais legalmente habilitados.

Acrescente-se que, no ano de 2015, a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) iniciou sua primeira turma de Licenciatura

em Ciências da Religião, via CAPES³-PARFOR⁴, um marco na história do estado do Amazonas.

Após a desconessionalização do Ensino Religioso, com a alteração do art. 33 da LDBEN⁵ (BRASIL, 1996), que remeteu aos sistemas de ensino a responsabilidade para a habilitação e admissão de professores e não mais às confissões religiosas, desde 1996 são organizados os primeiros cursos de graduação com licenciatura plena em Ciências da Religião/Ensino Religioso.

Segundo Caron (2007), talvez esse seja o principal entrave para efetivação do Ensino Religioso como componente curricular e área de conhecimento da Educação Básica. O autor também apresenta o caso do Amazonas, que foi o segundo estado da Região Norte a oferecer o curso de graduação com Licenciatura Plena em Ensino Religioso, ligada à CNBB – Regional Norte I pelo Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH), mas que, infelizmente, não fez os devidos trâmites de credenciamento junto ao MEC, engessando alguns professores a não prosseguirem sua vida acadêmica.

Hoje, segundo a legislação educacional, só podem lecionar esta disciplina professores Licenciados em Ensino Religioso ou em Ciências da Religião por universidades ou faculdades reconhecidas pelo MEC. Desse modo, essa, sim, deve ser a graduação que o professor da educação básica deve possuir para prestar concurso público nas secretarias de educação, cabendo a estas, portanto,

³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do país.

⁴ O Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) é uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para profissionais do magistério que estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula.

⁵ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

definir parâmetros de acordo com a LDBEN 9.396/96, e, é claro, outros dispositivos legais, para a admissão desses profissionais para o quadro docentes das escolas municipais e estaduais.

A tecnologia como recurso didático para a disciplina de ensino religioso

A palavra *tecnologia* vem do termo grego *teknee*, que significa “arte, técnica ou ofício”. Por outro lado, temos a palavra *logos*, significando “conjunto de saberes”. Por isso, definimos *tecnologia* como conhecimento que permite produzir objetos, modificar o meio em que se vive, estabelecendo novas situações para a resolução de problemas vindos da necessidade humana.

Diante das inúmeras possibilidades da tecnologia, o livro, como recurso didático mais utilizado pelo professor em sala, torna-se obsoleto para ministrar as aulas de Ensino Religioso no Ensino Fundamental I. Portanto, uma forma de amenizar a ausência do livro didático é a utilização de recursos tecnológicos da própria escola, para aproximar os alunos do centro da discussão dos conteúdos a serem aprendidos.

Hoje, o professor não pode se restringir apenas ao livro, dada a complexibilidade da disciplina. Por isso, pontua-se a importância do desprendimento do livro como única fonte de conhecimento, não descartando sua importância na hora do estudo. No contexto atual, o giz, o quadro branco e os livros não são mais os únicos instrumentos que professor do século XXI possui para ministrar aulas. Há inúmeras possibilidades de atividades didático-pedagógicas a partir das tecnologias disponíveis na escola e das que os alunos trazem para a sala de aula.

É perceptível a dificuldade dos professores de acompanhar o ritmo veloz das transformações ocorridas no mundo contemporâneo. Os avanços no campo do conhecimento centram-se na tecnologia, e esse avanço nem sempre é prioritário para os que atuam no cotidiano escolar. Cabe ao professor assumir uma

postura crítica e esclarecedora quanto à inserção de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem, para não ficar à mercê do desenvolvimento do conhecimento.

A tecnologia tem contribuído bastante com os professores na sala de aula, dando vida nova e animação nas aulas de Ensino Religioso, com o intuito de atrair a atenção e o interesse dos alunos, além de criar um ambiente diferente de aprendizado como uma dinâmica superprodutiva e autoexplicativa para as crianças e adolescentes da escola.

É por meio da interação com as tecnologias que alunos e professores procederão à socialização do conhecimento. Assim, o docente deve entender a importância que as tecnologias trazem para dentro da sala de aula, proporcionando, desse modo, aprendizagens significativas a partir de uma nova forma de aprendizagem, se forem, é claro, utilizadas para favorecer o processo de construção do conhecimento dos alunos. O uso desse recurso em sala de aula está se adequando à prática pedagógica das escolas públicas, que estão se equipando com essas novas tecnologias, mesmo não havendo docentes capacitados para utilizá-las.

Na escola municipal da zona sul de Manaus, onde realizamos a pesquisa, encontramos vários recursos tecnológicos, porém muitos deles ficam guardados por falta de utilização dos professores ou pela dependência de um coordenador do Telecentro, ficando o uso apenas como formas de entretenimento, sem dialogar com a prática pedagógica.

No entanto, a tecnologia pode proporcionar um aprendizado mais atrativo e interativo com os alunos, levando-os a aprenderem mais e instigando-os a participar do seu processo de aprendizagem. A escola não pode parar no tempo e nem o desenvolvimento educacional, porque tudo está mudando diariamente e a educação é vista como um processo que ocorre na relação do sujeito com o conhecimento e da relação professor-aluno.

O aluno não é mais passivo perante o conhecimento, e sim o

sujeito que constrói o seu próprio conhecimento. Desta forma, as tecnologias são ferramentas que servem para auxiliar o processo pedagógico. Moran (2009, p. 166) afirma que “as tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo”.

Nesse sentido, temos a tecnologia como meio de dialogar com o conhecimento teórico com a prática real do aluno, por isso é que escola não pode se separar das inovações tecnológicas e mudanças que ocorrem no mundo, mas, pelo contrário, aproveitar ao máximo os avanços tecnológicos para evoluir suas práticas pedagógicas.

Por este ponto de vista, a tecnologia passa ser uma forte ferramenta de comunicação e de informação, servindo para auxiliar no processo ensino-aprendizagem. Atualmente, a internet possibilita a superação de fronteiras e barreiras que antes eram obstáculos para a comunicação humana e a troca de conhecimento. As linguagens sensoriais dos filmes trabalhados em sala de aula são importantes na hora de escolher conteúdos de Ensino Religioso, como a moral, um aspecto humano possível através da alteridade, que pode ser investigada através do recurso audiovisual. A tecnologia tem sido um recurso facilitador do processo de aprendizagem e da capacidade reflexiva dos alunos nas aulas da disciplina de Ensino Religioso. O uso deste recurso objetiva trazer dinamismo para a prática pedagógica e inovação para a didática utilizada durante as aulas.

Considerações finais

Com o objetivo de compreender a importância da tecnologia como recurso didático no processo de desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem da disciplina Ensino Religioso, esta pesquisa deu-nos uma visão geral de como a adequada formação do docente nesta área do conhecimento é necessária no meio acadêmico, em especial para as escolas da rede pública de ensino.

A ausência desse profissional, devidamente habilitado, pode prejudicar muito a qualidade da formação dos alunos, interferindo no seu papel como cidadão.

Conhecer o objeto de estudo do componente curricular de Ensino Religioso é fascinante, pois nos convida a repensar o nosso sentido de viver e de dar sentido à própria existência, sobretudo quando estamos imersos numa pluralidade de expressões riquíssimas presentes em nosso país e no nosso estado do Amazonas.

Tentar entender as expressões de fé não é nada fácil, porém é um desafio para todos nós. Sem dúvida, é adverso conviver com os diferentes credos e práticas religiosas representados pelos alunos, e, mais do que isso, é um desafio ser capaz de partir de situações de conflito que se estabelecem e apontar alternativas de diálogo e processos compreensivos de convivência harmoniosa.

É importante salientar que a sociedade é plural e a opção religiosa está garantida pela Constituição brasileira. O Ensino Religioso, apesar de ter uma legislação própria, não tem a finalidade de manipular a consciência dos alunos ou interferir nas suas práticas religiosas. Ao contrário, o Ensino Religioso propõe-se a refletir sobre o fenômeno religioso enquanto um constitutivo da vida humana, e, portanto, deve levar os alunos a refletirem sobre sua relação com o Transcendente.

A experiência religiosa ao longo da história sempre esteve presente no pensamento e na prática do ser humano. Não podemos nos reduzir apenas a uma experiência religiosa como a única detentora da verdade e salvadora, isto é, como o único caminho de salvação, pois todos os caminhos são e todos levam ao grande autor da existência humana.

O estudo também evidenciou a necessidade de refletir sobre o conhecimento religioso a partir das Ciências da Religião e da Fenomenologia Religiosa, uma vez que tem sido o arcabouço legal para produção do conhecimento científico. É por isso que os autores que aqui dialogaram e tantos outros lutam, para que o

processo de regulamentação desse ensino chegue a todas as universidades do Brasil, haja vista que sem a colaboração e esforços exaustivos do FONAPER e dos Conselhos de Ensino Religioso pelo país afora essa realidade não seria possível.

Por fim, reforçando os pensamentos e ideais expostos nesta pesquisa, não podemos deixar de abrir mão da formação inicial dos professores da educação básica, principalmente os de Ensino Religioso, ação tão importante e necessária na educação, preconizada na Lei nº 13.005/2014 e no próprio PNE, que trata justamente de qualificar os professores da educação básica em disciplinas específicas para atuação.

Referências

BRASIL. *Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 1997. p. 15824.*

CADERNOS DE EDUCAÇÃO/Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE. – Ano XVIII, n. 28, Nov. 2014, 2ª edição ampliada – Brasília. Lei nº 13.005/2014 – *Plano Nacional de Educação - PNE.*

CARON, Lourdes. *Políticas e práticas curriculares: formação de professores de ensino religioso.* 2007. 354 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. SP: Cortez, 2007.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia religiosa.* [Tradução de Carlos Maria Vasquez Gutiérrez]. São Paulo: Paulinas, 2001. – (Coleção Religião e Cultura).

FONATANIVE, Djanna Zita. *Religião, um caminho que dá sentido a vida.* Revista Mundo Jovem, fevereiro de 2007.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER).

-
- Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Religioso*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.
- UNQUEIRA, S. R. A. (Coord.). *tfapa da produção científica do ensino religioso: no período de 1995 a 2010*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. 430 f. Relatórios de Pesquisa do GPER da PUCPR.
- JUNQUEIRA, S. R. A. *História, legislação e fundamentos do Ensino Religioso*. Curitiba: IBPEX, 2008.
- MORAN, José Manuel. *Caminhos que facilitam aprendizagem: do livro Novas Tecnologias e Mediações Pedagógicas*. Papirus, 21. ed. 2013. Disponível em:
<http://www2eca.usp.br/moran/?page_id=20>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- OLIVEIRA, Lilian Blanck. *Culturas e Diversidade Religiosa na América Latina: pesquisas e perspectivas pedagógicas/Lilian Blanck de Oliveira (Orgs)*. – Blumenau: Edifurb; São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.
- _____. *Formação de docentes para o Ensino Religioso: perspectivas e impulsos a partir da ética social de Martinho Lutero*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2008.
- ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013. – (Coleção temas da religião).
- SANTOS, Rodrigo Oliveira dos. SEIBT, Cesar Luís. *Ciências da Religião e o Ensino Religioso na Amazônia*. Revista Pistis Prax. Teol. Pastor., Curitiba, v. 6, maio de 2014.
- SILVA, Nancy Pereira da. DAGAMA, Gláucio. *O Currículo de Ensino Religioso contribuindo para o respeito à diversidade cultural religiosa brasileira*. Seminário Nacional de Formação de Professores de Ensino Religioso, 2014. Belém – PA.
- SOUZA. Rui Antonio de. *Expressões Religiosas*. Revista Mundo Jovem n^o 343, fevereiro de 2004.
-



Ensino Religioso em Escolas Públicas de Manaus: o Ensino Religioso como disciplina Regular na Escola Pública para Formação de Cidadãos

Erbene Rodrigues Martins da Silva

Introdução

O presente tema foi escolhido com o intuito de apresentar as principais dificuldades de compreensão que traz a referida disciplina em seu contexto escolar voltada para as escolas públicas de Manaus, visando esclarecer através de reflexões norteadoras e estudos com base em pesquisas que promovam articular elementos comprometidos com o processo educacional.

Dada a confusão encontrada nas escolas a respeito da Lei de Diretrizes e Bases (LDBN n.9.394/96) que determinou em seu art.33º, que a disciplina de ensino religioso fosse componente curricular obrigatório das escolas públicas de ensino fundamental e que caberiam as instituições religiosas a função de sugerir os conteúdos a serem ministrados nas escolas. O problema instalado na determinação foi que, a Lei não definiu o que entendia por ensino religioso, visto que, nesse período não havia clareza quanto ao seu papel específico no ambiente escolar, resultando em grande polêmica.

Logo depois já se constatava a necessidade de substituí-la pela Lei 9.475/97, no sentido de garantir que a escola de ensino fundamental oportunize aos alunos o acesso ao conhecimento e

não mais doutrinação, respeitando a diversidade cultural e religiosa no Brasil.

A proposta do tema aqui citado é de contribuir para o esclarecimento referente à disciplina que, através da observação de algumas práticas nas escolas de Manaus, ainda encontramos o ensino da religião.

Rosário de piscadas

Ao falar da minha trajetória no magistério, direi o que quero fazer entender por “Um rosário de piscadas”.

- A vida da gente neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre.

- E depois que morre? – perguntou o Visconde.
- Depois que morre vira hipótese. É ou, não é?
- É – responde o sabugo.

Sempre ouvi alguns comentários acerca da profissão que ingressei de que é morrer de trabalho e não reconhecimento, entre outros que depreciam a docência. Silvia Nogueira, expressa bem esse sentimento em sua obra: Ré encantar ciência, reinventar a docência (p.9):

Educar é um ato de coragem e altruísmo em qualquer cultura. As exigências impostas pelo exercício docente supõem superações dos limites diários da profissão e a necessidade permanente de qualificação que não envelhece nunca.

Entendo que a educação é exatamente isso, é se doar, é o eterno aprender, a troca dos inúmeros saberes. E que a cada piscada é nascer, viver e morrer [...]. É um construir constante de piscadas.

E ao citar a Emília (a boneca de pano, tagarela do Sítio do Pica Pau Amarelo) em minhas memórias, recorro as minhas recordações de infância, eu era comparada a dita boneca, questionadora e tagarela. O início da minha formação como docente de Ensino Religioso se deu no CENESCH – Centro de Estudos do Comportamento Humano, no curso de Ensino Religioso. O curso teve início no ano de 2000, e teve duas turmas em sua composição. Ao ingressar no curso me foram oportunizados conhecimentos norteadores de como seria um professor de Ensino Religioso, e o que seria a disciplina de fato. O teve a duração de 3 anos, sem intervalos para férias, segundo a coordenadora do curso, o fato de não termos férias, computaria para que o referido curso tivesse a carga horária exigida pelo MEC.

Ao realizar os estágios, tive a primeira experiência do exercício da disciplina. Consta na Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) 9.394/96, que o Ensino Religioso de matrícula facultativa constitui disciplina nos horários normais [...], logo substituída pela 9.9475/97, na nova redação do artigo 33 da LDBEN, garantida na constituição federal. O novo paradigma de o Ensino Religioso dar-se como parte integrante da formação básica do cidadão.

É também assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa no Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. Mas ao atuar na primeira fase do estágio me deparei com professores rezando o terço e fazendo estudos bíblicos nas aulas da disciplina, e constato que os tempos dedicados as aulas de Ensino Religioso, eram os últimos. Graduei em 2003, e o curso foi oferecido para professores das secretárias SEDUC e SEMED, comum convênio firmado com ambas, o curso foi aberto à comunidade e foi quando me inscrevi para prestar o vestibular, já que não possuía vínculo com as secretarias.

Foi uma experiência ímpar ter cursado o Ensino Religioso, me tornei uma profissional compromissada com a disciplina, despida de qualquer visão reducionista e proselitista. Em 2005, fiz o

concurso público da SEMED e fui aprovada como professora de Ensino Religioso. De lá para cá, venho fazendo o trabalho de formiguinha na formação de cidadãos revestidos de respeito a nossa pluralidade cultural e religiosa. Algum tempo depois fui informada que a Plataforma Freire iria ofertar o curso de Ciências da Religião na UEA, conveniada pelas duas secretárias. O curso de Ciências da Religião é dado de forma modular, no período das férias, com duração de 4 anos, o PARFOR – Plano Nacional de Professores, atendendo as duas secretarias de educação.

Minha postura como professora de Ensino Religioso, hoje tem uma qualidade com base nas ciências sociais, o que me proporcionou um horizonte de conhecimento. Então, dessa forma minha trajetória na educação teve muitos entraves porque o ensino religioso, que eu estudei no ensino médio era confessional e permanece nos sistemas educação.

Com a primeira graduação me foi dado a chance de mudar esse cenário, fazendo uma breve retrospectiva da disciplina, tivemos avanços nos documentos legais, mas retrocessos em sua aplicação. Ainda me deparo com o ensino bíblico, ou catequético, nas salas de aulas, com profissionais não qualificados para ministrar o ensino religioso, e com o descaso referente à mesma, a tornando uma matéria marginalizada ou inferior que as demais.

Compreender a história do Ensino Religioso no Brasil, é entendê-lo no bojo da educação desenvolvida nas múltiplas relações do contexto político – educacional. Assim, para entendermos o Ensino Religioso nas escolas brasileiras é entender seu desenvolvimento a partir de sua relação entre Estado - Igreja – Política – Religião, sustentada pela força do poder estabelecido. Dessa forma os encaminhamentos dados pelo Estado- Igreja mantém modelo educacional com base nas primeiras escolas do Brasil, a partir de 1549 – para educar segundo os princípios do cristianismo católico ou catequético, quando a religião oficial do estado era católica romana, daí a influência das escolas confessionais.

Durante séculos, tais métodos predominaram no Brasil mantendo a concepção de *Reeligere*, no entendimento de re-escolher, com a finalidade de fazer seguidores, acirrando uma confusão entre E.R e Religião, influenciando todo o processo educacional Brasileiro. Desta forma, o conhecimento estava vinculado a elementos da religião, a LDBN (Lei de Diretrizes e Bases Nacional) n° 4024/61 refletiu bem essa concepção”. Com a intenção de fazer seguidores, catequese/doutrinação.

O novo para o Ensino Religioso pode ser vislumbrado a partir da separação Igreja e Estado, na República de 1889, que acirra a situação em definir o ensino leigo nas escolas públicas. Nos anos 90, com a introdução da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Ensino Religioso passa a ter uma nova roupagem.

Após a promulgação da constituição, foi sancionada em 20 de dezembro de 1996 a LDBEN 9.394/96, denominada também de “Lei DARCY”, que orientava o sistema educacional do país na intenção de promover um caráter humanista. Não obstante, os esforços foram inúteis e o Ensino Religioso foi totalmente desordenado devido a confusão na leitura da lei, quando esta possui em seu corpo a seguinte redação: [...] sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos os alunos ou por seus responsáveis, em caráter [...].

Quando a Lei determina que o Ensino Religioso pode ter caráter funcional e que pode ser oferecido conforme as preferências do aluno, encontramos instaurada em sua própria constituição a falta de compromisso por parte da mesma, promovendo o Ensino Religioso confessional tornando invisível todo aquele que não comunga de religião alguma, que resulta na mudança da lei.

Através da instalação do (FONAPER) Fórum Permanente do Ensino Religioso, 1995 está se fazendo a releitura do Ensino Religioso na concepção de *Religere*, que significa reler o fenômeno religioso, a partir da realidade sociocultural, expressa na nova redação do art.33° da LDBEN n° 9394/96. Nesta concepção, a

disciplina de Ensino Religioso assegura o respeito à diversidade cultural e religiosa encontrada na sala de aula, entendida como disciplina integrante na formação básica do cidadão. Entretanto, com a Lei Federal nº 9.475/97 o ensino religioso recebe uma nova configuração que busca afastar-se de toda forma de confessionalismo e proselitismo religioso. Diz os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso na página 30, referindo-se aos objetivos gerais do ensino religioso para o ensino fundamental:

O ensino religioso, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilita a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam subjacentemente, o processo histórico da humanidade. (FONAPER 2009, p.46-47)

Houve então, um movimento em prol do Ensino Religioso, no intuito de construir uma legislação alternativa com o uso do seguinte argumento, o de que o Ensino religioso tivesse um tratamento como disciplina no currículo escolar. Após a revisão da Lei nº 9.394/96, é anunciada a aprovação da Lei nº 9.475/97, tendo o sentido de garantir o conhecimento, vetadas quais quer forma de proselitismo em sala de aula.

O cenário da discussão sobre o Ensino Religioso atualmente ainda provoca grandes polêmicas. Destacaremos aqui, que o Ensino Religioso consta na proposta da Base Nacional Comum (BNCC), e o Supremo Tribunal Federal o definiu que nas escolas públicas brasileiras pode ter natureza confessional, ou seja, vinculado a diversas religiões.

Com essa decisão torna novamente o Ensino Religioso nas escolas públicas doutrinário ou proselitista, o que nos faz deparar com um problema. Sendo que, vivemos em um país laico, que visa o respeito e a pluralidade cultural e a diversidade religiosa. Como conceber que o Ensino Religioso, disciplina curricular, possa ser compreendido como o estudo ou ensino bíblico?

O ensino religioso é disciplina ou religião?
A disciplina Ensino Religioso nos documentos legais.
Analisar a disciplina ensino religioso na formação do indivíduo, dentro do espírito das leis que o norteia.
Refletir acerca do ensino religioso em seu processo histórico e contemporâneo.
Possibilitar o entendimento da importância da disciplina ensino religioso como área do conhecimento da formação humana;

Aspectos históricos da disciplina de ensino religioso

Na apresentação é feita uma breve análise histórica sobre o ensino religioso no Brasil. Dizem os PCNs que nas décadas de 30 a 60 do século passado o ensino religioso era concebido e praticado como um elemento eclesial na escola, mas todo o esforço vem sendo feito a partir da década de 80.

“[...] assegurá-lo como elemento normal do sistema escolar. Para isso, não deve ser entendido como Ensino de uma Religião ou das Religiões na escola, mas sim uma disciplina centrada na antropologia religiosa” (Brasil, 1997, p11). É importante ressaltar que estes PCNs elaborados pelo FONAPER, foram editados em 1997, por uma editora católica, a editora Ave-Maria de São Paulo.

A nova redação do artigo 33º da LDB de 1996 foi sancionada em 22 de julho de 1997, pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso, mediante a lei 9475/97, que ficou com a seguinte redação: “o ensino religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, constituindo disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedando qualquer forma de proselitismo”, § 1º referida lei estabelece que: “os sistemas de ensino religioso e estabelecerão as normais para a habilitação dos professores”. O § 2º afirma: “Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos de ensino religioso”. A

nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao reconhecer que o Ensino Religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, assegura o respeito à diversidade cultural – religiosa do Brasil e veda quaisquer formas de proselitismo.

O Deputado gaúcho do PSDB ligado à Igreja Católica projeto de lei nº 2.757/97. Afirmou Marquezan sobre o ensino religioso:

[...] É preciso ressaltar que o ensino religioso não deve ser confundido com doutrinação religiosa. Hoje, os especialistas em educação consideram que o ensino religioso contribui para a construção de valores éticos e morais, indispensáveis para a formação de uma consciência cívica e cidadã dos educandos. Em nossa sociedade, marcada ainda por condutas antiéticas e amorais, o ensino religioso pode se constituir em elemento capaz de contribuir para o exercício da solidariedade, da tolerância e do respeito mútuo [...] (JUNQUEIRA, 2002, p64)

O novo Ensino Religioso é inter-religioso, ou seja: o ensino inter-religioso caracteriza-se pelo estudo da religião, baseado nos princípios universais que unem as diversas correntes religiosas. Não se mostra como tendência à análise de uma religião em especial, mas, democraticamente, a um debate plural inter-religioso, sem caráter proselitista. Tem por objetivo principal a valorização da pluralidade inerente aos diálogos pós-modernos, colaborando na formação de um pensamento universal e autoritário.

Dessa forma, a referida disciplina é vista não mais como matéria de religião, mas sim como disciplina integrada a formação do cidadão comum. Para entendermos melhor como se desenvolveu o Ensino Religioso no Brasil, é necessário que façamos uma breve retrospectiva do mesmo. Com a introdução dos métodos Jesuíticos para converter os nativos ao cristianismo, os Jesuítas iniciaram a obra da catequese, revestindo-os de valores europeus desintegrando toda uma cultura, onde lhe impuseram outra cultura, outra língua, outra moral, outra estética e outro Deus.

Durante séculos, tais métodos predominaram no Brasil mantendo a concepção de reeligere, no entendimento de re-escolher, com a finalidade de fazer seguidores, acirrando uma confusão entre E.R e Religião, influenciando todo o processo educacional Brasileiro. Desta forma, o conhecimento estava vinculado a elementos da religião, a LDBN (Lei de Diretrizes e Bases Nacional) n° 4024/61 refletiu bem essa concepção. Com a intenção de fazer seguidores, catequese/doutrinação. A segunda opção Religare teve em seu contexto um Ensino Religioso que significa religar as pessoas a Deus, aos outros, a si mesma e ao mundo (LDBEN 5.692/71).

E o último é o Religere que é reler o fenômeno religioso, convívio social, relação culturas e tradições religiosas (LDBN 9394/96). Através da instalação do FONAPER (Fórum Permanente do Ensino Religioso, 1995) está se fazendo a releitura do Ensino Religioso na concepção de Religere, que significa reler o fenômeno no religioso, a partir da realidade sociocultural, expressa na nova redação da art.33 da LDBEN n° 9394/96. Nesta concepção, a disciplina de Ensino Religioso assegura o respeito à diversidade cultural e religiosa encontrada na sala de aula, entendida como disciplina integrante na formação básica do cidadão.

Ao mencionar o respeito a diversidade cultural religiosa no Brasil, é preciso mostrar os processos e tensões da evolução histórica da disciplina de ensino Religioso. O Brasil teve uma contribuição grande das culturas que aqui passaram, e que colaborando na formação pluricultural do povo brasileiro. Então, falar de ensino religioso é entender o seu desenvolvimento a partir da política educacional desenvolvida no contexto da escola pública brasileira. Embora o Ensino Religioso tenha sido inserido desta forma, mesmo que ensaiada a educação até a década de 30 foi dominada pelas escolas religiosas, o período foi marcado pela a implantação do regime republicano e foi um dos momentos mais

difíceis para a disciplina, pois a religião foi um dos principais obstáculos, visto que, a religião oficial era a católica.

Na Constituição da República de 1891 traz o dispositivo: “Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino”. No entanto, o Ensino Religioso permaneceu nos estabelecimentos escolares, mesmo perante proclamada laicidade do ensino nos estabelecimentos oficiais, o Ensino Religioso esteve presente pelo zelo de fidelidade dos princípios estabelecidos sob a orientação da igreja católica (Parâmetros Curriculares Nacionais Do Ensino Religioso, 2004, p. 14).

Entretanto, a realidade sociocultural do Brasil se tornava cada vez mais evidente, fazendo com que na Constituição de 1934, Art.153 o Ensino Religioso fosse mencionado pela seguinte ótica “O Ensino Religioso só será de matrícula facultativa e ministrada de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais e responsáveis, e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais”. Partindo desse pressuposto, foram propostas discussões nas Constituições posteriores. De acordo com Junqueira (2002), a ideia de integração do Ensino Religioso entre a formação pessoal e a social, entre o desenvolvimento das personalidades e o exercício da cidadania tem sido objeto de estudos nas diferentes áreas de conhecimento, e em vista a toda esta concepção, o Ensino Religioso visa o alargamento de novos caminhos para a adequação no sistema escolar como um todo.

Na década de 90, o ensino Religioso começa a ser vislumbrado apoiado em uma perspectiva não confessional. A LDBN, Lei n.9394/96 (Brasil, 1996), o assegura no ensino fundamental (art.33, com a nova redação dada ao referido artigo pela Lei n.9475/97, Brasil, 1996) e o Conselho Nacional de Educação, pelo seu Parecer 04/98 (Brasil, 1998), ao estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, define a Educação Religiosa como uma das dez áreas de conhecimento.

Em meio a todas essas questões e tensões, em 2010, a Resolução n.7, de 14 de dezembro, fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, e discriminou a composição do currículo, assegurando a presença do Ensino Religioso como componente da Base Nacional Comum (Brasil, 2010). Apesar dessa omissão e de não apresentar maiores direcionamentos acerca da forma como o ensino Religioso deve ser tratado, essa Resolução é importante na medida em que reconhece o Ensino Religioso, junto às outras disciplinas e legaliza sua presença no currículo, assegurando sua permanência, por conseguinte, reafirmando-se na tradição curricular brasileira. Segundo a proposta curricular do Ensino Religioso da Secretaria Municipal de Manaus- SEMED, o componente curricular Ensino Religioso afirma-se nas Ciências da Religião, uma nova área acadêmica adotada em universidades do mundo inteiro, nos últimos 100 anos.

As Ciências da Religião têm por objetivo o estudo sistemático da religião, ou seja, das expressões culturais da religiosidade humana, em todas as suas dimensões, formas, conteúdos, práticas, significações. Por isso, a sua estrutura é multidisciplinar e o objetivo de estudo da disciplina Ensino Religioso é O Fenômeno Religioso, isto é, os sinais e as expressões da religiosidade humana na cultura e na sociedade. Edgar Morin, em os paradigmas da educação para o terceiro milênio, assim diz:

O saber científico sobre o qual este texto se apoia para situar a condição humana não só é provisório, mas também desemboca em profundos mistérios referentes ao universo, a vida, ao nascimento do ser humano. Aqui, intervêm opções filosóficas e crenças religiosas através de culturas e civilizações (p.13).

O Ensino Religioso como parte da educação cidadã, visa desenvolver as suas dimensões propostas pelo professor Morin:

Por um lado, o saber que resulta do rigor científico e, por outro, a humanização e a superação de preconceitos e rivalidade

derivados da ignorância ante a diversidade de gênero, cultura e religião ou etnia.

O ensino religioso em escolas públicas de manaus

Com base em uma Resolução do Conselho Municipal de Educação (CME) publicada no Diário Oficial do Município de Manaus (DOM), no dia 17 de dezembro, estabelecendo normas para a admissão de docentes da disciplina de Ensino Religioso, levanta polêmicas. Da mesma forma que a presidente do CME, professora Elaine Ramos da Silva, considera que o ensino da religião deveria estar vinculado à educação familiar, o sociólogo Marcelo Seráfico, professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), acredita que o Estado se contradiz ao propor uma disciplina de ensino Religioso. “É um absurdo propor ensinar religião numa escola que deve ser laica”, assegurou Marcelo que é doutor em sociologia.

O ensino, religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quais formas de proselitismo (Brasil, 1997).

O objetivo deste trabalho é de apresentar O ensino religioso nas escolas públicas de Manaus, partindo do referido tratamento que lhe é dado. Ao analisarmos toda a sua trajetória e o desdobramento dos discursos de atores sociais e políticos relativos à disciplina, torna-se evidente que a atuação no ensino Religioso nas escolas públicas ainda está vinculada ao Ensino religioso prosélito. Portanto, há de se fazer a dissociação do sentido da disciplina Ensino Religioso, com o do ensino da religião.

O sentido da lei que o ampara é de garantir que a escola ofereça a disciplina como elemento integrante da oferta

curricular, respeitando a pluralidade cultural e religiosa presentes no ambiente escolar.

Metodologia

A Referida pesquisa será eminentemente bibliográfica e narrativa, com buscas na Constituição Federal, nos PCNS, na LDBN, FONAPER e BNCC sobre a história do ensino religioso no Brasil.

A pesquisa pode ser classificada como fenomenológico e dar-se-á a partir da minha experiência como professora da rede pública de ensino – SEMED, que atua no componente curricular ensino religioso a fim de promover uma reflexão sobre o caráter e a importância da referida disciplina.

O estudo foi realizado com base na prática docente da disciplina Ensino Religioso, com o objetivo de compreender o exercício da aplicação da matéria nas escolas públicas. Visto que, observa-se que a disciplina é confundida com o ensino bíblico ou catequético. Será apresentada a concepção referente a disciplina nos documentos legais e o afastamento da forma de como é vista pelos profissionais que deturpam e marginalizam o Ensino Religioso.

Referências

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRASIL. *Diretrizes da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96. Diário Oficial da União, 20/12/1996.
- BRASIL. *Emenda ao Art. 33 da LDB 1996*. Lei nº 9.475/97. Diário Oficial da União, 23/07/1997.
- FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. São Paulo: Ave Maria, 1997.

JUNQUEIRA, Sergio Rogerio Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Proposta Pedagógica do Estado do Amazonas e Ensino Religioso: perspectivas e Contradições Debate da Laicidade e Intolerância Religiosa

Gessiana Paova

Introdução

Atualmente, falar de Ensino Religioso numa perspectiva para a pluralidade religiosa é muito complexo e desafiador, por buscar uma educação que contemple a diversidade cultural e, através disso, proporcione a alteridade, a compreensão, o reconhecimento em relação às diversas tradições religiosas e, ainda, resgate o diálogo com esse poderoso fenômeno humano. Essa educação acaba se deparando com um contexto social global, capitalista, neoliberal e com avanços tecnológicos que, ao longo do tempo, ganha cada vez mais força.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹, em seu artigo 33, ao incluir o Ensino Religioso como “parte integrante da formação básica do cidadão” e como “disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”, reconhece a religiosidade como manifestação humana e social presente nas diversas culturas desde tempos imemoriais, reinserindo o fenômeno religioso no rol dos fatos sociais dignos de serem estudados a partir de uma disciplina própria.

Considerando o cenário sobre o debate da laicidade do Estado

¹ LDBEN: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

e a obrigatoriedade do Ensino Religioso, presente em diversas discussões dentro da nossa sociedade, analisamos o que expressa Domingos (2009) nestes “discursos reguladores e legislativos, onde o Estado democrático garante a igualdade e a liberdade, inclusive religiosa de seus cidadãos e, constitucionalmente, assenta-se no princípio jurídico da separação entre o Estado e a Igreja”.

Esta pesquisa propõe analisar as implicações oriundas da Proposta Pedagógica Curricular de Ensino Religioso para as séries finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas estaduais do Amazonas, sob a perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O estudo investiga o currículo utilizado pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC/AM), que hoje enfrenta os defensores da laicidade no ambiente escolar e precisa, ao mesmo tempo, lidar com o sincretismo religioso existente em nosso país, e que, por força da lei, deve trabalhar focando a diversidade religiosa, sendo também vedadas todas as formas de proselitismo.

Para estruturar o trabalho, valemo-nos da pesquisa bibliográfica e documental, a fim de investigar o tema a partir da abordagem dialética, a qual nos deu a possibilidade de caminhar rumo ao objetivo proposto. O problema apresentado foi identificado na Proposta Pedagógica Curricular de Ensino Religioso, a qual contempla exclusivamente o estudo da religião judaico-cristã, enfatizando aspectos e ensinamentos do Cristianismo, e desmerecendo o espaço para abordar as demais religiões.

Diante da problemática que envolve a intolerância religiosa, destacada nesta proposta, e o trabalho metodológico sobre laicidade, com relação às abordagens dos conteúdos da disciplina de Ensino Religioso, precisamos nos perguntar se esta Proposta Pedagógica responde ao clamor por uma educação religiosa democrática, sendo capaz de contemplar a diversidade das expressões religiosas, bem como a diversidade de credos, ações

previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso.

Em conformidade com o problema levantado, tem-se como objetivo geral analisar os elementos e discursos presentes na construção da Proposta Pedagógica Curricular da disciplina de Ensino Religioso para as séries finais do Ensino Fundamental, utilizada pela Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (SEDUC/AM), e sua relação com os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto à laicidade ou intolerância religiosa, atendendo, assim, às legislações vigentes que vedam a prática das aulas confessionais, buscando, com isso, propor a superação das aulas ditas de valores.

Como objetivos específicos, pretende-se verificar, na Proposta Pedagógica em questão e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, as orientações sobre o Ensino Religioso e o trabalho metodológico sobre laicidade e intolerância religiosa. Outro intuito é discutir a concepção de Ensino Religioso, laicidade e intolerância religiosa, além de identificar contradições e aproximações dos PCNs com a Proposta Pedagógica Curricular da disciplina.

As fontes desta pesquisa constituíram-se particularmente de documentos escritos, sendo, em sua maioria, documentos oficiais, legislações e programas curriculares para a disciplina Ensino Religioso, de âmbito nacional e do estado do Amazonas.

O desenho metodológico desta investigação permitiu o uso das orientações de Lakatos (2017), Minayo (2003), e Costa (2001) com a intenção de descrever e problematizar a relação entre os fatores do tema analisado.

Estruturou-se o estudo a partir da abordagem dialética, por se tratar de uma discussão e contraposição da realidade frente à educação. A abordagem e método dialéticos permitiram a interação crítica das realidades existentes, demonstrando pontos e contrapontos relacionados à prática do Ensino Religioso presente na Proposta Pedagógica Curricular.

A natureza qualitativa deste trabalho, em conjunto com a pesquisa bibliográfica e documental, possibilitou a análise dos elementos quantitativos e qualitativos presentes no material investigado, relacionando os anseios e contradições desta área de ensino com a ação docente e o currículo norteador do Ensino Religioso, visto que o documento versa sobre a proposta interdisciplinar do estudo das diferentes religiões, sem embates proselitistas.

Este estudo foi organizado em três etapas. Em primeiro lugar, procuramos, apresentar o conceito de Proposta Pedagógica Curricular. Em seguida, abordamos a temática Ensino Religioso, laicidade e intolerância religiosa. Aqui, busca-se analisar conceitos orientadores e organizadores, no que se refere ao processo de produção desta Proposta. E, no terceiro momento, apresentamos contradições e aproximações dos PCNs e a Proposta Curricular da disciplina de Ensino Religioso, encaminhando a discussão para algumas considerações finais.

Concepção de proposta pedagógica curricular

Segundo os estudos de Kramer (1993), uma proposta curricular seria um convite, um desafio, uma aposta. Uma aposta, porque, sendo ou não parte de uma política pública, contém sempre um projeto político de sociedade e um conceito de cidadania, de educação e cultura. A Proposta Pedagógica é um caminho, não é um lugar. E é um caminho a ser construído, que tem uma história que precisa ser contada. Traz consigo seus valores, desejos, vontades, as dificuldades que enfrenta e os problemas que precisam ser superados.

Em outra reflexão da autora, é possível compreender que “toda Proposta Pedagógica tem uma história que precisa ser contada, que contém uma aposta que nasce de uma realidade que pergunta, e é também a busca de uma resposta e a gama de valores que a constitui” (KRAMER, 1997, p. 67). Assim, a Proposta

Pedagógica é um processo e precisa sempre ser revisto e reescrito, trabalhando os conteúdos de forma integrada, pois estes assuntos não são neutros e devem respeitar as diferenças de ideias e de opiniões.

Já nos estudos de Moreira (2000. p. 67), destaca-se que uma Proposta Pedagógica

[...] expressa sempre os valores que a constituem, e precisa estar intimamente ligada à realidade a que se dirige, explicitando seus objetivos de pensar criticamente esta realidade, enfrentando seus mais agudos problemas, posto que a realidade é múltipla, contraditória, não pode trazer respostas prontas apenas para serem implementadas.

Infelizmente, este não é o retrato atual observado na Proposta Pedagógica da disciplina de Ensino Religioso, utilizada pela SEDUC/AM, uma vez que esta pressupõe pensar um único conceito uniformizador de criança e de adolescente, o qual, por generalizar, desrespeita as diferenças, seja de etnia, sexo, classe social, religião ou cultura, transpondo práticas e colaborando, assim, para a presença e o fortalecimento da intolerância religiosa em nossos espaços escolares. A proposta em questão não abre caminhos para a manifestação e valorização de diferentes culturas religiosas presentes na escola, sob a garantia do respeito e alteridade, valores tão relevantes para o convívio em sociedade.

Benjamin (1984, p. 37), sugerindo um pensamento contrário ao que se tem hoje, acrescenta que uma Proposta Pedagógica ou Curricular para o Ensino Religioso “precisa trabalhar com as contradições e especificidades da realidade brasileira, de cada região, estado ou município, zona urbana ou rural”. Sobre este aspecto, o autor afirma ainda que:

não se pode falar de uma proposta, mas, sim, de várias, porque são múltiplas as situações que o Brasil congrega, porque são diversificadas as formas de concretização de uma dada proposta numa mesma localidade, porque são desiguais as condições concretas em que acontecem as práticas educativas e os contextos em que estão inseridos,

garantindo uma mesma qualidade, sem a qual se estaria apenas perpetuando a desigualdade, a opressão, o autoritarismo, a discriminação de gênero, o racismo e tantas outras formas de preconceito sempre contrárias à democracia.

Deste modo, o desafio para a construção de uma Proposta Pedagógica que aposta na seriedade e na qualidade educacional, também é um pressuposto para orientar este trabalho. Com base nesse olhar é que versam os documentos legais da educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foco de nossa discussão na próxima seção.

Adentremos, então, em nosso objeto de estudo no Ensino Religioso, para pensar numa Proposta Pedagógica a partir do título deste trabalho, trazendo-a para o eixo central de uma perspectiva contemporânea e globalizada de mundo, em que se configura um cenário de diferenças, de desigualdades e de segregações. Essa conjuntura nos levará a refletir, a seguir, sobre as influências desse processo global para o campo das práticas escolares.

Ensino religioso: laicidade e intolerância religiosa

A expressão “Ensino Religioso” pode e deve ser compreendida, no âmbito das Ciências das Religiões, em pelo menos dois sentidos distintos e complementares:

Um é o Ensino Religioso que é tema geral de encontros como o CONERE e de eventos similares [...]. Entretanto, a Ciência da Religião também deve levar em consideração outro âmbito de ensino religioso. O ensino que as próprias tradições religiosas desenvolvem é parte da religião, e, nesse sentido, é um objeto de pesquisa da ciência da religião. Aqui a variedade é tão grande quanto a própria variedade das tradições religiosas. (GROSS, 2014, p. 134)

Fica claro, portanto, que deve fazer parte do Ensino Religioso ministrado nas escolas públicas, a exposição e clarificação (ainda que introdutória) do conhecimento produzido pelas diversas

tradições religiosas, inclusive as de cunho ateu, ao lado de uma abordagem da religião como fato social. Afinal, uma abordagem meramente pautada em uma pretensa objetividade científica absoluta, tornaria o Ensino Religioso árido, desinteressante e contraditoriamente esvaziado do aspecto religioso. Foi nesse sentido que Gross (2014, p. 85) afirmou que “se a Ciência da Religião não se ocupar primordialmente do que é religioso na religião, ela não tem razão de ser.”

Desde modo, não há como trabalhar o Ensino Religioso sem lidar com a questão do proselitismo, ou até mesmo lidando com este de forma meramente pejorativa, tendo em vista que, como já demonstramos, é parte essencial e integrante de algumas religiões, constituindo uma parcela do conhecimento por elas transmitido. Segundo Gross (2014, p. 127):

É evidente que se a religião não possuísse [conhecimento algum], ou se tudo que a religião afirma conhecer fosse destituído de valor e de verdade, então não faria nenhum sentido estudar a religião – nem na Ciência da Religião, nem no Ensino Religioso.

Segundo o texto previsto na base nacional, o Ensino Religioso deve ser oferecido nas instituições públicas e privadas, mas, como isso já ocorre e está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a matrícula poderá ser optativa aos alunos do ensino fundamental. Entre as competências para esse ensino estão a convivência com a diversidade de identidades, crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.

Por tudo o que foi aqui apresentado é que, a nosso ver, faz-se urgente a elaboração de uma Proposta Curricular de Ensino Religioso para as escolas públicas, que seja capaz de abordar tais assuntos na sala de aula de uma maneira respeitosa e reflexiva ao mesmo tempo.

Conceito de laicidade

Um dos primeiros conceitos a ser discutido é o de laicidade. Essa discussão é necessária quando se coloca a seguinte questão: “como ensinar religião ou falar de religião em um Estado Laico?” A laicidade é um dos princípios dos Estados Modernos, como, por exemplo, o Brasil. Mas o termo carrega significados bem mais fortes do que o mero fato de ser um preceito.

Atribui-se o início das discussões sobre o assunto ao Estado francês, que já em 1880 – notadamente com as leis escolares – institucionaliza este princípio. Considerada mesmo como uma “exceção francesa” pelos críticos, Bauberot (1997, p. 76) prefere apresentá-la como uma “invenção francesa e realidade exportável cujos elementos podemos encontrar em outros lugares.”

Pode-se dizer que a origem da palavra *laico* ou *leigo* remonta à Antiguidade, e refere-se ao que não é clerical, ao que pertence ao povo cristão como tal e não à hierarquia católica, e ao que é próprio do mundo secular, por oposição ao que é eclesiástico. Contudo, é bastante difícil situar e datar com precisão o aparecimento do Estado laico.

A ideia de separação entre governo e Igreja pode ser vista na antiguidade greco-romana. No século V, o Papa Gelase I propôs a doutrina dos dois gládios, que visava a separar o poder temporal do poder espiritual. Alguns vão mais atrás ainda e atribuem esta ideia de separação à frase bíblica “Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Três filósofos iniciaram as discussões sobre a laicidade: Descartes, Condorcet e Comte. O primeiro vai traçar os caminhos iniciais da ideia de separação, através do “Discurso do Método” (1638) e dos “Princípios de Filosofia” (1644). Descartes aponta o fato de que há domínios que escapam à razão humana, domínios diante dos quais a razão inclina-se. Para ele, “a revelação não é contraditória às realidades racionais; a liberdade de pensamento

deve ser respeitada e a interpretação dos textos sagrados é possível através da utilização da razão. ”

Laicidade é um termo deriva do grego *laos*, que significa povo. Este termo vai aparecer em 1871, quando será associado ao ensino público francês e seu surgimento será assinalado pelo Novo Dicionário de Pedagogia e de instrução primária, de autoria de Ferdinand Buisson, publicado em 1887. No verbete laicidade, contido nesse dicionário, Buisson nos informa que: “A Revolução Francesa fez aparecer pela primeira vez com clareza a ideia de Estado laico, de Estado neutro entre todos os cultos, independente de todos os clérigos, liberado de toda concepção teológica”.

A criação desse verbete no dicionário visava a diminuir a confusão entre os termos laicidade e laicismo, sendo que este último se refere ao anticlericalismo. O laicismo é a doutrina que proclama o afastamento total e absoluto das instituições sociopolíticas, culturais e educativas de toda influência da Igreja. Não foi um movimento ou escola de pensamento. O laicismo reclama uma autonomia face à religião e uma exclusão das igrejas do exercício do poder político e administrativo e, em particular, da organização do ensino público. Se o laicismo é antirreligioso, a laicidade é baseada no respeito ao princípio da separação do poder público e administrativo do Estado e do poder religioso.

O termo laicidade aparece para marcar a continuidade da história em um período de crise, uma história construída durante o século XIX, uma história de incessante secularização, na qual Estado e Igreja vão progressivamente separando-se, e em que esta vai gradativamente sendo excluída da administração, da política, da justiça e, finalmente, da escola. Esse processo de separação vai culminar com a Lei de 1905, de separação entre Igreja e Estado e, posteriormente, tornar-se-á preceito constitucional (Constituições Francesas de 1946 e 1958).

Os princípios da liberdade, laicidade e gratuidade da escola primária serão os norteadores dessa reforma. O princípio da neutralidade religiosa escolar, ou seja, da laicidade, será

introduzido na sociedade brasileira. Mal compreendido desde esta época, o ensino laico será acusado de antirreligioso, ateu e laicista.

Devemos lembrar que uma das razões que levou Jules Ferry a propor as diversas leis sobre a laicidade na escola, enquanto ocupou o cargo de Ministro da Instrução Pública na França, entre 1870 e 1882, foi o fato de que não católicos não poderiam assumir postos de professor no Estado. Ora, resta-nos, então, voltar ao ponto inicial: o conceito de laicidade. O princípio da laicidade é, ao mesmo tempo, o de afastamento da religião do domínio político e administrativo do Estado, e do respeito ao direito de cada cidadão de ter ou não uma convicção religiosa e de professá-la.

Nesta perspectiva, tem-se como ideal a igualdade na diversidade, o respeito às particularidades e a exclusão dos antagonismos. Por igualdade na diversidade, entende-se o igual respeito a todas as religiões e àqueles que não professam nenhuma religião. O mesmo princípio se refere ao respeito às particularidades. A exclusão dos antagonismos reflete não apenas o respeito, mas principalmente a tolerância ao outro e suas crenças e práticas. A laicidade une de forma indissociável a liberdade de consciência, fundada sobre a autonomia individual, ao princípio de igualdade entre os homens.

Para Menasseyre (2003), laicidade é a garantia da liberdade de pensamento do homem-cidadão dentro de uma comunidade política, a garantia da liberdade de espírito e da liberdade do próprio homem, mais do que a recusa do controle religioso sobre a vida pública. O que a laicidade implica, necessariamente, é o reconhecimento do pluralismo religioso, a possibilidade de o indivíduo viver sem religião e a neutralidade do Estado, que não privilegia nenhuma crença, religião ou instituição religiosa.

A este respeito, o art. 72 da Constituição brasileira de 1891 já se posicionava, e ao mesmo tempo em que reafirmava a liberdade religiosa (§ 3^o), o Estado se eximia de todo financiamento dos cultos (§ 5^o). Assim, Estado laico é aquele onde o direito do cidadão

de ter ou não ter religião é respeitado, o que assegura a “liberdade de consciência”.

As únicas restrições feitas a esse direito referem-se à manutenção da ordem pública. Esse direito é assegurado pelo art. 18 da Declaração Universal dos Direitos do Homem: “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”. A laicidade alia, então, a liberdade de consciência, fundada sobre a autonomia individual, ao princípio da igualdade entre os homens. É a garantia da liberdade de pensamento do homem dentro de uma comunidade política, a garantia de liberdade de espírito, a garantia da liberdade do próprio homem.

A laicidade não exclui, no entanto, as religiões e suas manifestações públicas, nem o Ensino Religioso, muito menos deve interferir nas convicções pessoais daqueles que optam por não professar nenhuma religião. A laicidade garante também aos cidadãos que nenhuma religião, crença ou igreja poderá cercear os direitos do Estado ou apropriar-se dele para seus interesses.

Desta forma, esta separação entre Igreja e Estado é que garante a “pacificação” entre as diversas crenças religiosas, uma vez que não privilegia nenhuma delas. Assim, podemos apontar três fatores contidos no princípio da laicidade: a neutralidade do estado, a liberdade religiosa e o respeito ao pluralismo.

Intolerância Religiosa

A intolerância religiosa está ligada a ideias e atitudes ofensivas, a crenças e práticas religiosas ou a pessoas que não tenham nenhuma religião, ou seja, é um crime de ódio que desrespeita a liberdade e a dignidade do ser humano. A Constituição Federal de 1988, no seu art. 5º, garante que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença”, garante também a liberdade de exercíciolos cultos religiosos e protege os locais de culto, mas nem sempre é o que acontece.

A escola é o lugar onde as diferenças se encontram, onde o indivíduo tem o primeiro contato com o preconceito, a discriminação e o racismo. Nesse momento, os processos de aprendizagem são fortalecidos. O Acordo Internacional dos Direitos Civis e Políticos veta, em seu art. 2º, primeiro parágrafo, a discriminação por motivo de religião. Já no art. 18, o documento decreta:

1. Toda pessoa terá direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Esse direito implicará a liberdade de ter ou adotar uma religião ou uma crença de sua escolha e a liberdade de professar sua religião ou crença, individual ou coletivamente, tanto pública como privadamente, por meio do culto, da celebração de ritos, de práticas e do ensino.
2. Ninguém poderá ser submetido a medidas coercitivas que possam restringir sua liberdade de ter ou de adotar uma religião ou crença de sua escolha.
3. A liberdade de manifestar a própria religião ou crença estará sujeita apenas a limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública ou os direitos e as liberdades das demais pessoas.
4. Os Estados -Partes do presente Pacto comprometem-se a respeitar a liberdade dos países e, quando for o caso, dos tutores legais de assegurar a educação religiosa e moral dos filhos, desde que esteja de acordo com suas próprias convicções.

Luiz Antônio Cunha, que exerce o cargo de coordenador do Observatório da Laicidade na Educação, diz que a burocracia eclesiástica contribui para o aumento da intolerância religiosa. Para ele, a concordata Brasil-Vaticano representa uma ameaça, uma vez que a prática religiosa, sendo obrigada na educação, contribui para a opressão da luta pelos direitos sexuais e aumenta os casos de intolerância religiosa.

Apesar de ser considerado um país em que as diferentes manifestações religiosas convivem harmonicamente, no Brasil, é comum casos de desrespeito e violação dos direitos de declarar religiões diferentes, principalmente as de matriz africana e

indígena, e mesmo os que não professam nenhum credo, como ateus e agnósticos.

As religiões de matriz africana são as que mais sofrem com a intolerância religiosa, através de invasão e destruição de seus terreiros. Esse tipo de atitude faz com que muitos seguidores dessa religião sintam vergonha e medo de declarar sua fé publicamente. Jean Willys, deputado federal, associa as agressões e os casos de intolerância religiosa à falta de políticas públicas de reconhecimento das religiões afro, assim como punições mais severas para aqueles que atentam contra elas e seus seguidores.

Ivanir dos Santos, coordenador da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), lembra que todos precisam ser respeitados em suas religiões e mesmo quem não tenha nenhuma crença:

[...] cresce o número de pessoas que não têm religião, e nem por isso elas estão longe de Deus. A religião pauta a agenda dos governos e, consequentemente, as políticas públicas, e isso acaba gerando um problema sério. O Ensino Religioso nas escolas tem muitas arbitrariedades e tem que se acompanhado de perto Religião não se impõe, existe um livre arbítrio que é sagrado.

Quando o assunto é religião, muitos são os pontos de vista que por vezes são perigosamente contrários, sendo de se esperar que os conflitos nasçam da falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar as diferenças religiosas do outro. O Brasil, um país laico, pelo menos na teoria, também é conhecido pela diversidade religiosa, no entanto, as religiões estão ainda longe de ter uma convivência pacífica.

PCN e a proposta curricular da disciplina de Ensino Religioso nas séries finais do Ensino Fundamental (Seduc/Am): contradições e aproximações

De acordo com Junqueira (2002), a ideia de integração do Ensino Religioso, entre a formação pessoal e a social, entre o

desenvolvimento das personalidades e o exercício da cidadania tem sido objeto de estudos nas diferentes áreas de conhecimento. Em vista desta concepção, o Ensino Religioso visa ao alargamento de novos caminhos para a adequação no sistema escolar como um todo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002) destacam que a História do Ensino Religioso e de suas concepções ainda permanecem no imaginário de muitos setores que o consideram ainda como elemento eclesiástico na Escola e não como disciplina regular, integrante do sistema escolar. Segundo o documento, o estudo que corresponde à segunda fase da história do Ensino Religioso apresenta mais laicidade, que se oculta na busca da verdade através do diálogo entre secularização no interior de contextos históricos e culturais (BRASIL, 2002, p. 13). Assim, o Ensino Religioso é contemplado como dever do Estado para com a liberdade religiosa do cidadão que frequenta a escola (BRASIL, 2002, p. 15-16).

Nesta linha, Figueiredo (1995, p. 45) afirma que “o Ensino Religioso é contemplado como dever do Estado para com a liberdade religiosa do cidadão”. Deste modo, a clarividência é muito grande na percepção da formação de indivíduos que, em maioria, não sabe exprimir sua capacidade de reflexão em sua religiosidade.

A disciplina de Ensino Religioso sempre fez parte do currículo escolar da Educação Básica, mas sua característica histórica na educação brasileira esteve relegada a um formato catequético e confessional. A possibilidade de uma virada epistemológica, metodológica e pedagógica se concretizou com a nova redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, e na correção de redação de seu art. 33, em 1997, pela Lei nº 9.475, que altera o dispositivo da LDBEN.

O debate sobre o ensino religioso é muito extenso e polêmico, com opiniões contra e a favor. O principal assunto pertinente ao ensino religioso em escolas públicas é a problemática do laicismo

do Estado, isto é, a compreensão de que, embora não sejam pró-ateístas ou antirreligiosos, os órgãos públicos deveriam ser imparciais em questões de consciência e liberdade religiosas.

A legislação aponta para a necessidade de se substituir o modelo confessional pelo inter-religioso e confessional, em que o tratamento deve ser o da área de conhecimento para a disciplina de Ensino Religioso. As práticas adotadas e metodologias devem desenvolver conteúdos e métodos que contemplem a diversidade cultural e religiosa em nosso país, no sentido da escolarização do Ensino Religioso.

A mudança na lei visa a subtrair os aspectos confessionais da disciplina nas escolas públicas, rompendo com o modelo que a vinculava à catequese, à cristianização ou a quaisquer tipos de doutrinação religiosa e ou ideologização. Com essa mudança legal, os profissionais da educação e gestores colocaram-se na tarefa e desafio de repensar os paradigmas que regulavam o Ensino Religioso até então.

Sobre a presença do ensino religioso na escola pública, Huaco (2008) diz que sempre acontece discriminação de estudantes de religiões diferentes, o que causa um mal-estar entre os demais alunos. Analistas brasileiros apontam que, no Brasil, a presença do Ensino Religioso nas escolas públicas ainda é grande fonte de proselitismo, gerando desconforto na comunidade escolar.

Esse tratamento de saberes escolares está definido nas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) de Ensino Religioso, que estão divididas em oito conteúdos básicos: Organizações Religiosas, Lugares Sagrados, Textos Sagrados orais ou escritos, Símbolos Religioso, Temporalidade Sagrada, Ritos, Vida e Morte.

É certo que a indiferença não é o melhor remédio para lidar com as diferenças. Em outras palavras, não se resolvem conflitos e divergências fingindo que eles não existem, nem mesmo pela imposição de uma “harmonização” externa e forçada. Na tentativa de evitarem o confronto de ideias, perspectivas e sentimentos, muitos acabam deseducando para o diálogo, promovendo uma

“alteridade” forçada e consagrando a mediocridade e a estagnação do saber.

Isso é especialmente verdade no campo do Ensino Religioso, como esclarece o comentário Gross (2014), a respeito da diversidade encontrada na sociedade brasileira e dos objetivos das pesquisas no campo das Ciências das Religiões e do Ensino Religioso:

Diferentes manifestações religiosas apresentem reivindicações de verdade distintas e muitas vezes conflitantes, e diante disso não é possível se manter representações idealizadas da religião extremamente simplórias, de sentido harmonizante. “Todas as religiões levam a Deus”, “a religião dá sentido à vida”, “todas as religiões são boas” são manifestações otimistas de boa vontade e talvez até de respeito às diferenças, entretanto elas não podem ser consideradas expressões suficientes para estabelecer o objetivo da pesquisa sobre a religião e nem do Ensino Religioso. Para isso, é preciso não camuflar as distinções de proposição de sentido que se encontram nas diferentes tradições religiosas. Só assim também se pode de fato compreender e também visar a superação de conflitos religiosos.

A secularização pressupõe a liberdade religiosa, e esta não se confunde com ateísmo, mas, sim, tem suas raízes no respeito a todos os tipos de credos religiosos, inclusive o respeito ao indivíduo que não possui nenhum credo. Assim como a laicidade não se confunde com o laicismo, na laicidade predomina a existência de um país neutro frente às questões religiosas. Já laicismo é a desconfiança, o repúdio à religião como forma de expressão de uma sociedade.

A escolha da religião é de foro íntimo. Sendo assim, como assegurar que o professor de Ensino Religioso não imponha seu credo aos estudantes? Como assegurar que toda essa variedade religiosa seja contemplada? Como agir perante os conflitos que poderão surgir, sem deixar que haja manifestações de intolerância? A escola tem o dever de não servir como palco para o proselitismo religioso e deve se manter neutra diante de temas religiosos.

No ambiente escolar não se deve privilegiar uma determinada religião, e, sim, manter o respeito e, ao mesmo tempo, promover uma educação sem proselitismo. O professor é um mediador diante dessas questões, além de ser um conhecedor da teologia, procurando sempre interpretar as várias manifestações culturais que as diferentes religiões apresentam.

Atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado são comuns para aqueles que professam uma fé diferente da maioria, ou também a aqueles que não têm fé alguma. Para que tudo isso seja evitado e não venha causar graves danos à educação, submetendo os alunos a uma imposição que tira-lhes a capacidade de questionamento, é necessária uma reelaboração nos conteúdos que compõem o currículo de Ensino Religioso das escolas estaduais da cidade de Manaus, resguardando a liberdade religiosa de todos sem estar ligada a nenhuma.

A LDB garante às escolas a autonomia quanto à metodologia de ensino, porém exige que sejam contemplados conteúdos obrigatórios. Já o Ensino Religioso é facultativo. Quando acontecer de a escola oferecer a disciplina, a LDB define que deve ser garantido o respeito à diversidade e que seja proibido toda e qualquer forma de proselitismo religioso.

Para os princípios da laicidade, o que ocorre no Brasil é uma contradição profunda, uma vez que as práticas de Ensino Religioso se apresentam como forma de alargar os horizontes do conhecimento. Esta contradição aparece nas leis, pois de acordo com a Constituição de 1988, o Ensino Religioso é obrigatório, mas sem levar em consideração a diversidade religiosa brasileira, contribuindo para o aumento da intolerância e do preconceito.

Os PCNER destacam a importância da disciplina Ensino Religioso para a “compreensão das formas que exprimem o Transcendente” e para a valorização do pluralismo e diversidade cultural da sociedade brasileira. Contudo, o documento defende a aproximação do educando com o transcendente como algo que pode completar e trazer significados importantes para sua vida

(FONAPER, 2009, p. 46). Desse modo, adentra-se no âmago de questões do indivíduo e de sua subjetividade, o que é o avesso da proposta de estudo do fenômeno religioso numa perspectiva científica. Na verdade, guarda relação estreita com o modelo confessional, constituindo-se numa apropriação deste, estratégia que atende aos interesses das instituições religiosas.

Para estudar o fenômeno religioso, os PCNER apresentaram os seguintes objetivos gerais para essa disciplina, no Ensino Fundamental:

1. Proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas recebidas no contexto do educando;
2. Subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para que ele possa dar sua resposta devidamente informados;
3. Analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
4. Facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
5. Refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
6. Possibilitar esclarecimento sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas.

Embora os PCNER sinalizem um caráter científico e secular, seus objetivos trazem uma relação de continuidade com a concepção tradicional de Ensino Religioso. Isso se dá por um processo de apropriação, numa operação de controle, que se faz sentir na promoção do questionamento existencial por parte do educando. É como se fosse tarefa da Disciplina Ensino Religioso e da escola promoverem, junto aos alunos, respostas para suas questões existenciais/religiosas e, ainda, pela associação entre

Ensino Religioso e formação moral, conforme o objetivo de “refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano” (FONAPER, 2009, p. 47),

Em suma, os PCNER são promotores de um novo paradigma para disciplina Ensino Religioso, o paradigma fenomenológico, transconfessional. Ele representa um padrão de mudança na concepção dessa disciplina que, por muito tempo, teve um caráter estritamente catequético, sendo ferramenta de regulação e controle da/e para a Igreja Católica.

Apesar da ideia de inovação, proclamada nos PCNER, é importante ponderar que elementos exibidos como novos são amálgamas de outros contextos, de outros discursos, são mascarados, apresentados com uma nova roupagem. Dados os mecanismos forjados em sua construção e as estratégias utilizadas, esses parâmetros tendem a ser aceitos pela comunidade escolar e política, como aconteceu com a nova redação da LDB, e assim corroborar com a consolidação do Ensino Religioso como disciplina, como área do conhecimento.

A criação desse novo paradigma e dos PCNER fez-se por um processo de apropriação. Nesse sentido, as ações revestem-se de um discurso científico, isento de proselitismo, para atender às mudanças no campo religioso e social, marcadas pelo crescimento do número de evangélicos e instituições religiosas, e também pelo quantitativo de pessoas sem religião, porém, sem abandonar a finalidade de promoção religiosa, de relação com a transcendência e de formação moral, que, por vez, sobressai, sinalizando operações de controle, relações de poder e interesses marcadamente religiosos. Nessa perspectiva, observa-se que os PCNER, embora apresentem a inserção de ciências como a História, a Antropologia e a Filosofia, não explora o diálogo entre elas, não investiga os aspectos históricos, culturais, políticos e sociais que envolvem a dimensão religiosa.

Portanto, em se tratando do objeto de investigação deste trabalho, constatamos que nesta atual Proposta Pedagógica utilizada pela SEDUCA/AM, aqui analisada, os PCNER limitam-se à compreensão das estruturas, formas de expressão, teologia, símbolos e ritos das religiões “ditas cristãs”, no sentido de não oferecer ao educando conhecimentos sobre as diversas organizações religiosas, de modo que ele possa conhecê-las e tolerá-las, estabelecendo um diálogo inter-religioso, e garantindo o respeito à diversidade religiosa no cotidiano escolar por meio da compreensão dos fenômenos religiosos estudados em sala de aula, tendo em vista os direitos humanos, a formação integral e a cidadania.

Enfim, a finalidade educativa dos PCNER ainda se assenta na formação religiosa. Conseqüentemente, apesar de assegurada a permanência da disciplina Ensino Religioso no currículo escolar, há lacunas que certamente são resultado da instabilidade da disciplina em termos de identidade, finalidade educativa e referência científica.

Na análise dessa Proposta Pedagógica, percebemos também que a pluralidade não é respeitada e não assegura, em seu desenvolvimento, os objetivos nacionais traçados para esta disciplina. Temos, portanto, um Ensino Religioso com proselitismo e sem abertura para a diversidade cultural e religiosa dos alunos.

A partir das discussões para a revisão e a efetiva alteração do art. 33 para a reorientação do Ensino Religioso na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), os documentos produzidos pelos sistemas de ensino elaboram as propostas a partir da compreensão do fenômeno próprio da vida e da história humana, desenvolvendo um espírito de fraternidade e tolerância em relação às diferentes religiões.

Viesser (1994, p. 34) mostra, em seu livro, que “a prática pedagógica é resultado de determinada concepção teórica”. Assim sendo, a consequência deste tipo de Proposta Pedagógica é uma

formação parcial do educando, que esquece das dimensões do ser humano: religiosa, ética, política etc.

Portanto, pelos argumentos apresentados e diálogos construídos nesta pesquisa, evidencia-se que é preciso construir uma nova Proposta Pedagógica Curricular em que possa haver espaços e condições para que o educando supere seus limites, na ultrapassagem da realidade imanente para a realidade transcendental, ou seja, para a formação de um ser humano na sua totalidade.

Considerações finais

No presente trabalho, apresentamos algumas discussões acerca da atual Proposta Pedagógica Curricular da disciplina de Ensino Religioso das séries finais do Ensino Fundamental, utilizada pela SEDUC/AM, destacando os elementos e discursos em sua abordagem sob os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto à laicidade ou intolerância religiosa, atendendo, desta maneira, às legislações vigentes que vedam a prática das aulas confessionais.

Compreendendo os objetivos do Ensino Religioso, que tratam de um processo educativo voltado à diversidade cultural e religiosa, dentre outros aspectos, esta Proposta precisa abordar as questões primeiras e últimas da existência humana. Contudo, a falta de direcionamento claro para a disciplina, por meio de órgãos responsáveis pela Educação, em nível federal, é outro fator percebido na multiplicidade dos conteúdos e temas tratados referida na proposta.

A concepção de Ensino Religioso, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), vislumbra novas perspectivas para sua prática pedagógica, que representam uma verdadeira mudança paradigmática nesta área do conhecimento, e cumpre sua principal tarefa no ensino: a formação integral do educando, a fim de que possa desenvolver de forma holística um ser humano com

consciência da diversidade, proporcionando mais tolerância e entendimento, evitando-se o fundamentalismo desagregador e intolerante, e, assim, possa alcançar o diálogo inter-religioso.

Não houve intenção nem condição de esgotar a discussão, e, sim, o intuito de ampliar um debate que firme o compromisso da escola com o conhecimento, sem excluir do horizonte os valores éticos que fazem parte do processo educacional. Em especial, no Ensino Religioso, entende-se que o que é objeto de fé para as igrejas deve ser para a escola objeto de estudo. Isto supõe a distinção entre fé/crença e religião, entre o ato subjetivo da fé e o fato objetivo que a expressa.

Enquanto disciplina escolar, o Ensino Religioso deve lançar mão dos recursos possíveis para fazer com que haja condições cada vez mais propícias para a aprendizagem significativa e de convivência democrática entre pessoas/grupos religiosos e não religiosos que integram o espaço educacional.

Ficou comprovada a possibilidade de análise e avaliação dos conteúdos didáticos do Ensino Religioso de forma mais intuitiva, visando a alcançar uma proposta mais objetiva e criteriosa quanto ao respeito à diversidade cultural no Brasil e à eliminação de doutrinação em sala de aula.

Diante dessas tônicas legais da disciplina, urge que estes aspectos venham a compor de forma maciça os encaminhamentos das aulas, uma vez que já despontam também nesses conteúdos didáticos. Assim, poderá ser efetivada uma educação que tenha uma visão positiva da diversidade religiosa, e que vise ao (re) conhecimento da contribuição social e cultural de diferentes tradições religiosas e ao estudo de seus fenômenos.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 27 jun. 2016.

_____. *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>.

Acesso em: 27 jun. 2016

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. 2ª Versão Revista. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2016

FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1997.

HUACO, Marco. *A laicidade como princípio constitucional do Estado de Direito*. In: LOREA, Roberto Arriada. *Em defesa das liberdades laicas*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008.



Reflexões sobre o Comportamento dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos em Relação aos Adeptos das Religiões de Matriz Africana

Gláucio da Gama Fernandes

Introdução

A pesquisa teve por finalidade apresentar uma reflexão sobre como é a postura dos alunos em relação aos adeptos das Religiões de Matriz Africana quando trabalhada a temática em sala de aula. Nosso objetivo foi analisar entre os alunos, as motivações que levam a uma postura indiferente com àqueles que professam a fé nas Religiões de Matriz Africana, analisando a noção de respeito, de convivência e de aceitação dos mesmos no ambiente escolar.

É importante salientar que alguns conceitos precisam ser desmistificados, ou seja, compreendidos, principalmente no que tange à cultura e à religiosidade africana presente no seio da sociedade brasileira e amazonense. Contudo, se faz necessário que os alunos aprendam a reconhecer a experiência do outro como válida e importante para uma convivência saudável na sociedade de hoje.

Diante da problemática da violência simbólica, vivenciada pelos alunos em sala de aula de diversas naturezas e principalmente de cunho religioso, nos propomos a refletir sobre: Qual o comportamento dos alunos em relação àqueles que professam o credo nas religiões de matriz africana? Os adeptos das religiões de matriz africana são respeitados em sala de aula? Os

alunos compreendem a concepção de liberdade de consciência, de religião e de crença?

Não obstante, os objetivos específicos propostos são: Identificar entre os alunos posturas de intolerância com os que professam a crença nas Religiões de Matriz Africana; conhecer como se manifesta o fenômeno religioso na crença das Religiões de Matriz Africana.

A investigação da pesquisa foi organizada a partir da participação dos sujeitos envolvidos (alunos) no contexto da sala de aula, onde de forma espontânea, responderam questões norteadoras para o processo de coleta e análise de dados. Tendo uma abordagem fenomenológica, apoiada em bibliografias estudadas por teóricos como Pedro Oro, Cristina Tramonte, Mario Giordano, Erisvaldo dos Santos dentre outros, que nos ajudaram a compreender este universo mítico-religioso.

O presente artigo está estruturado em cinco partes: 1. Metodologia - caminhar da pesquisa, evidenciando os métodos e as abordagens; 2. Minha trajetória na educação; 3. Trajetória acadêmica e o estudo das Religiões de Matriz Africana, ou seja, o interesse de elucidar as religiões de matriz africana no âmbito da prática pedagógica (escola); 4. Impressões dos alunos acerca da intolerância religiosa aos que professam o credo nas religiões de matriz africana e 5. O Fenômeno Religioso e a religiosidade africana.

Metodologia

Nosso caminhar neste trabalho parte da concepção de alguns teóricos sobre o que é metodologia e método na pesquisa, no que será definido logo a seguir. Minayo (2007), apresenta três elementos importantes sobre a metodologia:

[...] a) como discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos

instrumentos operativos que devem ser realizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como “a criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações empíricas. (MINAYO, 2007, p.44)

Para Gerhardt e Silveira (2002), *metodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

A presente pesquisa pode ser classificada como descritiva e explicativa. Isto porque, a pesquisa em mãos, traz as descrições das características da reação dos alunos da educação de Jovens e Adultos numa escola municipal na zona norte da cidade de Manaus - Amazonas, acerca da compreensão dos alunos em relação às religiões de matriz africana. Ao mesmo tempo, pode identificar fatores que determinam ou contribuem para a não aceitação dos que professam esse credo religioso.

Quanto ao método fizemos a opção pelo fenomenológico. Esta escolha se justifica porque o método escolhido permite estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo, pois, o método fenomenológico, consiste em mostrar o que é apresentado e esclarecer o fenômeno, seja humano ou não. Assim, “A fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência.” (TRIVIÑUS, 2015, p.43).

A coleta de dados se deu através de alguns passos que são constituídos por atividades que trazem como tema as religiões de Matriz Africana. Tais passos possibilitaram compreender o objeto de estudo e atingir os objetivos propostos com a pesquisa.

Baseado nesta perspectiva de estudo, trazemos algumas discussões sobre as Religiões de Matriz Africana no âmbito da

academia como um elemento de investigação do próprio fenômeno religioso presente também nesta expressão religiosa e as imbricações que teve nas minhas motivações de estudo.

Trajatória na educação frente as religiões de matriz africana

Minha vida na educação inicia quando fui cursar o Magistério no Instituto de Educação do Amazonas (IEA) no ano de 1993. Quatro anos depois me formei e fui fazer minha primeira experiência com o magistério, pois comecei a trabalhar alfabetizando Jovens e Adultos, através de um projeto da Pastoral da Criança, pastoral ligada à Igreja Católica.

No ano de 1999, fui convidado a trabalhar na Escola Santa Maria Mazzarelo, instituição ligada as Salesianas de Dom Bosco (Freiras), onde fui trabalhar com a antiga 4^a série na época. Nesta instituição, foram proporcionadas muitas formações das quais aproveitei, temas ligados: ao currículo, avaliação da aprendizagem, Ensino Religioso, Pedagogia de Dom Bosco dentre outros. Neste mesmo ano, uma freira que trabalhava lá, me informou que o Cenesch¹, iria formar a primeira turma de Ensino Religioso, foi quando me interessei e resolvi me inscrever no vestibular para cursar a Licenciatura Plena em Ensino Religioso. Estudei três anos intensivos no curso do Cenesch, que iniciou em 2000 e teve seu término no ano de 2002.

Trabalhei dois anos como professor contratado pela Semed (2003-2004). Em 2004 prestei concurso, sendo aprovado, tomando posse no ano de 2005. Sendo assim, sou concursado e faço parte do quadro da Secretaria Municipal de Educação (Semed) até os dias atuais, como professor de Ensino Religiosos da rede.

Os anos se passaram e em 2007 passei a militar no Movimento Social de Negritude. Hoje sou militante do Movimento Negro do

¹ Centro de Estudos do Comportamento Humano. Instituição na qual cursei a Licenciatura Plena em Ensino Religioso (2002).

Amazonas pelo Fórum Permanente de Afrodescendentes do Amazonas – FOPAAM², no qual faço parte da coordenação, representando a Associação de Matriz Africana Navêzuarina. Lutamos diariamente em favor dos Direitos Humanos que são violados principalmente pelo poder público que não cumpre o seu papel. Nossa bandeira é a luta pelo combate ao racismo, o preconceito, a intolerância religiosa e a discriminação racial.

Em 2008, senti a necessidade de aprofundar mais a temática na qual passei a militar, iniciei uma Pós-graduação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana, a qual conclui em fevereiro de 2009. Meu projeto de pesquisa foi voltado para a liberdade religiosa nos cultos afro-brasileiros: um estudo na cidade de Manaus. Foi a partir dessa experiência social que passei a me interessar em pesquisar e estudar as Religiões de Matriz Africana com intuito de poder trabalhar com meus alunos como se dá o culto, como o sagrado se manifesta na cultura africana.

O fenômeno religioso e a religiosidade africana

Cerca de quatro milhões de negros africanos foram trazidos como escravos para o Brasil por volta dos XVI. Eram pessoas humanas trouxeram consigo poucas coisas ou quase nada, pois, eram obrigados a abandonar sua cultura e sua religiosidade. No domingo de manhã, eram obrigados a participar da missa junto com seus senhores, porém, em um espaço lateral distante. A noite iam para as senzalas, fechadas, onde os nagôs dançavam aos santos/orixás. Os senhores entendiam que era diversão deles. Na verdade, eles praticavam a sua religião, por meio da dança, elemento principal da sua cultura, das músicas e dos rituais

² É um Fórum de Negritude que existe há 14 anos na cidade de Manaus e tem como princípios atuar com os diversos segmentos do movimento negro na luta pelo combate ao racismo, o preconceito e a discriminação racial. Sua secretária executiva funciona na Cáritas Arquidiocesana de Manaus.

africanos. Dessa forma, cultuavam os orixás e cultivavam sua religiosidade (ORO, 2013, p.103).

As Religiões de Matriz Africana, denominadas também, como Religiões Afro-brasileiras, ao longo de sua história, sempre foram alvo de grande incompreensão, discriminação e de perseguições por parte da coroa portuguesa e da igreja católica, que imperou por meio do regime do padroado no que tange os aspectos políticos, deixando resquícios desta postura até dias atuais.

Tramonte (2013), diz, denominam-se Religiões Afro-brasileiras ou de Religiões de Matriz Africana:

O conjunto de práticas religiosas que se originaram dos povos africanos em nossa terra e nomeia-se também como povo-de-santo³, ou seja, praticantes do Candomblé, Umbanda, Batuque e Tambor de Mina. Elas conservam práticas, dogmas e crenças ancestrais, reinterpretadas à luz de valores morais e éticos emergentes na atualidade. (TRAMONTE, 2013, p. 103)

Segundo Tramonte, a prática do culto afro se baseia num sistema de valores que pertencem a sua ancestralidade e que se recria todos os dias nos mais diversos terreiros através de seus mitos (cosmologia e cosmogonia).

Oro (2013, p.108) aborda com bastante propriedade o significado das Religiões de Matriz Africana, pois, é “a primeira religião que ensina o *sagrado da natureza*. Por isso, seus adeptos não destroem as plantas, as águas, a natureza, pois, tudo é criação de Olorum⁴. Daí o uso expressivo de chás, de banhos cheirosos, alimentos com coisas que vem direto da natureza”.

Como podemos observar na fala de Oro, as Religiões de Matriz Africana se preocupam com a vida, ou melhor, com os diversos elementos que existem na natureza e isto, consiste em cuidar da vida. Haja vista, que essa religião está ligada a um ser

3 Denominação utilizada para designar comunidade de pessoas que vivenciam uma crença religiosa.

4 Olorum na visão dos afro-religiosos é o Deus todo poderoso.

superior, autor da criação. Ainda assim, conforme Oro (2013), ele diz que:

A religião é uma religião da vida, pois, seus filhos e filhas vivem, festejam, comem, cantam o amor, dançam a vida, com muita expressão corporal. Em seus ritos não podem faltar a partilha de comida, a fartura para seus filhos (as), a alegria, o movimento, a luz, a paixão e tudo isso é feito para celebrar com os seus ancestrais. A ancestralidade é uma marca das Religiões de Matriz Africana. Para eles, os antepassados não partiram, estão nas coisas, na terra, na água, no fogo, nas plantas, nas casas. Os alimentos são carregados de axé, isto é, força-energia divina que está presente nos alimentos. (ORO, 2013, p.108)

De acordo com Oro (2013), as religiões de matriz africana, tem uma responsabilidade com a vida, festejam a vida de corpo e alma por meio da corporeidade. Isso torna a religião uma prática celebrativa cotidianamente.

Assim ressaltam os teóricos Oro (2013), Tramonte (2013) e Giordani (2004, p. 68) exemplificam que:

As religiões de matrizes africanas são organizadas em torno da noção de casa. Esta casa onde se realiza o culto pode possuir dimensões amplas, também conhecidas como terreiros. Os terreiros na verdade são espaços simbólicos construídos à luz das tradições africanas, à semelhança de reinos como o de Angola, Congo, Daomé, Oyó e outros, destruídos pela escravidão. Agora, nestes espaços, não são cultuados somente ancestrais de regiões específicos do continente africano, mas aqueles trazidos pelos diversos homens e mulheres que chegaram na condição de escravos durante mais de trezentos anos. (GIORDANI, 2004, p. 68)

Giordani também esclarece como são organizadas as religiões de matriz africana, nas quais todo o seu conjunto é caracterizado como uma casa, onde nessa relação as pessoas são chamadas de pai, mãe e filhos de santo.

Cabe salientar que, nos terreiros ou casa de santo, expressão popular mais utilizada pelas religiões de matriz africana, a dança

e o canto, também são fatores muito importante, assim como a roda ou melhor o círculo, elemento da cosmovisão africana, conforme mostra a figura



Figura 1- Saída de Santo no Terreiro (Visitação)
Fonte: GLÁUCIO, (2017)

Na figura 2, mostra o círculo como um dos elementos importantes no momento em que se louvam o sagrado. Pois, por meio da roda e do círculo no centro do terreiro é que acontece um momento mágico, ou seja, quando as pessoas emprestam seus corpos para os Voduns e caboclos encantados.



Figura 2 - Festa no Terreiro (o círculo)
Fonte: GLÁUCIO, (2017).

É através da *roda* no terreiro onde se forma uma grande corrente de oração, em que as pessoas se tornam divina, é onde acontece o grande momento vivido de forma particular, quando os Voduns e Caboclos se mostram ou incorporam através do corpo de homens e mulheres nos terreiros por um espaço de tempo curto ou longo até retornarem ao seu plano espiritual. A chegada de uma *entidade espiritual*, no terreiro se dá com os pontos cantados ao toque do tambor e quando a própria entidade pede ou recebe da mãe de santo ou pai de santo ou da guia da casa, um pano que o identifique, traçando sobre o corpo da pessoa que a incorporou, é o momento em que a pessoa entra em *transe*, ou seja, estado na qual a pessoa sai de si mesma, passando a assumir outra identidade. (ANCHIETA e DAGAMA, 2011).

De acordo com Oro (2013), a religiosidade africana conseguiu uma expressiva comunicação entre o humano e o divino, é de uma riqueza que ele elucida:

O divino e o humano unem-se na dança. É gratuidade, um preciso do outro. Tal culto é de uma imensa beleza artística e teológica, e com relação cósmica. Do Orum vem para o Ayé, para o orixá que assume seus filhos. Estes vão ser possuídos pelo orixá. Poderiam dizer,

referindo-se à dança em seu culto: “Já não eu que danço, é o orixá que dança em mim”. O ser humano empresta ao orixá a única coisa que ele não tem: o corpo. Por ele o orixá conversa, dá receitas, dá conselhos; depois vai embora e aos poucos a vida volta ao ritmo normal. Os filhos e filhas de santo são pessoas que, em boa parte, se retiram do mundo e vivem para celebrar os cultos religiosos. São eles que, no terreiro, garantem o axé para todo o mundo viver. (2013, p. 111).

Este é o modo como os adeptos das Religiões de Matriz Africana exprimem a sua religiosidade (cosmologia e mitologia) e que as pessoas na sociedade precisam entender a fim de não elaborarem conceitos equivocados ou até mesmo preconceituosos daquilo que não se conhece. É preciso respeitar e valorizar todas as expressões de fé presente no Brasil e no estado do Amazonas.

É preciso entender que, a liberdade de expressão e de crença é um direito de todo ser humano, deve ser respeitado sem distinção de cor, raça, gênero, orientação sexual e religião prevista em lei. Contudo, deve ser incentivado, assimilado e praticado no cotidiano de nossas escolas, pois, muitas vezes estas desconsideram as práticas das Religiões de Matriz Africana, que por sua vez funcionam como espaço de solidariedade, onde as pessoas buscam resolver problemas pessoais e existenciais.

Religiões de matriz africana e a questão da intolerância religiosa

No processo de investigação em sala de aula, optei em trabalhar com duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais precisamente uma de 4ª fase e outra de 5ª fase no segundo semestre de 2016. Cabe ainda salientar que, a proposta do tema, foi apresentada numa atividade da Secretaria Municipal de Educação – Semed Manaus no início do mês de novembro do mesmo ano, intitulado: A lei 10.639/2003 e as Religiões de Matriz Africana – interfaces do fazer pedagógico.

Vale ressaltar que trabalhar com a EJA requer muita habilidade, pois, essa clientela além de trazerem consigo suas

experiências de vida, pois, elas não estão isentas de preconceitos acerca de assuntos que não dominam ou que só conhecem pelo senso comum. Desta maneira, tomei como pressupostos, alguns passos a seguir para introduzir o título da pesquisa:

1. Primeiro, fiz com que os alunos conhecessem primeiramente a respeito da Lei 10.639/2003, pedi para que pesquisassem e em seguida pudéssemos debater o que eles entenderam sobre a lei. Em seguida, convidei a turma para assistir um filme com o título: Eu tenho fé, para que assimilassem ainda mais o conteúdo;
2. Segundo, propus confecção de cartazes das divindades africanas, oficinas de turbantes e um painel-mural.

O trabalho realizado com os alunos em sala de aula foi desafiador visto que, observamos pré-conceitos e preconceitos acerca da temática proposta. Os alunos tiveram dificuldades em relatar o porquê dessas resistências. De forma bastante pedagógica, foram apresentados arcabouços legais que legitimam o estudo da temática no currículo da escola (Lei 10.639/2003). No final, já bastante esclarecidos, apresentaram trabalhos de confecções com uma qualidade e dedicação.

As figuras 3 e 4 logo a seguir, mostram todo o processo de debate e construção das máscaras africanas pelos alunos como parte do aprendizado.



Figura 3 - Cine-debate (alunos da 5ª Fase) - Fonte: GLÁUCIO, (2016).

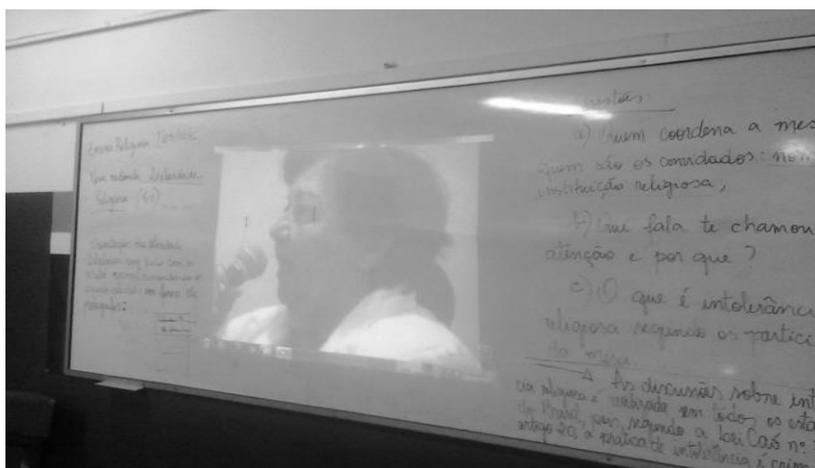


Figura 4 - Cine-Debate (alunos da 5ª Fase) - Fonte: GLÁUCIO, (2016).

Em seguida, os alunos da 5ª fase confeccionaram algumas máscaras africanas sendo partes do processo de aprendizagem conforme mostram as figuras 5, 6 e 7.



Figura 5 – Preparação das máscaras africanas (alunos da 5ª fase da EJA)
Fonte: GLÁUCIO, (2016).



Figura 6 - Preparação das máscaras - Fonte: GLÁUCIO, (2016).



Figura 7 - Produção de máscaras (alunos 5ª Fase) - Fonte: GLÁUCIO, (2016).

As figuras 8 e 9 abaixo mostram o momento em que os alunos da EJA produzem materiais depois de esclarecidos os preconceitos em relação ao tema em questão. Os alunos compreenderam que o fato de trabalhar as Religiões de Matriz Africana não foi algo isolado, pois, segundo a Lei 10.639/2003, faz parte do currículo inserir este conteúdo.



Figura 8 - Cartazes com Divindades Africanas (alunos da 4ª Fase)
Fonte: GLÁUCIO, (2016).



Figura 9 - Confeção de Cartazes - - Fonte: GLÁUCIO, (2016).

É importante salientar, que a discussão em torno das Religiões de Matriz Africana se deu a partir da inserção das oficinas de cartazes, máscaras e o próprio cine-debate. Nesse sentido, surgiram algumas indagações da parte dos alunos e outras que provoquei com as turmas, tais como: O que vocês já ouviram falar sobre religiões de matriz africana? Vocês sabem o que significa tolerância? Você já foi intolerante com alguém?

Após indagações, foi notório observar nos alunos as posturas de indiferença e repulsa em relação a última questão. Alguns alunos disseram: “*é coisa do demônio!*” “*Vixi,*” *macumba!* Dentre outros termos que escutei e anotei no meu caderno de anotações. Porém, percebemos claramente que a reação dos alunos se configura no sentimento de rejeição e de ausência de conhecimento sobre o assunto discutido. É o que iremos contrapor com a fala de Santos. A fala dos alunos se assemelha muito com o que diz Santos (2010), pois, segundo ele, a intolerância presente na escola e na sociedade opera com:

Três pressupostos básicos no que tange a questão da intolerância: o primeiro é educação escolar como espaço de formação e identidade

socioculturais; o segundo, baseia-se nas atitudes de preconceitos e de intolerância com relação aos adeptos e às religiões de matrizes africanas e o terceiro, é que as religiões de matriz judaico-cristã, produzem uma invisibilidade das religiões de matrizes africanas e satanizando as entidades espirituais. (SANTOS, 2010, p.42)

A intolerância religiosa está presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças de caráter religioso. É uma prática que se auto justifica em nome de Deus; adquire o *status* de uma guerra de deuses encarnados em homens e mulheres que se odeiam e não se suportam (SILVA, 2018, p. 65).

Segundo Silva (2018), a intolerância religiosa tem nuances e intensidades diversas: inclui desde manifestações de desrespeito, não reconhecimento do direito da liberdade religiosa, da existência institucionalizada e prática ritualista coletiva, ao ódio, perseguição religiosa destruição de patrimônios da humanidade e massacres em nome de Deus. A rigor, a intolerância religiosa é tão antiga quanto humanidade. Por que esta persistência? O que sustenta a intolerância? Como ela funciona na prática? Estranhamento cultural, medo, não aceitação da alteridade, apego excessivo aos dogmas, espírito de seita, sentimento e autopercepção de guardião da fé e verdades absolutas, fundamentalismos, incompreensão, desconhecimento, ignorância etc., são aspectos que fundamentam as manifestações de intolerância religiosa. Mas, quais as suas origens? Quais as suas raízes mais profundas? Por que a intolerância religiosa persevera?

Como podemos observar Silva (2018) nos apresenta várias hipóteses acerca das causas da intolerância nos dias de hoje e isso é bastante salutar nos debruçarmos nessas indagações.

Um dado levantado por Santos (2010) é que os alunos/as pertencentes às religiões de matriz africana continuam sendo vítimas de preconceito racial e religioso sem que nenhuma atitude pedagógica seja tomada para impedir tal excrescência. O preconceito, a discriminação e a intolerância são maneiras das ações humanas tratadas como se não fossem problemas éticos a ser

enfrentado pelos rituais pedagógicos da escola, isso prova a naturalização dessas práticas nas relações sociais e principalmente na escola, como a reprodução e perpetuação de preconceitos e formas correlatas de intolerância.

Ainda assim, Santos (2010) exemplifica dizendo que o fato das pessoas agirem com posturas preconceituosas com as Religiões de Matriz Africana se dão a partir de uma negação de experiência de sagrado vivenciadas por elas, ou seja, há uma recusa em reconhecer a sacralização dos animais utilizados nos cultos como sendo algo satânico. Contudo, Santos compara que, só pelo fato de as Religiões matriz Africana utilizarem o sangue dos animais em sacrifícios, esquecem-se que a matriz judaico-cristã também fazia sacrifício no período páscoa e até os dias de hoje isso é celebrado. Os resultados destas atividades fizeram com que os alunos conhecessem e aprendessem a importância do estudo da Lei 10.639/2003 como parte de sua formação, previsto como conteúdo programático.

Considerando o teor da Lei 10.639, de 09 de março de 2003, altera a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que introduz no currículo das escolas públicas e particulares o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio. Com base nisso, a disciplina de Ensino Religioso não poderá esquecer-se de trabalhar a cosmovisão religiosa africana como um dos pressupostos da lei.

Vale ressaltar que, destacando o conteúdo programático da Lei 10.639/2003, ele deve perpassar por todo o âmbito do currículo da escola, sem exceção de nenhuma disciplina, todos deverão trabalhar a temática, principalmente a disciplina de Ensino Religioso. Desta forma, apresentaremos como se dá o culto nas religiões de matriz Africana, com o intuito de oportunizar aos alunos e professores que o pré-conceito e os preconceitos devem ser superados, caso contrário, nossas relações pessoais passarão a ser norteadas pela intolerância religiosa. Considerando a introdução desse conteúdo aos alunos, se fez necessário trazer os

teóricos que discorrem sobre o assunto os quais ao longo do estudo, apresentaremos. Trindade (2006) explica como se deu a inserção da lei no âmbito educacional:

A Lei 10.639/03, não foi criada verticalmente, “de cima para baixo”, como se costuma dizer, quando nos referimos a pacotes pedagógicos que não se constituíram a partir do diálogo com a comunidade escolar ou com a sociedade. Essa lei é a vitória de anos de luta pela valorização e reconhecimento do patrimônio da humanidade legado pela África e sua diáspora. A escola não pode mais negar à sua comunidade o acesso este rico patrimônio. Nessa direção, refletir acerca da teoria e dos conteúdos significativos ao ensino-aprendizagem de nossos educandos, numa perspectiva antirracista que visibilize as diversas marcas e presenças dos povos formadores da sociedade brasileira, tornou-se mais instigante. A Lei 10.639/03 que, entre outros caminhos, cria oportunidades de pensarmos o currículo de forma inter ou transdisciplinar, flexibilizando-o, focando, assim, conteúdos que visibilizem os corpos brasileiros na sua marca de Afro descendência, buscando, não só o acesso e a permanência de nossas crianças e jovens na escola, como também o seu sucesso.

Trindade traz com muita propriedade o porquê de se trabalhar a temática das Religiões de Matriz Africana em sala de aula, haja vista, que este conhecimento deve ser oferecido como um direito à aprendizagem. É com base nesta afirmação que os alunos da rede pública e particular precisam aprender o universo religioso dos povos africanos, principalmente no que diz respeito a sua cosmologia enquanto Fenômeno Religioso.

O Ensino Religioso como uma das disciplinas do currículo da escola é tão importante, quanto qualquer outra disciplina, pois, deve ajudar o aluno a ver as experiências míticas das tradições religiosas como válidas e dignas de respeito, caso contrário, vamos continuar vivenciando e presenciando casos de intolerância e racismo religioso entre os alunos adeptos dos cultos de matriz africana. Contudo, se o professor de Ensino Religioso não possuir esta formação, poderá reforçar práticas de intolerâncias religiosas na sala de aula. Vale ressaltar, que essa formação específica do

professor de Ensino Religioso, neste ano de 2018, ganha respaldo na legislação brasileira educacional onde o próprio CNE – Conselho Nacional de Educação, homologa as Diretrizes Curriculares para nas Universidades públicas e privadas no que diz respeito à formação inicial dos professores de Ensino Religioso como Cientistas da Religião por meio do curso de Ciências da Religião, uma vitória para esta área do conhecimento.

Considerações finais

A pesquisa em questão procurou refletir sobre como os alunos da Educação de Jovens e Adultos aceitariam o conteúdo a ser estudado em relação as Religiões de Matriz Africana. Percebemos que ao longa da trajetória da investigação foi necessário estabelecer algumas atividades a ponto de não tornar tenso o estudo. Cabendo então, fazer com os alunos uma oficina de turbante considerando que o turbante retrata um pouco da cultura negra e afro-religiosa como um elemento e acessório utilizado diariamente na cabeça. Foram realizadas também apresentação dos trabalhos produzidos em sala de aula, tais como cartazes, máscaras africanas e um grande painel para apresentar numa grande culminância com todos os alunos da escola.

Apesar do primeiro impacto dos alunos ter sido de incompreensão acerca do assunto trabalhado, foi possível perceber o desprendimento do pré-conceito acerca das Religiões de matriz Africana, quando começaram a compreender como se dá o universo religioso da religião estudada e passaram a reconhecer como uma religião válida e digna de respeito. Em se tratando da postura da escola frente as situações de preconceito e discriminação, ainda falta muito o sistema de ensino compreender que se faz necessário incluir no seu Projeto Político Pedagógico a implementação da Lei 10.639/2003 como parte das ações da escola de maneira que possa superar todo e qualquer tipo de preconceito, discriminação racial e religiosa.

Acreditamos que, na medida em que alunos e professores tivessem esses pontos esclarecidos, isto é, aprenderem os significados dos conceitos dentro da cosmovisão das Religiões de Matriz Africana, poderemos amenizar os preconceitos e as violências vividas em sala de aula, violência essa, que se caracteriza como intolerância religiosa. Contudo, essa é uma preocupação de muitos professores de Ensino Religioso que muitas das vezes são intimados a ministrar aulas do componente de curricular em questão sem ao menos terem formação na área tornando o sistema educacional um tanto falho. Essa deveria ser a prerrogativa para o professor de Ensino Religioso, ter formação específica e qualificada para poder atuar com mais propriedade em sala de aula.

Os objetivos específicos formulados na pesquisa foram alcançados com êxitos, pois, percebemos que os alunos ao longo do processo, foram deixando de lado os preconceitos e passaram a ver as Religiões de Matriz Africana com outro olhar, com mais respeito a ponto de desconstruir os conceitos equivocados que ora identificamos em suas falas no momento inicial das discussões em sala de aula.

Referências:

ANCHIETA, Arlete. DAGAMA, Gláucio. *Liberdade Religiosa nos cultos afro-brasileiros: um estudo na cidade de Ifanaus*. Artigo apresentado ao XI Congresso Luso Afro e Brasileiro – CONALB. Salvador - BA, 2011.

BRASIL. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. *Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a implementação das Relações Étnico-raciais. República Federativa do Brasil.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *tfétodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) – UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

GIORDANI, Mario Curtis. *História da África* – anterior aos descobrimentos. Ed. Vozes – 4ª Edição. Petrópolis - RJ.

ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013. – (Coleção temas da religião).

MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRAMONTE, Cristina. *Religiões de afro-brasileiras: direitos, identidades, sentidos e práticas do “povo-de-santo”*. (Coleção: Diversidade Religiosa e direito humanos: conhecer, respeitar e conviver) / Reinaldo Matias Fleuri... [ET AL. (Orgs.)], Blumenau: Edifurb, 2013.

TRINDADE, Azoilda Loretto. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais*. Brasília: MEC/SECA, 2006.

TRIVIÑOS. - Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais – A pesquisa qualitativa em Educação O Positivismo. A Fenomenologia; O Marxismo*. Editora Atlas S.A – 2015.

SILVA, Antônio Ozaí da. *O que é intolerância religiosa?* Lisboa: Escolar Editora, 2016, (162 págs.) – Revista Espaço Acadêmico – n. 203 – abri/2018.

SANTOS, Erisvaldo P. dos. *Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário*. / Erisvaldo Pereira dos Santos. Belo Horizonte; Nandyala, 2010. (Coleção Repensando África, volume 4).



O Novenário de São Sebastião no Terreiro de Tambor de Mina: História e Concepção

Izis de Castro Rodrigues

Introdução

O artigo que ora apresentamos tem como intuito compreender e investigar a concepção e a importância da prática do novenário de um santo católico nas dependências de um terreiro na cidade de Manaus, mais precisamente, o Novenário de São Sebastião dentro do Terreiro do Tambor de Mina do ponto de vista histórico e conceitual.

A devoção por São Sebastião passa pelo crivo do sincretismo religioso que, ao longo da história do Brasil, sempre foi cultuado nos terreiros de Umbanda e no Tambor de Mina. Consideramos com uma forma que os negros escravizados encontraram de cultuar suas divindades, adequando-as as exigências do colonizador, ou seja, uma espécie de resiliência que os ajudava a se manterem fortes numa realidade adversa numa terra desconhecida.

Encontraremos autores que discordam do termo sincretismo e outros que o defendem como um mecanismo importante na manutenção dos cultos de matriz africana, podendo ser compreendido como afro-católico ou afro-religioso, termo usual utilizado entre as pessoas que professam o credo vindo da África. A contribuição dos participantes nesse estudo é de grande relevância por conta da experiência vivenciada no terreiro assim

como nos benefícios que o culto oferece aos que tem devoção a São Sebastião.

Para tanto, a pesquisa partiu de uma pesquisa de campo, com a realização de entrevistas com aplicação de questionário semiestruturado para colher vivências e experiências dos adeptos do culto afro-religioso. Esperamos que este artigo possa ajudar a sociedade amazonense a entender este universo religioso que há anos celebra um santo da Igreja Católica por meio do sincretismo religioso.

Metodologia

Segundo Demo (1987), a metodologia é uma preocupação instrumental, que trata de o caminho para a ciência tratar a realidade teórica e prática e centra-se, geralmente, no esforço de transmitir uma iniciação aos procedimentos lógicos voltados para questões da causalidade, dos princípios formais da identidade, da dedução e da indução, da objetividade etc.

A pesquisa realizada pode ser classificada como descritiva e exploratória. Isto por se tratar de um estudo que descreve e analisa o fenômeno religioso, neste caso, o Novenário de São Sebastião no Terreiro de Nação - Tambor de Mina, no bairro de São Francisco - Manaus, que incorporou o santo católico em seu espaço religioso, uma tradição nos terreiros de Tambor de Mina.

Na pesquisa descritiva realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador. São exemplos de pesquisa descritiva as pesquisas mercadológicas e de opinião (BARROS e LEHFELD, 2007).

De acordo do Cervo e Silva (2007), a pesquisa exploratória estabelece critérios, métodos e técnicas para a elaboração de uma pesquisa e visa oferecer informações sobre o objeto desta e orientar a formulação de hipóteses. A opção pelo método fenomenológico deu-se por entender que é o que mais se

aproxima do campo educacional. Segundo Triviñus (2015) a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: “a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensar que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade (TRIVIÑUS, 2015, p.43).”

Esta opção se justifica porque o método escolhido permite entender a relação dos sujeitos com a tradição que o culto carrega há anos e que consiste na preparação do novenário e se concretiza com a elevação e derrubada do Mastro, analisando assim, os significados e a importância dada ao festejo de São Sebastião nos terreiros de Tambor de Mina. Para a fenomenologia o objeto enquanto fenômeno religioso é aquilo que se mostra pelos sentidos, conforme citado acima.

A pesquisa utilizou-se de pesquisa de campo, conversas informais (adeptos do culto, liderança do terreiro), entrevistas semiestruturadas com filhos de santos e imagens fotográficas e uma revisão bibliográfica com teóricos que discorrem sobre o assunto. Estas ferramentas permitiram identificar o real sentido que é dado ao novenário de São Sebastião pelos adeptos do culto. O material documentado, bem como, as respectivas análises foram organizadas em relatório de pesquisa componente do estudo científico que se constitui neste artigo.

Minhas Memórias

Trabalho há mais de vinte anos (20) com a modalidade de Educação Especial, pois, sou professora da rede pública do município de Manaus, contratada pelo regime direto administrativo (RDA). Ao longo desses anos, por conta do trabalho e de outras preocupações, iniciei graduações, que não tive condições de concluir. Algumas pessoas da sede da Secretaria

Municipal de Educação-Semed, que considero importantes na minha vida, sempre me alertavam para que entrasse no processo de seleção para professores para dar continuidade à minha formação, visto que meu diploma é apenas de Magistério (ensino médio). No final de 2013, fui convidada a fazer uma pré-inscrição para entrar na turma de Ciências da Religião - PARFOR que estava iniciando assim poderia ter uma graduação reconhecida pelo MEC.

Hoje sou acadêmica finalista do curso de Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Sem dúvida, esses anos de estudos me proporcionaram conhecimento que nunca passaram pela minha cabeça, conhecimentos estes ligados a Antropologia da Religião, Filosofia da Religião, Sociologia da Religião, Psicologia da Religião, Mitologia e tantas outras que me proporcionaram visualizar um novo horizonte em relação ao Fenômeno Religioso e o campo de atuação das Ciências da Religião. De fato, tudo que aprendi, me torna hoje, uma nova mulher, uma professora mais comprometida com o conhecimento científico e não mais com o senso comum.

O interesse pelo tema surgiu com a pesquisa de campo proposto pela professora da disciplina de Texto Sagrado e Tradições Orais I, no terceiro período em 2016, quando fomos visitar o Terreiro de Mãe Orny, pois, me encantei com a religiosidade e a realidade do sincretismo que lá encontrei, que foi o Novenário de São Sebastião e o levantamento do Mastro que é feito e comemorado no mês de janeiro.

O processo de escolha do tema do projeto de pesquisa se deu a partir do convite de um colega da UEA para uma visita para participar de um evento no terreiro de Tambor de Mina, localizado no bairro de São Francisco, naquela ocasião se realizava o novenário de São Sebastião, sincretizado no culto afro como

Oxóssi ou Xapanã. A experiência que vivenciei no Terreiro de Tambor de Minas liderado pela Mãe Orny, foi de grande importância e aprendizado.

Devido à ausência de esclarecimento da sociedade e das escolas públicas e particulares em relação as religiões de matriz africana (Tambor de Mina) frente ao sincretismo religioso existente há anos no Brasil, nos propomos a discutir e investigar a temática a partir dos seguintes problemas: Qual a importância do novenário de São Sebastião dentro do terreiro de Tambor de Mina quanto à história e concepção? Que concepção têm os adeptos do terreiro de Tambor de Mina quanto ao novenário? O que significa na prática esse acontecimento?

O olhar do pesquisador sobre o novenário de são sebastião

Este tópico traz a discussão do nosso objetivo geral, onde investigamos a importância do Novenário de São Sebastião dentro do Terreiro do Tambor de Mina do ponto de vista histórico e conceitual. Neste sentido, começaremos com as seguintes análises. Os resultados aqui apresentados são frutos da pesquisa de campo, enquanto participação numa noite de novenário, das

1 Oxóssi é uma divindade das religiões africanas, também conhecida como orixá, que representa o conhecimento e as florestas. Para as religiões africanas como a Umbanda e o Candomblé, Oxóssi é muito ligado à natureza, sempre enaltecendo tudo o que ela pode nos proporcionar, conforme a necessidade humana. Por esta razão, ele também é conhecido como o orixá da caça, da fartura e do sustento. Nas tradições da igreja católica, o orixá Oxóssi é sincretizado com São Sebastião, sendo homenageado no dia 20 de janeiro. Disponível em: <https://www.significados.com.br/oxossi/> Acesso em 16/08/2018.

2 A definição de Xapanã é dada por Pierre Verger no livro Orixás da Editora Corrupio: Xapanã nasceu em Empe, no território Tapa, também chamado, Nupe. Era um guerreiro terrível que, seguido de suas tropas, percorria o céu e os quatro cantos do mundo. Ele massacrava sem piedade aqueles que se opunham à sua passagem.

entrevistas com alguns filhos de santo designados pela liderança do terreiro e a participação de duas grandes lideranças do Tambor de Mina, sendo uma de Manaus e outra do Maranhão. Assim sendo, descreveremos três categorias da pesquisa: a primeira, o início novenário de São Sebastião; a segunda, a história do novenário e a terceira, a sua concepção prática juntamente com o festejo e o mastro de São Sebastião.

Início do novenário de São Sebastião

Os primeiros novenários realizados por Mãe Orny, foram em favor de outro santo católico. Sua fala comprova isso: “no meu terreiro foi assim, eu era da umbanda não fazia esse ritual na época, eu fazia o novenário de Santa Bárbara, mas foi por uma promessa que fiz pela Mãe de Santo que eu frequentava, a Mãe Laíde que ficou muito doente, então, fiz uma promessa a Santa Barbara em prol da saúde dela que durante 7 anos eu faria o novenário de Santa Bárbara durante 9 noites novena e tambor. Assim eu fiz”.

Encerrados os 7 anos, fui para o Terreiro de Mãe Emília³, Tambor de Mina e lá era costume da casa, ritual da casa, fazer o novenário e por eu ser agora da Casa Mina, raiz de mãe Emília eu tenho que levar também esses mesmo ritual, é por isso que hoje faço o novenário de São Sebastião que é costume da casa de Mãe Emília, e eu sou raiz de lá”.

³ Mãe Emília tem o título de Nochê. Termo correspondente na Mina Maranhense, ao iorubano ialorixá. Do Fongbé, Non= “mãe” + tchê= “minha”. LOPES. Ney. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. Edições: Selo Negro, 2004.



Imagem 1- Entrevista com Mãe Orny
Fonte: RODRIGUES, (2018).

Em entrevista com a liderança do Terreiro, Mãe Orny Oxum Apará, ela enfatiza falando sobre o novenário fazendo referência ao vodum Xapanã e canta: *Canta para Xapanã, rei Sebastião!*

Ô Rei Sebastião ele é guerreiro militar,
Ô Rei Sebastião ele é guerreiro militar.
Aê Xapanã, ele pai do Terreiro baixa na guma⁴, na guma imperial
Aê Xapanã, ele pai do Terreiro baixa na guma, na guma imperial.

Mãe Orny convida Pai Miguel⁵ para lhe ajudar a falar um pouco mais sobre esse festejo nos terreiros de Tambor de Mina e diz: “O Tambor de Mina usa os Santos da Igreja Católica como a forma de sincretismo, então maioria desses Santos, dentro do Tambor de Mina entra através da encantaria e de certos voduns. Então, devido ao sincretismo Pai Abadé, Siliguar - São Pedro, devido o sincretismo na época que chega o Tambor de Mina no

⁴ Na linguagem coloquial dos terreiros de Mina, guma quer dizer, terra.

⁵ Pai Miguel mora em São Luiz do Maranhão. Em vídeo conferência nos agraciou com sua sabedoria e experiência.

Maranhão como as outras religiões africanas, eram discriminadas, então começaram a botar os santos católicos como uma forma de ludibriar a polícia, e certas coisas, devido isso que tem os certos Santos Católicos e geralmente a maioria dos encantados⁶ tem uma devoção com os Santos devido o Sincretismo, então devido a isso (nego) pessoas diz vou fazer a festa de Xapanã São Sebastião, São Miguel povo de Gama e assim sucessivamente.

Cada Santo que entra no Tambor de Mina tem uma ligação sincretismo com voduns ou encantado, devido isso usamos as ladainhas, rezadas em Italiano e tudo isso tem o sincretismo e as pessoas fazem isso com os Santos da Igreja Católica como tem em toda religião africana, se você for ver não é só o Tambor de Mina, qualquer religião africana está ligada a isso na própria Salvador.

O único lugar que não tem o sincretismo com os Santos católicos é o Apofonjá, isto é, os terreiros de candomblé. Mas todo lugar onde tem uma religião africana que devido os africanos não poderem cultuar seus Voduns, seus Orixás, seus Inkices eles botavam a mesinha como assentamento embaixo e o santo católico em cima, e devido a isso que se usa até hoje, tem toda uma história”.

Como podemos perceber, o Tambor de Mina, tem a tradição de cultuar também os santos católicos em seus terreiros. E isso, Ferreti⁷ (1996), explica com propriedade a origem e o ponto fundamental no culto do Tambor de Mina:

No Maranhão, por exemplo, se diz que, na Casa das Minas, alguns Voduns são devotos ou têm “adoração” por determinados santos católicos. Com isso constata-se que há uma distinção entre o vodum e o santo. Note-se que esta devoção não ocorre com todos os voduns.² A devoção ou adoração de um vodum a um santo, não implica na confusão

⁶ Designação de cada uma das entidades nos candomblés de caboclos”. LOPES. Ney. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. Edições: Selo Negro, 2004.

⁷ Trabalho apresentado na Mesa Redonda: Reafricanização e Sincretismo no V. Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador entre 17 e 22 de agosto de 1997.

ou indistinção entre ambas as entidades. Os devotos dos Voduns e dos santos não confundem um com o outro. (FERRETTI, 1996, p.186)

Pai Miguel, corrobora dizendo que, o Tambor de Mina se segura muito mais nisso ainda, por que nós temos a recolhida dos filhos, quando eles (levantam) vão assistir uma missa tudo está ligado a Deus, tudo está ligada a deusa, os voduns tudo está ligado a Deus único, então devido essa junção de religião para que a gente possa professar nossa religião sem aquela coisa de demônio, que nós não temos demônio, nossa religião tem mais de 5 mil anos, não tinha Santo Católico, não tinha bíblia, devido isso nós temos todos uma coisa e hoje em dia para se afirmar como de Deus também.

Como podemos observar na fala de Pai Miguel, ele retrata muito bem o aspecto do sincretismo entre as duas religiões. Pois, o sincretismo vivido nos terreiros, foi uma espécie de estratégia do povo africano para continuar cultuando suas divindades até os dias atuais.

A devoção por São Sebastião passa pelo crivo do sincretismo religioso que ao longo da história do Brasil, sempre foi cultuado nos terreiros de Umbanda e nos terreiros do Tambor de Mina. Foi uma forma que os negros escravizados encontraram para continuar cultuando suas divindades, isto é, uma espécie de resiliência, como manutenção do culto africano.

Contudo, Ferreti (1997) explica que essa relação que se chamou de sincretismo religioso, foi criticado num grande evento realizado em Salvador – BA, na década de 80, na II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, onde diz: “as religiões afro-brasileiras passaram a condenar o sincretismo afro-católico, afirmando não ser hoje, mais necessário disfarçar as crenças africanas” (FERRETTI, 1997, p.184-185).

Sem dúvida, essa é uma crítica que Ferreti faz do sincretismo como uma forma de querer reduzir ou apagar as religiões de matriz africana no Brasil. Porém, somente nos terreiros de candomblés que não há o sincretismo, apenas na Umbanda e no Tambor de Mina é que veremos logo mais.

Convém lembrar, que no imaginário e na expressão artística afro-brasileira, os orixás costumam ser caracterizados com atributos de santos católicos, quase todos brancos, como por exemplo, o guerreiro romano, pelo qual Ogum é representado em muitos candomblés. Vários outros orixás são também caracterizados assim. Além disso, o calendário da maior parte dos cultos afro-brasileiros, como não podia ter sido diferente, é construído basicamente em cima do calendário ocidental cristão (FERRETI, 1997).

A fala de Ferreti praticamente nos mostra a junção dos santos com os voduns nos terreiros se caracterizou num calendário nacional que abarcou por meio do sincretismo religioso as práticas de rituais presente em cada uma das religiões.

História do novenário de são sebastião

Neste tópico pretendemos descrever o primeiro objetivo específico, tendo sua análise, verificar quando iniciou o novenário de São Sebastião no terreiro de Tambor de Mina em Manaus. Com base nisso, descreveremos como o santo católico entrou nos festejos de terreiros.

A imagem abaixo mostra a entronização do Santo Católico dentro do terreiro a partir do novenário. No fundo da parede aparecem os orixás de cabeça de Mãe Orny. São eles: Oxum, rainha das águas doces e da fertilidade; Iansã, senhora do tempo e das tempestades e Xangô, deus da justiça e da guerra. Sincretismo puro.



Imagem 2- Altar de São Sebastião
Fonte: RODRIGUES, (2018).

São Sebastião é santo padroeiro da igreja católica, também é cultuado nas religiões afro-brasileiro, mas, precisamente no Tambor de Mina por meio de uma grande festa, que por sua vez, tem uma preparação antes, com o tradicional novenário do santo, com o levantamento do mastro e com uma grande gira⁸, isto é, com uma sessão mediúcnica do culto. Há uma conjugação de credos religiosos presente numa única festa religiosa.

A concentração dos adeptos na oração do terço que é rezado em honra de São Sebastião. Os participantes são convidados a fazerem pedidos para que o santo padroeiro interceda pelos que mais necessitam da oração. Como percebemos na imagem, todos possuíam um elemento que é utilizado no espaço religioso católico, ou seja, o terço.

A imagem 3, mostra os adeptos do culto e os pesquisadores participando da quarta noite do novenário de São Sebastião ao

⁸ Gira quer dizer, sessão, roda, ou seja, momento da dança que se torna sagrada.

passo de também identificarmos um elemento comum entre as duas religiões, o terço sendo rezado dentro do terreiro.



Imagem 3 - Quarta noite do Novenário de São Sebastião
Fonte: RODRIGUES, (2018).

Participaram também algumas entidades espirituais⁹ que atentos ao novenário, acompanharam todo o processo da reza do terço, com cânticos que faziam referência ao santo católico e a leituras da vida de quem foi São Sebastião. Conforme mostra a imagem 4.

Cabe salientar, que nos cultos afro ou nas religiões afro-brasileiras a presença de entidades espirituais é bastante comum. Como pesquisadores pudemos conferir com nossos próprios olhos o fenômeno que ali se estabeleceu, ou seja, num momento de transe mediúnico, Mãe Orny incorpora uma cabocla de nome Dona Suzana do Morro (na imagem abaixo é a primeira pessoa do lado esquerdo), entidade espiritual que juntos com os adeptos

⁹ Na Umbanda o termo masculino também pode ser chamado de Guias espirituais. LOPES. Ney. Enciclopédia da Diáspora Africana.

participaram de todo o novenário desde o primeiro dia até a derrubada do mastro.



Imagem 4 - Entidades Espirituais
Fonte: RODRIGUES, (2018).

Perguntamos a Mãe Orny, quando surgiu esse culto dentro da Tambor de Mina. Ela disse que: ‘veio de quando também fomos negros catequisados pela igreja católica, veio da forma que falávamos e cantávamos para o santo católico, para os ouvidos dos senhores, mas, nas senzalas e casas grandes eram evocados e cantados para Orixás, os voduns, entidades. Aí com o tempo tornou-se cultural religioso, só em toda religião do povo negro, como Santa Bárbara cantando e louvando SOB O IO-BARBAÇOEIRA, São Jorge guerreiro, cantando e louvando Ogum, assim sucessivamente”.

A fala de Mãe Orny, nos leva a compreender o quanto o sincretismo religioso é bastante presente no terreiro a ponto de

10 É o nome dado ao Vodunsi e faz referência a orixá Iansã, nome empregado no Candomblé e na Umbanda.

homenagear o santo com uma grande festividade, o levantamento e a derrubada do mastro.

Concepção da prática do novenário e a derrubada do Mastro de São Sebastião

No tópico a seguir, iremos descrever o segundo objetivo específico do projeto de pesquisa, tendo sua análise, a concepção e a importância da prática do novenário de São Sebastião no terreiro de Tambor de Mina. Sobretudo, evidenciando o significado do mastro e sua importância.

Segundo Mãe Orny, foi no ano 2000, ela começou a levar esse ritual, até então só fazia o novenário e hoje já está com 5 anos que faço o mastro também, derrubada de mastro, não fazia por ter espaço, a área é muito pequena que não fazemos hoje a derrubada, fazemos uma simbolização devido a área ser pequena, a gente faz e enfeita o mastro com as frutas, levanta, só que não faz aquela derrubada faz a simbolização só para cumprir o ritual.

No ano de 2013, na promessa de passar 7 anos fazendo levantamento do mastro, aqui no Terreiro de Mãe Orny, depois de 7 anos, será repassado para mãe Emília que é a nossa casa matriz mais não quer dizer que ela não vem levando mastro durante esses 7 anos, sim ela faz todo ritual levantamento de mastro, até hoje, nós vamos repassar pra ela como se fosse repassando a mão para ela o poder de ficar com o levantamento do mastro (FILHO DE SANTO – A).

Novenário de São Sebastião e o levantamento do Mastro que é feito e comemorado no mês de janeiro, no período de 11 a 20 de janeiro, sendo que são nove dias de novenário como se faz na igreja católica, só que no terreiro do Tambor de Mina se faz com o levantamento e derrubada do mastro que se coloca frutas para enfeitá-los.

De acordo com Ferreti (1998), as festas religiosas constituem componente importante das religiões populares, em que o

sincretismo se encontra intimamente relacionado. Acreditamos que é por isso que o culto se fortaleceu durante todos esses anos.

Na imagem de abaixo, um filho de santo (A) de Mãe Orny, nos explica a importância e o significado das frutas no Mastro de São Sebastião. Ele nos responde: “as frutas simbolizam/ a simbolização das frutas porque São Sebastião é sincretizado Oxóssi, ou seja, Oxóssi da fartura, aquele nosso alimento então Orixá da alimentação, da fartura e as frutas vem simbolizando isso, a fartura o nosso alimento. Xapanã por ser a posse do povo na Terra, então Xapanã é um vodum dentro da mina ele já não vem como quase São Sebastião, por que São Sebastião já é sincretizado Oxóssi, Ogum sincretizado Xapanã já é um Vodum só ancestral Acosse povo da Terra”.



Imagem 5- Levantamento do Mastro

Fonte: RODRIGUES, (2018).

O mastro de São Sebastião no novenário simboliza a união entre todos os irmãos, é no novenário que a gente prepara as frutas,

que a gente enfeita o mastro, dia-a-dia após cada reza feita, assim que termina a novena a gente se prepara e para nós é um momento de união. Porque a gente reúne toda nossa família de axé, não só quem é do axé, mas os simpatizantes de outra religião e os que gostam de estar junto conosco. Sempre buscamos o melhor comum. Então o mastro de São Sebastião tem que ter. Sem o mastro não há novenário, um está ligado com o outro porque a cada dia após o término da reza, após a novena que é feita um pouco no mastro, pra ter todo mundo ali em contato, todo mundo reunido (FILHO DE SANTO – A).

Conforme vemos na imagem 6, ao redor do mastro, uma filha de santo de Mãe Orny acende velas, seguida de preces e pedidos. Isso, sem dúvida é muito semelhante ao festejo de São Sebastião na Igreja Católica. Neste momento, eles entoam diversos pontos, ou seja, cantos em honra a São Sebastião, mas, fazendo referência a Dom Sebastião.



Imagem 6 - Ritual em torno do Mastro
Fonte: RODRIGUES, (2018).

Na fala da filha de santo (B) de Mãe Orny, registramos um relato muito parecido ao da igreja católica no que diz respeito a alcanço de graça. Assim diz: “Sobre graça de ter alcançado ou não, até o presente ainda não. Não tivemos, no festejo em si não tivemos nenhuma resposta, alguma notícia de que uma pessoa alcançou uma graça através de uma promessa que fez a São Sebastião e foi retribuído , mas durante os novenários sempre intercedemos por alguém enfermo no momento, e teve um ano, não consigo me lembrar nome da pessoa no momento, estava enferma uma filha de santo e era o período das 9 noites de novenário, a gente que intercedeu pela pessoa e ela foi agraciada por São Sebastião, ela ficou bem melhor, teve alta hospitalar, então podemos dizer que ela foi agraciada. Em relação de promessa, na levantada do mastro ou na derrubada do mastro não temos a notícia” (FILHA DE SANTO – B).

Para acontecer o novenário, os empenhos dos filhos e filhas de santo de Mãe Orny, é bastante visível, pois os mesmos, tem a preocupação de preparar tudo com muito carinho e zelo que vai desde a desde a preparação, como o novenário que antecede a festa e a derrubada do Mastro que é um símbolo muito forte e marcante no novenário do santo. E durante as nove noites de novenas, os filhos se organizam para servir no final da reza do terço um lanche que é partilhado entre todos, uma forma de se confraternizarem.

No último dia do novenário, dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, se toca o tambor para salvar o Vodum da nação, Xapanã, seguida de dança ao redor do mastro onde todos os filhos também participam e no final toque é servido um grande jantar para todas as pessoas que participaram do novenário.

Segundo Ferreti (2001), a entidades religiosas, de origens africanas ou brasileiras, pedem a realização de festas da chamada religiosidade popular e são homenageadas nos terreiros de Tambor de Mina, por exemplo, com festas do Divino Espirito Santo, de tambor de crioula, de bumba-meu-boi, com o banquete para os cachorros, com ladainhas, procissões e outros rituais. Oferecidos

em pagamento de promessas aos voduns, aos caboclos ou aos encantados. O sincretismo está muito presente na religiosidade popular e nas religiões afro-brasileiras, como forma de relacionar as tradições africanas e católicas (FERRETI, 2001, p. 24).

É com a fala de Ferreti que podemos evidenciar o quanto a relação de sincretismo com o credo da igreja católica, ajudou as religiões afro a se manterem vivas e presentes na sociedade brasileira e amazonense.

A imagem 7, mostra o momento em que os filhos de santo de Mãe Orny juntamente com ela, cantam e dançam ao redor do mastro. Cabe salientar que a reza é algo presente em todos os momentos das religiões de matriz africana e no novenário em honra a São Sebastião, ou seja, para tudo que se faz, a reza acompanha a vida dos filhos de santo.

Neste exato momento, a mãe de santo e seus filhos entoam pontos¹¹, isto é, músicas que são preces ao redor do mastro e dançam agradecendo ao Vodum por mais um ano de novenário realizado.

Apresentamos a seguir, um trecho do ponto cantado por todos e que retrata São Sebastião como um rei:

*Em sua barca, barca veleira / em sua barca, barca veleira,
É Rei Sebastião, vem formar sua trincheira /
É Rei Sebastião, vem formar sua trincheira.
Governador das praias do lençol /
Governador das praias do lençol.
É Rei Sebastião, coroadado em alto mar,
É Rei Sebastião, coroadado em alto mar.*

Como podemos observar o santo católico recebe no terreiro do Tambor de Mina a realeza de rei e não só como guerreiro, conforme a igreja católica ensina. Esse é o diferencial no culto afro. E quem puxa o canto é o filho de santo (A) de Mãe Orny.

¹¹ Na linguagem coloquial dos terreiros, ponto quer dizer, cânticos referentes as entidades espirituais.



Imagem 7 - Louvor em torno do Mastro
Fonte: RODRIGUES, (2018).

A imagem acima (7) diz respeito ao louvor realizado ao redor do Mastro em honra a São Sebastião, expressão muito forte entre os adeptos do culto afro. Contudo, é considerado um momento sagrado, pois, é a partir do canto, que se traz todas as rezas feitas no terreiro. E como diz a expressão popular: “quem canta, reza duas vezes”.

Outro dado interessante observar é, que tanto nas festividades da igreja católica que celebram São Sebastião como nós Terreiros de nação Tambor de Mina o mastro é bastante

presente, elemento que tem o papel de agregar as pessoas em torno de uma devoção.

Considerações finais

A pesquisa que propusemos fazer, buscou apresentar um pouco do universo religioso de um Terreiro de Tambor de Mina na cidade de Manaus, com a fusão de elementos da igreja católica, sobretudo, com o novenário em honra ao santo católico, que com as rezas do terço, com as leituras da vida e morte do mártir, levaram os adeptos do culto a rememorar a figura de São Sebastião e ao Vodum Xapanã nesta relação que chamamos de sincretismo religioso.

Analisar este fenômeno do ponto de vista das Ciências da Religião nos faz refletir o quanto é necessário conhecer um pouco mais as formas de conceber o sagrado de outras religiões, em locais diferentes das quais não fomos acostumados a vivenciar nossa relação com Deus. Contudo, é preciso reconhecer que o outro que professa o credo em religiões diferentes, não é, necessariamente nosso inimigo.

Como acadêmica do curso de Ciências da Religião, a pesquisa legitimou os objetivos que havíamos proposto, pois me fizeram compreender que os participantes do culto afro, ou seja, do Tambor de Mina são pessoas comuns que buscam encontrar naquele espaço religioso uma alternativa de viver o sagrado. E a universidade enquanto promotora do conhecimento, não pode ficar de lado, não pode invisibilizar essas expressões da religiosidade brasileira e amazonense como algo sem sentido. Tudo tem sentido e significado na relação com o transcendente, pois o fenômeno religioso também se manifesta os terreiros de Tambor de Mina.

Chegamos à conclusão de que o novenário de São Sebastião que também é celebrado, rezado e cantado na igreja católica é o mesmo no terreiro de Tambor de Mina, mas, com um diferencial.

Nele há o tambor, a presença de guias espirituais que comandam o novenário em consonância com os filhos de santo do terreiro de Mãe Orny, isso sem dúvida, não faz parte do universo da igreja católica, é o que nós configuramos com um elemento fundamental na pesquisa fenomenológica.

Por fim, tanto a escola, quanto a academia necessitam aproximar o seu discurso de maneira mais coerente, alicerçada em pesquisas, que reconheçam as experiências e vivências daqueles que professam o credo religioso, nas mais diversas formas de experimentar o sagrado.

Referências

BARROS, Aidil Jesus da Silveira. *Fundamentos de metodologia científica*/ Aidil Jesus da Silveira, Neide Aparecida de Souza Leheld. – 3. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CERVO, Amado Luiz. *Metodologia*/ Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Bervian, Roberto da Silva. – 6. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FERRETI, Sergio. *Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural*. Trabalho apresentado na mesa redonda: Reafricanização e Sincretismo, na Universidade Federal do Maranhão no V Congresso Afro-brasileiro, entre os dias 17 a 22 de agosto de 1997.

_____, Sérgio. *Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil – modelos, limitações e possibilidades*. Revista Tempo, vol. 6. 11, julho, 2001. Pp. 13-26. Universidade Federal Fluminense – Niterói, Brasil.

LOPES, Ney. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*/ Ney Lopes – São Paulo: Selo Negro, 2004.

DÊMO, Pedro. *Introdução ao ensino da metodologia da ciência*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS. - Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais – A pesquisa qualitativa em Educação* O

Positivismo. A Fenomenologia; O Marxismo. Editora Atlas S.A
- 2015.

Lugar Sagrado: Morada do Transcendente – Intra e Extra Humano: no Cristianismo, no Islamismo e na Matriz Africana na Cidade de Manaus

Maria do Perpétuo Socorro Moreira Lopes

Introdução

A referida pesquisa tem por objetivo mostrar às pessoas que há diferença entre espaço sagrado e lugar sagrado, que o ser humano é morada do transcendente, independente do espaço geográfico, da cultura, da tradição religiosa ou não que ele pertença e, por fim, que a pessoa é protagonista da transformação do meio onde ela está inserida a partir da sua experiência intrínseca com o transcendente, com o Cosmos, com a força misteriosa que transcende esse mundo físico, palpável, limitado.

Quando se pesquisa sobre religião, espaço sagrado ou algo referente ao transcendente nada mais é do que buscar a compreensão do homem em seu estado mais puro, seu estado mais primitivo e a fenomenologia procura se aproximar deste ser para tentar identificar as intencionalidades dele. Porém, optamos pelo método dialético pelo fato do objeto de pesquisa necessitar de uma interação com as realidades existentes, dialogar com as mesmas, ter consciência das mudanças comportamentais individuais e coletivas dentro do seu contexto, saber o que acarreta para si e para o outro, diante dos fatos históricos de cada tradição religiosa como também no que interfere na relação homem-mundo. [...]Para

Engels (In: Politzer, 1979:214), a dialética é a "grande idéia fundamental segundo a qual o mundo não deve ser considerado como um complexo de *coisas acabadas*, mas como um complexo de *processos*[...] (LAKATOS, 2003; p.100)

Quanto à natureza, a pesquisa será qualitativa, pois pesquisaremos o comportamento humano por meio da observação, as relações interpessoais nos espaços sagrados já mencionados. A estratégia metodológica será descritiva, pesquisa-ação e bibliográfica, visto que entrevistaremos as lideranças religiosas desses três espaços sagrados para entendermos qual a importância dessas tradições religiosas no contexto atual; porque eles são líderes e qual o público que frequenta esses espaços.

Diante da indiferença e desvalorização do ser humano e do desrespeito com o credo que este vive, professa ou não, gerando violência de forma verbal, física e algumas vezes a morte, refiro-me aos adeptos das tradições religiosas de matriz africana, que são vítimas desse tipo de violência por pessoas que se dizem cristãs, no entanto, agem contrariamente ao mandamento do amor, deixado por seu fundador, Jesus Cristo. O presente projeto quer suscitar através do método dialético algumas questões pertinentes a este tipo de comportamento para despertar nas pessoas a curiosidade em conhecer esses lugares sagrados, sua doutrina, o que fazem, quais trabalhos sociais são desenvolvidos e sensibilizá-las para terem atitude de respeito para com o outro, reconhecê-lo como morada do Transcendente.

Se todas as coisas e ideias se movem, se transformam, se desenvolvem, significa que constituem processos, e toda extinção das coisas é relativa, limitada, mas seu movimento, transformação ou desenvolvimento é absoluto. (LAKATOS, 2003;101)

Nesse sentido notamos que essas três tradições religiosas existem e têm preceitos a serem seguidos, porque elas estão em constante movimento, transformação ou desenvolvimento, e esse processo é absoluto, porque ele permanece. No Cristianismo e no Islamismo os preceitos estão registrados em seus livros sagrados,

bíblia e alcorão, enquanto que na de matriz Africana estão registrados na memória e no coração das lideranças dos terreiros que, através dos ensinamentos da tradição oral, são transmitidos aos seus adeptos nos ritos, nas cerimônias e na formação dos filhos e filhas de santo, que vão retendo, assimilando todo esse conhecimento para dar continuidade à sua tradição religiosa. Na bíblia, está em Gn 1,27 “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou”. O ser humano foi criado à imagem e semelhança do seu Criador, portanto, deve ser respeitado e amado tanto quanto Ele, mas vemos justamente o contrário no mundo atual. Alguns cristãos quebrando imagens de santos católicos, queimando e destruindo terreiros de umbanda, de candomblé dizendo que estes locais são do demônio; outros falando que os islâmicos são terroristas, homens-bomba, que vivem para matar os outros... Enfim, vivemos num mundo violento. Onde devia existir paz, harmonia, serenidade, diálogo, convivência entre os diferentes credos há uma competição, discriminação, difamação... Muitas notícias falaciosas são transmitidas pelo mundo midiático, as fake news estão em alta. É necessário filtrar as notícias dos meios de comunicação, principalmente da internet para não dar continuidade nessas falácias.

A pessoa precisa buscar encontrar o seu eu originário, que está conectado com o transcendente, mas este só se manifesta quando encontra espaço, quando acha o momento propício, momento certo. E atualmente está ficando cada vez mais difícil encontrar esse momento oportuno, esse kairós, esse espaço para sintonizar com o transcendente. Como a pessoa pode viver em paz num mundo tão conturbado? Como pode amar e sentir-se amada se não fez essa experiência no meio onde vive, na família, na escola, na comunidade, na igreja, na mesquita, no terreiro... O lugar sagrado é aquele no qual a pessoa se sente bem, em paz, em harmonia, feliz. Segundo SERAIDARIAN:

[...] seria próprio ao ser humano admirar em todas as coisas o reflexo do divino Artífice; através das criaturas, comunicar-se como Criador e alcançar a união com Ele. Em busca da explicação última de todas as coisas e de si mesmo, o homem sobe, de causa em causa, até a Causa causarum, a "Luz inacessível" onde habita a Essência divina e invisível "dAquele que é". Tal verdade é a suma explicação de tudo, nela o ser humano experimenta a presença de uma vida nova, pujante, superior, divina.

É onde a pessoa sente a presença do ser transcendental que pode ser uma força cósmica, uma energia metafísica, uma luz no fim do túnel. E não necessariamente um local religioso, um templo, por exemplo. A própria natureza, a Mãe Terra, a Casa Comum, é a grande morada do transcendente. E tudo que nela existe é transcendental, especialmente, a pessoa. Se a pessoa é este ser feito à imagem e semelhança do Criador, com amor e benevolência, então esta merece respeito, valorização, amor, bons tratos, afeto do seu semelhante, visto que diante do Transcendente, todas as pessoas são de igual valor. Não existe a melhor ou a pior. Existem pessoas diferentes.

Com essa percepção vemos que a vocação mística é inerente à natureza humana, pois, deseja estar em comunhão com o Ser infinito, o Transcendente. Deus está presente no ser e no atuar de toda pessoa. Além do vínculo ontológico, há também o vínculo psicológico-moral do ser humano com o divino, no qual se dá de duas formas distintas: explícita e consciente (que não aconteceu com todas as pessoas); implícita e inconsciente, que ocorre sempre com todas as pessoas. Na primeira forma citamos como exemplo o metafísico através do seu estudo em todas as dimensões ou "metafísico espontâneo" que contempla deus no cosmos ou na sua interioridade; ou o crédulo que vive docilmente as crenças religiosas de outros. Na segunda forma a vinculação humana com a divina se dá na fonte interior do pensar e do querer (vontade), antes de qualquer reflexão. Vale trazer presente aqui neste contexto a reflexão de BUCKE, segundo ele, a natureza moral humana teria dois lados, um positivo e outro negativo. O lado

positivo geraria amor e fé e o negativo, ódio e temor. Mas o ponto fundamental da sua conclusão era que o ser humano estaria evoluindo moral e espiritualmente do temor e ódio para a fé e o amor - em direção ao sentimento de que “Deus é amor” -, conforme atestado pela História das Religiões.

Em sua obra *Consciência Cósmica*, relatou um profundo e emocionante sentimento de ligação com a vida, que é em última análise, a experiência central de todas as religiões e de todos os místicos. Depois dos seus 35 anos de vida, dedicou-se ao estudo científico do fenômeno da iluminação na experiência humana, descrevendo-o, do ponto de vista da psicologia, como um estado psicológico raro e extraordinário. A esse estado chamou de “consciência cósmica”, explicando-o como um estado de consciência intuitiva, altamente intensificada que transcende os limites da consciência individual.

Para William James, a religião é encarada como uma vivência pessoal e não como uma crença institucionalizada na experiência alheia. Ele foca a experiência individual direta com o divino diferente das instituições religiosas e das estruturas sistematizadas. Ele enfatiza que o bem supremo reside no ajustamento harmonioso a um universo superior do qual provinha a significação. A oração e a comunhão com o espírito desse universo produziriam efeitos psicológicos e materiais dentro do mundo fenomênico. A essência da experiência religiosa consistia em a pessoa identificar o seu eu real “*com a parte embrionária superior de si mesma*” – noção de *self* segundo Jung, ou seja, a divindade interior.

Espaços sagrados - a experiência vivenciada

No decorrer dos semestres realizamos alguns trabalhos de campo propostos pela Professora Marilina Bessa, em *Mitologia III*, e pelo Professor José Vicente Aguiar, em *Religião e Cultura Secular na Contemporaneidade*. Fizemos a pesquisa *in loco* em

três espaços religiosos entendidos como locais sagrados, presentes na capital do Amazonas, conhecidos pela sociedade amazonense. São estes: a Mesquita situada à Rua: Ramos Ferreira – centro da cidade; o Santuário de Nossa Senhora Aparecida no bairro de Aparecida e um Terreiro de Candomblé no bairro de São José.

Cabe salientar, que antes de adentrar no tema propriamente dito, precisamos conceituar o que é lugar sagrado para alguns teóricos e como as pessoas as compreendem.

Na concepção de Faturi (2015), lugar pode ser um espaço que se torna familiar para o sujeito, é o local onde ocorrem as relações do dia a dia. Construimos nosso entendimento de lugar na relação de afetividade, identidade, onde o particular e histórico acontecem. Por outro lado, espaço pode ser qualquer local, independente de identificação ou familiaridade, é qualquer porção da superfície terrestre. No espaço estamos vulneráveis, no lugar nos sentimos acolhidos e pertencentes a este.

Entre os espaços físicos construídos pelos homens e sobre os quais ele imprime suas intencionalidades e desejos, estão os de transcendência aos limites e possibilidades que o mundo físico lhe oportuniza, são os espaços sagrados. Presente em todos os povos, em todas as culturas e em todos os tempos da história, o fenômeno religioso foi vivenciado pessoal e coletivamente, individual e institucionalmente. Essa vivência se deu através de rituais, textos, objetos e espaços físicos que incorporaram significantes e significados sobrenaturais, em geral, em razão de um acontecimento extraordinário do ponto de vista dos fatos e dos fenômenos humanos. Por isso, ao estudar a construção humana do espaço sagrado devemos considerar os mecanismos individual e/ou coletivo que deram sentido e incorporaram dimensões sagradas àquele espaço físico natural ou construído, transformado em espaço e/ou objeto sagrado. Outro aspecto importante nessa empreitada é o de elucidar o fato ou o fenômeno ocorrido, aquele originário ou fundante, capaz de alterar o ambiente outrora comum em ambiente sagrado. Importante também identificar

seus sujeitos e as razões pelas quais se deu o deslocamento do espaço/objeto de seu lugar comum para lugar sagrado.

Dessa forma, como se pode inferir, esses desejos e interesses não se colocam apenas em termos subjetivos “em razão do fato de que o mesmo objeto que existe ‘lá fora’ é visto a partir de duas posturas ou pontos de vista diferentes. Mais do que isso, como diria Hegel, sujeito e objeto são inerentemente ‘mediados’, de modo que uma mudança ‘epistemológica’ do ponto de vista do sujeito sempre reflete a mudança ‘ontológica’ do próprio objeto” (Zizek: 2012, p. 32). É nessa perspectiva que o intelectual esloveno Slavoj Zizek indica o termo “paralaxe” por ele definido como “o deslocamento aparente de um objeto (mudança de sua posição em relação ao fundo) causado pela mudança do ponto de observação que permite nova linha de visão” (Zizek: 2012, p.32). Se, conforme argumenta Zizek ao visitar o pensamento hegeliano, sujeito e objeto são inerentemente mediados a ponto de, em razão dessa mediação ocorrerem as mudanças ontológicas e epistemológicas, podemos também considerar os modos pelos quais se dão as relações entre sujeito e objeto no espaço físico religioso. Devemos nos perguntar acerca do mecanismo individual e coletivo humano capaz de incorporar significante e significado sagrado ao espaço físico natural ou construído que se transforma em espaço ou objeto sagrado.

Para Bourdieu, analisar a relação do sujeito humano com aquele espaço sagrado na perspectiva da cultura e da vivência da fé a partir do conceito de “hábitus” é fundamental. Desta forma, discutir o conceito de espaço público e privado tendo como foco a relação subjetiva (experiência religiosa) e objetiva (rituais religiosos) do sujeito com aquele espaço físico transformado em espaço sagrado. Então disse Deus: "Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa" (Livro de êxodo).

Para Otto (1985), estudioso da religião, sagrado é um elemento de uma qualidade absolutamente especial que sobrepõe tudo aquilo

que chamamos de racional, constituindo assim, algo inefável, ou seja, *numen* (latim), a força divina manifestada na ação pessoal de uma outra divindade. Estamos, assim, diante do transcendente, do divino, do sagrado, que se manifesta. São as hierofanias ou teofanias, as manifestações do divino em meio ao mundo profano. Este poder divino manifestado nas diferentes culturas recebe vários nomes: Yahweh, Allá, Brahma, Jesus, Tupã, Olodumaré etc., dependendo da tradição religiosa onde ele foi percebido, apreendido, comunicado, celebrado e ritualizado. Assim pode-se dizer que o mesmo fenômeno do sagrado ou do numinoso se manifesta e toma forma distinta nas mais diversas culturas. Que ele faz caminhos distintos entre as pessoas e as culturas. Diversos são os caminhos do sagrado em meio à história da humanidade.

Morada do transcendente

Lugar Sagrado é a identificação e o valor atribuído a ele, ou seja, onde ocorreram manifestações culturais religiosas. Assim, os Lugares Sagrados são simbolicamente onde o Sagrado se manifesta (SERGIO, 2015). E, por excelência, a pessoa é essa morada, essa casa que abriga o transcendente. Isto porque ela, a pessoa, foi feita por Ele. E nela vai ecoar todo sentimento de gratidão, de benevolência, de paz, de amor por toda a criação, por tudo que existe no Universo. É impossível respirar sem sentir a presença deste Ser Iluminado, Onipotente, Magnânimo, mas ao mesmo tempo, simples, acessível, humilde, amoroso.

Quando nos relacionamos com o Criador e a criação com esses sentimentos, não há como destruir a natureza, o ser humano, pois em tudo existe a presença dele; não só presença, como também parte dele em cada partícula do Planeta, vou além, do Universo. Este Ser Incomensurável é responsável pela felicidade da sua criatura, mas essa felicidade só será completa quando a criatura, ou seja, a pessoa descobrir que ela também precisa colaborar para a felicidade acontecer, porque a chave do coração só

abre por dentro, e a mudança, a transformação da pessoa, só acontece quando ela quer. A vontade deve estar conectada com a inteligência e ambas se juntam para mobilizar o corpo com sabedoria e discernimento. O que vai movendo toda essa engrenagem da vida é a espiritualidade, que está além das quatro paredes dos templos, das casas de oração, das mesquitas, dos terreiros. A animação existente dentro da pessoa é dada pelo Transcendente. Mas Ele dá livre arbítrio para fazermos o que quisermos. E é aí que perdemos a direção. As religiões existem para orientar as pessoas a não perderem a direção. Mas quando estas são lideradas por pessoas que ainda nem se encontraram consigo mesmas, ou seja, não amadureceram, não descobriram qual é a sua missão aqui neste plano, levam todo um rebanho, um grupo de adeptos para o abismo, porque se limita acreditar que só a sua tradição religiosa é verdadeira, que só ela conduz à felicidade, só ela é do bem.

Por isso, no sentido religioso quando se fala de espaço refere-se ao Universo, ao Cosmos, um lugar finito e é nesse espaço finito que o sagrado se manifesta e para se tornar presente se utiliza das coisas que compõe esse espaço. Para o homem religioso, no universo existem lugares sagrados que são diferentes uns dos outros porque têm significados diferentes. O que torna estes lugares diferentes é o fato de lá ocorrer a revelação da divindade - o sagrado. A revelação pode ser um sinal qualquer; qualquer coisa desde que não pertença a este mundo profano. As primeiras religiões já consideravam sinal tudo o que despertasse o sentimento do sagrado no ser humano. O anseio, o sussurro no coração, a voz interior, a consciência religiosa pode ser considerados testemunhos interiores do sagrado, mas isto não basta. É necessário que ele se revele exteriormente em sinais como: eventos, fatos, pessoas etc. Esta manifestação é caracterizada como divinação que não pode ser fruto do entusiasmo fantasioso, misticismo ou romantismo, como também não tem nada ligado às leis naturais e muito menos explicações racionais, mas o que

interessa é o seu significado no contexto em que ocorre reconhecido pela consciência religiosa amadurecida. O homem religioso deve ter o cuidado em diferenciar os elementos religiosos, que fazem parte da experiência religiosa, dos elementos que são comuns à experiência humana condicionada à cultura. (OTTO, 2006. p. 180) Devem ser observados alguns critérios para distinguir uma experiência da outra: a experiência do sagrado se manifesta com inteira independência das influências sociais, culturais, econômicas e psicológicas. Não se funda numa impressão passageira puramente subjetiva, mas nasce da convicção de um encontro com uma realidade superior, (divina) que impõe com autoridade, uma mensagem ou uma mudança de vida, atingindo o homem no seu mais profundo ser, transformando-o interiormente e através dele transforma a sociedade. Por isso não se confunde com experiências humanas que estão envolvidos elementos de estética, de moral ou ligado ao social. (ELIADE, 1992. p.61)

De acordo com Otto (1869 - 1937), convencionou-se entender a categoria de sagrado como algo estrita e estreitamente ligado ao ético, ao moral e à bondade. Com o estudo de Otto, porém, tal redução mostra-se simplista, pois demonstra que o sagrado não pode ser tão facilmente medido e compreendido, elucidado em conceitos, ou, mais ainda, entendido e definido, pois existe apenas no universo do inefável. É este aspecto não compreensível da religião que interessa a Otto. Este caráter de tremendo mistério ele o denominou numinoso. O *mysterium tremendum*, expressa-se primeiramente na forma brutal do terrível, o que para Otto é o aspecto mais primitivo ou não evoluído do tremendo. É o medo em seu estágio inferior, é o terror, o *pânico*, o medo dos demônios, o calafrio que manifesta nosso terror frente ao sinistro da vida. Noutro estágio, mais elevado da religião, mais evoluído, onde começa a se confundir com o *mirum* (fascinante) e com o majestas, aparece um sentimento em que o numinoso é tudo e nós somos nada. Ele nos aterroriza porque está ligado ao que é diferente e não ao terrível, está ligado ao totalmente outro, ao

mirum que nos deixa estupefatos e nos paralisa. Faz-nos tremer e ao mesmo tempo buscá-lo, pois é incompreensível e diferente, alguma coisa que exerce uma atração particular.

Otto (1985), diferencia quatro momentos marcantes do sagrado ou numinoso na sua análise: em primeiro lugar, há uma manifestação nas pessoas tornando-as conscientes de que são criaturas e dependem de um poder que transcende as suas próprias forças humanas; em segundo, a pessoa manifesta uma atitude de respeito em relação ao sagrado ou divino. Em terceiro, o sagrado se apresenta como “inteiramente Outro”, que o autor chama de *mysterium*, um elemento central de todas as liturgias. Por último, o mistério se impõe como *tremendum et fascinans*, isto é, como elemento tremendo que impõe respeito nas pessoas (elemento terrorífico) e como elemento fascinante, atraente e gerador de felicidade nelas (CROATTO, 2001, p.52-3).

Este mistério tremendo e fascinante é percebido e faz seus diversos e distintos caminhos entre pessoas, povos, culturas e religiões, nos mais diversos espaços e tempos. Nisso, o ser humano tem um comportamento especial e profundo, manifestando-se como um *homo religiosus*, ou seja, um homem aberto para a dimensão religiosa.

O fenomenólogo da religião, o romeno Mircea Eliade (1995, p.17) afirma que “qualquer que seja o contexto no qual esteja imerso, o ‘homo religiosus’ acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele, e, por isso, santifica-o e o faz real”.

Diante desta proposta de estudo, nos valeremos além da pesquisa in loco em três espaços sagrados na cidade de Manaus, de poder dizer que todas e quaisquer pessoas sejam moradas do transcendente, independentemente do tempo, da cultura, do lugar, da tradição religiosa que elas sigam, professem ou estejam inseridas.

O santuário de nossa senhora aparecida

A Igreja de Nossa Senhora Aparecida é o primeiro santuário fundado na cidade de Manaus, sendo ela a mais visitada pelos fiéis nos dias de terça-feira na famosa novena em honra à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essa devoção foi e é difundida pelos padres redentoristas. O santuário é coordenado e dirigido por eles, juntamente com os leigos/as engajados/as. Essa devoção mariana já existe desde a sua fundação, em 1943, com a chegada dos missionários redentoristas oriundos dos Estados Unidos. A primeira igreja de Aparecida funcionou de forma improvisada em uma pequena casa, onde hoje funciona o Clube de Mães, que é vinculado à paróquia. Em 1953, a construção da atual paróquia, em estilo clássico moderno, foi concluída envolvendo a mão de obra de moradores e redentoristas.

O Santuário é visitado diariamente por visitantes do Brasil todo e da sociedade amazonense. Fica situado à Rua Comendador Alexandre Amorim, 341 - Aparecida, no centro da cidade de Manaus - AM.

Atualmente o santuário conta com a participação de várias pastorais: catequese, liturgia, da família, da saúde, do menor, do batismo, da juventude, do dízimo, grupo de oração carismática, ministros da palavra, da eucaristia, dos enfermos, equipes de animação, de leitores e salmistas, grupo de leigos redentoristas consagrados etc.



Figura 1 - Santuário de N. Sra. Aparecida (Manaus)
Fonte: LOPES, (2018).

Além do serviço de evangelização dos fiéis, nas missas, novenas, encontros de formação para os agentes de pastorais e cristãos como um todo, há nas terças-feiras, confissões, atendimentos ao público com medicina alternativa, fitoterapêutica, atendimento psicológico, venda de produtos naturais para a saúde e de produtos feitos pelos internos da Fazenda Esperança, a renda dessa venda para a manutenção e despesas da mesma. Este é um trabalho pontual da igreja católica nacionalmente. Ajudam na recuperação de homens e mulheres no tratamento de desintoxicação química.

Entrevistamos um rapaz que é funcionário do santuário há mais de 20 anos. Ele nos relatou que se sente realizado em fazer a manutenção do jardim, da área externa e interna da igreja. Lá é seu segundo lar. Por ele não voltaria mais pra casa. Porque lá já é a sua casa. Percebemos no decorrer da entrevista que ele é uma pessoa feliz, satisfeita, serena. Trata todas as pessoas com alegria. Isso constatamos. Em outro momento, realizamos a entrevista com o Pe. Soares. É padre redentorista a muitas décadas. Diz que se sente

feliz em servir o povo de Deus, em evangelizar, em levar a Palavra que liberta - o evangelho -, e que embora idoso, sem muita força física, gosta de visitar as famílias, ouvir confissões, presidir as missas, as novenas ali no santuário, onde pode presenciar a devoção mariana do povo manauense. Agradece a oportunidade de ser entrevistado, pois percebe a importância da academia no meio eclesial, ainda mais agora que estão com a juventude na pastoral universitária, abrindo caminhos para uma visão de mundo esclarecida, fundamentada, sabendo onde colocam sua fé. O padre disse também que há muito a ser feito quanto à evangelização. Porque o centro da nossa vida é Deus, é Jesus Cristo. Mas as pessoas ainda não conseguiram compreender que Maria, a Mãe de Deus e nossa mãe, aponta pra Jesus Cristo, dizendo a nós: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Portanto, é um longo caminho a ser percorrido de estudo e de conversão para todos nós. Compreender os desígnios de Deus nas pequenas coisas, nos irmãos que sofrem, nas várias realidades excludentes que ainda existem. É importante estarmos atentos para os sinais dos tempos, e Maria Santíssima nos ensina como fazer isso.

Diante da realidade religiosa que cada pessoa vive, observamos que cada uma busca satisfação, uma resposta aos seus anseios e dificuldades do cotidiano. Muitas pessoas iam caminhando ajoelhadas desde a escadaria de frente da igreja até o altar, onde tem uma grande cruz com Jesus. Lá elas passavam vários minutos... umas de cabeça baixa, outras chorando, outras ainda introspectivas, silenciosas... Saindo de lá se dirigiam ao altar de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, depois ao altar do Sagrado Coração de Jesus e, por fim, iam à capelinha do Santíssimo. Ficavam bastante tempo de joelhos, em oração. Algumas pessoas iam sozinhas, outras iam acompanhadas. Mas cada uma do seu jeito próprio de reverenciar o seu Deus, o Transcendente.

Durante as missas e as novenas notamos que existem ritos diferenciados. A missa é mais longa, passa de uma hora de duração, ao passo que a novena dura em torno de 40 minutos, no

máximo. Na novena o povo já sabe decorado os cantos e as orações em honra à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Na missa, a maioria dos fiéis fica calado, poucos cantam. Mas as respostas das orações todos respondem acompanhando o boletim. Tem alguns que cantam e levantam os braços, outros batem palmas... É muito livre essa manifestação. Os fiéis, na sua maioria, são pessoas simples, classe baixa, povão. Principalmente nas novenas. Há também pessoas mais requintadas, mas é a minoria. Embora seja uma igreja que é santuário, e localizada no centro da cidade, muitos fiéis vêm das periferias de Manaus participar ali, por vários motivos, uns aproveitam que trabalham ali no centro e o horário favorece; outros porque logo que chegaram do interior para morar aqui em Manaus começaram participar lá e se acostumaram; outros ainda porque gostam da igreja, das equipes de liturgia, dos padres redentoristas, das pregações enfim, cada um tem um motivo particular.

A mesquita como espaço sagrado

A presença na Mesquita Islâmica de Manaus – Centro Islâmico do Amazonas/Brasil, nos fez eliminar os nossos preconceitos acerca da visão errônea e dos estereótipos que são veiculados nas redes sociais sobre os muçulmanos em relação a sua cosmovisão e experiência religiosa de serem pessoas terroristas.

A primeira mesquita do Amazonas levou quatro anos para ficar pronta, é também a primeira da Região Norte. O templo construído com doações da comunidade árabe em Manaus está localizado à rua Ramos Ferreira, no Centro, teve sua inauguração no dia 12 de setembro de 2012. Depois de muitos anos rezando em uma mussallá (espécie de sala pequena para fazer orações) improvisada por não ter um lugar adequado para cumprir suas obrigações religiosas e ler o Alcorão, a comunidade islâmica no Amazonas passa a contar com seu próprio templo sagrado.

Nossa equipe foi bem recebida na mesquita. Realizamos essa pesquisa no primeiro semestre deste ano, na disciplina Religião e Cultura Secular na Contemporaneidade, ministrada pelo Professor José Vicente. Ficamos edificadas com a receptividade. Pensávamos que não iríamos entrar na mesquita por sermos mulheres, por não estarmos vestidas como as muçulmanas. Mas quando dissemos que éramos acadêmicas de Ciências da Religião – UEA, e que estávamos fazendo um trabalho de pesquisa sobre o Islamismo, logo nos acompanharam até à sala onde estavam fazendo as orações e nos deram cadeiras para se sentar. Todas as sextas-feiras, a partir do meio-dia até 13:30h é aberta ao público. Podem acompanhar esse horário que eles fazem oração, detalhe, na língua árabe. Depois que o Sheik termina de falar o tradutor, no caso, o Temer, fala a mensagem em português para os presentes. Permitiram que nós fotografássemos, gravássemos no momento da entrevista com o Sheik e nos convidaram para ir às outras sextas-feiras, pois sempre neste dia e horário está aberta ao público. Mas se quisermos ir visitar como acadêmicos ou levar nossos alunos para conhecer melhor, com mais calma, podemos agendar e eles aguardarão com muito prazer.



Figura 2 - Mesquita Islâmica
Fonte: LOPES, (2017)

Nossa chegada foi saudada com a expressão em árabe “*Salamaleico*”, isto é, a paz esteja sobre vós. É uma expressão utilizada pelos muçulmanos quando as pessoas chegam em seu espaço sagrado, é uma espécie de saudação no dia-a-dia como se fosse o bom dia deles. Segundo a fala do Sheik Saber Abdelharmarn Ali, além de funcionar para a realização das cinco rezas obrigatórias da religião (5h, 12h, 15h, 18h e 19h30), o templo islâmico também fica aberto ao público para visitas. Nele, homens e mulheres fazem suas rezas dedicadas ao profeta Maomé (Muhammed), em salas separadas, sempre sobre tapetes voltados para a direção da cidade sagrada Meca, na Arábia Saudita. A única dúvida que tivemos foi entender porque os homens e as mulheres tinham que fazer orações em locais diferentes? Depois nos foi explicado pelo próprio Sheik que as mulheres ficam no andar de cima pelo fato de as considerarem como mais sensíveis, que precisam mais de proteção. Nós, acadêmicas de Ciências da Religião, ficamos na mesma sala que os homens porque estávamos fazendo pesquisa *in loco* e precisávamos observar tudo para relatarmos em nosso trabalho.

Para o Sheik Saber Abdelharmarn Ali, a comunidade islâmica está feliz com a inauguração da mesquita de Manaus, que representa a confirmação da doutrina islâmica no Amazonas. “Assim como o profeta Muhammed fala que não existe diferença entre os homens na Terra, pretendemos proclamar as doutrinas de paz, misericórdia, bondade e igualdade entre todos no Amazonas, especialmente, para aqueles que queiram se converter ao islamismo”.

Na figura 4, mostra os espaços reservados aos homens para participarem das orações diárias no templo Islâmico. Conforme a tradição, todos devem estar virados em direção à Meca.



Figura 4 - Momento de Oração dos Homens.
Fonte: LOPES, (2018).

A pesquisa, Sérgio (2015) nos ajuda a entender o local de origem dos Muçulmanos. Pois, Meca é o nome de uma cidade muito importante para os islâmicos, lá se passou a história do fundador do Islamismo, conhecido como Muhammad (Maomé). Muhammad foi um profeta que ensinou o seu povo a crer em um único Deus e também ensinou os povos árabes a se unirem por uma causa comum. Conta a história que Muhammad recebeu a visita do Arcanjo Gabriel que lhe ditou o livro sagrado conhecido como Alcorão, como Muhammad não sabia escrever, guardou de memória todas as palavras que ouviu do arcanjo e passou a divulgá-la. Ele morava em Meca, mas teve de sair desta cidade e ir para Medina, lá ele se tornou um homem forte, senhor de exércitos, e pôde então voltar para Meca e estabelecer-se.

Em Meca existe uma construção sagrada conhecida como Kaaba, é uma construção muito alta coberta por um pano escuro com bordado dourado. Dentro desta construção está uma pedra escura, bastante venerada pelos islâmicos (muçulmanos). Alguns afirmam que esta pedra foi enviada por Deus, Allah, para absorver os pecados da humanidade, ela era branca a princípio e foi ficando

escura com o passar do tempo. Outros afirmam que ela é um meteorito que caiu do céu. Na época em que Muhammad instituiu a crença em um Deus único, abolindo com todos os outros deuses que eram cultuados, ele preservou a Kaaba, que naquele tempo deveria simbolizar o próprio sistema solar, e que abrigava muitos ídolos diferentes. Muhammad expulsou o culto aos diferentes ídolos e tornou a Kaaba o símbolo de culto a um único Deus, Allah. Por isso, hoje, os muçulmanos do mundo todo fazem as suas orações com a cabeça voltada em direção à Meca. E todo muçulmano que tiver oportunidade, deve fazer ao menos uma peregrinação para Meca e andar em torno da Kaaba.

Vale ressaltar que Kaaba é a casa sagrada dos muçulmanos, ou seja, é o lugar de adoração que Deus (Allah) criou. Está construída há mais de 4.000 anos.

O terreiro de candomblé



Figura 5 - Visita no Terreiro de Pai Frank.
Fonte: LOPES, (2018).

Todas as tradições religiosas de tradição oral são ricas em simbologia, significados, sentimentos, criatividade, beleza, mitos,

ritos, danças, cantos, movimentos, respeito e gratidão aos seus ancestrais. Elas, as tradições religiosas de tradição oral, carregam em sua gênese, um cabedal de conhecimento incomensurável, que livro nenhum comportaria tamanha sabedoria. Esta sabedoria vai além das páginas de quaisquer livros sagrados, porque são escritos com sangue, suor, lágrimas, risos, entranhas, vida, sentimento, coração, memória. Tudo que envolve os quatro elementos da natureza: terra, ar, água e fogo são repletos de energia cósmica, transcendental. Os orixás existem para dar essa visibilidade do transcendente no imanente. Isso se dá pelo ritual, pela dança, pela alegria, pela festa, pela formosura, pela confraternização das pessoas em sintonia com a natureza, com a Mãe Terra que tudo dá para seus filhos se alimentarem. Que se esvazia de si para encher aquele que grita com fome de justiça, de direitos a uma vida digna, de trabalhos honestos, de irmãos que se querem bem, que se ajudam e não usurpam os lugares uns dos outros.

A alegria é fator indispensável nessa Casa Comum, que foi iniciada lá na África e veio adentrando outros mares até chegar aqui no Brasil. Pátria tão acolhedora, tão rica, tão alegre mas que tem deixado se contaminar com os vícios do capitalismo selvagem, que chega a matar pai e mãe de família, desfacelando os lares e robotizando midiaticamente as famílias. Acabaram-se as rodas de conversa nos lares, entre os parentes, entre os vizinhos, os amigos. Ninguém tem mais tempo para viver, para ser feliz, só para lutar incansavelmente em busca do ter, do sustento do dia a dia. Lá na Mama África não era assim. Havia tempo para tudo e para todos. A natureza era contemplada e unificada ao ser humano, pois ambos eram cheios do Criador. Os orixás emprestavam apenas o corpo do humano para dançar, pois as outras coisas todas eles tinham.

Como é belo perceber essa interligação de toda a criação com a criatura e de ambas com o Criador. Em tudo existe o DNA divino. Tudo foi feito com amor e por amor. E por que esse amor está acabando? Falta cultivar o amor semeado desde os primórdios

da criação. E esse cultivo deve ser feito por todas as tradições religiosas, pois elas têm sua raiz no amor.

E foi em busca desse amor que Pai Frank viveu sua adolescência e está vivendo sua juventude madura. A cada dia procura viver sua missão, sua vocação de Pai de Santo para ajudar o próximo a viver feliz. É semeando o bem que se colhe o bem. É semeando amor que se colhe amor.

A experiência com a pesquisa *in loco* no Terreiro de Pai Frank de Obaluaiê, situado no bairro de São José II, também foi uma desconstrução de visão de mundo que tínhamos das tradições de matriz africana semelhante a que tínhamos dos muçulmanos, isto é, um olhar preconceituoso sobre o credo religioso que não conhecíamos na prática. Ficamos surpresos com a entrevista feita com o Pai Frank, digo surpresos, porque nesta pesquisa éramos outra equipe, onde tinham homens, e também era outra disciplina, Mitologia III, com a Professora Marilina Bessa.

Pai Frank, um homem jovem, de 44 anos, formado em Letras e em Teologia, com bastante conhecimento teórico e prático da sua tradição religiosa, nos contou que era uma criança que vivia doente. Tinha um problema na pele, parecia alergia, descapelava seu corpo. Frequentava a igreja católica, por isso que tem vários santos de sua devoção lá no terreiro: São Francisco, Santa Teresinha, Cristo Rei, Nossa Senhora de Fátima, entre outros. Aos 18 anos foi ao terreiro do Seringal Mirim, do Pai Ribamar, junto com um amigo, gostou e ficou participando. A mãe dele era católica, mas depois de alguns anos tornou-se evangélica e não aceitou de forma alguma essa realidade dele. Não queria saber do filho dela frequentando aquele lugar do inimigo. Dessa forma ele foi morar sozinho. Continuou frequentando o terreiro do Seringal Mirim, recebeu durante sete anos a formação pra ser pai de santo e hoje ele é proprietário desse terreiro que é mantido com muita dificuldade. Recebe doações dos amigos e simpatizantes, como também dos candomblecistas. Já faz vinte anos que o Pai Frank é o responsável por aquele terreiro. E o interessante é que eles fazem

trabalho social muito importante com a comunidade, alfabetizam crianças e adultos. Tem algumas adeptas que junto com o Pai Frank dão essas aulas. Além disso, ele vai orientando, aconselhando as pessoas pra vida. São mais de cinquenta crianças que eles atendem. Os adultos são em número menor, doze. Outro trabalho edificante realizado neste terreiro é no resgate dos jovens para sair do mundo das drogas. Eles têm um grupo de capoeira e treinam bastante com os jovens.

Pai Frank, falou como se dá o culto afro, como sente e vivencia o Candomblé e sobre os vários fatos ocorridos com os adeptos do pentecostalismo querendo fechar o seu terreiro:

Sempre ocorre isso, até porque a minha casa está situada no meio deles, atrás, na frente, de um lado e do outro, todos são evangélicos. A casa já recebeu ataques, como pedradas, já foi denunciada na SEDEMA, já vieram até fiscais aqui querendo levar os atabaques, mas não podem levar. Segundo pai Frank, nós somos respaldados pela Constituição. Nós somos livres, estamos num país livre. A maioria dos barracões “sofre ataque dos evangélicos. Mas, independentemente disso, a gente vive em função do santo, a gente não pode deixar cair a bandeira dos orixás. Eles não entendem que os orixás são partículas de Deus. Eles querem monopolizar a palavra de Deus. Eu digo sempre para os meus filhos que o Candomblé e as outras religiões são os braços dos rios. Eu não acredito que Deus seja egoísta. Eu comparo Deus ao mar. Por que ao mar? Porque ele abrange todo o planeta, de lugar para lugar ele muda de nome, mas é uma água só, e todos os rios correm para o mar. Eu comparo os rios às religiões e Deus, ao mar. Todas as religiões que estão realmente vinculadas a um culto de amor, porque o culto dos orixás é um culto de amor, principalmente à Natureza. Então, todos os rios correm para o mar. Só que os evangélicos não entendem isso, eles não entendem que Deus não seria egoísta de deixar um só caminho para tanta gente no mundo todo. Ele deixou vários caminhos para chegar a Ele, porque Ele é um Deus de amor. E o Deus deles é o mesmo nosso Deus aqui, só que a gente muda de nome porque nós somos afrodescendentes. O nosso Olorum é o mesmo Deus dos católicos, o Jeová dos evangélicos. Tudo acaba sendo uma coisa só. Entenderam? (Terreiro de Pai Frank de Obaluaiê, situado no bairro de São José II, Manaus/AM)

Considerações finais

A referida pesquisa procurou responder aos objetivos traçados de mostrar às pessoas que há diferença no conceito e no sentido de espaço sagrado e lugar sagrado, que o ser humano é morada do transcendente, independente do espaço geográfico, da cultura, da tradição religiosa ou não que ele pertença e, que ele é protagonista da transformação do meio onde vive, a partir da experiência intrínseca com o transcendente, com o Cosmos, com a força misteriosa que passa esse mundo e vai além.

Que a pessoa após fazer essa experiência nunca mais será a mesma. Sua visão de mundo torna-se iluminada. Procura ver o bom, o belo, o bem em toda a criação e em toda criatura, pois sabe que tudo isso é fruto do amor incomensurável do Sumo Bem, de Allah, de Olodumaré...

Os autores com os quais trabalhamos foram confirmando essas ideias, Rudolf Otto e Mircea Eliade, principalmente. Otto chama a atenção para não confundirmos a experiência religiosa com a experiência cultural; elas são semelhantes em alguns contextos, mas a essência delas é totalmente diferente. Por isso, ele pede para observarmos os critérios que distinguem uma da outra. E no decorrer das pesquisas de campo, notamos essa confusão no comportamento das pessoas. Muitas vezes elas tinham atitudes próprias da cultura, e diziam que era da religião e vice-versa. Vão à novena porque é um costume da família, mas a pessoa não sente algo especial em participar da novena. Lá na mesquita, vimos que os meninos, crianças ainda, quando estava para encerrar a cerimônia, eles entraram na sala e ficaram no último lugar e repetiam os gestos e palavras dos adultos. Não lembramos de perguntar ao Sheik se era costume esse comportamento dos meninos entrarem só naquele momento, ou se fazia parte do ritual.

A manutenção dos três espaços sagrados se dá através das doações dos adeptos, sendo que na mesquita é feita mensalmente,

não tem ofertas durante a cerimônia. Já no candomblé a manutenção é feita de doações dos amigos, simpatizantes, conhecidos e dos adeptos também, mas são mais alimentos do que propriamente dinheiro. Até mesmo quando o Pai Frank benze alguma criança adoentada, ele recebe alimento (frutas, legumes, 1kg de alimento etc). No santuário tem o ofertório, os arraiais, eventos durante o ano e o dízimo, além de fiéis que pagam promessas e algumas vezes, essas promessas é doar uma quantia em dinheiro à igreja.

Outro ponto significativo observado nas lideranças é que elas têm formação acadêmica e talvez por isso, suas colocações sobre a religião, sobre a visão de mundo que eles têm a convivência com outras tradições religiosas sejam pacíficas. As três lideranças expuseram a importância de trabalharem unidos em prol da paz. Fazer o bem sem olhar a quem. Unir forças para melhorar a sociedade. Respeitar mais o outro, as diferenças. Os islâmicos disseram que não é interesse deles conseguir adeptos. Eles querem oferecer um espaço sagrado deles para os descendentes árabes fazerem suas orações e reuniões. E, também tornar conhecido de forma verdadeira o que é o islamismo e tirar essa imagem de destruidores, de homens-bomba, de terrorismo que é passado pela mídia.

Notamos que os adeptos do islamismo são homens que tem posses, pois todos eles tinham chave de carro e estavam bem vestidos. A maioria deles tinha o mesmo aspecto físico, quer dizer, descendentes de árabes.

Uma questão que faltou contemplar foi uma roda de conversa com as três lideranças, com abordando temas como aborto, homossexualismo, casamento de homoafetivos, pena de morte, a atual realidade política do Brasil, o novo presidente... enfim, várias questões que fazem parte da vida em sociedade e que a religião está sendo manipulada pelos mecanismos de poder sócio-político-econômico. O fanatismo cega e é doentio. É preciso tomar cuidado.

Referências

- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião* / José Severino Croatto: [tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez]. – São Paulo Paulinas, 2001. – (Coleção Religião e Cultura).
- ELIADE, MIRCEA. *Tratado de Histórias das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FATURI, Fábio. *Cultura Religiosa: Os lugares sagrados*. Disponível em: https://pt.slideshare.net/manoelgregoriojunior/lugares-sagrados-ensino-religioso?next_slideshow=1. Acesso em: 09.11.2018.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado um estudo do elemento não racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
- SERAIDARIAN, Maria Cecília. A abertura do ser humano para o Transcendente. *Revista AUDIUMPRESS/Espiritualidade* (9 de novembro de 2011).
- SERGIO, André et al. *Lugares sagrados de peregrinação*. Artigo publicado em 2015. Belém – PA.
- CAVALCANTI, RAÍSSA. *O retorno do sagrado: A reconciliação entre Ciência e Espiritualidade*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- ŽIŽEK, Slavoj. *De volta a Hegel?: sobre tfenos que nada*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000100009 . Acesso em: 09.10.2018
- LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica 1* Marina de Andrade Marconi, Eva. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.



A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: Um espaço sagrado a ser compreendido na cidade de Manaus

Nancy Pereira da Silva

Introdução

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo, perscrutar A Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Últimos Dias como objeto de estudo enquanto espaço sagrado, na perspectiva de possibilitar com que os alunos da escola pública em Manaus percebam e entendam a importância da variedade existente de locais de cultos e adoração enquanto lugar sagrado, entrando em contato com pessoas de outras crenças religiosas, no sentido de observar, analisar os diferentes espaços sagrados e suas manifestações de fé e do fenômeno sagrado.

Neste sentido, é preciso entender que no Brasil há uma diversidade cultural religiosa, ou seja, existem diversas formas de conceber o sagrado na sociedade, com seus diferentes lugares de manifestações, por isso a sala de aula enquanto espaço de aprendizagem deve ter a intenção de apresentar os vários lugares de adoração, principalmente os modos e comportamentos de várias religiões diante da sacralidade de seus cultos, transmitir aos alunos a importância de seu comportamento e atitudes pautados no respeito diante do aspecto sagrado em sua vida e na convivência em sua relação social com outros espaços sagrados.

A proposta da pesquisa é levar os alunos a conhecerem outros locais sagrados diferentes dos quais eles frequentam, afinal, a religiosidade desde dos primórdios é parte integrante do ser humano, a qual se expressa por meio de várias formas simbólicas para que essa reflexão seja desenvolvida de maneira coerente e equilibrada, será necessário mapear os conceitos de local sagrado que definem e baseiam nossa pesquisa.

O trabalho prossegue com a apresentação das categorias de espaço, tendo o apoio bibliográfico de alguns teóricos que tratam da pluralidade de espaços e configurações espaciais, estabelecendo uma categorização que orientou a pesquisa.

Mediante o estudo realizado e a apresentação da diversidade de entendimento sobre a definição e importância dos espaços e lugares sagrados, se faz imprescindível destacar a presença do professor como mediador do conhecimento e sua neutralidade ao apresentar as diferentes formas de manifestação do fenômeno sagrado e seus lugares de sacralidade, seu papel é de fundamental relevância para contribuir de maneira significativa e positiva, tendo todo cuidado e atenção para oferecer uma dimensão mais clara da pluralidade religiosa brasileira, buscando superar qualquer forma de preconceito.

O presente artigo está estruturado de forma que seu desenvolvimento está configurado em analisar, mapear e problematizar os conceitos acerca do que vem a ser espaços sagrados. Contudo, terá em seu bojo, o caminhar da metodologia, as experiências em relação ao magistério e a formação do professor na universidade como experiência acadêmica, bem como os resultados obtidos ao longo do processo da investigação.

Percurso metodológico

Tomamos por base o método fenomenológico pelo fato do objeto de pesquisa necessitar de uma descrição da manifestação do fenômeno religioso, onde essa demonstração será analisada no

ambiente no qual intitulamos, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias: um espaço sagrado a ser compreendido na cidade de Manaus. Nosso propósito é descrever as estruturas essenciais de constituição desses locais como espaços sagrados e sua sacralidade.

A opção pelo método fenomenológico deu-se por entender que é o que mais se aproxima do campo educacional. Desta forma, fenomenologia é o estudo das essências, e todos os seus problemas, segundo ela, tornam a definir essências: “a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo.

O trabalho é uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas, estudo bibliográfico levando em conta como parte da produção metodológica o caráter conceitual que autores tratam do assunto, bem como os resultados dessa ação.

Partindo da experiência realizada na disciplina de Geografia e a Construção do Sagrado na universidade, nos reportaremos aos locais e espaços ditos sagrados, no entendimento tanto dos alunos, quanto das lideranças da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias para enriquecer a pesquisa no que consiste os dados. A pesquisa em si, traz elementos quanto ao entendimento dos espaços sagrados onde e como esses podem transformar-se em locais sagrados de acordo com os fenômenos ali ocorridos, não há um local que seja determinado de forma restrita e absoluta como sagrado, isso é relativo. Assim como também podem ser relativizados no que consiste à visão de cada pessoa. O que é sagrado para um, não necessariamente é sagrado para outros, assim como também ocorre com os espaços e territórios.

Memórias do exercício do magistério e os espaços sagrados

Minha trajetória como professora iniciou-se com a formação no antigo curso de magistério nos anos 80, mas, o acesso a realidade da escola pública aconteceu apenas nos anos 90. Esperei seis anos para desenvolvimento de minha atuação profissional nas

séries iniciais, oportunidade de vivenciar o contato com a sala de aula, assim, passaram-se 25 anos de atuação na Seduc/AM, para melhor compreender como esses momentos do desenvolvimento intercorrem de maneira diferenciada para cada docente e que são significativos no processo ensino/aprendizagem, que se sucede em várias etapas e no entanto cada discente tem sua peculiar atuação no processo.

A primeira oportunidade de entrar numa sala de aula e lecionar foi em substituição a professora titular numa escola estadual, localizada no bairro Promorar, estava realizando estágio para retirar minha certificação de magistério, a regente estava de licença médica, portanto a turma do 4^o ano do ensino fundamental, estava sem docente, e surgiu a oportunidade da substituição durante sua licença médica, uma experiência incrível, aprendi muito como elaborar pedagogicamente o material para transmissão do conhecimento, apesar de ter ficado pouca assustada com a responsabilidade de assumir a transmissão e mediação do conhecimento secular, mas superei esse susto lembrando da minha prática de ensino dando aula de reforço.

Assim adentrei esse universo da educação e após dois anos como contrato, passei no concurso para professora e assumir efetivamente essa função. Em 1999, formou-se uma turma para a graduação no curso de licenciatura em Ensino Religioso, cujo objetivo e público alvo seriam professores bolsistas concursados das rede estadual e municipal, formaram-se duas turmas, cada uma com 40 alunos, no entanto, pelo não preenchimento, abriu-se vagas para comunidade, essas aulas aconteciam no turno noturno, trabalhava 40 horas semanais e sai da escola correndo para as aulas, muito cansativo, mas prazeroso, pois, esse é o meu primeiro contato com a referida disciplina, cujo objeto de estudo é a manifestação do Sagrado.

Infelizmente ao término da graduação, só teve reconhecimento pelo Conselho Estadual de Educação, lamentavelmente só tiver acesso a essa informação no ano de 2010,

pois, fiz a opção de ser mãe de tempo integral e fui cuidar da minha filha que estava com 3 anos, portanto fiquei fora de formação continuada na área, no referido ano citado acima, fomos convocados para uma reunião no Auditório da Semed/Manaus, onde então, o excelentíssimo Sr. Secretário Municipal de Educação da cidade de Manaus, informou que os professores presentes no local seriam exonerados por não terem habilitação para atuarem na rede de ensino com a disciplina de Ensino Religioso.

Foi um espanto, indignação e sofrimento, não acreditava que essa realidade estivesse estampada e jogada em nossas mãos para desativar essa bomba relógio, iniciou-se naquele momento (depois de refeita do susto inicial) uma jornada para fazermos uma complementação pedagógica, uma procura árdua, em algumas situações sofrermos muitas humilhações, mas levantávamos e seguia adiante, nessa empreitada caminhei por várias instituições, audiências, muitas vezes desaminei, pensei em até em fazer complementação pedagógica em Santa Catarina.

Em 2010, fiz um curso de extensão em Ensino Religioso escolar com carga horária de 200 horas, o qual só teve préstimo para conhecimento individual, intelectual e científico, mas como diz Fernando Pessoa: “Valeu a pena? Tudo vale a pena. Se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador Tem que passar além dor. E assim convocamos colegas da referida turma do ano de 2000, para irmos ao embate e buscar solução para nossa validação ou complementação acadêmica.

Quando surge uma luz no fim do túnel, fizemos contato com a gerente de formação da Seduc/AM, e essa foi a primeira oportunidade real de sentar, apresentar o problema, discutir todas as possibilidades e ficar no aguardo de uma solução, essa professora, pedagoga, gestora, ser humano sensível a essa causa do uso indevido de verba pública, buscou formas de fazer uma reparação moral e social a esses professores da primeira licenciatura em Ensino Religioso, que só obteve reconhecimento

pelo Conselho Estadual e não federal. Nossa caminhada foi árdua e longa, até chegarmos na UEA.

Marcada audiência com o colegiado da Universidade do Estado do Amazonas, levamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 também garante, em seu artigo 33, o Ensino Religioso como disciplina. Na nova redação da Lei Nº 9475/97, alterada com anova redação pela LDBEN nº 9.475/97 que versa:

Art.33 – O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade de cultural e religiosa do Brasil. Parágrafo 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. Parágrafo 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidades civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos de Ensino Religioso. (BRASIL, 1996)

Partindo dessa inferência e da sensibilização e compreensão dos pró-reitores da UEA, tornou-se urgente a abertura do curso de Ciências da Religião. Sendo que ficou uma dúvida: Como faríamos para retirar os professores da sala de aula no período escolar? Quando estávamos diante desse empasse, é nos apresentado a proposta a nível modular, chamado PARFOR - Plano de Formação para Docentes da Educação Básica, o qual contemplou ambas as partes. Dessa forma, dar-se o início para resolução de um problema com mais de dez anos de busca e espera. Assim, adentro o tal sonhado e esperado espaço acadêmico, com respaldo e certificado pelo MEC, infelizmente a divulgação para o cadastro de matrícula não foi muito bem divulgado e houve somente 25 alunos matriculados, por isso formou-se turma única, desses inscritos quatro desistiram no início da caminhada, hoje próximo a conclusão do curso, relembro como essa conquista tem um sabor agradável de luta e vitória por temos resistindo

bravamente durante quatro anos sem férias, com uma carga horária intensa e apertada para cumprir com o cronograma e o apoio dos colegas de curso, com as equipes que tornaram um time de vencedores, professores sensíveis à essa causa.

Mediante todo esse contexto, é relevante descrever o grande aprendizado marcado nesses quatro anos, e principalmente renovando e apresentando todos os avanços e conquistas desta área do conhecimento, Ciências da Religião que vem ganhando espaço para derrubar muitos preconceitos, paradigmas, ressignificando o entendimento do Transcendente no que tange o Fenômeno Religioso e sua diversidade de manifestações nas mais variadas formas e espaços definidos como sagrado, sua sensibilidade e atitude de respeito a liberdade de escolha religiosa. Esse conhecimento foi um grande divisor de águas no trabalho, pois no quinto período, no ano de 2001, fui convidada pela gestora da escola, para assumir as turmas de 6º a 9º ano com a disciplina de Ensino Religioso, que desafio e novidade em poder assumir de fato a área do conhecimento pela qual fui formada. Apresentar o objeto de estudo da disciplina de Ensino Religioso, o fenômeno religioso e sua diversidade de manifestação, seus espaços sagrados, sempre na perspectiva de numa atitude de respeito, estabelecendo assim um diálogo inter-religioso entre os alunos.

Partindo dessas experiências e trajetórias na educação motivada a trazer para a academia a experiência religiosa da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: um espaço sagrado a ser compreendido na cidade de Manaus. Sendo assim, a proposta desta pesquisa nos ajudará para superação ou pelo menos amenizar as intolerâncias sobre a diversidade religiosa e diferentes crenças existente na cidade de Manaus.

Conceitos de espaços sagrados

Este item na pesquisa tem a ver com o primeiro objetivo específico que consiste em destacar os conceitos de espaços sagrados apresentados por estudiosos da área do Ensino Religioso. No contexto histórico de formação cultural no Brasil, há várias matrizes de constituição da religiosidade brasileira, formando assim uma diversidade religiosa riquíssima. Entretanto, tornou-se necessária uma pesquisa para conhecer os locais religiosos inseridos no espaço urbano e identificar suas manifestações do fenômeno religioso. Pois os homens estabeleceram esses espaços para seus momentos de adoração e comunhão com o Transcendente. “O que torna um lugar Sagrado é a identificação e o valor atribuído a ele, ou seja, onde ocorreram manifestações culturais religiosas Assim, os lugares Sagrados são simbolicamente onde o Sagrado se manifesta”. (PARANÁ, 2008, p.66).

Segundo Rosendahl (2005) diz, os lugares sagrados são também fornecedores de regras e significados com que os grupos envolvidos encontram sentido para as suas práticas religiosas. As atividades religiosas e seus valores simbólicos estão fortemente relacionados aos lugares sagrados da hierópolis.

O espaço sagrado é complexo e diverso, por isso o interesse de apresentar a origem da Igreja de Jesus Cristo na cidade de Manaus, essa crença que no século passado já esteve no alcance de intolerância religiosa e perseguição, para os santos as capelas, tem sua importância como local sagrado e possui um contexto histórico religioso, e esse é o objetivo apresentar para os alunos, descrevendo e identificando a constituição diversificada de elementos e manifestação do sagrado nesses espaços, buscando a compreensão de como se dar esse diálogo com o transcendente, elucidando ainda uma opinião muito preconceituosa sobre os “mórmons”, de que esse grupo religioso não é cristão.

De acordo com Gil Filho (2008, p.49) o espaço sagrado que é produto da consciência religiosa concreta “se apresenta como palco privilegiado das práticas religiosas. Por ser próprio do mundo da percepção, o espaço sagrado apresenta marcas distintivas da religião, conferindo-lhe singularidades peculiares aos mundos religiosos”.

Compreender a função dos templos sagrados e suas diferentes modalidades, conhecer as diferentes formas de religiosidade, conhecer os diferentes símbolos, ritos e textos sagrados presentes nos templos religiosos estudados nas aulas de Ensino Religioso. Reconhecer e compreender a diversidade religiosa que enriquecer o bem viver em comunidade, despertar o sentimento de respeito à fé do outro, essa temática dos locais sagrados, está contemplada na Proposta Curricular da Disciplina de Ensino Religioso.

O professor sendo mediador do conhecimento, compete ao Ensino Religioso, enquanto componente curricular, desenvolver práticas que promovam a reflexão e o entendimento das diferenças por meio do estudo do fenômeno religioso e suas manifestações nos seus espaços sagrados, fazendo uma análise do mesmo a partir desses lugares.

Um passo fundamental para tal empreendimento é procurar conhecer, entender, identificar, conceituar espaço sagrado, a dinâmica das espacialidades religiosas; e por consequência apreender como se estrutura o espaço de adoração do grupo pesquisado, como a cosmovisão religiosa se articula à prática cotidiana dos fiéis.

Somos uma sociedade brasileira, amazonense, manauara, marcada por diversidade cultural que encanta, intriga e desafia estudos, convivências e pesquisas em todas as áreas de conhecimento, por isso é tão necessária uma educação comprometida com a multiplicidade de seus sujeitos amazônicos e situações de práticas religiosas, o fazer com uma abordagem que contemplem as diferenças de credos, crenças dentro e além dos espaços e lugares sagrados.

A escola por sua vez é um espaço de conjugação de saberes, de forma que o professor é mediador do conhecimento e pode se chegar aos objetivos propostos mediante as aulas contempladas na proposta curricular. Pozzer (2007, p. 241) afirma dizendo:

O ambiente escolar é o local onde se encontram todas as diferenças possíveis. Estando em uma sala de aula, todo o educando carrega consigo tudo o que é, o que sente, o que crê, o que sonha. A religiosidade de cada educando está presente no ser que está aí. O desafio da educação está em acolher esse ser como 'outro' e não como mais um, enfrentando o risco da uniformização de massas, onde 'Eu sou mais um.

Como observamos Pozzer, evidencia a necessidade de perceber que os alunos em sala de aula, carregam consigo experiências religiosas diferentes e que devem ser respeitadas. Oliveira (2003) esclarece o conceito de diferente:

É aquele que anda diferente, fala diferente, vê o mundo com outros olhos, tem cor de pele diferente, crê de modo diferente, deseja e se identifica de outro modo, pertence a outra cultura, a outra geração ou a outro grupo social. [...] presença, enquanto o ser e estar ali, em sua historicidade, provisoriedade, inconclusão, limitação, busca; enfim, em sua digna humanidade. (OLIVEIRA, 2003, p. 166)

Para Pozzer e Oliveira, a diferença é um fator importante na compreensão da experiência de fé, de religiosidade e dos espaços sagrados que os alunos entendem e vivenciam.

A igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias e sua organização

Este tópico apresenta a organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias com o objetivo de dar elementos para a compreensão de seus espaços sagrados.

A Igreja dos Mórmons como é conhecido popularmente, está estruturada em vários aspectos, subdivididos em: Liderança Geral,

Áreas, Estacas, Alas, Bispo, Sacerdote de Melquisedeque, Sociedade de Socorro, Rapazes, Moças e Escola Dominical. Porém, nos debruçaremos de forma sucinta sobre esses aspectos.

Assim como na maioria das confissões religiosas, há sempre a presença de uma autoridade maior, ou seja, um dirigente responsável e consagrado para levar adiante a mensagem divina ou a continuidade da missão da igreja.

As Autoridades Gerais

As Autoridades Gerais¹ consistem da Primeira Presidência, do Quórum dos Doze Apóstolos, da Presidência dos Setenta, do Primeiro e Segundo Quóruns dos Setenta e do Bispado Presidente. Isto significa, que na Igreja dos Mórmons existe uma liderança geral. Os Setentas de Área são também designados a reunirem-se com os presidentes de estaca em sua área para instruí- los, sob a direção da Presidência de Área ou da Presidência dos Setenta.

As Áreas

A Igreja dos Mórmons também tem em sua estrutura as Áreas de atuação ou melhor, Áreas geográficas. A Igreja no mundo está dividida em áreas geográficas. Por exemplo, “Europa”, “Ásia Norte”, “Caribe, ” e “América Central” são nomes dados a áreas específicas da Igreja.

As Estacas

A maioria das áreas da Igreja é dividida em estacas, que geralmente são formadas por cinco a doze congregações chamadas

¹ Este site é da própria Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível em: <https://www.lds.org/topics/church-organization/how-the-church-is-organized?lang=por&old=true> . Acesso em 10.1.2018.

de alas ou ramos. Uma estaca é liderada por um presidente da estaca e dois conselheiros. O presidente da estaca é o sumo sacerdote presidente na estaca. Esses líderes supervisionam o bem-estar espiritual e temporal dos membros da Igreja.

Alas

Como na Igreja antiga, os membros da Igreja hoje estão organizados em congregações. As congregações maiores (aproximadamente 300 membros ou mais) são chamadas alas. As congregações menores são chamadas ramos. A ala é liderada por um bispo e dois conselheiros, que formam o bispado.

O Bispo

O bispo tem muitos deveres. Além de assistir todos os membros da ala, ele tem a responsabilidade especial de guiar os rapazes e as moças. Ele supervisiona o ensino, o trabalho missionário e o crescimento espiritual na ala. Ele é responsável por fazer entrevistas de dignidade, aconselhar os membros da Igreja e administrar a disciplina na Igreja. Também é responsável por cuidar dos pobres e necessitados, supervisionar as finanças, os registros, o uso e a segurança da capela.

Sacerdócio de Melquisedeque

Os homens, dignos e adultos da Igreja, recebem o Sacerdócio de Melquisedeque, que é a autoridade de Deus para realizar ordenanças sagradas e liderar na Igreja. Os homens que portam o Sacerdócio de Melquisedeque podem realizar ordenanças como conferir o dom do Espírito Santo e dar bênçãos aos enfermos pela imposição de mãos. Na ala, os homens que portam o Sacerdócio

de Melquisedeque pertencem ao quórum de Élderes² ou ao grupo de sumos sacerdotes.

A Sociedade do Socorro

Todas as mulheres da ala com idade de dezoito anos ou mais, bem como mulheres com menos de dezoito que são casadas ou mães que criam os filhos sozinhas. O propósito da Sociedade de Socorro é organizar, ensinar e inspirar as mulheres a se prepararem para as bênçãos da vida eterna.

Os Rapazes

O propósito da organização dos Rapazes é ajudá-los a aprender e cumprir seus deveres no Sacerdócio Aarônico e prepará-los para suas futuras responsabilidades como missionários, maridos, pais e líderes na Igreja. Durante essas reuniões — e na vida diária — os rapazes também participam do programa Dever para com Deus, que os ajuda a fortalecer seu testemunho e o relacionamento com Deus, aprender e cumprir seus deveres do sacerdócio e viver os padrões do evangelho.

As Moças

As moças são muito valorizadas na igreja com idade de doze a dezessete anos pertencem à organização das Moças da ala. O propósito dessa organização é ajudar as moças a edificar seu testemunho de Cristo e preparar-se para receber as bênçãos do templo. A organização das Moças também as prepara para seu futuro papel como mulheres na Igreja e como membros atuantes na sociedade.

² Este termo é dado ao homem que possuem o Sacerdócio de Melquisedeque.

A Escola Dominical

As aulas da Escola Dominical são dadas todos os domingos com duração aproximada de uma hora. Na Escola Dominical são dadas lições específicas do evangelho aos membros da ala com doze anos ou mais (os membros mais jovens participam da Primária).

As crianças com idade de dezoito meses a onze anos pertencem à organização da Primária, seu propósito é ajudar as crianças a aprender e entender o evangelho de Jesus Cristo e preparar-se para fazer e guardar convênios sagrados. Como podemos observar, a Igreja dos Mórmons é um espaço sagrado como qualquer outro que já chegamos a visitar e conhecer profundamente no que consiste os seus ensinamentos.

Nas Diretrizes Curriculares da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, no Componente Curricular de Ensino Religioso, a definição de Espaços Sagrados é – Entre os diversos espaços considerados sagrados, alguns tiveram origem em uma história ou lenda que envolveu uma hierofania (manifestação do sagrado); outros foram construídos pelos homens e se tornaram centros de peregrinações ou romarias: são os templos, os santuários, as catedrais, as capelas, os locais de prece e meditação, as mesquitas, os terreiros, etc.

Como podemos perceber, a estrutura da Igreja dos Mórmons também passa pela mesma experiência mítica ao ser fundada. Há sempre uma experiência da manifestação do sagrado, conforme é bem lembrada pela proposta da secretaria municipal de Paraná.

As características dos espaços sagrados da igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos.

Neste item da pesquisa, iremos discorrer um pouco sobre o segundo objetivo específico, a fim de problematizar os modos como os alunos definem e compreendem os espaços sagrados e

qual é a participação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como local sagrado para Cidade de Manaus.

A diversidade se faz presente no Brasil, pela sua história, caracterizada pelas diferentes etnias que a compõem. E a importância da compreensão da diversidade religiosa é entender o sagrado que está no outro, é transcender, é respeitar preceitos, valores e princípios importantes à realidade do outro. É viver e construir a paz em relacionamentos de alteridade.

Por não haver um devido esclarecimento da sacralidade de seu espaço de adoração. Em tempos remotos houve uma perseguição política e religiosa que levou a morte o restaurador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o profeta Joseph Smith e um de seus irmãos Harry Smith, no dia 28 de junho de 1844, numa quinta-feira, um pouco depois das 17:00 horas, na cidade de Carthage, Estado de Illinois na América do Norte, o líder religioso que reestruturou o evangelho seguindo o modelo instituído por Jesus Cristo.

Devido essa intolerância religiosa, o preconceito pela pessoa do Profeta Joseph Smith, a discriminação estabelecida pelo total desconhecimento científico e histórico dessa religiosidade que se faz presente no Brasil, com o número mundial de 16.118.169 membros, portanto esse é um dos objetivos da pesquisa, apresentar estudos para o desenvolvimento da compreensão de como são os espaços sagrados da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias, na cidade de Manaus.

Para que haja um reconhecimento e entendimento que a mesma possui espaço sagrado, Igreja, Templo, que faz parte matriz religiosa judaico cristã, pois, receberam lá atrás nos tempos de perseguição devido a um cenário de intolerância religiosa o apelido e seus adeptos são conhecidos popularmente por todos como “mórmons”, e esse termo gerou uma falsa cultura que os mesmos não são cristãos, que há uma idolatria a Joseph Smith, que ele é o deus dessa religião.

Um passo fundamental para tal empreendimento é procurar conhecer, entender, identificar, conceituar espaço sagrado, a dinâmica das espacialidades religiosas; e por consequência apreender como se estrutura o espaço de adoração do grupo pesquisado, como a cosmovisão religiosa se articula à prática cotidiana dos fiéis.

As religiões apresentam seus espaços sagrados, templos, igrejas, capelas impregnadas de símbolos, lugar santo, aonde o homem religioso vai com a sua comunidade edificar uma relação com a divindade por meio de linguagens, imagens, gestos, cantos, orações e rituais próprios. Pode se dizer que para as religiões o espaço é considerado sagrado mediante a manifestação do transcendente e como acontece essa relação pessoal e sua experiência sagrada.

A partir dessa experiência, o ser humano é quem determina e estabelece os lugares que são classificados e escolhidos como sagrados porque é o homem que necessita deles para manifestar a sua fé no transcendente e organizar os seus ritos. Ao se reunir com seus pares para reverenciar essa força que rege o universo, o ser superior, estes lugares se transformam em sagrados e são os resultados da fé de quem os estabelecem.

As pessoas religiosas podem compartilhar a energia presente nesses lugares e estabelecer uma comunicação com a sua sacralidade. Em muitas tradições religiosas existem cidades, rios, montanhas, florestas, cavernas, grutas, monumentos considerados como lugares sagrados. Esses lugares, desde os primórdios estabelecem uma forte atração para as pessoas religiosas ou não.

Análise dos resultados

Começaremos a partir deste momento, descrever todo o caminho da pesquisa partindo do objetivo geral que é analisar de que modo os alunos do 6º ano do ensino fundamental compreendem os espaços sagrados da Igreja de Jesus Cristo dos

Santos dos últimos Dias. Não obstante, continuaremos a investigar a pesquisa traçando mais dois objetivos específicos: Destacar os conceitos de espaços sagrados apresentados por estudiosos da área do Ensino Religioso; problematizar os modos como os alunos definem e compreendem os espaços sagrados e qual é a participação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como local sagrado para Cidade de Manaus.

A análise da pesquisa se dará a partir do estudo na prática de um dos conteúdos da disciplina de Ensino Religioso abordado no 6º ano do Ensino Fundamental que ora apresentamos, está organizado da seguinte forma: Eixo – Religiosidade e Direitos Humanos; está presente o conteúdo: Lugares e Templos sagrados, mediante essa temática, trabalharmos com o conceito e definição de lugar, ou seja, espaço sagrado.

Cabe salientar que as aulas de Ensino Religioso, a partir dos conteúdos (eixos), podem se tornar um espaço muito importante para refletir sobre as experiências religiosas que cada ser humano faz dentro da cultura que se torna diversificada na realidade. “Mas precisam ser melhor traduzidos para cada contexto cultural e escolar a fim de garantir que o conhecimento faça sentido em cada indivíduo que está em busca da construção da sua identidade, o que é proposto pela atual concepção do Ensino Religioso: saber de si” (FONAPER, 2000, p. 20-21).

A partir desse entendimento procurei desenvolver uma prática de ensino voltada e pautada na aprendizagem do respeito, baseada na importância do processo de assimilação do conhecimento reforçando a diversidade de lugares e espaços sagrados, podendo se perceber o imaginário religioso presente na atualidade, através da arte manifestada de diferentes formas, dos símbolos, ritos, textos sagrados, mitos.

Essa falta de entendimento impede o conhecimento da diversidade religiosa e geram uma parcela de intolerância religiosa. Diante disto, questionamos: Os alunos do ensino fundamental II compreendem o que são os espaços sagrados na

comunidade onde estão inseridos, diferentes do seu espaço de adoração, quais são as contribuições desses locais sagrados para o contexto social e formação do indivíduo?

Conceitos de espaços sagrados na visão dos alunos.

Mediante a apresentação das aulas de ensino religioso do 6º Ano, nas quais são previstas no eixo Religiosidade e Direitos Humanos – Os lugares sagrados (conforme a proposta curricular da Semed – Manaus). Constatei a falta de entendimento e compreensão do que são os lugares sagrados diferentes das crenças pessoais vivenciadas pelos alunos, eles apresentaram dificuldades para descrever a importância e diversidade de adoração em outros lugares sagrados e a manifestação do fenômeno.

Na pesquisa descritiva a pergunta é fundamental no processo da coleta de dados e informações acerca do objeto de estudo. Da turma de 40 alunos do 6º Ano, retirei cinco alunos, porque existe toda uma logística de deslocamento e autorização dos responsáveis para retirar alunos do espaço escolar.

Para nossa análise elaborei uma entrevista com as seguintes perguntas: O que é espaço sagrado? Vocês já visitaram outro espaço sagrado que não fosse o que professa? O que é diversidade religiosa?

Em respostas às indagações acima, obtivemos a seguintes respostas, conforme a ordem das perguntas – O que é espaço sagrado?

O aluno entrevistado A, disse: “Sagrado é uma forma de dialogar com a vida, pois, ele está intrinsecamente ligado ao sentimento religioso e as diferentes formas de expressões”.

Partindo da resposta do aluno entrevistado A, podemos perceber que sua fala vai de encontro o que diz Mircea Eliade: O sagrado se manifesta em todas as culturas com algo que transcende o cotidiano. “É aquilo que mantém a relação do homem com o Transcendente e só pode ser avaliado, interpretado e entendido

dentro do contexto da cultura de cada religião” (ELIADE, 1992, p.26).

O aluno entrevistado B, disse que: “são espaços consagrados às práticas religiosas onde as pessoas realizam suas experiências ligadas ao transcendente (Deus). Esses lugares são venerados pelos seus seguidores nas diferentes tradições religiosas devido às experiências ou manifestações de fé que eles acreditam”.

Na fala do aluno entrevistado B, se percebe o quanto o aluno tem maturidade em entender o que significa lugar sagrado. Isso mostra o quanto tem alunos que vivenciam suas práticas religiosas de modo que reconhece o credo religioso de outros alunos como válido também.

O aluno entrevistado C, diz que, “os espaços sagrados auxiliam os homens a serem melhor em suas práticas diárias, onde aprendem que existe algo superior que rege o universo e a nossa vida”. A fala do entrevistado C concede um entendimento importante que os espaços são criados para os homens avaliarem suas condutas e que suas ações têm causas e efeitos.

O aluno entrevistado D, descreve que “os espaços sagrados são locais de reverência, avaliar nossas atitudes diárias, expressão de fé, respeito, aprendizado, de aproximação e consagração para com Deus”. De acordo com a fala do entrevistado D, vemos que a verdade não pertence a ninguém, ela está dentro de cada um de nós, e a manifestação do sagrado ocorre mediante a consagração espiritual dos frequentadores desses espaços, atitude é o que rege essa força.

O aluno entrevistado E, diz que a igreja é uma organização dogmática, onde os semelhantes se reúnem para professar suas crenças. Mediante a fala do entrevistado E, compreendermos que somos um povo de formação multiétnico, cada um é livre para o exercício de suas crenças e por isso reúne-se com seus pares em adoração.

Em resposta a segunda indagação - vocês já visitaram outro espaço sagrado que não fosse o que professam?

O aluno entrevistado A respondeu – “minha mãe diz que não é preciso ir a outras igrejas, deus é só um”.

Ao avaliar essa fala percebo a atitude do referido entrevistado, por estarem em período de formação e processo de aprendizagem, ele ainda segue os conselhos e ideias de seus pais, respeito essa opinião, pois, nesse processo a primeira educação é de responsabilidade dos pais.

O aluno entrevistado B – “Eu gosto de visitar outras igrejas para observar e conhecer outros espaços sagrados, minha família não proíbe, mas diz para ter cuidado, pois já temos nosso compromisso religioso na igreja que frequento”.

Na fala do entrevistado B, percebo uma liberdade de ir e vir, mas com votos de cuidado e atenção, podes visitar, mas já tem sua fonte de verdade.

O aluno entrevistado C – “Já visitei algumas igrejas, mas prefiro a que frequento, algumas as pessoas gritam, eu não gosto disso”. Na fala do entrevistado C, tem a presença um senso de crítica há outros lugares, não gosta da manifestação de fé e verdade de outros espaços religiosos.

O aluno entrevistado D – “Não vou a outras igrejas, já tenho minha fé e crença”. A fala do entrevistado D, é bem direta e objetiva sua resposta, não é aberto para conhecer outros espaços, ele apresenta algumas resistências em sala de aula, mas faço sempre um direcionamento para o respeito, independente do credo e escolha religiosa.

O aluno entrevistado E – “Gosto de visitar outros espaços para ver como é adoração deles”. Na fala do entrevistado E, sua resposta é muito aberta, não tem uma afirmação, seja para o positivo ou negativo, vai a todos os espaços e tudo bem, é tranquilo em sua observação e opinião.

Em resposta a terceira indagação – Tem entendimento do que é diversidade religiosa? E que não há somente um modelo de manifestação do fenômeno religioso e seus espaços sagrados? Tivemos as seguintes respostas:

O Aluno entrevistado A - “Li, estudei, mas essa diversidade religiosa é bem diversificada, pois ela descreve uma lista de locais de manifestações do sagrado, mas, eu acredito que na igreja que frequento é onde se dar a verdadeira manifestação do sagrado”.

Na fala do entrevistado A, ao mesmo tempo em que se abre para a leitura sobre as diversas formas de manifestação do sagrado e seus espaços, ele já assume que só o seu espaço tem essa sacralidade.

Aluno entrevistado B - “Vários locais apresentam sua manifestação de sagrado, para mim as pessoas podem escolher sua forma de adoração, elas devem é fazer o bem ao próximo. Isso é que é importante”. Na fala do entrevistado B, sua resposta é pautada no direito de escolha e liberdade de adoração - do que, onde e o que quiserem.

Aluno entrevistado C - “Eu entendi que o sagrado está presente em vários locais, dependem no que as pessoas acreditam e vivem em suas crenças, acredito que o pastor recebe revelação para guiar o povo de Deus”. Na fala do entrevistado C, a sacralidade do local está atrelada ao valor e respeito que cada ser humano concede ao local, sua postura e atitude no lugar onde acontecem as manifestações consideradas sagradas.

Aluno entrevistado D - “Eu acredito somente na igreja que frequento, sei que há uma variedade de igreja ou local que as pessoas vão, mas aprendi com o pastor que onde vou é o local adequado para recebimento da revelação”. Na fala do entrevistado D, há uma afirmação, que retira qualquer abertura para aceitação da possibilidade de outros espaços também serem sagrados.

Aluno entrevistado E - “Todas as igrejas são boas, elas falam de Deus e de Jesus Cristo, então ali acontece a manifestação do sagrado, mas eu gosto mesmo é da minha congregação, lá a manifestação é forte, e o pastor fala em línguas, utilizando o poder e o dom do espírito santo”.

Na fala do entrevistado E, ele discorre muito bem no início de sua fala, seus argumentos são bem fundamentados, mas, sua

resposta descreve muito bem a posturas dos adultos que o cercam, ele realizar muito suas convicções e certezas de fé, e termina sua resposta afirmando que no seu local sagrado as manifestações são autênticas.

Diante das falas dos alunos entrevistados, observamos que os alunos por estarem na fase de formação e construção de valores, eles apresentam com segurança o que é repassado em casa e nos seus lugares de adoração, mas suas falas são sinceras, bondosas, nem sempre concordam com o que descrito nos textos estudados, mas suas atitudes são bem respeitadas, não houve em nenhum momento desrespeito pelas escolhas religiosas diferentes das suas, eles defendem suas crenças com muita propriedade apesar da imaturidade juvenil mediante os conceitos estudados, no decorrer da entrevista, a conversa fluiu de maneira muito agradável, diante disso faço a apresentação do espaço sagrado da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos que é a minha proposta e objetivo da pesquisa.

Percebemos o espaço sagrado, como lugar de manifestação, com suas peculiaridades, crenças e valores e consideramos a sala de aula como lugar propício para estabelecer um discurso em clima de harmonia sobre as questões pertinente a diversidade de lugares existentes considerados como sagrado, onde seus acontecimentos são considerados divinizados, consagrados ao passo de ser uma reverência ao Transcendente.

Cabe salientar que, os adeptos ou indivíduos que pertencem a alguma denominação religiosa, acreditam que sua intencionalidade é proporcionar um conhecimento amplo e variado sobre a temática abordada, para um estabelecimento de relações que respeitem o indivíduo e a diversidade cultural religiosa existente no contexto escolar.

Considerações finais

Como vimos ao longo da pesquisa, o termo sagrado é usado para se referir a coisas relativas ou inerentes a Deus, a uma divindade, à religião, ao culto ou aos ritos religiosos, ou seja, a algo sacro ou santo. Sendo assim, a palavra sagrado é sempre ligada a uma religião ou crença religiosa, seja ela qual for. Além disso, também pode significar algo que não se pode deixar de cumprir, como uma função.

Assim, compreendemos que a escola é um espaço propício para o diálogo e partilha do conhecimento, e como o professor é instrumento para fazer uso de uma mediação proporcionando aos educandos o contato com o “novo ou com o desconhecido”. Cabe-nos o papel de intermediar esse aprendizado.

Acreditamos que os objetivos propostos em todo o processo da pesquisa foram alcançados com sucesso, pois, pudemos perceber nos alunos que participaram como sujeitos, interagiram de forma respeitosa com a Igreja dos Mórmons, reverenciando como lugar sagrado. Desta forma, possibilitou não só o aprendizado em si, mas também a construção de um cidadão mais consciente do meio onde vive, ao passo de despertar suas potencialidades, o senso do simbólico, da alteridade e do lúdico.

Os elementos iniciais dessa pesquisa foi a realização do mapeamento dos conceitos de espaços sagrados apresentados pelos alunos, em seguida realizar uma problematização do ou dos modos como eles definem e compreendem os espaços sagrados e qual é a participação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como local sagrado para Cidade de Manaus.

Elementos científicos quanto ao entendimento dos lugares, e como podem transformar-se em locais sagrados de acordo com os fenômenos ali ocorridos, de que não há um só local que seja determinado de forma restrita e absoluta como sagrado, isso é relativo. Apresentando para os alunos que existe uma relativização no que consiste à visão de cada pessoa do que é

sagrado para um, não necessariamente é sagrado para outros, e isso também ocorre com os espaços e territórios.

Como professora da disciplina de ensino religioso no ensino fundamental nas séries de 6º ao 9º ano em escola municipal na cidade de Manaus e acadêmica do curso de Ciências da Religião na Universidade do Estado do Amazonas, considero esse momento impar na minha formação, pois, me ajudou a compreender o quanto a pesquisa intra ou extraclasse nos enriquece e muito.

Pois, partir da realização dessas atividades, nós crescemos também enquanto profissionais da educação, um avanço para melhorarmos nossa prática pedagógica do dia-a-dia, ouvir atentamente as respostas dos alunos mediante os debates realizados em sala de aula, após a apresentação dos conteúdos selecionados, foi gratificante, pois eles em grande maioria estão abertos para expressões de respeito diante da diversidade religiosa que formar nosso cenário social e escolar.

Afinal no contexto histórico de formação cultural no Brasil, há várias matrizes que formam a religiosidade brasileira e sua diversidade religiosa riquíssima, portanto, tornou-se necessária a identificação das várias manifestações do fenômeno religioso. Pois os homens estabeleceram os espaços sagrados para seus momentos de adoração e comunhão com o Transcendente.

Referências

Blanck de Oliveira, Lílian, and Simone Riske-Koch. *LINGUAGEM E DIFERENÇA: espaços e encontros na formação docente em ensino religioso*. Revista Diálogo Educacional 8.23 (2003). BRASIL. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. (Acesso em 14/08/2018). *Diretrizes Curriculares da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba*, no Componente Curricular de Ensino Religioso (2008).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano* / Mircea Eliade; [tradução Rogério Hernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Editora WMF Martins Fontes Ltda.

FONAPER. *Ensino Religioso: Referencial curricular para a proposta pedagógica da escola. Caderno Temático nº 1*. Curitiba: Fonaper, 2000.

GIL FILHO, S. F. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*, Curitiba, IBPEX, 2012.

Manual - *História da igreja na plenitude dos tempos história da igreja na plenitude dos tempos religião 341-43 - A História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, Preparado pelo Sistema Educacional da Igreja Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias São Paulo, BrasiSegunda Edição © 2000/2002 Intellectual Reserve, Inc. Todos os Direitos Reservados Impresso no Brasil Aprovação do Inglês: 8/99 Aprovação da Tradução: 8/99 Translation of Church History in the Fulness of Times Portuguese.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná*. Ensino Religioso. Curitiba: Seed/DEB, 2008

POZZER, Adecir. *Alteridade e Religiosidade na aula de Ensino Religioso*. In: CAMARGO, César da Silva; CECCHETTI, Élcio; OLIVEIRA, Lílian Blanck (Orgs) *Terra e Alteridade: pesquisas e práticas pedagógicas em Ensino Religioso*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2007, p. 241-248.

ROSENDAHL, zeni. (2005) *Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião* In: *Geografia Temas sobre Cultura e Espaço*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. 226p.

SILVA, Marinilson. *Em Busca do Significado do Ser Professor do Ensino Religioso*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais – A pesquisa qualitativa em Educação*. Editora Atlas S.A. – 2.015.

Guia para estudo das escrituras– GEE. O Guia para Estudo das Escrituras foi incorporado a um apêndice para melhor identificação dos tópicos principais.

A Inclusão da Música nas Aulas de Ensino Religioso nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Reinaldo do Nascimento Jean

Introdução

O reconhecimento de uma sociedade dinâmica em que a cada momento se transforma e apresenta novas informações, seja tecnológica, seja humana, é urgente e inadiável que discutamos e reflitamos diariamente sobre a prática docente, a forma de abordarmos os conteúdos sobre o ambiente de ensino e de aprendizagem.

Considerando a função da escola no meio social de desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas do indivíduo, capacitando-o a tornar-se um cidadão, participativo na sociedade em que vivem, consideramos que é de suma importância que ela assume uma postura pedagógica que acompanhe as transformações sociais, utilizando suas possibilidades com inovação nas metodologias e recursos pedagógicos no seu ambiente de aprendizagem, com a finalidade de atingir o cotidiano dos alunos.

A educação precisa corresponder aos anseios do mundo atual, pois com a quantidade de informações que chegam a todo instante, a criança leva para a escola inúmeras dúvidas e visões de mundo que precisam ser discutidas e refletidas na escola, desafiando o professor a buscar novos métodos e novas práticas pedagógicas. Neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la.

O Ensino Religioso constituiu-se ao longo da história da educação brasileira como disciplina de oferta obrigatória e de matrícula facultativa nas escolas pública sendo parte integrante da formação básica do cidadão, esta proporciona os mecanismos para ajudar crianças e adolescentes a desenvolverem suas potencialidades pessoais, a convivência sadia com o próximo e principalmente, a sua espiritualidade.

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de comunicar sensações, pensamentos, organização de conceitos e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. Como produto cultural, está presente desde o berço da criança, em qualquer parte do mundo, em todas as épocas, a música e o homem sempre viveram juntos. Nessa perspectiva, a música dispõe na sua essência de conteúdos e informações que possibilitam ao professor de ensino religioso, um ensino dinâmico, revelando elementos para o ensino aprendizagem que facilite a comunicação do indivíduo, além de tornar o ambiente mais alegre e atrativo.

Desde que se estuda a história da humanidade, tem-se observado que a música sempre fez parte da vida do homem, faz parte da vida e da cultura do povo, exerce um papel fundamental na escola de educação básica e na disciplina de ensino religioso, está inserida na sociedade como um elemento cultural e pode levar a transformação, a ruptura com a hegemonia da indústria cultural, visto que, amplia o repertório musical e a experiência com as diversas produções musicais existentes nos diferentes lugares.

Esse trabalho tem como objetivo geral investigar o processo de inclusão da música nas aulas de Ensino Religioso, nos anos finais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos: Descrever a inclusão da música nas aulas de Ensino Religioso; problematizar o papel da música no processo de aprendizagem dos alunos nas aulas de Ensino Religioso.

Para atender tais proposições, o trabalho está organizado da seguinte forma: as minhas memórias que apresentam a narrativa da escolha do objeto de estudo; um breve contexto histórico da

música no Brasil; o relato da inclusão da música nas aulas de Ensino Religioso, disciplina em que atuo como professor e, por fim, a análise dos resultados da pesquisa.

Metodologia

A metodologia constitui-se de uma pesquisa qualitativa na qual foi realizado em uma escola da zona norte de Manaus, sendo que essa análise tem por objetivo responder às questões: “os alunos são capazes de entender, com maior facilidade os conteúdos do Ensino Religioso com a inclusão da música nas aulas? Qual a importância e a função da música nas aulas de ensino religioso?”. Segundo Lüdke e André (1986, p 01) “para realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”, ou seja, é importante que o pesquisador tenha interesse, domínio da limitação do tema e o foco da ação e da teoria para a resolução do problema.

Lüdke e André (1986, p 11) “ainda ressaltam que ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”, são primordiais para o andamento adequado para os resultados esperados a uma pesquisa, esse contato direto e alongado do pesquisador com o cenário investigado fará grande diferença proporcionando uma veracidade memorável ao que se deseja investigar.

Além disso, as autoras afirmam que os dados colhidos são principalmente descritivos (Lüdke e André 1986, p 11), ou seja, o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; aborda a experiência do professor na inclusão da música nas aulas de ensino religioso. A pesquisa visa trabalhar também com o método fenomenológico.

A unidade entre o ato de conhecer e o objeto que é conhecido encontra na fenomenologia, na ciência do fenômeno, isto é, da consciência enquanto manifestação de si mesma e das significações objetivas, a possibilidade de instauração da “filosófica como uma ciência rigorosa”. Assim, a descrição do vivido, dos atos intencionais da consciência e das essências que eles visam, isto é, dos correlatos intencionais – enfim, a disciplina que poderá fundamentar a lógica – é a fenomenologia. (HUSSERL, 2000, p.8)

Trata-se do estudo do fenômeno a partir da compreensão das essências, ou seja, as buscas da intenção do fenômeno em si mesmo, pretendido, compreendê-lo em sua originalidade, apreender sua pureza com um rigor científico deixando provisoriamente de lado qualquer teoria, preconceitos, estudos, para chegar à análise “pura” do fenômeno em sua natureza de intenção.

Quanto à abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo, estudamos as particularidades e experiências individuais dos alunos com a música. Trabalhamos no contexto da sala de aula a partir dos conteúdos da disciplina de Ensino Religioso.

A pesquisa de campo realizada no espaço escolar teve base na observação durante as aulas com a inclusão da música, assim como a pesquisa exploratória, com análise de um questionário, levantamento bibliográfico a fim de fundamentar estas questões, onde a música é facilitadora na compreensão e no processo de construção da aprendizagem dos alunos de anos finais do Ensino Fundamental.

Verificou-se o nível de aceitação dos alunos de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sua capacidade de interação, assimilação dos conteúdos por meio da música e como resultado geral observou-se que a música desperta mais curiosidade em aprender, além de ser um momento prazeroso nesta aprendizagem.

Minhas memórias formativas e a música

Destaco em palavras a minha memória e a ligação com o presente objeto da pesquisa, meu envolvimento com a música. Desde muito pequeno (não lembro a idade) tive contato com a música acompanhando meu pai nas festas em família vendo-o tocar cavaquinho. Eram festas que viraram noites como nos costumes indígenas. Enquanto o sono e o cansaço não chegavam, eu ficava admirando os músicos que enfileirados e de pé escorados nas paredes tocavam seus instrumentos.

Minha admiração erabem maior com os músicos do que com os casais que dançavam no salão de terra batida. Cresci em um ambiente musical: roda de cantoria, roda de samba, terreiros de mãe e pai de santo, festivais folclóricos, arraias. O desejo da arte da música se manifestou ao me transferir do interior (Benjamin Constant) para Manaus, vindo morar em um bairro da periferia de Manaus (Betânia), em frente a um centro comunitário onde se desenvolviam várias atividades, entre elas, encontro de jovens.

Nesse período eu trabalhava em uma empresa do distrito industrial na área de eletrônica com formação técnica em eletrônica pela escola técnica federal do Amazonas. Foi me oferecido por um amigo um violão da marca Gianini pelo valor de dez cruzeiros, curioso, comprei e comecei o estudo com ajuda de um livro de método simples de cifras, dado de presente pelo meu irmão de sangue. No período de três meses comecei a tocar as músicas religiosas nas aulas de catequese da comunidade de fé católica. Depois levei essa experiência para os encontros da pastoral da juventude nos encontros de jovens.

Ao participar desses encontros e vendo a necessidade de um maior envolvimento é que surge a motivação para aprender mais profundamente a arte da música, estudando e atuando como instrumentista (violão) no centro comunitário, na igreja que frequentava, nos encontros de família, nas rodas de amigos e profissionalmente quando me tornei professor.

Nos anos 1991 a 2000 períodos que me tornei professor de ensino religioso da Secretaria de educação do Amazonas, pude vivenciar essa experiência musical nas aulas de ensino religioso. De acordo com o tema das aulas, era adaptada uma música para ensinar de maneira lúdica o assunto, de modo que os alunos aprendessem descontraidamente cantando, produzindo paródias individualmente e em grupo, participando ativamente do processo de ensino aprendizagem. As aulas da referida disciplina se tornaram bem atraentes, dinâmicas e mesmo nos últimos tempos do horário os alunos encontravam motivação para permanecer na escola e participar.

Em 27 de março de 2005 quando assumi através de concurso a cadeira de ensino religioso na rede municipal de ensino, levei essa experiência para sala de aula trabalhando os conteúdos da proposta curricular da secretaria com a inclusão da música.

Então passei a fazer pesquisas sobre ritmos e melodias, devido sua presença significativa nos ambientes que eu transitava manifestando-se em diferentes contextos. Ministrando aulas na escola pública, percebi sua forte presença na vida das crianças e constatei que a música como produto da cultura, poderia fazer parte do ensino escolar. Foi assim que decidi fazer as experiências descritas nesse trabalho.

A música na história da educação brasileira

No Brasil, a “participação” da música, era muito presente nas escolas “mantidas pelos Jesuítas que ensinavam música aos jovens e os adolescentes com objetivos litúrgicos e religiosos.” (LOUREIRO, 2010, p.44).

Essa prática nas escolas jesuítas tinha o objetivo litúrgico e religioso neste ensino, e também o de aproximar os nativos, a música era usada como atrativo, pois acreditavam que ela tinha um poder imenso sobre os homens, com essa finalidade criaram as “tais” cartilhas de iniciação musical usadas como recurso de

ensino. Ultimamente inúmeros estudos existem com o foco sobre a utilização da música como recurso pedagógico. Segundo Félix (2014, p.18):

Na contemporaneidade são muitos os estudos que comprovam a eficácia da música como ferramenta auxiliar em sala de aula em diversos níveis da educação básica e até mesmo no ensino superior. A etnomusicologia, também conhecida como antropologia da música, é uma teoria formulada pelo americano Alan P. Merriam que defende a arte musical como um poderoso meio de interação que através do estímulo da percepção possibilita o ser humano organizar e vivenciar informações de origem sensorial.

Nos tempos atuais os estudos comprovam que a música é muito eficaz como ferramenta na sala de aula, e em todos os níveis da educação. Pois ela estimula a interação, a percepção, a organização e propicia ao sujeito informações de origem sensoriais. Oliveira (2016, p.20), afirma que:

[...] a música é um produto cultural do meio social e está presente desde sempre, hoje, muito mais ainda quando se tratam de cerimônias religiosas, datas comemorativas, meios de comunicações, jogos e brincadeiras, enfim, em todos os segmentos da sociedade. Como produto cultural também entrou nas escolas, desde a educação infantil até o ensino superior, pois sua combinação entre letra e sons facilita a comunicação audiovisual e corporal, a música aparece nas bandas cívicas, folclore, festivais, feiras culturais, jogos e brincadeiras, mas muito pouco na sala de aula para análise estética e produção científica.

Sendo a música um produto cultural e do meio social, ela está presente, principalmente em cerimônias religiosas das diversas tradições religiosas presentes em sala de aula trazida por nossos alunos, assim como na vivência do pesquisador e no contexto de sua investigação.

A música, assim como outras artes, está reconhecida como parte fundamental na historicidade da civilização humana, como também ferramenta para o desenvolvimento de inúmeras

capacidades a ser desenvolvidas nos indivíduos que com ela se encontrar. O que pode ser reforçado por (SOBREIRA, 2012, p.9) “a música fazendo parte do cotidiano das pessoas e sendo socialmente incorporada em seus diferentes usos e funções e nos mais distintos meios sociais” torna-se realmente poderosa nesse contexto.

“Em pesquisa realizada em todo o país no ano de 2005, a música foi apontada como fator de maior orgulho dos brasileiros, tendo deixado o futebol em segundo lugar” (PEREIRA, 2010, p. 148). Todavia, observamos haver oposições de ideias entre a relevância dada pela sociedade e a valorização da música na educação. É ainda reduzida a proporção de pais e professores no contexto educacional brasileiro que compreendam este valor musical no processo educacional. Nesse sentido, é pertinente o pensamento de MATEIRO, 2000, p.2, quando ele diz que:

[...] a música não é tratada como um tipo de conhecimento a ser ensinado, estudado, compreendido e recriado. Mas por outro lado, está sempre presente nos rituais do ambiente escolar, seja nas festas e celebrações, seja na organização e validação do tempo e do espaço das ações que acontecem no dia-a-dia escolar.

É fato que a música esteve presente na história da educação brasileira, com fins específicos, refletindo concepções de mundo diversificadas e verificando a função desta na formação dos indivíduos.

Em cada momento se concebeu uma proposta para a música na escola, estabelecendo valores e conceitos que se completam ou se contrapõem. Assim, conceitos que ainda sobrevivem até hoje são, de certa forma, resultado de práticas educacionais anteriores que consolidaram formas de pensar e agir sobre o currículo escolar. (FIGUEIREDO, 2011, p.6)

A Educação Musical no decorrer da história tem sido incluída e subtraída do currículo escolar brasileiro, isto se deu a cada reforma educacional proposta. Ora foi elencada como componente

curricular, ora como conteúdo vinculado ao ensino de Artes. No entanto, são muitos os fatores que evidenciam a ausência da musicalidade nas escolas, ainda que presente nos Referenciais Curriculares e nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os conteúdos de Educação Musical ainda estão ausentes do cotidiano escolar, podemos perceber nas pesquisas de Hentschke (1993), Penna (2002), Arroyo (2003), Hirsch (2007) e Ahmad (2011), como o objetivo de investigar as realidades musicais na Educação Básica, vem apontar resultados que refletem a carência do ensino dessa musicalidade como prática no currículo e conseqüentemente no processo educacional.

Mas, um novo caminho surge com a promulgação da Lei 11.769/08, sancionada em 18 de agosto de 2008, onde altera a redação da Lei nº 9.394/96, dispondo que “[...] a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o §2º deste artigo” (BRASIL, 2008a). É lançada a possibilidade da universalização da Educação Musical, como um bem cultural, a toda a sociedade dentro do plano educacional.

Até hoje, infelizmente, “quem tem feito à educação musical de nossos jovens são a televisão e o rádio, e esses não visam à qualidade, mas o lucro” (ZAGONEL, 2001, p. 2), é fato que a educação musical foi estabelecida como conteúdo obrigatório na Educação Básica como pode perceber na Lei 11.769/08 e isso é considerado um avanço. Compreendendo também que a Arte e Música não são neutras e nem apolíticas, mas sim determinantemente social, política e cultural, por conseguinte, considerando que:

O processo de ensino e aprendizagem da música não se constitui como um fenômeno desligado das questões e problemáticas que permeiam nossa sociedade, pelo contrário: fatores econômicos, políticos, ideológicos, objetivos e subjetivos o condicionam. (COSTA, 2011, p.13)

Partimos do princípio de que investigar a realidade da Educação Musical no Brasil faz parte do desbravamento do caminho para averiguar os questionamentos que norteiam este trabalho, apresentamos uma breve contextualização da inclusão da Música e de seu ensino nas políticas educacionais brasileiras, analisando mais especificamente o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula com a música, e que culminou com algumas reflexões no qual se observou o quanto está presente à música no dia-a-dia dos alunos e o quanto esta os aproxima para um interesse maior de integração em classe.

A inclusão da música no ensino religioso

O Ensino Religioso, que também sofreu várias mudanças no final do milênio passado (principalmente por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, no seu artigo 33), vê-se aberto a uma nova maneira de ser, revelando-se como disciplina fundamental para o desenvolvimento da cidadania. É esta disciplina que nos instiga a parar e pensar em metodologias que atendam a esta concepção, aliada à nova maneira de se entender a inteligência humana.

Ela é parte integrante da formação do ser humano como pessoa e cidadão. Desce modo, urge a necessidade de discutir e refletir sobre a prática docente, a forma como abordar os conteúdos e sobre o ambiente de ensino e a aprendizagem. Nesse sentido, considerando a escola inserida no meio social, é importante que ela assume uma postura pedagógica que acompanhe o ritmo das transformações sociais, utilizando recursos pedagógicos que façam parte do cotidiano dos alunos.

A disciplina de ensino religioso deve propiciar a compreensão, comparação e análise das diferentes manifestações do sagrado, com vistas à interpretação dos seus múltiplos significados, pois os educandos levam para a escola inúmeras dúvidas e visões de mundo que precisam ser compartilhadas e

discutidas na escola, necessitando que o professor busque novos métodos e novas práticas pedagógicas.

Religião e conhecimento religioso são patrimônios da humanidade, pois se constituíram historicamente na inter-relação dos aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos. Por isso, esta disciplina deve orientar-se para a apropriação dos saberes sobre as expressões e organizações religiosas das diversas culturas na sua relação com outros campos do conhecimento.

Faz-se mister, na construção deste entendimento de utilização da música como ferramenta pedagógica a compreensão de que o Ensino Religioso nos leva a conhecer mais profundamente o fenômeno religioso – sendo a experiência pessoal do Transcendente fator indispensável e, por esta razão, entender a dimensão humana da espiritualidade também é algo sumamente necessário.

A música, que apontamos como ferramenta necessária na nova concepção do Ensino Religioso, está presente na vida de todos os homens, no decorrer de todos os tempos, e de maneira mais íntima na relação do homem com a divindade. Por dizer aquilo que vai além das palavras, acreditamos que a música vem a ser uma “ferramenta” – entenda-se recurso pedagógico – no dia-a-dia do Ensino Religioso. Por tudo o que ela comporta, por elevar o homem a níveis de comunicação elevados e por ajudar o homem na descoberta de seus sentimentos, a música torna-se indispensável na experiência mística do ser humano.

Em minha prática em sala de aula tenho incluído várias letras musicais, associando estas aos temas e conteúdo da proposta curricular em questão. Com o interesse de proporcionar esta facilidade na compreensão do aluno. Quando o tema é vida, conteúdo que aparece no 6º ano - primeiro bimestre – “a consciência de si como destinado ao infinito: vida e morte, o sentido da vida nas tradições e manifestações religiosas; no 7º ano – quarto bimestre – “um olhar sobre: a vida em totalidade, o outro e a natureza; 8º ano – “desafios da coexistência, interculturalidade:

possibilidades e desafios; Trago a música “O que é, O que é? De Gonzaguinha, abordando os aspectos pessoal, social, religioso e educacional da letra, dentro dos níveis e linguagens particularizados de cada ano.

É apresentada a letra, a melodia, há o convite à escuta e ao canto. Proporciona-se a dinâmica no coletivo para a harmonia do grupo e em seguida acontece a aula dialógica e explicativa nas respectivas abordagens de temas da proposta curricular. Conduzindo a classe a desenvolverem suas habilidades de oratória, criticidade e entendimento de suas vivências, e futuras aprendizagens mediadas pelos demais comentários do grupo. A letra da música “O que é, o que é?” de Gonzaguinha, traz momentos em que o aluno consegue se identificar, percebe sua própria existência, seus conflitos, seus desafios cotidianos e possibilidades de superação. Ficando mais fácil a introdução dos possíveis temas a serem trabalhados dentre os conteúdos da disciplina de ensino religioso.

A música com essa letra traz muita informação do meio social podendo ser cantada coletivamente, é possível contextualizá-la, inserindo perguntas, fazendo uma reflexão-crítica dos conteúdos que perneiam o tema. Para Fuini,

A análise de letras de canções oferece um instrumental a mais no auxílio ao professor em seu processo pedagógico de sistematizar conteúdos de forma criativa [...] propicia atividade mental e física dos alunos, estimulando a interação do aluno com o saber escolar através de seus instrumentos cognitivos (observar, localizar, compreender, descrever, representar). Trata-se de tarefa inicial de audição e análise da música e apropriação de significados que as letras permitem apreender, sugerindo debate sobre essas visões. (2012, p. 208)

Outro exemplo é a música, “Iguais” do padre Zezinho, onde trabalho abordando o Ecumenismo, diálogo inter-religioso, intolerância religiosa, respeito às diferenças, vida em comunidade, religiosidade popular, entre outros temas. Conduzir os alunos a reflexão destes contextos, apropriar-se dos significados trazidos

na letra da música a partir de debates, expor suas ideias, suas emoções, suas experiências religiosas e familiares, entender a espiritualidade na sala aula e ser capaz de expressar novas posturas, atitudes e ações nas comunidades extraclasse e no espaço escolar é o que se espera que aconteça. A canção como instrumento pedagógico é trazida como um suporte a mais ao professor e reestabelece condições aos alunos de desenvolverem suas habilidades e competências em vários aspectos, além de proporcionar à harmonia necessária as relações interpessoais e intrapessoais.

Algumas letras trabalhadas no decorrer desta experiência nas turmas da escola foram as seguintes:

1. O que é, o que é? De Gonzaguinha.
2. Cidadão de Zé Ramalho;
3. Pra não dizer que não falei das flores do Geraldo Vandré;
4. Canto da floresta de Raízes Cabocla;
5. Utopia de pe. Zezinho
6. Oração da família de pe. Zezinho.
7. Isto é a felicidade de os incríveis;
8. O homem de Nazaré de Antônio Marcos;
9. Um certo galileu de pe. Zezinho;
10. Antes da morte e ressurreição de Jesus, música católica;
11. No Egito escravo eu fui da coleção 3 palavrinhas;
12. Músicas instrumentais com sons de pássaros, natureza, cachoeiras.
13. Entre outras.

A contribuição da música como recurso para o ensino nas aulas de Ensino Religioso desperta também:

A curiosidade em relação aos assuntos, levando à concentração e o desejo de participar; estimulando o aprendizado através do escutar, possibilitando maior coordenação e organização nas atividades; a música acalma trazendo um maior relaxamento e harmonia ao ambiente; prepara o cérebro para o

aprendizado facilitando a aprendizagem significativa; as letras das músicas aumentam o vocabulário e ao ouvir e cantar as histórias trazidas na letra estimula o aluno a desenvolver o discurso oral e também gestual de forma; auxilia na apreensão dos temas abordados nas aulas, oportunizando aos alunos o contato com outras culturas, facilitando a sua visão de mundo.

Análise dos resultados da pesquisa

Para uma maior análise da inclusão e a influência da música na aprendizagem do aluno, fizemos momentos de observação e aplicação de questionário e entrevista.

Foram escolhidas duas turmas consideradas “agitadas” e “indisciplinadas”. O questionário foi realizado com todos os alunos presentes no dia e a entrevista foi realizada com dois alunos. Segue as questões dos questionários

Como você avalia a inclusão da música nas nossas aulas?

“amei, achei topo, uma música muito legal”.

“foi muito boa, amei, essa música é linda, ela acalma as pessoas, alivia o estresse”.

“interessante, seria bom se fosse todo dia”.

Percebeu-se durante a pesquisa, o quanto os envolvidos expressavam de forma prazerosa aos estímulos causados pela música. Assim como, proporcionaram-lhes tranquilidade e um melhor aproveitamento do momento, com a concentração necessária para se atingir as categorias deste trabalho.

De acordo com Barreto e Silva 2004 p. 64), “o relaxamento propicia o controle da mente, dá descanso, ensina a eliminar as tensões e leva a expansão da nossa mente”. Este estado físico e mental despertado no sujeito envolvido na pesquisa demonstra a “força” do uso da música ao comportamento humano, logo sua

utilização nas aulas de ensino religioso adequa-se a proposta da disciplina e para as pretensões iniciais da problemática inicial do trabalho.

Como você se sentiu com a música nas aulas de Ensino Religioso?

“Calma, livre e muito alegre”.

“Mais tranquilo, me senti um cantor”.

“Me senti bem impressionada com a diferença na aula, foi legal acompanhar o professor cantando”.

Seguindo o mesmo raciocínio de Gainza (1988, p. 36), onde ele afirma que:

Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem.

Podemos constatar o quanto as emoções do ser humano são afetadas mediante a musicalidade. Os resultados apresentados nas falas dos alunos ficam claros a predisposição conquistada a partir desse âmbito escolar dinamizado com a música e o quanto foi ajustado uma conexão para a formação integral desse indivíduo.

Você consegue entender os temas das aulas melhor, com música ou sem música? Qual sua opinião?

“Com música, fica mais divertido”.

“Com a música, porque fica mais fácil de aprender e é mais legal”.

“Com a música, porque ela abre o nosso conhecimento”.

Todos os argumentos apontados nessa pesquisa requerem alicerçar, especificamente na disciplina de ensino religioso, a importância da música como recurso pedagógico na sala de aula, facilitando a reflexão do fenômeno religioso tão presente no mundo, bem como ajudando no entendimento do sagrado e o profano utilizando a música como no aspecto jesuítico inicial da história da educação no Brasil.

Em vista disso, a de convir quando Silva (2013, p. 31), diz que “a música se apresenta como caminho seguro ao pensamento, ao conhecimento e ao sentimento. Sendo assim pode-se utilizar essa forma de linguagem, sensibilizar e transmitir um conhecimento dentro de sala de aula”.

Você acha que aconteceu alguma mudança na sua sala depois que foram incluídas música? Justifique.

“Sim, os alunos prestaram mais atenção”.

“Sim, nos concentramos melhor e a sala ficou mais alegre e divertida”.

“Ficou mais interessante e todo mundo ficou mais quieto”.

É importante o professor estar atento aos diferentes níveis de aprendizagens, assim como as diferentes fases do desenvolvimento humano, para isso é necessário o planejamento do professor e sua didática estarem alinhadas para que o processo de ensino conduza adequadamente aos objetivos planejados em suas aulas e desenvolva assim as habilidades e competências esperada ao aluno. Pensar e rever suas metodologias requer inovações, mesmo que simples, porém com resultados, visto que:

A educação musical requer novas propostas, novas possibilidades de intervenção educativa, pois é nessa fase da escolaridade que se dá a formação e o desenvolvimento de habilidades importantes para o desempenho futuro do indivíduo (LOUREIRO, 2010, p. 24).

A entrevista realizada em áudio se deu com dois alunos do sexto ano, no qual nas observações em sala tinham maior dificuldade de entrosamento no grupo. Foi perguntado:

Como se sentiram com as músicas nas nossas aulas?

A resposta do aluno X: “Senti um estado de alegria, depois de ouvir a música pude conversar com outros colegas sobre a aula”;

Resposta do aluno Y: “foi muito legal, eu entendi sobre Deus, foi interessante saber que os outros também passam por conflitos e dificuldades. Eu me senti melhor”.

A música como elemento de inclusão se configura como um grande aliado frente ao trabalho educativo. A dinamicidade, o potencial socializador, a alegria e movimentação muitas vezes involuntárias causadas pelo ritmo de uma música, a torna uma ferramenta de grande relevância nas mãos de educadores e músicos que trabalham com crianças. (BRASILIANO, p. 07)

Os entrevistados declararam o desejo de mais aulas musicadas, pois passaram a ter um entrosamento melhor com os colegas depois das descobertas nas afinidades musicais entre eles. O se abrir ao outro é estabelecido no grupo. O ato de escuta surge naturalmente demonstrando a novas possibilidades nas relações e afetos entre eles. A música aparece como um meio simples e eficaz para a inclusão do sujeito no grupo, dentre outras metas já aqui mencionadas.

O resultado das entrevistas sinalizou a preferência das turmas às aulas com a música e violão. Demonstraram maior entusiasmo e interesse durante os momentos da pesquisa e desafios lançados posteriormente, o possível perceber isto nas respostas.

A partir da categoria de incluir a música nas aulas, os resultados foram satisfatórios durante toda a pesquisa. Como análise foi possível notar que a monotonia da aula passou a não

existir, a motivação e entusiasmo foi perceptível nos alunos, criando momentos de reflexão, interação, participação e aprendizagem. Percebe-se o relaxamento terapêutico no grupo de estudantes a partir dessas atividades musicalizadas como ferramenta necessária na nova concepção desejada ao Ensino Religioso.

Por tudo o que ela significa, por enaltecer o ser humano a seu autoconhecimento, sua espiritualidade, conduzi-lo a reflexão e por ajudar o homem na descoberta de suas emoções mais profundas, a música possui um papel importante nesta experiência holística da pessoa, torna-se facilitadora a novos comportamentos, novas visões e convicções, novas posturas reflexivas surgem desenvolvendo um sujeito criador e autônomo diante de sua realidade.

O uso da música no envolvimento das aulas de ensino religioso acontece evitando exclusões no grupo, assim como levou ao engajamento destes em culminâncias artísticas e coletivas de projetos desenvolvidos na escola. A participação ativa desses alunos saiu da sala de aula para um interesse de se fazerem parte da escola ao receberem proposta do professor de desenvolverem suas habilidades de canto, dança e teatro envolvendo-se nas atividades extraclasse da escola.

A justificativa da escolha dos conteúdos tem base no currículo de ensino religioso fornecido pela secretaria (SEMED) a serem trabalhados no decorrer do ano letivo, baseia-se na prática docente do professor na escola municipal Ana Sena Rodrigues, zona norte de Manaus, bem como na relação entre tempo efetivo de aula e aprendizado dos discentes. A proposta é que os alunos de 6^a ao 9^o ano do Ensino Fundamental aprendam verdadeiramente o que lhes for ensinado, para que a proposta anual seja cumprida em sua totalidade e de forma significativa.

Ao respeitar o tempo do aluno, observando e direcionando seu intelecto para a superação de eventuais dificuldades e, ao mesmo tempo, apresentando-lhes desafios compatíveis com sua

aprendizagem, pretende-se inculcar nos alunos aprendizagem significativa, com cumprimento efetivo do planejamento, com significado para o bem-estar do aluno.

Para um melhor aprendizado dos alunos em minha experiência de professor nesta disciplina, a inclusão da música nas aulas de ensino religioso de acordo com o conteúdo curricular da secretaria de Manaus, veio enriquecer e me ajudar a cumprir com a proposta de ensino religioso. Historicamente, sabemos que a música já esteve presente na educação brasileira em diversos momentos, com finalidades específicas, refletindo diferentes concepções de mundo e da função da música na formação dos indivíduos. Sendo assim, a inclusão da música como estratégia pedagógica do professor e de ensino-aprendizagem se faz relevante na sala de aula.

Considerações finais

A música, como produto cultural, presente no dia-a-dia, do educando, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência, faz com que desenvolva sua subjetividade e exerça sua liberdade, tornando-o, no futuro, capaz de exercer com responsabilidade seu papel de ser autônomo e cidadão. Nessa perspectiva, a música ao ser utilizada como recurso pedagógico possibilita ao professor de ensino religioso um ensino mais dinâmico, revelando elementos facilitadores para o ensino e aprendizagem, além de tornar o ambiente mais alegre e atrativo para ambos os atores desse cenário escolar.

Partindo do objetivo de investigar as possíveis intervenções na aprendizagem do aluno com a inclusão da música nas aulas de Ensino Religioso, nos anos finais do Ensino Fundamental, verificou-se que um aspecto muito relevante é a harmonia

provocada na sala de aula através da música, preparando o aluno para uma maior concentração e escuta para o aprendizado, trazendo um relaxamento ao ambiente oportunizando a integração uns com os outros. Observou-se uma intensificação da curiosidade e participação dos educandos nas atividades posteriores.

Não se trata apenas de usar a música de forma aleatória, mas planejar e selecionar as melodias e letras dentro dos objetivos de cada tema, cada aula, observando os níveis dos grupos de alunos para que haja coerência e adequação nos resultados pretendidos. Principalmente, quando falamos em utilizar a música para relacionar os conteúdos do ensino religioso dentro da proposta curricular.

Para finalizar, a partir do que fora desenvolvido neste trabalho, é possível notar as alternativas que o professor possui para viabilizar seus pontos de ancoragem em uma práxis mais atual e contextualizada a partir da música, utilizando os recursos humanos que dispõe sempre aguçando a participação destes para sua atuação no processo de aprendizagem. Estes resultados ensejam a possibilidade de novas linhas de pesquisa sobre o mesmo tema, como perceber as necessidades interpessoais dos alunos, dentre seus desafios de coexistência, reflexão sobre suas relações familiares no qual se observou que a demanda de conflitos trazidos para a sala de aula é demasiadamente grande, interferindo nas posturas e no aprendizado.

Esta demanda emocional nas relações interpessoais e intrapessoais do indivíduo é um dos principais aspectos que influencia muito no desenvolvimento do ser humano. Dessa forma, por que não a inclusão da música nas aulas de Ensino Religioso, como estratégia pedagógica do professor e de ensino-aprendizagem?

Mediante a realidade da disciplina na atual conjectura das escolas públicas brasileiras, onde ela existe sem muitos recursos, existe a necessidade de tornar as aulas mais atrativas sem o

monólogo tradicional e a inércia indesejada. Assim, a inclusão da música surge favorável à solução desses impasses, como também para um melhor entendimento dos conteúdos estabelecidos aos anos finais do Ensino Fundamental dessa área de conhecimento.

Referenciais

BARRETO, Sidirley de Jesus; SILVA, Carlos Alberto da. *Contato: Sentir os sentidos e a alma: saúde e lazer para o dia-a-dia*. Blumenau: Acadêmica, 2004.

COSTA, Yuri Coutinho Ismael da. Marxismo e educação musical: primeiras aproximações. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO, 5, 2011, Florianópolis. *Revista Travessias* ISSN 1982-5935 Vol 7 Nº 1 – 2013 17ª edição. Disponível em: http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_o8/eo8b_to09.pdf.

Acesso em, 22 de agosto de 2018.

CUNHA, Daiane Solange Stoeberl da Educação musical e emancipação: a formação do educador musical a partir de uma perspectiva crítica. 2006.113f. Dissertação (Mestrado em Educação). *Universidade Federal do Paraná*, Curitiba, 2006.

BRASILIANO, Mônica Alves. CASTRO, Maria do Socorro Alves p. SOUZA, Katarina Rúzia de; A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO

http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_idatahora_30_09_2014_10_21_08_idinscrito_980_c8aaea6e0455e75391fid72dccc5c5a6.pdf

FÉLIX, Geisa Ferreira Ribeiro. A música como recurso didático na construção do conhecimento. *Cairu em Revista*. Ano 03, Nº04, p.17-28. Jul/Ago, 2014.

FUINI, Lucas Labigalini. et al. A música como instrumento para o ensino de geografia e seus conceitos fundamentais: pensando em propostas para o trabalho em sala de aula. *Revista Eletrônica Para Onde!?* Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: v.6, n2, p. 206-216, jul. /Dez. 2012.

<<http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/36498>. Acessado em 22 de agosto de 2018.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia tfusical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

HUSSERL, E. A crise da humanidade europeia e a filosofia. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

LDB – *Leis de Diretrizes e Bases*. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: Acesso em 24 de agosto de 2018.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. 7ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010. (Coleção Papirus Educação).

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MATEIRO, Teresa da Assunção Novo. Educação musical nas escolas brasileiras: retrospectiva e tendências pedagógicas atuais. *Revista Arte-Online'* v.3, mar. /Ago. 2000.

OLIVEIRA, Erica da Costa. *A música como recurso de ensino aprendizagem nas aulas de geografia*. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Amazonas para obtenção do título de licenciado em Geografia. Manaus, 2016.

PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino – uma proposta didático-pedagógica. *Revista Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 16, n.3 p. 137-148, set. /Dez. 2012.
<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7576>. Acesso 23 de agosto 2018

SILVA, Marcelo Marchioreetto da. *O uso da linguagem musical no ensino de geografia*. 2013. 81f. Monografia (licenciatura em geografia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SOBREIRA, Silvia Garcia. *Disciplinarização da música e produção de sentidos sobre educação musical: investigando o papel da Abem no contexto da lei nº11.769 / 2008*. 210f. Tese (Doutorado em Educação) - UFRJ, Rio de janeiro de 2012.

ZAGONEL, Bernadete. *tfísica, tfídia e Educação*. Gazeta do Povo, Curitiba, 7 mai. 2001.

Ensino Religioso e a Ciência da Religião na Educação Básica: a Importância dos Estudos Regionais

Rosângela da Silva Siqueira

Nem sempre somos o que aparentamos ser, deste modo, há necessidade de uma pedagogia que nos faça atravessar o muro e ver quem somos e porque vivemos. Há quem diga que os europeus são brancos, os africanos negros, os asiáticos amarelos e os índios cobreados. Fomos feitos pela fusão de diferentes povos e pela mistura da sabedoria deles. Podemos, até dizer que somos mais humanos por termos mais humanidades misturadas em nós. Porém, melhor mesmo será se nos fizermos mais humanos, absorvendo o melhor de cada gente, com a sensibilidade musical e a alegria de viver dos negros; o gosto pelo convívio, a sociabilidade e a bondade dos índios; a sagacidade dos amarelos e a sabedoria dos brancos. Assim, florescerá no Brasil a civilização mais bonita do mundo.

(Adaptação do texto de Darcy Ribeiro)

Um novo olhar sobre o ensino religioso no Amazonas

A região onde está situado o Estado do Amazonas possui 1.559.161,68 km² de extensão, correspondendo a 40,46% da Região Norte, com 18,45% de todo o território brasileiro e 31% da área total da Amazônia Brasileira, sendo por isso considerado o maior Estado da República Federativa do Brasil.

O Estado do Amazonas é banhado pela Bacia Hidrográfica Amazônica, a maior Bacia Hidrográfica do mundo, abrangendo cerca de 6,5 milhões de km², na América do Sul e 4,8 milhões de km², no Brasil.

O rio Amazonas é considerado o maior rio do planeta, com 7.100 Km, em extensão e em volume de água, é o principal rio da Bacia Amazônica, recebendo água de afluentes importantes como o rio Negro, o rio Purus, o rio Madeira e o rio Juruá, entre outros. Estima-se que na Bacia Amazônica habitam cerca de 2.500 espécies de peixes, equivalente a 75% das espécies do Brasil em água doce e 30% da ictiofauna mundial.

De acordo com o Censo de 2010 (IBGE), a população do Estado do Amazonas compreende um quantitativo de 3.480.937 (três milhões quatrocentos e oitenta mil e novecentos e trinta e sete habitantes), sendo 1.751.328 homens e 1.729.609 mulheres, equivalente a 1,68% da população Brasileira. O Estado do Amazonas possui 62 municípios, sendo que a maior concentração da população ocorre no Município de Manaus, capital do Estado.

Segundo a Secretaria de Estado de Planejamento o Estado do Amazonas apresenta inúmeras oportunidades para investimentos, constituindo-se como importante fronteira econômica pelas excepcionais condições que oferece, por exemplo o maior conjunto de benefícios fiscais existentes no Brasil; O polo industrial moderno, tecnologicamente avançado e com elevada escala de produção e em processo de maior integração via produção de componentes eletrônicos e de duas rodas; Amplas reservas minerais, especialmente do polo de gás e petróleo; Ambiente favorável para o ecoturismo, facilitado por ter uma das maior floresta tropical do mundo. Potencial para aproveitamento de produtos regionais como plantas medicinais, especiarias, oleaginosas, fruticultura tropical, pescado etc.

O cenário amazônico, por ser complexo é desafiador, sobretudo, direcionando as atenções para as necessidades da diversidade cultural do homem amazônico, visto que, no contexto atual da sociedade brasileira, tem-se uma demanda legítima por profissionais que exigem novos conhecimentos, saberes, competências e ideais.

De tal modo, favorecer a consciência crítica, técnica e política sobre o processo da formação histórica do povo manauara, é de maneira especial, oportunizar a leitura alicerçada nas reflexões baseada numa perspectiva problematizadora e investigativa da própria formação do homem amazônico. Nessa perspectiva, o campo educacional tem seu destaque, visto que os desafios existentes perante a realidade social local constroem a base teórica para um processo contínuo de aprendizagem.

Assim sendo, com o objetivo de refletir e possibilitar o acesso ao conhecimento necessário a atuação do exercício pleno da docência na área de Ensino Religioso na Educação Básica, com base na visão que trabalha os aspectos socioculturais, especialmente, do fenômeno religioso que trata de diferentes questões circunstanciais das manifestações religiosas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2010 p.34), ressalta que o processo de educar configura como um ato desafiador, conforme exposto no art. 5º das referidas Diretrizes:

O Direito à educação, entendido como um direito inalienável do ser humano constitui o fundamento maior dessas Diretrizes. A educação, ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma também um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais.

Observa-se que o acesso à educação e conhecimento é um dos direitos imprescindíveis que deve alcançar o ser humano em seus diversos aspectos, isso significa que a educação torna possível ao/a estudante ter acesso a bens sociais, tais como: trabalho, saúde, habitação e ainda à diferença.

É importante ressaltar que o direito a diferença corresponde a diversos aspectos humanos, que constituem a sociedade brasileira, ou seja, étnico, gênero, cor, raça, religião, entre outros. Além disso, a história e memória da população amazonense é marcada por

diferentes povos e etnias, no qual se manifesta a cultura e a religião.

Desde modo, as pluralidades religiosas podem ser tanto estudadas empiricamente, quanto fenomenologicamente, porém conhecer as distintas diferenças da religião, primeiramente nos aspectos de conhecer para conviver, em outras palavras, um dos principiais alvos da educação é promover um aprendizado voltado para aprender a respeitar.

Neste sentido, cabe ressaltar que os conhecimentos adquiridos sobre a cultura e o universo simbólico do homem amazônico é tão amplo que, antes de tudo, é preciso delimitá-lo. Ou seja, ao pensar o Ensino Religioso, considerando a regionalidade do homem amazônico, destaca-se aqui o marco histórico proporcionado pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, ponto de partida para o planejamento curricular que deve ser sempre uma análise dialogada, codificada e decodificada da realidade local e coletiva das diferentes regiões do Brasil.

O Estado do Amazonas apresenta características peculiares, que precisam ser consideradas, principalmente, pelas comunidades ribeirinhas com diversas realidades e, modo de coexistir particular e plural. Conseqüentemente, conhecer essas realidades envolve desafios, sendo necessário reunir informações concretas sobre as particularidades das populações indígenas, ribeirinha, quilombolas e urbanas.

Desta feita, a realização deste trabalho, proporcionará melhor aprendizagem, portanto melhor desempenho das competências e habilidades por parte dos educandos, pois na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, pontua-se a importância da ação pedagógica para oferecer aos educandos uma melhor compreensão e apropriação dos conhecimentos sobre o fenômeno religioso, como um fenômeno humano que acompanha a história da humanidade.

Além disso, o Ensino Religioso articulado com os demais componentes curriculares, estuda as transformações pelas quais passam as sociedades humanas, por meio do tempo e do espaço,

processo no qual se manifestam as diferentes culturas religiosas, fenômeno pelo qual o ser humano organiza sua vida incomum, estruturando-se em grupos humanos.

Essa ação pedagógica das diferentes matrizes religiosas presente na cultura brasileira, todavia, é a essência da história do povo brasileiro, num processo dinâmico, diverso e plural, que não segue um desenvolvimento linear cronológico.

Deste modo, compreender o fenômeno religioso é identificar e conhecer a ação dos sujeitos e, ainda assim, assimilar a forma como produzem os bens simbólicos materiais, e não materiais, bem como os conhecimentos e os valores, os quais são criados e transformados constantemente, a partir das necessidades específicas historicamente situadas.

Durante muito tempo, a sistematização por meio da vivência e experiências adquiridas como mulher amazônica, professora formadora e pesquisadora no Estado do Amazonas, proporcionou-me uma infinidade de desafios na área das Ciências da Religião, por sua vez, a necessidade de debruçar-me sobre a base epistemológica do Ensino Religioso, de modo geral, aqui tentaremos (des)construir alguns impasses cristalizados em torno desse componente curricular do Ensino Fundamental, especialmente, nas questões assumidas por uma educação libertária das ações de intolerâncias, preconceitos e discriminações, motivadas por questões de preferências religiosas.

Por outro lado, se busca propiciar a leitura e o conhecimento de aspectos diferenciados do fenômeno religioso e aproximar uma leitura sobre o simples movimento de equilíbrio entre o campo educacional e o campo religioso, apreciando fatos simbólicos materiais e não imateriais construídos coletivamente pelas distintas formas religiosas. Pensamos que é preciso procurar novos conceitos e novos modelos educativos, os quais acolham e adotem o (re) conhecimento das diferentes matrizes religiosas.

Essa disposição estratégica, teoricamente, é desenvolvida nas minhas atividades como Formadora Educacional na Secretaria

Municipal de Educação – SEMED/Manaus, por ser qualificada na área de Teologia, Filosofia, Mestra e Doutora na área de Ciências da Religião e, pelo fato de entender que a formação continuada apropriada aos professores de Ensino Religioso, é uma necessidade educacional, que abandone os modelos de ensino catequéticos e proselitistas frequentemente empregados no cotidiano das salas de aulas das escolas públicas.

A escolha do modelo de Ensino Religioso com base nas Ciências da Religião, promove ensino aprendizagem, a meu ver, o único modelo respaldado que sustenta uma autonomia epistemológica e pedagógica, promove conhecimento das questões filosóficas do fenômeno religioso. Na trilha dessas questões, a formação continuada de professores para o Ensino Religioso na Rede Pública Municipal de Manaus/Amazonas, avança significativamente para uma educação que estuda as múltiplas formas de religiosidade/espiritualidade presentes na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, o ensino convida para um verdadeiro diálogo com o mundo plural de hoje, aqui tentamos apontar para a importância da educação cidadã, que aborda as questões da dignidade humana, orienta para o respeito as diferenças, promove habilidades e competências apropriadas ao convívio com as diversas formas religiosas, ou seja, já que a dimensão religiosa faz parte da constituição cultural dos indivíduos e grupos sociais, essa conscientização sobre os diferentes horizontes das religiões poderá ser atendida, entretanto se vislumbra como algo secundário.

Para empreender a análise sobre o fenômeno religioso, no trabalho de formação de professores propomos um refinamento das questões de fundo da experiência e/ou expressões religiosas e um aprofundamento da exposição das tradições religiosas e suas correlações socioculturais.

Embora, na atualidade compreendemos que o trabalho desenvolvido por muitos professores de Ensino Religioso, estão articulados pedagogicamente com os conteúdos básicos objetos do

processo de ensino aprendizagem, isso significa que nas escolas de Manaus, os professores com habilidades, métodos e técnicas pedagógicas necessários para a construção e a reconstrução do conhecimento religioso, já desenvolvem atividades de ensino aprendizagem com base nas Ciências da Religião, visto que, no contexto atual da sociedade brasileira, tem-se uma demanda legítima por profissionais que sejam habilitados e conscientes de novos conhecimentos, saberes, competências e ideais.

Neste sentido, o professor de Ensino Religioso deve conhecer as transformações que ocorrem no campo educacional. Para tanto, é necessário que ele planeje suas aulas identifique os seguintes aspectos:

1. reconhecendo, respeitando e valorizando a diversidade e a complexidade das manifestações e experiências religiosas no contexto escolar e social;
2. compreendendo os diversos processos de aprendizagem nas diferentes etapas de desenvolvimento dos educandos, bem como, contribuir na busca de respostas aos seus questionamentos existenciais, no entendimento da sua(s) identidade(s) religiosa(s) e na convivência com as diferenças;
3. analisando o papel das tradições religiosas na estruturação e na manutenção das suas respectivas realidades sociais, históricas, políticas e culturais;
4. compreendendo, respeitando e valorizando os princípios históricos, culturais, filosóficos, éticos, doutrinários e morais das diferentes matrizes religiosas (africana, indígena, oriental e ocidental);
5. promovendo e facilitando relações de cooperação entre a instituição educativa, as famílias e a comunidade, reconhecendo a pluralidade cultural destes contextos, assumindo a diversidade nos seus múltiplos aspectos;
6. interpretando o fenômeno religioso na diversidade cultural local e global, com diferentes leituras, através das Ciências da Religião, da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia,

-
- da Filosofia, da História, da Geografia, das Artes, da Teologia, da Educação e outras áreas de conhecimento;
7. utilizando as tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas e utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;
 8. aprofundando continuamente seus conhecimentos mantendo uma postura de professor pesquisador;
 9. atuando com ética e compromisso, com vistas à constituição de uma sociedade justa, solidária e humana, que questiona e busca intervir nas fontes geradoras do sofrimento, da ignorância e da injustiça.

Além das ações de formação para os professores de Ensino Religioso que participam da Rede Colaborativa da DDPM/GFC/SEMED/Manaus, faz parte do projeto das práticas formativas orientar, subsidiar, compartilhar e publicar trabalhos que abarcam as questões relativas às práticas educacionais.

Desta forma, se vislumbra uma discussão em torno do Ensino Religioso como uma disciplina que defende um projeto de formação cidadã, que possa estimular o desenvolvimento dos educandos com uma visão crítica, sobretudo, com ênfase aos fundamentos das ciências da religião e sua aplicação ao ensino escolar.

Por outro lado, para compreender as distintas formas de expressões religiosas presentes no contexto social, sobretudo, no Norte do Brasil, Estado do Amazonas, seus contextos simbólicos, além de contribuir para a reflexão sobre o sentido da Religião no cotidiano da vida humana, proporciona análises dos estudo das Ciências da Religião como novos caminhos para a aplicabilidade de conhecimentos importantes para o aprendizado na Educação Básica, e, deste modo, o Ensino Religioso proporciona o enfoque primordial aos alunos, ou seja, o conhecimento das diferentes matrizes culturais das religiões.

Visitas técnicas nas comunidades ribeirinhas e indígenas – Alto Rio Negro/AM



Foto: Comunidade ribeirinha do Alto Rio Negro – Amazonas
Fonte: Siqueira (2019).



Foto: Comunidade do Janauari - do Alto Rio Negro – Amazonas
Fonte: Siqueira (2019)



Foto: Comunidades indígenas Dessana do Alto Rio Negro – Amazonas
Fonte: Siqueira (2019).



Foto: Pajé realizando ritual indígena
Fonte: Siqueira (2019).



Foto: Comunidades indígenas Dessana do Alto Rio Negro – AM.
 Apresentação do livro *Interfaces Contemporâneas entre Religião e Educação na Amazônia*
 Fonte: Siqueira (2019).

Orientações para o Trabalho de Formação Continuada para Profissionais do Magistério - Professores de Ensino Religioso.

I IDENTIFICAÇÃO: PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - 2019 “RELAÇÕES INTERCULTURAIS, DIVERSIDADE RELIGIOSA E EDUCAÇÃO: O ENCONTRO ENTRE CULTURAS DIFERENTES”.	
ÁREA DO CONHECIMENTO	
Ensino Religioso	
TEMA DA FORMAÇÃO	Público-alvo
Pluralismo Religioso: espaço de representações e territorialidade do Sagrado	Professores de Ensino Religioso

PERÍODO	ANO LETIVO	SEGMENTO	CARGA HORÁRIA
MARÇO/ NOVEMBRO -2019	2019	6º ao 9º Ano	60 horas
FORMADOR (A)	Profª. Dra. Rosângela Siqueira da silva		
2 EMENTA			
<p>Para uma melhor compreensão das formas históricas da Religião e de suas interações com o Ensino Religioso no contexto da educação escolar, por meio da DDPD/GFC/SEMED-Manaus, oferece na formação continuada os seguintes temas:</p> <p>Introdução aos Textos e Narrativas Sagradas; Diálogos Interculturais e Diversidade Religiosa; Cultura e seus sistemas simbólicos; Identificação e caracterização das expressões religiosas na Cultural brasileira; Cosmvisão das Religiões e dos Movimentos Religiosos; Identificação, (re)conhecimento e valorização do Patrimônio Material e Imaterial nas diferentes Matrizes religiosas; - Símbolos, danças, rituais; - Elementos da culinária; - Princípios e valores; - Espaços e território sagrado</p>			
3 OBJETIVOS			
<p>Geral: Favorecer a releitura do fenômeno religioso, a partir da compreensão das diversas expressões religiosas da cultura brasileira, bem como de outros espaços geográficos - As grandes religiões no Mundo.</p>			

-
1. Explorar as diversas possibilidades de textos (livros sagrados), utilizando a arte da linguagem;
 2. Identificar, reconhecer, relacionar e compreender o arcabouço histórico contextualizado das diferentes Matrizes religiosas, conhecendo, respeitando e observado a presença desse fenômeno no entorno da comunidade escolar e na cidade de Manaus, assim como no universo simbólico do cotidiano da vida social;
 3. Respeitar sentimentos, ideias e sensações por meio das múltiplas linguagens do corpo;
 4. Reconhecer a pluralidade das manifestações culturais religiosas em nosso país, sobretudo na comunidade escolar;
 5. Conhecer e respeitar a diversidade religiosa existente no chão da escola e da sala de aula;
 6. Refletir sobre a diversidade religiosa como forma de pertencimento e identidade cultural;
 7. Perceber as diferenças e convergências entre as matrizes religiosas e as diversas formas de expressão do fenômeno religioso.

Atividades da Formação Continuada de Professores de Ensino Religioso SEMED/MANAUS



Fonte: Encontro Formativo com Professores de Ensino Religioso
Foto: Siqueira (2019)

Nas atividades de Formação Continuada é oportunizado aos professores de Ensino Religioso da SEMED-Manaus, estudos contemporâneos sobre a diversidade religiosa e socioculturais –

ainda que estas se dêem em planos cognitivos muito distintos e em escalas também variadas de lugar para lugar.

Por fim, esperamos que essas contribuições se tornem pautas nos planos de aulas e nas discussões sobre os modos de ver e dizer do Ensino Religioso nas escolas públicas da cidade de Manaus. Ressalta-se que essas inferências aqui propostas, não são exclusivamente oriundas de análise de uma cientista da religião, todavia, é parte de dados coletados sobre aprendizados educacionais. Os encontros formativos do componente de Ensino Religioso são resultado do processo de ressignificação de uma área de conhecimento da Educação Básica, oferecido aos professores do Ensino Fundamental. Promove uma visão ampla do panorama que envolve o tema: *Diversidade Religiosa no Contexto Local*. Essa área do saber aborda aspectos da história das tradições religiosas, da legislação educacional e da organização pedagógica planejada a partir das diretrizes da BNCC, do ensino e da aprendizagem com foco na dimensão epistemológica do fenômeno religioso.

Referências

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- _____. *Diretrizes da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96. Diário Oficial da União, 20/12/1996.
- _____. *Emenda ao Art. 33 da LDB 1996*. Lei nº 9.475/97. Diário Oficial da União, 23/07/1997.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS. *Parecer 37/01*. Proposta do perfil do professor do Ensino Religioso. Manaus: CEE, 2001.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS. *Resolução 03/02*. Reconhece o Curso Superior de Formação de Professores de Ensino Religioso. Manaus: CEE, 2002.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS. *Resolução 108/01*. Perfil do Professor do Ensino Religioso. Manaus: CEE, 2001.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da ciência da religião. In: PASSOS, JOÃO DÉCIO; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 37-49.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: 2ª edição, Companhia das Letras, 1995

TEIXEIRA, Faustino. *A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001

Sobre os autores

- Ana Cristina Baraúna Guedes
Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia – UFAM; Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia – UEA; Graduanda em Licenciatura em Ciências da Religião – UEA.
- Ana Verônica Rodrigues Bindá
Graduanda em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Amazonas UEA; Graduada em Direito pela Universidade Paulista; Professora da Secretaria Estadual de Educação e Qualidade do Ensino - SEDUC/AM; Professora da Secretaria Municipal de Educação - SEMED/Manaus.
- Antônio Delfino Lima
Professor na rede municipal de Educação de Manaus (SEMED). Acadêmico do Curso de Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Amazonas.
- Carlos José Sales de Oliveira
Professor da Rede Municipal de Educação (SEMED). Graduado em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB). Especialista em Mídias na Educação e Gestão Escolar pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pós-Graduado em Ciências da Religião pela Universidade Candido Mendes (UCAM).
- Erbene Rodrigues Martins da Silva
Professora da rede pública de ensino SEMED. Graduanda do curso de Ciências da Religião pela UEA.
- Gessiana Paova
Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências da Religião, pela Universidade do Estado do Amazonas (PARFOR – UEA), Escola Normal Superior (ENS).
- Gláucio da Gama Fernandes
Professor de Ensino Religioso da Semed Manaus. Graduado em Ensino Religioso pelo CENESCH. Pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela Faculdade Tahiri. Graduando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Presidente da Associação dos Cientistas da Religião e dos Professores de Ensino Religioso do Amazonas (ACREPERAM).
- Izis de Castro Rodrigues
Professora da rede municipal de educação – Semed. Acadêmica graduanda do Curso de Ciências da Religião – PARFOR, pela Universidade do Estado do Amazonas. Membro da Associação dos Cientistas da Religião e dos Professores de Ensino Religioso do Amazonas (ACREPERAM).
- Maria do Perpétuo Socorro Moreira Lopes
Professora da rede pública de ensino (Semed e Seduc), Graduanda do Curso de Ciências da Religião pela Universidade do Estado Amazonas (UEA). Membro da Associação dos Cientistas da Religião e dos Professores de Ensino Religioso do Amazonas (ACREPERAM)
- Nancy Pereira da Silva
Professora na Secretaria Municipal de Ensino – SEMED – Manaus. Professora aposentada da SEDUC-AM; Graduada em Ensino Religioso pelo Centro de Estudos do Comportamento Humano – CENESCH; Pós-graduada em Gestão Pedagógica; Graduanda do

Curso de Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Reinaldo do Nascimento Jean

Acadêmico do curso Ciências da Religião (UEA), graduado em Ensino Religioso (UNIFIL), membro da associação ACREPERAM, professor da rede municipal (SEMED).

Rosângela da Silva Siqueira

Doutora em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO; Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Bacharel em Teologia – FBN; Professor Formadora na rede municipal de Educação de Manaus (SEMED). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mythos: Humanidades, Complexidades e Amazônia vinculado à Universidade do Estado do Amazonas e ao Diretório de Pesquisa do CNPq



Coleção Estudos de Religião

Livro 1
Ensino Religioso na Região Norte

Livro 2
Ensino Religioso:
Um espaço para o laico

Livro 3
Diversidade e Cultura:
Novos tempos de intolerância?

Livro 4
Ensino Religioso x Ciência da Religião:
Práticas pedagógicas e a diversidade religiosa no
contexto local